

Ana Maria de Moura Nogueira



Como Nossos Pais

uma História da Memória
da Imigração Portuguesa em Niterói,
1900/1950.

Dissertação apresentada ao Curso de Pós Graduação em
História da Universidade Federal Fluminense,
como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre.
Área de concentração: História Social.
Orientadora: Professora Doutora HEBE MARIA MATTOS
NITERÓI
1998

DEDICATÓRIA

Quero dedicar este trabalho a D. Ana Pereira, pela coragem e a alegria contagiantes que me seduziram; a todos os depoentes que tão generosamente partilharam suas emoções e seu conhecimento e a todos aqueles que gostam de ouvir e contar histórias.

Agradecimentos

Sem pretender ser original, devo dizer que realmente é impossível agradecer aqui a todos que contribuíram para que este trabalho se realizasse. Começarei pela equipe do Laboratório de História Oral e Iconografia da Universidade Federal Fluminense, onde tudo começou, e cujo apoio foi muito importante naquela fase de avaliação das primeiras entrevistas, em que aprendemos a fazer perguntas. No Centro de Memória Fluminense fui socorrida pela eficiente Zezé, que conhece todas as obras sobre Niterói e não mede esforços para atender o pesquisador.

Considero acima de tudo um grande privilégio ter convivido e trabalhado nestes três anos com as professoras Hebe Mattos e Ismênia Martins, cujo estímulo mostrou-se decisivo para dar início ao projeto em 1996. Hebe, minha orientadora, foi quem viu nas primeiras entrevistas a possibilidade de uma investigação mais abrangente e acreditou na idéia; a partir daí esteve sempre presente, com sua notável capacidade de ler entre as linhas do meu texto, apontando e sugerindo com extrema clareza e sensibilidade. Tive ainda a honra de contar com a co-orientação da professora Ismênia, um luxo! Como esquecer as produtivas sessões de “*brain storm*” regadas a chá inglês, durante as quais aprendi a organizar os caóticos textos iniciais e finais deste trabalho? Ambas me ensinaram a combinar o rigor e a exigência com a audácia e em relação a elas sou só gratidão e reconhecimento.

Não poderia deixar de mencionar as discussões e leituras instigantes propostas pela professora Angela Gomes, cujos questionamentos sobre história e memória foram fundamentais no processo de elaboração do projeto.

Tive também o prazer de encontrar interlocutores maravilhosos nos professores Manoel e Manuela, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, que me incentivaram sempre a ir além, fazendo indicações bibliográficas preciosas, lendo atentamente minhas idéias, fazendo sugestões. Lá tive também a oportunidade de “descobrir” a filosofia através da professora Graça Augusto, que além do mais é fina conhecedora de Niterói e me abriu um rico filão de depoentes.

Agradeço também a generosidade da professora Maria Dina e dos seus alunos do IFCS da UFRJ, que me atenderam, forneceram textos e apresentaram o universo da comunidade portuguesa do Rio de Janeiro.

Quero registrar ainda minha enorme gratidão para com a equipe da Secretaria Municipal de Cultura de Niterói, responsável pela organização do evento “Encontro com Portugal” em abril deste ano. Desde 1997 estivemos em contato, dividindo informações e depoentes, num processo que enriqueceu muito a minha pesquisa. Preciso agradecer também a Eduardo Gerk, que tão gentilmente me apresentou ao maestro Pitta e ao mundo das Bandas de Música. E, é claro, serei sempre grata a todos os depoentes que viabilizaram este trabalho abrindo suas gavetas, partilhando generosamente conosco um pouco de suas vidas e experiências.

Não poderia deixar de mencionar também pelo menos alguns dos amigos que ajudaram a driblar as dificuldades neste percurso: a Cris sou eternamente grata pelo escritório-refúgio em Teresópolis, sem o qual tudo teria sido muito mais difícil e pela ilustração utilizada neste trabalho, além do apoio constante; Hilda, irmã de fé que me empurrou prá frente nos momentos mais duros, dando idéias, injetando coragem, sempre disposta a ler os rascunhos e a viajar nas histórias. Finalmente, agradeço ao Antônio pela “engenharia” das tabelas e a todo o pessoal de casa e à família, que teve paciência e ajudou,

cada um do seu jeito, para que tudo desse certo. Ricardo, Daniel e Luciano, vocês são meu ponto de referência maior, sempre.

Sumário

Introdução

1. Tema	1
2. Personagens e Instituições.....	3
3. História, Memória e Narrativas.....	5
4. Fontes.....	7
4.1. Fontes Escritas.....	7
4.1.1. Instituições estudadas.....	7
Sociedade Portuguesa de Beneficência de Niterói Centro Musical Beneficente Banda Portuguesa de Niterói	
4.1.2. Arquivo Público do Estado.....	7
4.1.3. Arquivo Nacional.....	8
4.1.4. Biblioteca Nacional.....	8
4.1.5. Centro de Memória Fluminense.....	8
4.1.6. Real Gabinete Português de Leitura.....	8
4.1.7. IBGE.....	8
4.2. Fontes Orais.....	8
4.3. Depoimentos.....	10
5. Abordagem.....	12
5.1. Representações.....	12
5.2. Perspectiva.....	13
5.3. História Oral.....	14
5.4. Trajetória e Identidade.....	15
6. Roteiro.....	16

Capítulo I.

O Cenário do Processo imigratório.....	17
1. Representações sobre os portugueses no Brasil.....	18
2. Panorama do processo migratório - Portugal e Brasil.....	21
3. Niterói no princípio do século XX.....	30
3.1. Aspectos da urbanização.....	30
3.2. Imigração urbana.....	32
3.3. Inscrição da memória.....	38
4. Associativismo.....	41

Capítulo II. Histórias de vida

1. Impressões de quem chega.....	49
1.1. O sr. Albano.....	48
1.2. O sr. João “barbeiro”.....	51
1.3. O sr. João Manoel.....	52
2. Uma geração de “titãs”.....	52
2.1. A força do grupo.....	54
2.2. A família e o valor do trabalho.....	56
2.3. Lazer e comunidade.....	60
3. Protecionismo.....	62
3.1. Construtores.....	62
3.2. Herança material.....	64
4. Afirmação da identidade/Racismo e exclusão.....	65
5. A Banda Portuguesa de Niterói.....	67
5.1. Um bairro “idílico”.....	67
5.2. O núcleo do “Portugal pequeno”.....	68
5.3. O que se deve ou não lembrar.....	69
5.4. Vantagens de “ser português”.....	70
6. O Hospital Santa Cruz.....	71
6.1. Esforço comunitário.....	71
6.2. Apropriação pelo grupo.....	72
7. Ser ou não ser “português”.....	74
8. Modernização e construção de identidades.....	77
9. Herança imaterial.....	79

Capítulo III. Navegar é preciso: Narrativa épica e construção de identidades sociais

1. A viagem do herói: Portugueses e gregos.....	83
2. Narrativas épicas: A identidade do herói.....	84
3. Uma construção moderna de herói.....	87
3.1. A busca do “paraíso perdido”.....	89
3.2. O “benfeitor”.....	91
3.3. A capacidade de adaptação.....	92
3.4. A idealização.....	94
3.5. A nobreza.....	96
3.6. O valor simbólico do trabalho.....	97
4. Um exemplo de descrição do “outro” - Heródoto.....	100
5. Conclusão.....	102

Bibliografia

Fontes Primárias Impressas.....	104
Livros e Artigos Consultados.....	105

ANEXOS

1. Modelos de Questionário

1.1 Anexo 1. Modelo História de Vida para Imigrantes.....	115
1.2 Anexo 2. modelo História de Vida para depoentes de primeira geração.....	127
1.3 Anexo e. modelo Temático para depoentes de segunda geração do Centro Musical Beneficente.....	139
1.4 Anexo 4. Modelo Temático para depoentes de segunda geração da Sociedade Portuguesa de Beneficência.....	142

2. Tabelas

2.1. Tabela 12 - Emigração Portuguesa para o Brasil, segundo a idade e o sexo, 1900/1957.....	149
2.2. Tabela 13 - Quadro comparativo dos imigrantes que entraram no Brasil 1907/12.....	150
2.3 Tabela 14 - Exportações de vinho de Lisboa e do Porto para o Brasil e para o mundo, 1890/1905.....	151
2.5 Tabela 15 - Movimento da População, 1936/45, entrada e saída de estrangeiros.....	152
2.6. Tabela 16 - Recenseamento de 1940, População de Niterói por sexo e nacionalidade.....	153
2.7. Tabela 17 - População de Niterói, por sexo e ramo de atividade, 1940.....	154

3. Mapas

3.1 Planta de Niterói, detalhe para o centro da cidade.....	155
3.2 Planta de Niterói, detalhe da Ponta da Armação.....	156

Índice de Ilustrações.....	157
----------------------------	-----

RESUMO

Este trabalho procura historiar a memória da imigração portuguesa em Niterói a partir da sua inscrição no espaço urbano da cidade na primeira metade do século. Além disso procuramos avaliar que papel a recuperação dessa memória desempenhou na construção das identidades sociais dos descendentes desses imigrantes. Para tanto analisamos as trajetórias de algumas famílias portuguesas ligadas à construção de determinados espaços de memória e sua participação no processo de urbanização da cidade nos anos 20 e 30. Isto foi feito através de documentos, periódicos e principalmente de depoimentos orais. Nosso objetivo ao trabalhar com a História Oral foi entender a lógica interna das narrativas dos depoentes; acreditamos que ao recontar as trajetórias de seus antepassados, eles constroem personagens míticos que serviram de modelo no processo de formação de suas próprias identidades sociais. Procuramos assim trabalhar a tensão entre o processo imigratório e as narrativas que resgatam seu aspecto épico, numa apropriação da herança imaterial dos pioneiros por seus filhos e netos. Focalizamos duas instituições criadas pelos imigrantes: a Sociedade Portuguesa de Beneficência (Hospital Santa Cruz) e o Centro Musical Beneficente Banda Portuguesa de Niterói, por considerá-las espaços essenciais para a construção da memória da cidade, que se confunde com a da própria comunidade portuguesa. São duas memórias que se interligam construindo uma identidade burguesa e urbana, associada ao processo de modernização do início do século. A cidade do Rio de Janeiro, capital da República, no início do século recebia grande quantidade de imigrantes, parte do processo de transição de uma sociedade que se baseava no trabalho escravo para outra mais moderna, alinhada com a ordem capitalista, o trabalho assalariado e livre. Niterói, capital da província, também absorveu parte desse contingente de trabalhadores que na sua maioria vinha de Portugal. Trabalhamos com a memória familiar, acreditando que ela tem papel importante na transmissão cultural e da experiência dos grupos sociais, que se expressam em valores, crenças, hábitos, visões de mundo, expectativas.

ABSTRACT

The aim of this study is to write the history of the Portuguese immigration memory in Niterói, based on its inscription on the urban environment, in the first half of the present century. We also intended to evaluate the influence of this memory in the construction of these immigrants “descendants” social identities. To do so we have analyzed the life histories of some Portuguese families related to the construction of some *‘lieux de mémoire’* paying special attention to their participation in the city's urbanization process during the 20' and 30'. We have worked on written documents and newspapers, although our main sources were oral. As we see it, the family's memory is extremely important in the cultural and social groups experiences' transmission, which is expressed in values, beliefs, habits, etc. Our aim, in the work with Oral History, is to understand how the narrators organize their narratives, for we believe that as they tell the life histories of their ancestors, they also create mythic characters which represent models in the process of their own social identities' construction. Thus we tried to work on the tension between the immigration process and the narratives which recuperate its epic representation. We understand this to be the recuperation of the ancestor's “immaterial heritage” by their sons and grandsons. We have set our focus on two institutions: the Portuguese Beneficent Society and the Portuguese Beneficent Musical Group. They are considered part of the city's memory construction, associated to the modernization that took place in the beginning of the century. Niterói assisted an increase in the immigration process during this period, due to the end of slavery and the creation of new work opportunities for those coming from Europe, a large majority of which came from Portugal.



Figura 1 - “O retorno”. Desenho de Cristina Villaça, interpretação da carta de Vladimir Propp representando o retorno do herói para casa, após ter sido submetido a uma série de provas. Cf. Propp, V. I., “*Morfologia do conto maravilhoso*”, ed. Forense, RJ, 1984.

Introdução

1. Tema

“A emigração foi o resultado histórico de um encontro entre o sonho individual e uma atitude coletiva”¹

Essa frase, tirada de um clássico sobre a imigração portuguesa nos séculos XIX e XX, chamou nossa atenção pela simplicidade com que consegue explicitar a importância das histórias de vida para a compreensão do conjunto das realizações humanas no processo histórico. Consideramos que ela sintetiza o ponto de vista que assumimos na abordagem do tema, pois se é verdade que os homens agem pressionados por circunstâncias, também se pode dizer que eles elaboram essas pressões de acordo com o instrumental que possuem, forjado pela experiência de gerações e transmitido pelas tradições da comunidade da qual fazem parte.

São múltiplas e às vezes contraditórias as histórias que se contam num grupo a respeito dos seus antepassados; nosso interesse foi procurar entender a lógica interna dessas narrativas. Para tanto, objetivamos historiar a memória da imigração portuguesa que se inscreveu no espaço urbano de Niterói na primeira metade do século a partir de depoimentos orais dos descendentes dessa comunidade, verificando o seu papel na formação da identidade social desses narradores. Assim, observamos a diferença na velocidade das mudanças no espaço público, provocadas pela modernização e sua contrapartida na esfera do cotidiano do cidadão, que participa do processo, inclusive como “criador” de espaços. Avaliamos também o papel das entidades beneficentes no processo de integração desse imigrante na comunidade e como a constituição dessas “instituições de memória” da colônia, à parte seu papel de assistência concreta aos portugueses, serviu como elemento de formação de suas identidades sociais.

O tema surgiu durante uma pesquisa realizada no curso de graduação do Departamento de História da UFF em colaboração com o Laboratório de História Oral e Iconografia desta Universidade, onde ficará depositado o material utilizado neste trabalho. O LABHO1 desenvolve um projeto sobre a reconstrução do cotidiano de Niterói no início do século a partir de depoimentos orais.

Escolhemos dar prioridade à fixação do imigrante português que aconteceu principalmente no meio urbano entre 1900 e 1930 e o crescimento da colônia que aconteceu paralelamente ao amadurecimento da cidade num processo combinado que, acreditamos, acabou por atribuir à modernidade niteroiense características de seu principal grupo de imigrantes. Neste sentido tentamos refazer o caminho percorrido na primeira metade do século por algumas famílias que foram bem sucedidas e investiram na construção de equipamentos sociais (hospital e centro musical beneficente) criando espaços de memória que ao nosso ver representam amostras importantes, porque socialmente visíveis, desse próprio grupo de imigrantes. Nosso ponto de partida foi a própria memória que se construiu a respeito de personagens dessas famílias e de sua atuação na comunidade imigrante lusa de Niterói nos anos 20 e 30.

¹ Pereira, Miriam Halpem. *A política portuguesa de emigração*. Lisboa, A Regra do Jogo, p. 9.

A estratégia utilizada para abordar o tema nos limites de uma dissertação de mestrado nos levou a focalizar duas instituições criadas pelos imigrantes: a Sociedade Portuguesa de beneficência (Hospital Santa Cruz) e o Centro Musical Beneficente Banda Portuguesa de Niterói, escolhidas como ponto de partida por terem mobilizado um grupo de pessoas, que se pode considerar como uma “geração”, em torno de um projeto coletivo que exigiu delas uma intensa dedicação, provocando inclusive mudanças em suas vidas particulares, como podemos observar nos depoimentos de seus descendentes. Representam espaços essenciais para a construção da memória da cidade, que se confunde com a da própria comunidade portuguesa. São duas memórias que se interligam construindo uma identidade burguesa e urbana, independente do ethos político da cidade, distante do centro da República que era o Rio de Janeiro e apropriada também por esse grupo fundador que inclusive aparentemente se mantém à parte da política, por não poder votar, já que escolheu não se naturalizar em sua maioria. Retomamos aqui a tradição de uma história sócio-cultural que se ocupa dos aspectos simbólicos da sociedade, entendendo cultura como o seu núcleo de inteligibilidade, local de contradições e conflitos, onde se demarca a identidade dos grupos. A partir dessa idéia, os lugares de memória podem ser tomados como matéria-prima para a produção histórica, como propõe Pierre Nora:

“Trata-se de partir dos lugares em que uma sociedade, qualquer que seja a nação, família, etnia, partido, declare voluntariamente suas lembranças ou as reencontre como parte necessária de sua personalidade: lugares topográficos como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios e as arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações: esses memoriais têm sua história.”²

Fazer a história dessa memória materializada no espaço urbano, onde o poder público atua mas os indivíduos deixam sua marca, significa trabalhar com as representações da comunidade, fazendo delas também o objeto de investigação. A partir da documentação dessas entidades e de algumas entrevistas iniciais, identificamos os depoentes que nos “apresentaram” a história de seus antepassados pioneiros; através desses relatos reconstruímos as trajetórias.

A importância da imigração portuguesa para a cidade se impõe quando observamos a atuação da colônia nos anos 20 e 30 deste século, estreitamente ligada à urbanização e ao crescimento de Niterói. As comemorações preparatórias dos 500 anos da chegada de Cabral ao Brasil, promovidas durante todo o mês de abril de 1998 pela Secretaria de Cultura de Niterói, nos deram uma “representação” através dos eventos realizados, do peso da comunidade de imigrantes portugueses da cidade. Foram 5 semanas de intensa programação envolvendo não apenas a Secretaria Municipal de Cultura mas também a Universidade Federal Fluminense, vários clubes e espaços públicos da cidade, livrarias, restaurantes e movimentando cerca de 400 pessoas na ponte aérea entre Portugal e Niterói. Para esta ocasião, o bairro da Ponta d’Areia foi parcialmente “restaurado”: as fachadas dos prédios da rua Miguel de Lemos (onde fica o prédio da Banda, hoje desativada) foram pintadas, construiu-se uma praça e reformou-se a orla onde atracam os barcos. O espaço em frente ao prédio do Centro Musical Beneficente foi escolhido para sediar o encerramento das festividades, com a apresentação da Banda Luso Brasileira, dirigida pelo maestro Moisés Pitta, português da ilha da Madeira e um dos nossos depoentes. O citado evento seria suficiente para registrar a relevância social do tema estudado, considerando-se o grau de participação da comunidade de origem portuguesa na cidade de Niterói e as proporções e o peso político das comemorações em questão.

² Nora, Pierre, “Mémoire Collective”. In: *La Nouvelle Histoire*. J. Le Goff e R. Chartier org., Paris, CRPL, p. 401.

Do ponto de vista acadêmico, o tema é original uma vez que inexistem estudos sistemáticos sobre a imigração portuguesa em Niterói. Tal lacuna é recorrente para quadros mais amplos, como observa Maria Beatriz Nizza da Silva³ comentando o estudo dos núcleos de imigrantes portugueses. A autora destaca como exceções os trabalhos de Miriam Halpern Pereira – “*A Política Portuguesa de Emigração 1850/1930*” e o de Maria Antonieta Cruz – “*Agruras dos imigrantes portugueses no Brasil*”. Coincidentemente, outra pesquisadora do tema, Eulália Lobo, faz comentário semelhante ao introduzir seu recente trabalho “*Portugueses em Brasil en el siglo XX*”, também por nós consultado. Apesar da indiscutível importância da imigração lusa para a formação da sociedade brasileira, a maior parte da produção historiográfica a respeito do assunto ainda se concentra no período colonial de nossa história⁴. O minucioso trabalho da professora Eulália Lobo⁵ focalizando o imigrante português no Brasil durante o século XX, sua atuação como comerciante, industrial, etc. (e também como participante na cultura da sociedade brasileira, através de suas associações e da produção artística) toma como base os trabalhos de Maria Helena Beozzo Lima⁶ e Pedro Ferreira da Silva⁷ a respeito das associações mutualistas portuguesas. A partir das reflexões desses autores, procuramos observar como a memória sobre a atuação das estratégias individuais dentro de sociedades culturais e beneficentes é utilizada pelos descendentes de imigrantes hoje, no sentido de construir suas identidades sociais. O Álbum da colônia Portuguesa⁸ editado no Rio de Janeiro em 1927 traz um vasto registro sobre trajetória, vida social e o que se considera “*as marcas deixadas na sociedade*” por uma parte desse grupo de pessoas. O sucesso do imigrante é atribuído, na maior parte dos artigos desta publicação, a uma fé inabalável na capacidade de trabalho e nas “*qualidades da raça*”, que se traduzem em capacidade de adaptação, disposição para realizar qualquer tipo de serviço, eficiência e persistência; um dos articulistas chega a afirmar que o imigrante consegue tudo que quiser, depende apenas da sua vontade e das circunstâncias que enfrenta. De maneira geral, são as mesmas qualidades que a memória familiar cultivava em relação aos seus antepassados. Assim, o estudo de caso tem a tarefa de subsidiar as análises mais amplas, propondo inclusive novas questões a partir de uma investigação em menor escala.

2. Instituições de memória e personagens

O Hospital Santa Cruz, inaugurado em 1930, foi criado a partir da transformação do Centro da Colônia Portuguesa, que se organizou em 1904, em Sociedade Portuguesa de Beneficência de Niterói, de caráter declaradamente assistencialista. Começou a ser idealizado em 1919, mas as obras só foram concluídas em 1930. Isso aconteceu antes da reforma Carlos Chagas, numa época em que a população urbana contava basicamente com associações mutualistas para socorrê-la. Foi construído no centro político da cidade, ao lado da Biblioteca Municipal e próximo ao prédio da Prefeitura, formando um núcleo que caracteriza a modernização de Niterói no início do século. Escolhemos duas personagens ligadas à construção do Hospital Santa Cruz: o sr. Albano, natural do Porto e criado na zona urbana, que imigrou em 1904 aos 21 anos e cuja história de vida foi contada pela filha Ana, e pelas

³ Silva, Maria Beatriz Nizza da. *Documentos para a História da Imigração Portuguesa no Brasil, 1850/1938*. Federação das Associações Portuguesas e Luso Brasileiras, 1992, Biblioteca Nacional.

⁴ A este respeito consultamos os trabalhos de Sérgio Buarque de Holanda, “*Raízes do Brasil*”, entre outros que serão comentados oportunamente.

⁵ Lobo, Eulália M. L. *Portugueses em Brasil en el siglo XX*, Ed. Mapfre, 1994.

⁶ Lima, Maria Helena Beozzo. *A Missão Herdada: um estudo sobre a inserção do imigrante português*. Tese de licenciatura UFRJ, Antropologia Social, Museu Nacional, 1973.

⁷ Silva, Pedro Ferreira da, *Assistência Social dos Portugueses no Brasil*, SP, Ed. Arquimedes, 1969.

⁸ Álbum da Colônia Portuguesa, 1927, ed. Theophilo Carinhas, Real Gabinete Português de Leitura.

netas Alba e Ani. O outro personagem é o sr. João Manoel, que chegou ao Brasil também na primeira década do século aos 25 anos; sua trajetória foi contada pelo filho Waldir.

O Centro Musical foi fundado em 1929 no bairro da Ponta d'Areia, também com objetivo de prestar assistência à comunidade lusa e teve como patrono da construção da sede nova, em 1939, um dos fundadores do Hospital Santa Cruz, Manoel de Azevedo Falcão. Servia como único espaço de lazer (e de educação, pois funcionou ali também uma escola durante algum tempo) de um bairro que vivia em função dos vários estaleiros que empregavam a mão de obra imigrante e que ficou conhecido como "Portugal pequeno", da mesma forma que outro centro portuário do Estado do Rio de Janeiro, o bairro carioca da Saúde. Seu núcleo inicial foi o grupo de comerciantes portugueses do lugar. Um dos fundadores da Banda foi o sr. João "barbeiro", português nascido em 1908, hoje residente em Icaraí, bairro de classe média de Niterói. O sr. João se tornou personagem dessa história prestando dois depoimentos, gravados entre março e julho de 1998 na casa onde mora com a filha.

A esta altura é natural que se pergunte, mas por que esses personagens e não outros? Qual foi o critério utilizado para escolhê-los afinal? Nossa preocupação inicial foi encontrar pessoas dispostas a contar a história daqueles que fundaram as duas associações beneficentes, de preferência filhos ou netos deles, que tivessem crescido em Niterói acompanhando a vida urbana na primeira metade do século. A partir dos primeiros contatos com internos no Hospital Santa Cruz e com a comunidade que ainda frequenta os almoços mensais na Banda Portuguesa, definiram-se os personagens e os depoentes: pessoas comuns que tem determinadas interpretações sobre os acontecimentos que envolveram sua comunidade naquele período, bem como uma forma peculiar de narrá-los. Destes, o único depoente de primeira geração, que foi agente direto do processo estudado é o sr. João; os outros são depoentes de segunda ou terceira geração (filhos, netos ou sobrinho). Apesar dessas diferenças, o que nos interessou foi o acervo de representações constituído pela memória filtrada através das gerações.

Apesar de não participarem todos da mesma extração social, os representantes das famílias portuguesas cujas trajetórias foram narradas acabaram todos formando um segmento expressivo da burguesia urbana do início do século: pessoas que tiveram interesses convergentes, compartilharam pressões políticas, percepções e sensações e que participaram de uma experiência semelhante de construção da sociedade. Entendemos o conceito de classe social como um fenômeno histórico, na tradição aberta por E. P. Thompson⁹: um processo que ocorre nas relações humanas; sendo assim a experiência de uma classe pode ser vista como fruto de relações de trabalho, enquanto que a sua consciência seria a representação cultural dessa experiência: tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais. Tentamos matizar esse processo procurando focalizar as trajetórias individuais em termos de possibilidades e constrangimentos, mais do que determinadas a partir da posição que os indivíduos ocupem na hierarquia social.¹⁰ Em outras palavras, em vez de ter como pressuposto que eles pertencem a um determinado grupo social, mudar a perspectiva e questionar a maneira como as relações entre indivíduos criam solidariedades e alianças. Neste sentido, entendemos as normas sociais como produto de negociação entre pessoas e não como algo externo determinando o comportamento humano, que se limitaria a ser a favor ou contra estas normas.

⁹ Thompson, E.P. A Formação da classe operária inglesa

¹⁰ Cerutti, Simona. "Processus et expérience" In: *Jeux d'échelles*, Revel J. (Org.), Paris, Gallimard, 1996.

3. História, Memória e Narrativas

A observação de que tipo de lembrança se pretende fixar através desses relatos, sejam orais ou textuais, remete necessariamente à questão da memória e da construção do conhecimento. Como teria sido o processo de formação de identidades sociais numa parte da colônia portuguesa de Niterói; que relação teria tido com a elaboração da memória sobre a imigração lusa na cidade? Procuramos trabalhar a tensão entre este processo, que é histórico, e os relatos (a memória) que resgatam a épica, numa apropriação dessa herança imaterial pelos descendentes de imigrantes hoje, em Niterói.

Entendemos história como uma elaboração sobre a atividade dos homens feita a partir de investigações e que constrói também uma certa narrativa a respeito da realidade. Que tipo de conhecimento as narrativas de viagem e os relatos de vida nos podem facilitar? Particularmente no que diz respeito ao depoimento oral, pensamos que se trata de uma prática de diálogo que não apenas favorece o enriquecimento das histórias com a perspectiva do entrevistado, mas também leva o entrevistador a ter uma outra dimensão, a pensar de forma diferente sobre a problemática que se propõe a analisar. Sem dúvida não se trata de construir um quadro real ou verdadeiro do passado a partir desses relatos, mas de repensar questões, pressupostos e hipóteses já formuladas. Fundamentalmente, o que esse diálogo com o depoente ou com a narrativa dele permite é relativizar conceitos, no sentido de proporcionar uma aproximação do real. O depoimento oral, neste caso pode também enriquecer o material disponível sobre esse grupo de pessoas, dando informações vindas de uma nova direção: a vivência interna do próprio grupo.

“As lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros, e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada. Trocando opiniões, dialogando sobretudo, suas lembranças guardam vínculos difíceis de separar. Os vínculos podem persistir, mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem. Esse enraizamento num solo comum transcende o sentimento individual”¹¹.

É o que ensina Eclea Bosi, reforçando a noção de memória como reconstrução social, que depende das relações da pessoa com seu meio. O que nos interessa neste trabalho é aquilo que o depoente lembra e seleciona para ser perpetuado através da sua narrativa, o que se tornou verdade com o tempo, os conteúdos preservados através de gerações. A memória é fruto de um trabalho de trazer à tona, um movimento de “*sous-venir*”, fazer aflorar à consciência o “*souvenir*” há tanto tempo mantido em algum lugar do passado. Em seu trabalho com lembranças de velhos, Eclea Bosi se baseia em Maurice Halbwachs para definir o que chama de memória-trabalho: o esforço de reconstrução, de repensar, com imagens e idéias do presente, as lembranças de fatos passados. Lembrar, portanto, não seria reviver, mas sim refazer, e conseqüentemente pode-se duvidar da sobrevivência do outrora “tal como foi”¹². É dentro dessa perspectiva que focalizamos a representação das trajetórias dos imigrantes, a partir do referencial oral e escrito - memória familiar - e da documentação disponível. É importante também considerar que além das limitações impostas pelo cansaço da velhice ou pelas falhas na capacidade de se expressar, no caso do depoimento oral a interferência do registro (a gravação) e a ansiedade provocada pela emoção das lembranças constitui-se em limites a serem enfrentados.

As imagens que imigrantes portugueses e seus familiares construíram da sua experiência numa terra estrangeira estão marcadas por suas preocupações, questões e seus valores do presente. Ao relembrar os acontecimentos que marcaram suas vidas, eles

¹¹ Bosi, Eclea, Memória e Sociedade: lembrança de velhos, SP, Companhia das Letras, 1995.

¹² Bosi, Eclea, op.cit.

reconstruem essa trajetória, resguardando as referências que justificam suas narrativas, de acordo com a realidade e os argumentos de cada um. Existe uma necessidade de permanente confronto com o passado; a presentificação realizada pelo processo de reminiscência de cada um desses viajantes é também uma reconstrução da memória do grupo de referência; eles são veículos da memória social e trabalham no sentido de construir a identidade do grupo.¹³ A memória seleciona o que aparece como mais significativo, despreza o que considera irrelevante, e às vezes aparecem diferentes versões sobre os mesmos acontecimentos, dependendo de quem os relata e em que circunstâncias o faz.

Trabalhamos com a memória familiar pois consideramos que este núcleo tem papel importante na transmissão da experiência dos grupos sociais, que se expressa em valores, crenças, hábitos, visões de mundo, expectativas, enfim, no conhecimento adquirido a partir da vivência desses grupos. No depoimento o indivíduo resgata lembranças individuais e grupais, constrói representações, transforma idéias e imagens em “realidade”; as lembranças das pessoas da família também são uma reconstrução da memória do grupo de imigrantes e portanto de sua própria identidade enquanto membros dele. Hoje os depoentes reconstruem a trajetória de seus antepassados como forma de redimensionarem suas próprias vidas, selecionando o que acham mais significativo, deixando de lado o que consideram irrelevante, a despeito da insistência dos entrevistadores. Recordando, o indivíduo age como instrumento coletivo da humanidade, se universaliza, quanto mais sua natureza individual se aprofunda, até atingir arquétipos básicos da humanidade comum¹⁴. Desta forma o trabalho tem uma dupla inserção, procurando focalizar a tensão que existe entre o processo da imigração portuguesa em Niterói no início do século e a apropriação da memória dos acontecimentos pelos descendentes dos imigrantes.

Para explorar essa dimensão arquetípica, vamos comparar os depoimentos orais e escritos com outros tipos de narrativa: um romance e relatos épicos. A maior parte dos depoimentos orais se refere a uma imigração em grupo, marido, mulher e familiares; em alguns casos uma parte do núcleo familiar já se encontrava em Niterói, ponto de encontro da família mais extensa. O romance, escrito por uma filha de imigrantes, conta a história de José Motta (nome fictício) que chegou sozinho ao Rio de Janeiro em 1910 aos 17 anos. Fugindo de uma realidade que aparentemente o limitaria ao trabalho na roça, para o qual não se sentia atraído, José aventurou-se num daqueles navios que partiam regularmente de Portugal cheios de gente com projetos semelhantes ao seu: “*fazer a América*”. A maioria dos imigrantes ficou logo no Rio de Janeiro, e alguns deles vivenciaram um processo de ascensão sócio econômica como o personagem do romance, José Motta, que de carregador no cais do porto chegou a ser sócio de um banco. Os relatos épicos que utilizamos foram extraídos da *Odisséia*, do *Êxodo* e dos *Lusíadas*; o livro I das *Histórias de Heródoto*, “*Clio*” foi utilizado no sentido de estabelecer uma diferenciação entre as representações épicas e a narrativa histórica baseada na inquirição e na comparação. Os três primeiros foram escolhidos por serem relatos de viajantes em busca da origem/destino e o quarto por tratar-se da descrição de povos estrangeiros. O que nos interessa verificar através deles é a possibilidade de que deixem transparecer um ethos, um padrão ou modelo ideal de conduta, permeando a relação estrangeiro/gentio e balizando o campo onde ambos constroem suas trajetórias e identidades sociais. Desta forma poderemos fazer uma discussão do processo imigratório e sua reconstrução através da memória; o resgate da narrativa épica e a dimensão histórica da narrativa de Heródoto. Os textos épicos foram usados no sentido de identificar, na narrativa dos depoentes, o modelo utilizado para construir a memória de seus antepassados ou de sua própria trajetória. Essas diferentes narrativas podem abrir uma outra janela para o cotidiano

¹³ Frank, Robert, “La mémoire et l’histoire” In: *Les cahiers de L’IHTP*, 1992, p.65

¹⁴ Ferraroti, Franco. “Breve nota sobre historia, biografia, privacy” In: *Historia y Fuente Oral* n.2, Barcelona, 1989, p.51/55.

de um centro urbano como Niterói no início deste século e certamente refletem o imaginário e a construção da identidade étnica daquele grupo de imigrantes.

4. Fontes

Nossas fontes foram basicamente documentos de família, os arquivos das instituições estudadas, o arquivo público do Rio de Janeiro, o Arquivo Nacional, o jornal O Fluminense, relatos escritos e principalmente depoimentos orais. Trabalhamos com agentes diretos do processo de imigração, com depoentes de primeira geração (filhos) e de segunda geração (netos), cujos relatos foram cotejados entre si.

4.1. Fontes escritas

4.1.1. Instituições Estudadas

Nos arquivos da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Niterói encontramos a cópia do estatuto (sem data) e do regimento interno, livros de registro de Atas das assembléias de diretoria referentes ao período 1904/1933, livros de registro de sócios e pastas com recortes de jornal registrando as atividades da Sociedade durante as décadas de 20 e 30. Tivemos acesso também ao *Boletim Comemorativo dos 50 anos do Hospital Santa Cruz*, à revista publicada pela instituição e à correspondência enviada regularmente aos associados.

Na sala de arquivo do Centro Musical Beneficente não tivemos acesso aos livros originais de registro de Atas; trabalhamos com um caderno resumindo as atividades da diretoria entre 1929 e 1964. A documentação, precariamente guardada em gavetas de madeira sem nenhum cuidado com a preservação, inclui livros de registro de matrículas de 1929 a 1935, com os nomes dos 600 primeiros sócios, uma cópia do estatuto (sem data), o regimento interno e fichas individuais de sócios com informações sobre idade, estado civil, residência e a trajetória da pessoa (por exemplo: “voltou para Portugal em 1925”, ou “desligou-se da sociedade em tal ano por determinado motivo”). Há também um acervo com alguns troféus ganhos pela Banda de Música, fotos e publicações referentes a Portugal.

4.1.2. No Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro foram consultadas 10 coleções, num total de mais de 800 documentos, na sua maioria correspondência entre os centros de triagem de imigrantes e o poder público. Os documentos principais referem-se a prestação de contas e problemas de abastecimento d'água em Niterói, construção de edifícios para moradia de operários pobres (Fundo PE3, coleção 28, data limite 1889/1930, 151 documentos); contratos relativos à entrada de imigrantes, fornecimento de gêneros alimentícios, aluguel de dependências para eles, impressão de um guia de imigrantes, pagamento de passagens e requisição de despesas, saídas de imigrantes, estatísticas referentes ao movimento diário da hospedaria da Ilha das Flores (coleção 32, data limite 1889/1918); relatório das ilhas de Açores e Canárias sobre a imigração para o Brasil (coleção 33, data limite: 1890/1900); certidão de casamento de imigrantes, permissão de embarque e termo de recebimento de impostos (coleção 35); autorização de livre embarque e desembarque no território nacional de elementos portugueses, emissão de carteiras de identificação (Fundo PE5, data limite 1920/1935); contratos de introdução de imigrantes (Fundo PE8, coleção 101, data limite: 1892/1929); ofício de nomeação do cônsul geral de Portugal em 24/10/1900, sr. João Joaquim Salgado, correspondência entre o ministro das relações exteriores e o presidente do Estado entre 1900/1902 (coleção 4.5); correspondência entre a Diretoria de Obras Públicas e a Cia. Cantareira e Viação Fluminense desde 1902 (coleção 39); descrição da hospedaria de imigrantes de Niterói (coleção 37, data limite da primeira caixa: 1894/98). Os decretos de saúde pública referem-se à reorganização do serviço sanitário dos portos

(Inspetoria Geral de Saúde dos Portos), submetido ao Ministério do Interior (decreto 9554/1886), à criação da diretoria geral de saúde pública para execução do serviço sanitário dos portos (decreto 2449 de 1/7/1897) e à transformação da Diretoria, Geral de Saúde Pública em Departamento Nacional de Saúde Pública (decreto 3987 de 2/1/1920). Na parte de documentação referente à história fluminense destaca-se o Álbum da Cidade de Niterói, de 1922, publicado em comemoração ao Centenário da Independência e assinado por Clodomiro R. de Vasconcelos, com fotos excelentes dos principais prédios de Niterói.

4.1.3. No Arquivo Nacional pesquisamos os maços referentes à entrada de imigrantes portugueses entre 1900/1930, bem como publicações sobre o processo migratório e a cidade de Niterói no princípio do século

4.1.4. Na Biblioteca Nacional foi realizado levantamento do Jornal *O Fluminense* nas décadas de 20 e 30, acompanhando a repercussão na sociedade niteroiense das atividades de sua colônia portuguesa e o noticiário sobre o bairro da Ponta d'Areia. Na seção de Obras Gerais, a principal fonte consultada foi já citado livro de Maria Beatriz Nizza da Silva referente à documentação existente em arquivos do Rio de Janeiro e de São Paulo, cobrindo desde as formas de recrutamento dos imigrantes, transporte e chegada até a formação de uma elite na colônia portuguesa do Brasil.

4.1.5. No Centro de Memória Fluminense, localizado na Biblioteca Central Universidade Federal Fluminense, fizemos uma relação das publicações referentes ao início do século, entre as quais estão o Álbum de Niterói, 1925, o de 1930 e o Álbum dos 400 anos. Consultamos também a bibliografia referente à cidade, conforme referência no final do trabalho.

4.1.6. No Real Gabinete Português de Leitura encontramos o belíssimo Álbum da Colônia, editado por Theóphilo Carinhas em 1927. A publicação procura abranger a trajetória da colônia desde o final do século passado enfatizando o papel do empreendimento lusitano no processo de modernização da sociedade brasileira. Além disso consultamos ali a maior parte da bibliografia sobre Portugal e o processo emigratório para o Brasil.

4.1.7. No IBGE os recenseamentos de 1900,1920 e 1940, com registros do movimento de entrada e saída de estrangeiros, discriminação por nacionalidade, religião, profissão, sexo, idade, foram fundamentais para realizar uma análise comparativa entre imigrantes portugueses e de outras nacionalidades durante o fluxo imigratório do início do século, considerando a ocupação que fizeram do espaço urbano em Niterói.

4.2. Fontes Orais

Os depoentes foram escolhidos a partir de uma aproximação inicial com as duas instituições, Hospital e Banda. Como já foi dito, o ponto de partida foi uma pesquisa do Laboratório de História Oral da UFF sobre a memória da cidade de Niterói que teve no Asilo do Hospital Santa Cruz um de seus núcleos de investigação. Marcamos uma reunião com vários residentes e deste grupo alguns se prontificaram a falar sobre suas impressões da cidade, o que foi feito a partir de um roteiro de história de vida, baseado no modelo sugerido por Paul Thompson¹⁵.

Ana - Na ocasião uma das senhoras destacou-se como candidata a depoente, fazendo inclusive questão de cantar uma das músicas portuguesas de sua infância e fala sobre o pai, um dos construtores do Hospital, o sr. Albano. Ana mora desde 1975 na clínica geriátrica do hospital, onde gravamos três entrevistas, duas biográficas e uma temática, entre 1993 e 1996. Ela viveu a “época de ouro” dos portugueses em Niterói, que é como os depoentes chamam os anos 20, “quando tudo dava certo”. Ana nasceu em 1907, enviuvou aos 16 anos, foi

¹⁵ Thompson, Paul. História Oral: a Voz do Passado, Ed. Paz e Terra, 1992.

pianista do cinema da cidade no tempo em que os filmes ainda eram mudos, casou-se pela segunda vez “*só para ter um filho*” e separou-se aos 40 anos, passando a viver “*só para o meu filho*”. Seu quarto é todo decorado com alguns ícones da tradição portuguesa: a imagem de Nossa Senhora de Fátima, o retrato dos pais, os paninhos bordados por ela, claro, o “diploma” de sócia benemerita do Santa Cruz, o terço. De resto ressalta aquele despojamento de hospital mesmo, tudo branco; num canto a mesinha com o copo d’água, a cadeira, uma poltrona, cama, rádio, TV e só. Impressiona a paisagem árida que se vê pela janela: o morro do Estado, avermelhado pelos barracos de tijolo que se amontoam na encosta super íngreme. Surpreende o bom humor e a disposição de Ana quando passeia pelas lembranças da vida em família com tal leveza que alterna momentos da mais profunda melancolia com o lirismo das músicas de sua infância ou as críticas ao “*machismo*” dos portugueses. D. Ana sugeriu que entrevistássemos suas sobrinhas Alba e Ani.

Ani - Filha de Aurora, irmã de Ana, é historiadora e absolutamente apaixonada pelos avós maternos, de quem conhece histórias saborosíssimas. Foi ela que buscou as origens nobres da avó e revelou seu lado místico; conseguiu também fotos maravilhosas da família e conserva até hoje os quadros pintados pelo segundo marido de Ana, marinhas inspiradas no litoral fluminense. Ani, nascida em 1933 em Niterói, gravou dois depoimentos biográficos, um em novembro de 1996 e outro em abril de 1997; vive atualmente no Rio de Janeiro com a mãe e trabalha numa universidade na zona sul do Rio de Janeiro.

Alba, que também mora em Niterói, forneceu-nos um depoimento escrito em setembro de 1996.

Waldyr - seguindo outras informações, chegamos ao sr. Waldyr, que contou a história do pai, sr. João Manoel, fundador do Asilo do Santa Cruz e contemporâneo do sr. Albano na Sociedade de Beneficência da cidade, em três entrevistas gravadas durante o mês de maio de 1997. Funcionário aposentado do Ministério do Trabalho, nascido em Niterói em 1922, o sr. Waldyr até poucos anos atrás costumava se reunir aos amigos todo sábado e passar no Hospital Santa Cruz para visitar os possíveis conhecidos internados. Em seguida iam para um botequim conversar e beber cerveja até o final da tarde, ritual que se repete “religiosamente” até hoje. Profundo conhecedor do carnaval das décadas de 30 e 40, diz ter herdado o espírito boêmio do pai, festeiro inveterado, e da tradição portuguesa que impulsionava então todos os eventos da cidade com a força da iniciativa privada, hoje esmagada pela ineficiência do poder público, ele garante.

Dario - O sr. Waldyr nos apresentou outro depoente, o sr. Dario, um dos organizadores do grupo “Catedral”, formado majoritariamente por descendentes de imigrantes que se reúnem há quase 50 anos em Niterói e do qual o sr. Waldyr evidentemente participa. Dario é neto de um português que se estabeleceu em São Gonçalo no início do século como padeiro e uma de suas lembranças mais marcantes é a entrega de pão para a hospedaria de imigrantes, na ilha das Flores. Casou-se com uma filha de português da Ponta d’Areia, frequentadora da Banda de Música e das festas religiosas do bairro. Nascido em 1929, cresceu em Niterói na época em que a diversão era música, futebol e serenata e o trânsito da cidade se equilibrava sobre a equação barcas/ bondes: “*Havia sido feito o aterro, o bonde passava pela Feliciano Sodré vinha do Fonseca, entrava no ponto de 100 réis de Santana e ia pela rua de São Lourenço até lá em baixo. Aí criou-se uma linha de bonde que ia pelo aterro, Largo do Moura; da Ponta d’Areia ia até as barcas só. Todos os bondes iam para o centro. Era uma cidade fácil, de 20 em 20 minutos circulavam as barcas; as barcas atracavam, os bondes saíam*”. O sr. Dario tornou-se o “pai” do grupo Catedral e atribui o espírito boêmio, como faz o sr. Waldyr, à tradição portuguesa de reunir-se para cantar, recitar e tocar, sem esquecer a importância de simplesmente juntar amigos em nome da fraternidade e da solidariedade. Durante um tempo ele promoveu almoços comunitários em sua casa, mas o ponto de encontro mais constante continua sendo o botequim, “*meio de convivência*”

extraordinário” na sua opinião. Foi num deles que Dario conheceu sua mulher, justamente no bairro chamado de Portugal Pequeno (Ponta d’Areia) onde o grupo Catedral manteve por um tempo uma Banda filantrópica que arrecadava fundos para “*as pessoas mais carentes*”.

Moisés Pitta - A constatação da força dos laços solidários de ajuda mútua dentro da comunidade imigrante nos levaram a investigar o Centro Musical Beneficente Banda Portuguesa de Niterói, na Ponta d’Areia, fundado no mesmo período do Hospital, final dos anos 20. Chegamos à Banda através de seu ex-maestro Moisés Pitta, português da ilha da Madeira que veio para o Brasil na década de 40 através de amigos ligados à Banda Lusitana do Rio de Janeiro. Pitta foi maestro da Banda do Centro Beneficente por 33 anos, saiu brigado com a diretoria da entidade e ‘levou’ com ele parte dos músicos. Depois disso formou um novo grupo, a Banda Luso Brasileira, cujos ensaios são realizados na sua casa e na qual ele é o único português. No prédio do Centro Beneficente acontece atualmente apenas um almoço mensal onde é servida comida típica misturada com churrasco e se escuta música brasileira. No entanto o lugar ainda é conhecido como “a Banda portuguesa” e reúne representantes das antigas famílias patrícias da cidade, muitos agora na condição de ex-moradores do bairro. Trabalhou como bancário e foi músico nesta banda até mudar se para Niterói nos anos 60, quando foi convidado para dirigir a Banda da Ponta d’Areia, onde ficou 33 anos; atualmente mantém uma quitanda no bairro da Engenhoca e acolheu em sua casa os ensaios da Banda Luso Brasileira, formada por músicos brasileiros e da qual é o maestro, claro.

José e Tereza - A aproximação com a instituição foi realizada nos almoços mensais que a diretoria promove e onde alguns filhos de portugueses antigos moradores do bairro indicaram outros depoentes, na base de “*quem lembra mais*”: assim apareceram o sr. Zezinho e a d. Teresa, proprietários de uma padaria na Ponta d’Areia ao lado do prédio da Banda e da barbearia do sr. João. O sr. Zezinho nasceu no Brasil, mas seu pai foi um dos fundadores do Centro Musical e grande amigo do sr. João “barbeiro”; dona Tereza veio de Portugal em 1930. Ambos participam da diretoria e organizam os encontros da comunidade uma vez por mês.

Guiomar - Quando perguntamos aos sócios mais velhos sobre os fundadores da Banda, as indicações são unânimes: “*vocês precisam falar o ‘seu’ João ou com a d. Guiomar, são os mais antigos freqüentadores*”. Esta mulher de impressionante vivacidade nasceu em Niterói em 1917 e foi criada na Ponta d’Areia, onde conheceu o sr. Artur, recém chegado de Portugal; ele trabalhava numa tinturaria. Ajudou a fundar o Centro Musical embora nunca tenha sido músico e foi tesoureiro da instituição de 1929 até 42 a década de 60. Hoje sua viúva guarda cuidadosamente um acervo fantástico de fotos da Banda, da Igreja de Nossa Senhora de Fátima e das festas que se realizavam no bairro, além de ser uma excelente contadora das histórias do lugar.

Marinho - Mas se quisermos conhecer um pouco mais sobre o bairro da Ponta d’Areia que está ausente da narrativa dos depoentes ligados à Banda, precisamos conversar com o sr. Marinho. Esta foi a indicação do sr. Venâncio, atual secretário do Centro Musical e filho de portugueses que mantiveram um botequim no bairro, onde nasceu e viveu até se aposentar. O sr. Marinho é um metalúrgico aposentado, filho de portugueses, com 84 anos de Ponta d’Areia, ex- freqüentador das festas no prédio da Banda e profundo conhecedor da vida do bairro fora dos limites da comunidade portuguesa.

4.3. Depoimentos

Sobre a questão da representatividade, sempre levantada quando se trata de um trabalho desse tipo, acreditamos ter sido possível traçar um quadro abrangente do período a partir de

depoentes de algumas famílias, já que trabalhamos com a noção de pertencer a um determinado grupo de imigrantes, necessariamente reduzido.

“Para muitos projetos, como a respeito de um evento ou de um grupo pequeno de pessoas, a questão não é de representatividade, mas de quem sabe mais (...) o objetivo global pode ser concentrar a atenção sobre um grupo restrito: por exemplo, entrevistar membros de uma mesma família (...) Isso permitiria criar um quadro de suas interações, atitudes, mitos e memórias sociais, relativamente aos quais a circularidade mesma do grupo fechado seria uma força, e não uma fraqueza.”¹⁶

Reproduzimos a argumentação de Thompson por considerar que ela expressa adequadamente o espírito desta investigação. A rede de entrevistados foi definida por indicação dos próprios depoentes, de acordo com critérios que eles mesmos elegeram como fundamentais: pessoas dispostas a falar e que tenham sido contemporâneas ou sejam descendentes dos fundadores das referidas instituições; pessoas que “*lembram muito*” sobre a história da cidade e/ou da comunidade portuguesa. Em geral o depoente é reconhecido como uma pessoa representativa, extraordinária dentro do grupo. Todos os nomes aparecem no original, a não ser quando houve pedido de sigilo.

Foram utilizados dois tipos de roteiro para as entrevistas: o biográfico e o temático, ambos fundamentados no modelo proposto por P. Thompson¹⁷ para a realização de projetos junto a comunidades ou grupos regionais; foram também incorporadas ao roteiro temático as sugestões propostas por Cláudia Mesquita em seu trabalho com as Bandas Centenárias do RJ.¹⁸ Os depoentes que foram agentes diretos do processo migratório e os de primeira geração responderam um questionário no estilo “história de vida”, enquanto que os de segunda geração seguiram um roteiro temático.¹⁹ É importante lembrar que apesar de seguir modelos previamente elaborados, as entrevistas tem sempre a preocupação de respeitar a dinâmica imposta pelo depoente, que pode às vezes contrariar a direção estabelecida mas por outro lado revelar aspectos inusitados ao pesquisador.

A periodização escolhida se detém em alguns acontecimentos considerados marcantes para a formação da identidade desse grupo, pinçados da narrativa dos depoentes e priorizados por nós como representando a própria interpretação épica da imigração. Esses acontecimentos se destacam por terem mobilizado uma geração de imigrantes - os que chegaram na primeira década do século - em tomo de projetos e criado uma solidariedade quase militante entre eles vários imigrantes abriram mão de compromissos particulares e de vida familiar para se dedicar à construção das instituições beneficentes: “*doaram-se eles mesmos, sacrificando seu repouso, seu lazer e, não raro, seus interesses materiais, em proveito da causa comum*”.²⁰ Não por acaso a construção dessas associações se concretiza no momento em que se implanta uma nova política para a imigração, na virada para os anos 30 e servirá como afirmação do espírito empreendedor lusitano, com toda a simbologia a que tem direito e que pertence ao ideário mutualista e beneficente. Hoje em dia essas instituições representam a perpetuação dessa herança imaterial.

Os depoimentos não compõem uma narrativa linear; foram organizados e “recortados” de acordo com os temas que estavam sendo abordados, portanto não estão

¹⁶ Paul, Thompson, op.cit.

¹⁷ Paul Thompson, idem.

¹⁸ *Memória das Bandas Cívicas Centenárias do Estado do Rio de Janeiro*, Coordenação Geral A. Eduardo Wermelinger Gerk e Cláudia Mesquita, RJ, Secretaria do Estado de Cultura. Fundação Museu da Imagem e do Som, 1994.

¹⁹ Conforme modelo em anexo.

²⁰ Martins, Ismênia. *Boletim Comemorativo dos 50 anos do Hospital Santa Cruz*, Niterói, 1980, p.9.

reproduzidos exatamente como foram gravados, inclusive no que diz respeito à ordem cronológica.

Todo o material pesquisado durante o processo de elaboração deste trabalho, incluindo fitas gravadas e cópias de fotografias, será depositado no LABHOI da Universidade Federal Fluminense.

5. Abordagem

Entendemos o trabalho com relatos de vida, sejam diretos ou indiretos, colhidos oralmente ou escritos, como forma de obter uma nova versão sobre acontecimentos já documentados. Não se trata de “acrescentar o ponto de vista de pessoas comuns” mas de oferecer uma outra interpretação. Clifford Geertz, citando Aristóteles, explicita o sentido do trabalho com essas narrativas, como busca de construção de uma realidade e não de uma “mentira”:

“Mas o poeta (...) nunca faz qualquer declaração real, e nunca, certamente, declarações particulares e específicas. O trabalho do poeta não é contar o que aconteceu, mas o que está acontecendo; não aquilo que ocorreu, mas a espécie de coisas que está sempre ocorrendo. Ele oferece o acontecimento típico ou universal como o chama Aristóteles. Você não iria assistir Macbeth para aprender a história da Escócia, você vai para saber como se sente um homem que ganha um reino e perde sua alma”. (C. Geertz, 1978, p.318).

5.1. Representações

Relatos de vida, depoimentos escritos ou orais e romances biográficos guardam uma força que torna secundária a preocupação com sua veracidade. A força dessas narrativas vem do fato de transmitirem a representação viva de uma época. Desta perspectiva, são muito mais eloqüentes do que a fria documentação de arquivos e instituições, referentes ao período, embora não possam nem se proponham a substituí-los, já que a experiência de pessoas comuns é um microcosmo da realidade maior em que se movem.

Na medida em que toda representação pressupõe a construção cultural e social da realidade, pode-se considerar que os relatos de vida permitem a análise dos mitos²¹ existentes nas memórias individual e coletiva, através dos signos que marcam a construção da narrativa dos depoentes: imagens, gestos, atitudes, comportamentos, palavras que remetem aos mitos, através do simbólico. A observação dessas narrativas nos permite sugerir que os descendentes de imigrantes entrevistados fazem uma interpretação épica da imigração em função do caminho percorrido por aqueles que vieram “sem nada” e se tornaram aqui heróis, vencedores de uma guerra idealizada. Entendemos mito também no sentido em que é utilizado por Alessandro Portelli ao se referir às representações de sobreviventes da Segunda Guerra na Itália:

“.. Não há porque questionar a credibilidade desses episódios para identificar sua dimensão mítica: um mito não é necessariamente uma história falsa ou inventada, é, isso sim, uma história que se torna significativa na medida em que amplia o significado de um acontecimento individual (factual ou não),

²¹ Referimo-nos a mito no sentido atribuído por Mircea Eliade: “... tal qual era compreendido pelas sociedades arcaicas, ...'uma história verdadeira' e ademais, extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo.... tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar... ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do 'princípio'. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição”. Mito e Realidade, SP, Ed. Perspectiva, 1963, p.7/8/11.

transformando-o na formalização simbólica e narrativa das autorepresentações partilhadas por uma cultura. Nesse caso, através das narrativas de sacrifício, compaixão e perdão a comunidade de Civitella formaliza sua relação com o evento mais dramático de sua história e sua própria identidade de comunidade cristã...”²²

Giovanni Levi, por exemplo, sugere que o historiador procure descobrir não o que “realmente aconteceu”, mas sim de que maneira as condutas individuais refletem possibilidades. Se estivermos atentos à relação que existe entre as condições definidas e suas modificações, no processo de análise, acreditamos ser possível perceber onde o indivíduo consegue “ferir o sistema de normas” em suas brechas.²³

5.2. Perspectiva

A perspectiva adotada na abordagem dos relatos de vida é a da microhistória, que através da redução da escala de análise permite fazer a leitura do social a partir de indivíduos ou grupos de pessoas. Esse tipo de abordagem permite que o historiador estabeleça um “jogo de escalas” entre micro e macro, indivíduo e a sociedade.²⁴ Desta forma, fica mais fácil perceber a originalidade do processo histórico em geral, através da busca do “indício”, como sugere Carlo Ginzburg²⁵, numa aproximação com o conhecimento indireto e conjuntural. A valorização das particularidades do discurso do indivíduo sobre sua história de vida é uma forma de revelar as estratégias que ele elaborou para enfrentar pressões, conflitos e escolhas. Em outras palavras, a dinâmica dos relacionamentos no grupo social dá outra dimensão às particularidades do “como” se constrói a cultura do grupo.²⁶

Uma de nossas referências iniciais foi o trabalho de Paul Thompson²⁷ sobre história de vida e mudança social discutindo a interação que pode haver entre oportunidades econômicas e formação de idéias, a nível individual, e pressões coletivas e ideológicas a nível da sociedade. Neste sentido o ciclo de vida, a mobilidade social, a tradição, a mudança, podem ser vistos como em constante movimento no tempo de vida de uma geração. Assim, ao rastrear a vida individual, podemos fazer conexões entre o desenvolvimento da personalidade e a economia social, através da influência mediadora de pais, pessoas próximas, grupos de amigos, etc. e ter outra perspectiva sobre o que pode ter possibilitado a escolha de tal trajetória ou projeto de vida, que afinal representa uma escolha, dentro da margem relativa de liberdade que os indivíduos tem ao se mover dentro do sistema de normas da sociedade. A vontade individual, a cultura do grupo, podem ser agentes de mudança tão importantes quanto forças impessoais; portanto a ação social pode ser vista como resultado de uma negociação, da decisão de indivíduos, face à realidade exterior. Como sugere Giovanni Levi:

“Nenhum sistema é de fato suficientemente estruturado para eliminar toda possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou interpretação de regras. Assim a biografia constitui o lugar para verificar a liberdade de que as pessoas dispõem e para se observar como funcionam concretamente os sistemas normativos”.²⁸

²² Portelli, Alessandro, “O massacre de Civitella Val di Chiana: mito e política, luto e senso comum” In: Ferreira, Marieta Moraes e Amado, Janaína, *Usos e Abusos da História Oral*, RJ, FGV, 1996,

²³ Levi, Giovanni, “Sobre a Micro-história” In: Burke, Peter (org.) *A Escrita da História*, SP, UNESP, 1992.

²⁴ Revel, J. “Micro-analyse et construction du social”. In: *Jeux d'échelles* Paris, Gallimard, 1996.

²⁵ Ginzburg Carlo. *A Microhistória e Outros Ensaios*, Lisboa, Difel, 1991.

²⁶ Lughod, Lila Abu. *Writing Women's Worlds*. University of California Press, 1993.

²⁷ Thompson, Paul. “Life histories and the analysis of social change”. In: *Biography and Society*, D. Bertaux org.

²⁸ Ferreira, Marieta de Moraes. “História oral: um inventário das diferenças”. In: *Entrevistas: abordagens e eixos da história oral*. RJ, Fundação Vargas, 1994, p. 7.

Propomos que se pense indivíduos e sociedades como impulsionados pelas mesmas fontes dinâmicas, procurando entender, na linha de Peter Gay²⁹, como uma biografia pode se tomar história. Em outras palavras, consideramos necessário que o historiador combine suas atitudes e técnicas tradicionais como a pesquisa documental, por exemplo, ao entendimento da natureza e do desenvolvimento do homem, permitindo assim que se passe do conteúdo ao significado, realizando uma leitura do conjunto da ação humana. Isto significa conseguirmos avaliar como as pessoas vivenciaram as transformações econômicas, políticas, sociais, intelectuais deste início de século em diferentes setores de sua vida pública e privada, considerando o indivíduo como social e toda experiência como cultural, mediada por autoridade, instrução religiosa, hábitos, etc. Nossa idéia foi acompanhar o processo de construção de identidade no que tem de específico - a identificação com a modernidade niteroiense - e no que tem de arquetípico - a narrativa épica da memória. Entendemos que ambos, trajetórias particulares e arquétipos, reconstroem criativamente esse processo imigratório.

5.3. História Oral

Trabalhamos com a história oral como nossa principal fonte, acreditando que a própria entrevista se constitui no documento produzido, sem dúvida com interferência do historiador e como tal devendo ser submetido ao processo crítico característico de nosso ofício. Mas a História Oral também apresenta especificidades e oferece algumas vantagens sobre as fontes escritas. Na verdade a fonte oral não se compara ou se opõe à escrita, mas tem caráter diferenciado³⁰: o documento real é a gravação. O texto da transcrição que costuma ser manipulado como fonte, é já uma interpretação do pesquisador; na realidade as fontes orais são criadas por ele. Além disso, o documento oral tem a vantagem de não apresentar fatos absolutos e objetivos, mas colocar “a percepção social dos fatos”,³¹ a visão do indivíduo. Portanto, a história oral revela mais sobre sentimentos e significados do que sobre eventos; seu conteúdo é a vida diária, a cultura material. Pode também informar sobre fatos desconhecidos, ou aspectos desconhecidos de fatos conhecidos, sempre com a vantagem de mostrar a subjetividade do narrador, coisa que a fonte escrita não consegue. Mesmo as versões divergentes sobre o mesmo fato apenas enriquecem o trabalho do historiador pois acrescentam novos significados. Neste sentido, não há fonte oral falsa, porque o que se lembra é o que o fato significou, sendo que as hesitações, os silêncios e as “mentiras” representam o esforço de buscar sentido no passado, feito em função do momento presente do narrador. Portanto o documento oral deve ser interpretado como um documento sobre o presente, fruto de um projeto que envolve entrevistador e entrevistado e que lhe garante objetividade. Nosso objetivo foi realizar uma aproximação com o conhecimento, dentro da perspectiva tão claramente explicitada por Alessandro Portelli:

“Representações e ‘fatos’ não existem em esferas isoladas. As representações se utilizam dos fatos e alegam que são fatos: os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações, tanto fatos quanto representações convergem na subjetividade dos seres humanos e são envoltos em sua linguagem. Talvez essa interação seja o campo específico da história oral, que é contabilizada como

²⁹ Gay, Peter. *A Educação dos Sentidos*. SP, Companhia das Letras, 1989.

³⁰ Tomei como base o texto de Alessandro Portelli “O que faz a História oral diferente”. In: *Revista Projeto História*, PUC/SP, n.14, 1997, p.25.

³¹ Thompson, P. *História Oral: A Voz do Passado*. RJ, Paz e Terra, 1992.

história com fatos reconstruídos, mas também aprende, em sua prática de trabalho de campo dialógico e na confrontação crítica com a alteridade dos narradores, a entender representações.”³²

5.4. Trajetória e Identidade

Entendemos o processo que trouxe milhares de portugueses de Portugal para o Brasil nesse início do século como o “*resultado histórico de um encontro entre o sonho individual e uma atitude coletiva*”; nas palavras de Miriam Halpern Pereira.³³ O sonho representa claramente o destino do indivíduo no sentido de projeto, uma atitude consciente em determinada direção³⁴. Destino que ele constrói à medida em que faz escolhas, estabelece prioridades e concretiza seu projeto de vida. E que se transforma em história ao juntar-se com outros tantos semelhantes, ainda que impulsionados por situações diversas ou até antagônicas, como podem ter sido as circunstâncias que levaram alguns indivíduos a emigrar de Portugal para o Brasil no início deste século.

A tentativa de reconstruir a trajetória de alguns imigrantes faz parte do esforço de compreender como se expressam as diferentes possibilidades de formação da identidade do português em Niterói, no início do século. Trajetória e identidade são entendidas aqui como formas de expressão da própria individualidade dos agentes sociais, aquilo que os caracteriza, marca sua diferença em relação ao grupo, e dessa maneira os transforma em sujeitos. A afirmação dessa individualidade, ou as escolhas que o indivíduo faz e que constituem sua trajetória, não se dão no vazio, nem são arbitrárias, mas sim circunscritas pela dimensão sócio-cultural e por sua própria formação (educação, etc.) - o que Gilberto Velho chama de campo de possibilidades. Por outro lado, essa trajetória se inscreve numa esfera maior que lhe dá significado e que pode ser chamada de Projeto: “*a conduta organizada para atingir finalidades específicas*”.³⁵

Algumas famílias imigrantes tinham como projeto “fazer a América”, no entanto sua realização foi balizada pelas circunstâncias com as quais puderam contar, além de suas próprias possibilidades individuais. Essa realização foi também resultado da interação dos diferentes projetos individuais dos membros dessas famílias, entre os quais se coloca a questão de naturalizar-se ou não, comprar terras em Portugal, voltar para a antiga pátria, investir na nova pátria, com quem se casar aqui, etc. Nesse processo de interação dos diferentes projetos é que se forjou o que consideramos ser a identidade do grupo, entendida como categoria móvel, que varia de acordo com a posição que as pessoas assumem no grupo social e que se forma a partir da relação entre experiências diferentes, conflitos e contradições. A formação das identidades sociais do grupo pressupõe que se trata da interação de realidades dinâmicas, plásticas, que se constituem face aos problemas que enfrentam os indivíduos. Neste processo, acreditamos, o imigrante é levado a manipular códigos culturais diferentes como estratégia de construção de sua identidade étnica; ele “aprende” na prática cotidiana a “ser português” no Brasil, buscando em sua memória étnica elementos para compor uma nova identidade.

³² Portelli, AI, “O massacre de Civitella Val di Chiana: mito e política, luto e senso comum”. In: Ferreira, Marieta e Amado, Janaína (org.) *Usos e Abusos da História Oral*, RJ, FGV, 1996.

³³ Pereira, Miriam H, op. cit.

³⁴ Velho, Gilberto, *Projeto e Metamorfose*, Ed. Zahar, RJ, 1994.

³⁵ Idem.

6. Roteiro

Organizamos na primeira parte do trabalho as informações sobre o panorama da Imigração portuguesa para o Brasil, mais especificamente para Niterói, neste início de século. As teorias sobre a imigração foram citadas na medida em que alguns dos elementos usados pelos autores na elaboração do “ethos” do imigrante português foram apropriadas pela narrativa que os descendentes de portugueses fazem sobre seus antepassados. Procuramos também estabelecer uma diferenciação entre o personagem do português colonizador dos séculos XVI, XVII e XVIII e o imigrante do século XX apresentados pela historiografia; ao mesmo tempo observamos que alguns aspectos desse imaginário foram recuperados pelos depoentes para construir a memória dos pioneiros imigrantes e de suas realizações. Procuramos estabelecer um paralelo entre as circunstâncias que explicariam, de acordo com os especialistas, o processo migratório no período estudado e a interpretação que é feita pelos narradores sobre os mesmos eventos, levando em conta as determinações da política migratória tanto portuguesa quanto brasileira nos anos 20 e 30.

A cidade de Niterói, a exemplo do que acontecia do outro lado da baía, sofreu transformações marcantes no seu perfil urbano, particularmente entre 1904 e 1930. Procuramos mostrar como uma parte da colônia portuguesa teria participado ativamente desde processo investindo em equipamentos sociais e associando sua imagem à modernização da cidade.

Finalmente fazemos uma reflexão sobre a prática do associativismo na colônia imigrante portuguesa, focalizando especificamente o Hospital Santa Cruz (da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Niterói) e o Centro Musical Beneficente Banda Portuguesa de Niterói, enquanto espaços de memória da comunidade. A partir daí procuramos entender o papel que estas instituições desempenharam na construção da identidade de alguns de seus fundadores e de seus descendentes, a partir da história contada pelos depoentes..

A segunda parte do trabalho acompanha as histórias de vida dos personagens fundadores do Hospital e do Centro Musical a partir da narrativa que se construiu sobre eles. O cenário é a Niterói dos anos 20 e 30, a urbanização, a “*época de ouro*” do bairro da Ponta d'Areia e a construção da imagem moderna e positiva do imigrante português associada aos seus empreendimentos. Neste momento, em que a imigração sofria com os efeitos da política varguista, os nossos personagens afirmam também sua identidade optando pela não naturalização e investindo em instituições identificadas como portuguesas.

A terceira e última parte fala sobre o imaginário do navegante conquistador e seu resgate pela narrativa que os depoentes fazem sobre os pioneiros imigrantes. Esses relatos contam a história de personagens que poderiam fazer parte de um romance épico, como o que utilizamos como exemplo neste trabalho. Procuramos então identificar nesses depoimentos orais e escritos a sobrevivência de elementos de narrativas mitológicas, como por exemplo a construção do herói super-homem, a busca do “paraíso perdido”, a ligação com o sobrenatural. Por fim apresentamos a perspectiva de Heródoto como uma alternativa de relato sobre o estrangeiro baseada na história, a pesquisa ou inquirição.

Capítulo I

O Cenário do Processo Imigratório

“... No caso brasileiro, a verdade, é que ainda nos associa à Península Ibérica, a Portugal especialmente uma tradição longa e viva, bastante viva para nutrir até hoje uma alma comum a despeito de tudo quanto nos separa. Podemos dizer que de lá nos veio a forma atual de nossa cultura; o resto foi matéria que se sujeitou mal ou bem a esta forma.”³⁶

Foi precisamente a atualização desta tradição que pudemos identificar nas narrativas de nossos depoentes, independentemente de serem imigrantes portugueses ou descendentes deles. De fato a dimensão da cultura portuguesa no Brasil não pode ser entendida separadamente da questão imigratória.³⁷ De acordo com Miriam Halpern Pereira, que escreve sobre a política portuguesa de emigração, a mitologia da Fortuna e do Retorno própria ao imaginário da emigração e presente entre aqueles que saíram de Portugal para o Brasil no início do século é semelhante à que existiu entre outros viajantes na história do mundo, desde os próprios descobridores lusitanos do século XVI³⁸ e tem origem na atividade de mineiros e plantadores de cana do período colonial. O imigrante português no Brasil durante as primeiras décadas deste século assumia a responsabilidade por todos os seus fracassos, por isso escondia as dificuldades preferindo morrer pobre aqui do que voltar para Portugal. A ilusão de pertencer a uma civilização idêntica à sua e de falar a “mesma língua” aparentemente teriam facilitado a integração. As remessas de dinheiro dos emigrados tornaram-se no início do século XX um suporte financeiro fundamental do Estado Português³⁹. O governo teria até deixado de se preocupar com a emigração, que se transformara em fonte de lucros essencial para o equilíbrio da balança de pagamentos, diminuindo a repressão sem liberar totalmente para evitar o deslocamento de famílias inteiras, processo que poderia levar ao despovoamento, à interrupção das remessas de dinheiro e a um confronto com a burguesia agrária. Essa contínua entrada de recursos em Portugal entre 1870 e 1930 foi o principal suporte para o mito da fortuna e concepção da imigração como instrumento de mobilidade social. A principal função do mito foi o retorno financeiro:

“Em termos genéricos, a instalação no Brasil permitia a porcentagens consideráveis de imigrantes melhorar de vida não pela acumulação de capital (o que foi uma exceção) mas pela diferença salarial entre os dois, que o câmbio acentuava”.⁴⁰

Empregamos a palavra mito com o sentido proposto por Mircea Eliade⁴¹ como foi anteriormente observado, de tradição sagrada, revelação primordial, modelo exemplar e, na

³⁶ Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, SP, Ed. Companhia das Letras, 1997, p. 40.

³⁷ de acordo com Silva, Maria Beatriz Nizza da. op., cit.

³⁸ Miriam Halpern Pereira. “A política portuguesa de emigração (1850/1930)”. In: *A Regra do Jogo*, Lisboa, 1981, p. 29.

³⁹ Idem. p. 13.

⁴⁰ Miriam Halpern Pereira. “A política portuguesa de emigração (1850/1930)”. In: *A Regra do Jogo*, Lisboa, 1981.

⁴¹ Eliade, Mircea, Mito e Realidade, p.7. Ver nota 21.

perspectiva das sociedades arcaicas, uma representação histórica verdadeira. Eliade sugere que alguns aspectos e funções do pensamento mítico são constituintes do ser humano e isso explicariam a sobrevivência no mundo moderno de “comportamentos míticos”:

“A Revolução Francesa tomou como paradigmas os romanos e os espartanos. Os inspiradores e os chefes da primeira revolução europeia radical e vitoriosa, que assinalou não somente o fim de um regime, mas o fim de um ciclo histórico, consideravam-se os restauradores das antigas virtudes exaltadas por Tito Lívio e Plutarco... Na aurora do mundo moderno a “origem” gozava de um prestígio quase mágico. Ter uma “origem” estabelecida significava, em suma, prevalecer se de uma origem nobre...”⁴²

As narrativas épicas teriam no mundo moderno a função de prolongar as narrativas mitológicas no sentido de contar uma história significativa para determinada comunidade, onde estariam presentes os grandes temas iniciatórios, como o do herói que enfrenta todo tipo de dificuldades e retorna vitorioso, ou as mitologias referentes à mulher e à riqueza, como procuraremos observar no último capítulo deste trabalho. Podemos dizer que a história contada pelos descendentes de imigrantes sobre seus “pioneiros” parece ter tido início há 500 anos e fundamentar-se no mesmo mito ancestral da construção da fortuna que possibilitaria retornar um dia à terra natal como bem sucedido aventureiro, dono de terras, empresário, construtor, comerciante, etc., mas sempre vencedor; elementos que podem ser identificados na narrativa de nossos depoentes sobre as realizações de seus antepassados, pessoas “ideais” que teriam demonstrado em seu tempo de vida os modelos exemplares relativos ao trabalho, educação, alimentação, etc., como observaremos no próximo capítulo.

1. Representações sobre os portugueses no Brasil

Tomamos como base alguns trabalhos acadêmicos que abordam a representação do português conquistador do período colonial e do imigrante nos séculos XIX e XX (os trabalhos dos professores Sérgio Buarque de Holanda, Eulália Lobo e Gladys Ribeiro) para pensar a recuperação do imaginário do colonizador feita pelos nossos narradores. Consideramos importante citar também a compilação feita por Maria Beatriz Nizza da Silva da documentação existente em arquivos do Rio de Janeiro e de São Paulo sobre a imigração portuguesa. O ponto de vista da autora é de que a questão da cultura lusitana no Brasil, país que foi colônia de Portugal e que recebeu numerosos imigrantes portugueses desde meados do século XIX, não pode ser desvinculada da questão imigratória e que esta tem caráter diferente da emigração portuguesa para os EUA, Canadá ou Europa, ocorrida mais recentemente. De fato foram praticamente cinco séculos de presença portuguesa, primeiro como colonizadores, depois como “assimilados” e finalmente como imigrantes, construindo uma “tradição” cultural vinculada aos grupos de portugueses que se estabeleceram na nova terra. Do nosso ponto de vista a cultura lusitana foi construída nos núcleos imigrantes neste início de século utilizando elementos do pioneiro conquistador português e é exatamente essa herança “imaterial” que podemos capturar hoje através da narrativa que os descendentes construíram sobre seus antepassados. Poucos estudos se dedicaram ao aspecto cultural da presença portuguesa; entre as exceções citamos Nuno Simões, Eulália Lobo e mais recentemente Maria Helena Beozzo Lima, que se debruçaram sobre as instituições filantrópicas ou culturais mantidas pela colônia⁴³.

⁴² Idem. p. 157.

⁴³ Gabinete Português de Leitura, Liceu Literário Português, associações culturais e esportivas, a Sociedade Portuguesa de Beneficência, a Caixa de Socorros D. Pedro V, Casa do Minho e outros centros regionalistas, por exemplo.

Joel Serrão⁴⁴ observa que o imigrante se diferencia do colonizador na medida em que é motivado também por questões pessoais, independentemente de solicitações oficiais e até mesmo em oposição a estas; teria mais semelhança com o conquistador, movido por impulsos às vezes imponderáveis. Já Sérgio Buarque não diferencia o português conquistador do colonizador atribuindo a ambos a motivação da aventura, a expectativa ilimitada do lucro fácil obtido pela pilhagem, antagônica à “perspectiva mesquinha” do trabalho cotidiano. Ora, o imigrante português deste início de século retratado por nossos narradores assume exatamente a segunda perspectiva, incorporando os valores do esforço persistente e do empreendimento, mesmo que “familiar”, numa aparente tentativa de se desligar da imagem do “português explorador” divulgada pelo jacobinismo antilusitano que cresceu no Rio de Janeiro naquele período.⁴⁵ Aproxima-se do personagem do trabalhador moderno numa aparente ruptura com o ethos do Antigo Regime, apesar de manter a tradição ibérica do protecionismo e da hierarquia, simbolizados na cultura do “apadrinhamento” como veremos adiante.

A representação do “português colonizador”, como aparece por exemplo em Sérgio Buarque de Holanda⁴⁶ é fortemente marcada pelas características de adaptabilidade e aventureirismo que dão a tônica à colonização do século XVI. O navegador pioneiro, preocupado em acumular descobrimentos e tesouros, teria se amoldado ao novo ambiente a fim de tirar o máximo proveito da terra com o mínimo de esforço. Como a outra face da mesma moeda, o imediatismo característico da mentalidade colonial portuguesa poderia ter provocado a limitação do enriquecimento dos conquistadores - por um lado este espírito de “feitorização” teria dado à colônia uma característica de entreposto comercial litorâneo, adiando a interiorização da conquista e conseqüentemente uma possível ampliação das riquezas obtidas pela exploração da nova terra. Sérgio Buarque observa que até hoje o sentido de “interior” para nós tem a imagem de “roça”, onde mal chega a “civilização”⁴⁷. Além disso, se a monocultura da cana de açúcar funcionou como elemento civilizador, trouxe também a destruição da natureza por seu caráter predatório. O professor Ricardo Benzaquem observa, a respeito dessa reordenação da paisagem, que o colonizador, ao eliminar a diversidade através da monocultura, teria empobrecido a vida social, apartando-se da natureza pela ocupação “militar do solo”; fechando as casas contra os bichos, acabaria por desconhecer a utilidade e o nome das plantas, distanciando-se da mata; tratando a terra como inimiga.⁴⁸ Não é o caso de se negar, com este tipo de reflexão, o enriquecimento da metrópole portuguesa, apenas apontar o paradoxo do modelo de ocupação colonial lusitano e a partir daí pensar sobre o modelo de narrativa que os depoentes utilizam para contar a história de seus antepassados. Como poderemos observar nas histórias de vida, os narradores se apropriam de determinadas linhas de construção desse ethos do conquistador elaborando uma imagem positiva do que era “ser português” em Niterói no princípio deste século.

A fixação do português ao litoral que ele parecia “arranhar como caranguejo”, na imagem tornada clássica pela historiografia, pode ter feito parte da estratégia do colonizador de “seguir no vácuo” da civilização indígena, facilitada pela extrema capacidade de adaptação do povo lusitano, por seu sentido de praticidade e pelas particularidades dos grupos indígenas que ocupavam a região. Lembra Sérgio Buarque que estes pertenciam à mesma família lingüística de norte a sul e falavam o mesmo idioma; assim o português basicamente

⁴⁴ Serão, Joel. *Dicionário da História de Portugal*. p. 363/373

⁴⁵ consultar a respeito do jacobinismo, entre outros autores, Gladys Sabina Ribeiro, *Cabras e Pés de Chumbo: os rolos do tempo. O anti-lusitanismo na cidade do Rio de Janeiro (1890/1930)*. 1987, ICHI/UFF, Mimeogr.

⁴⁶ Holanda, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. RJ, 1936.

⁴⁷ Idem, p. 99 e segs. As reflexões sobre o caráter da colonização apoiam-se na argumentação deste autor.

⁴⁸ Em palestra realizada na UERJ em 1996, em homenagem aos 60 anos de publicação de “Raízes do Brasil” o prof: Ricardo Benzaquem fez várias observações a respeito da prática colonizadora dos portugueses e sua capacidade de ‘apreender através da imitação’ dos indígenas.

poderia ter seguido as migrações dos povos tupis. Essa plasticidade intrínseca do povo lusitano teria permitido que o conquistador aprendesse não só o idioma mas também a caçar, a se alimentar, a dormir, a morar e a trabalhar como os nativos, adotando o costume coletivista do mutirão que mais tarde se desenvolveu no mutualismo praticado pelos imigrantes.

Enquanto colonizador a autoridade do português teria sido exercida com certa “frouxidão”, observa o autor de “Raízes”, quebrada por momentos de intervenção despótica como o episódio da demarcação de Diamantina, espécie de Estado dentro do Estado, em que os moradores eram regidos por leis especiais, “*formavam como uma só família, governada despoticamente pelo intendente-geral*”.⁴⁹ A verdadeira “corrida do ouro” provocada pela descoberta de minas de diamantes naquela região levou Portugal a “colocar ordem” na colônia pelo artifício da tirania das leis e da repressão para usufruir, sem maiores investimentos, dos benefícios naturais proporcionados pela aventura do descobrimento ultramarino. O português conquistador do século XVI retratado em “Raízes do Brasil” tem por horizonte a amplidão, ele viaja no seu Império, um imenso Portugal, procurando o enriquecimento rápido; o “gentio” é olhado com o inevitável etnocentrismo do europeu daquele tempo. A situação se inverte na medida em que o personagem passa de colonizador a imigrante, transformando a busca de riquezas em ética do esforço individual, do trabalho cotidiano cujos horizontes são mais estreitos, fazendo com que do ponto de vista do discurso dos narradores o conquistador e o imigrante se diferenciem. Neste sentido o imigrante representa a modernidade, a ruptura com a ética do trabalho própria ao Antigo Regime, apesar da valorização pela colônia portuguesa imigrante do corporativismo, da hierarquia, do apadrinhamento como formas de ter sucesso (práticas que remetem à ética do trabalho à moda do Antigo Regime). Agora os portugueses são os estrangeiros, olhados como “invasores” pelo trabalhador nacional no século XX; mas esse conflito está ausente das narrativas, apenas o aspecto positivo da representação que Sérgio Buarque faz do português aventureiro vai ser resgatada pelos depoentes na construção do personagem imigrante pioneiro.

O aventureiro português no Novo Mundo teria então passado de descobridor a colonizador e daí a imigrante, num processo paralelo de construção da própria identidade e de representações a respeito desse personagem, que oscilam entre a exaltação do pioneirismo e o preconceito declarado. Hoje os traços positivos do português aventureiro e conquistador de Sérgio Buarque reaparecem na narrativa dos descendentes e dos próprios imigrantes que viveram tanto a época de ouro da imigração, anterior aos anos 30, quanto o período restritivo que se iniciou com a política getulista.

No século XX a entrada de portugueses no país foi vista ora como ameaçadora à nacionalidade e à autonomia brasileiras, ora como símbolo da modernidade, ambas representadas pela recém organizada ordem republicana. Estigmatizados como usurpadores de espaço no limitado mercado de trabalho do início do século, estes imigrantes foram muitas vezes vistos como inimigos dos interesses do país, porque só teriam ganância de explorar, através do comércio de gêneros alimentícios, de botequins ou do setor imobiliário, demonstrando pouco interesse em trabalhar na terra, produzir, queixa tão comum entre os lusófobos do início do século. Curiosamente, a observação é semelhante à que faz Sérgio Buarque sobre o conquistador e colonizador lusitano e o imediatismo que teria caracterizado sua prática no Brasil colonial. A imagem do português explorador de brasileiros e até dos patriotas pobres, tão amplamente divulgada pelas campanhas anti-lusitanas características do século XIX e retomadas pelos jacobinistas no início do século XX, parece uma reatualização deste personagem de Sérgio Buarque. A narrativa dos nossos depoentes também constrói

⁴⁹ Holanda. op. cit. p. 103.

personagem semelhante, só que destituído do lado “explorador”, mantendo apenas o “espírito previdente” que orientou a prática do mutualismo e da beneficência na comunidade. Assim foi com o sr. Waldyr, por exemplo. Apesar de seu pai não ter pertencido ao grupo de imigrantes que foi para a agricultura, o filho fez questão, em seu primeiro depoimento, de enfatizar a contribuição dos portugueses para este setor.

“A vinda dos portugueses naquela época era por carta de chamada, quer dizer, uma pessoa aqui fazia um chamamento, tinha que arranjar emprego e ficar responsável até a outra pessoa se arrumar. Muitos vieram prá agricultura; nesse ponto a primeira agricultura feita no Brasil foi feita pelos portugueses. Não lembro quem mandou a carta de chamada pro papai” (Sr. Waldyr)

Mais uma vez a narrativa sobre essa geração de imigrantes aparece marcada pela necessidade de afastar a imagem negativa do português “explorador”. Uma parte desses portugueses que vieram para Niterói nas primeiras décadas do século, adaptou-se construindo uma identidade burguesa e urbana, através do seu trabalho e dos espaços beneficentes e culturais típicos da comunidade imigrante lusa, que paradoxalmente tinha como padrão o apadrinhamento, o protecionismo e a hierarquia. O anti-lusitanismo criou uma representação do português como motivo de piada e ironia, exemplificada no trabalho de J. Freire⁵⁰ que define seu livro como “*obra séria, apesar de referir se a portugueses*”, colocando-se como porta voz de um grupo: “*não somos contra os lusitanos, olhamo-los com a mais viva simpatia, dão matéria a anedotas divertidíssimas*”⁵¹. O costume entre os brasileiros de se contar “piadas de português” pode ser visto também como parte do processo de construção da identidade nacional numa comunidade que procura se diferenciar dos antigos colonizadores, agora transformados em adversários na disputa por um emprego e detentores da imagem positiva de trabalhador moderno. Esses por sua vez defenderam-se sempre contando “piadas de brasileiro”, dizem nossos depoentes, em que exatamente reafirmam a superioridade do trabalhador lusitano.

Os portugueses no início do século tiveram de fato a preferência das autoridades brasileiras como mão de obra imigrante devido à facilidade de adaptação lingüística, à semelhança dos costumes religiosos e principalmente por serem “brancos” numa sociedade ávida por se “europeizar”. O que estava em pauta na verdade desde o final do século XIX era a questão da nacionalidade, de que povo era mais desejável para formar a nação brasileira. Neste sentido a identidade cultural e lingüística favoreceu sem dúvida o imigrante português, principalmente o que vinha por conta própria, do qual a burocracia imperial exigia características étnicas e culturais compatíveis com a ideologia civilizatória do embranquecimento. Já os imigrantes que eram arrematados por fazendeiros para substituir o trabalho escravo não sofriam as mesmas exigências.⁵²

2. Panorama do processo migratório Portugal e Brasil

“O aperto da vida, o espírito de especulação e de aventuras obrigamnos desde tempos antigos a deixar a sua por terras estranhas. Atualmente a emigração faz-se não por famílias mas por indivíduos: os emigrantes são sobretudo do sexo masculino, partem sempre com o sentido de voltar, esperança que nem todas as vezes se realiza (...)”⁵³

⁵⁰ Freire, J. *Por trás da cortina de tamanco*. Rio de Janeiro, Instituto Europa América, 1955.

⁵¹ J. Freire. op. cit., p.6.

⁵² Alencastro, Luis Felipe de. Renaux, Maria Luiza. *Hstória da Vida privada no Brasil*. Vol. 2, Império: a corte e a Modernidade Nacional, p.292.

⁵³ A. Sampaio. *Estudos*. vol. 1, p.534, Apud Miriam H. Pereira, op.cit.p.36.

A emigração parece ter feito parte da rotina dos portugueses num processo constante desde o século XVI. Consultamos a esse respeito vários autores⁵⁴ que relacionam o fenômeno seja à interdependência da estrutura econômica e social de Portugal e das próprias colônias, seja às condições geográficas da metrópole. O processo emigratório, que já foi considerado verdadeiro “barômetro” da vida portuguesa, pois teria marcado nas suas oscilações a pressão do bem estar metropolitano⁵⁵; pode ser visto em parte como resultado também do baixo nível médio de vida da população, que por sua vez é efeito de um crescimento econômico lento, indicado pela fraca industrialização e o predomínio das atividades agrárias em Portugal na virada deste século.

De 1815 a 1911 a população portuguesa duplicara (passando de cerca de 2.928.420 para 5.547.708 habitantes) e mesmo o crescimento tendo sido mais lento no início do século (em parte por causa da emigração, da Primeira Guerra e das epidemias do período 1918/1919⁵⁶) em 1940 a população já excedia os 7.000.000 de habitantes.

Paralelamente a este crescimento houve uma considerável melhora nas condições gerais de vida em Portugal cujos indicadores são o crescimento urbano, a construção de estradas de ferro e a formação de centros industriais. No entanto esse crescimento não foi suficiente para permitir que se absorvesse o excedente de população. O país continuava pobre.⁵⁷

Os números da emigração, de acordo com os especialistas, só podem ser considerados confiáveis a partir de 1886 e mesmo assim ignorando-se os passageiros clandestinos.

Tabela 1
Emigração portuguesa para o Brasil segundo a estatística brasileira⁵⁸

1820/1836	não consta
1837	120
1839	141
1840	206
1841	159
1842	49
1843-52	quase nula
1853	8.329*
1853-87	4.000 a 10.000
1872	12.908
1873	1.310
1888	18.250
1900	8.250
1913	76.701
1917	6.817
1920	33.883
1921	19.981
1922	28.662

*Na estatística brasileira indica-se que este número foi fornecido pelo consulado de Portugal o que prova que nesta época a estatística brasileira era também muito insuficiente. Os elementos dos anos anteriores devem por consequência pecar por insuficiência.

⁵⁴ Joel Serrão. A. H. de Oliveira Marques, Mirian Halpern Pereira, Maria Beatriz Nizza da Silva, por exemplo.

⁵⁵ Oliveira Martins, citado por Joel Serrão. Dicionário da História de Portugal, p. 364.

⁵⁶ A. H. de Oliveira Marques. História de Portugal. v.2, Ed.. Palas Lisboa, 1976, p. 185.

⁵⁷ J. Serrão, op.cit., p. 371.

⁵⁸ Simões, Nuno, “O Brasil e a emigração portuguesa”, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1934, p. 27.

Tabela 2
Emigração portuguesa para o Brasil, 1880 - 1945

Anos	Emigração portuguesa	Anos	Emigração portuguesa
1880.....	12.101	1913.....	76.701
1881.....	3.144	1914.....	27.935
1882.....	10.621	1915.....	15.118
1883.....	12.509	1916.....	11.981
1884.....	8.683	1917.....	6.817
1885.....	7.611	1918.....	7.981
1886.....	6.287	1919.....	17.068
1887.....	10.216	1920.....	33.883
1888.....	18.289	1921.....	19.981
1889.....	15.240	1922.....	28.622
1890.....	21.174	1923.....	31.866
1891.....	32.349	1924.....	23.267
1892.....	17.797	1925.....	21.508
1893.....	28.986	1926.....	38.791
1894.....	17.042	1927.....	31.236
1895.....	36.056	1928.....	33.882
1896.....	22.299	1929.....	38.879
1897.....	13.558	1930.....	18.740
1898.....	15.105	1931.....	8.152
1899.....	10.989	1932.....	8.499
1900.....	8.250	1933.....	10.696
1901.....	11.261	1934.....	8.732
1902.....	11.606	1935.....	9.327
1903.....	11.378	1936.....	4.626
1904.....	17.318	1937.....	11.417
1905.....	20.181	1938.....	7.435
1906.....	21.706	1939.....	15.120
1907.....	29.681	1940.....	11.737
1908.....	37.628	1941.....	5.777
1909.....	30.577	1942.....	1.317
1910.....	30.857	1943.....	146
1911.....	47.493	1944.....	419
1912.....	76.530	1945.....	1.474

Fontes: Carneiro, J. Fernando, *Imigração e colonização no Brasil*, Universidade do Brasil, Faculdade Nacional de Filosofia, assinatura de Geografia de Brasil, n° 2, 1, Rio de Janeiro, 1950, Baseado nas estatísticas oficiais brasileiras, apud Lobo, Eu lália, op., cit., p.32..

Qual a origem desses imigrantes? Até 1891, a maioria esmagadora era formada por agricultores, situação que se transforma entre 1897 e 1907 quando aumenta o número de imigrantes registrados como trabalhadores e incluídos na categoria “outros”.⁵⁹

⁵⁹ Lobo, Eulália, *Portugueses en Brasil...*

Tabela 3
Emigração portuguesa. Porcentagem por sexo e idade

Anos	Total	Meninos com 14 anos ou menos	% de meninos	Adultos de sexo masculino	% de sexo masculino	Adultos de sexo feminino	% de sexo feminino
1901-1905	128.360	26.214	20,4	94.396	73,5	34.004	26,5
1906-1910	197.809	34.805	17,6	152.827	77,3	44.982	22,7
1911-1915	271.225	57.837	21,3	185.614	68,4	85.611	31,6
1916-1920	153.634	22.330	14,5	101.946	66,4	51.688	33,6
1921	24.523	2.013	8,2	17.937	73,1	6.586	26,9

Fontes: International Migrations, pp. 229-356 e Estatística Demográfica, pp. 296-322, Apud Lobo, E., op. cit., p. 22.

A maior parte dos emigrantes era do sexo masculino, adultos, que vinham sozinhos ou recebiam auxílio financeiro para trazer a família. Joel Serrão⁶⁰ apresenta números para o período 1911/13, o de maior entrada de portugueses no Brasil, de acordo com o IBGE: 23,88% de “operários agrícolas”, seguida por 14,60% de agricultores.

Sendo a maioria dos emigrantes formada por trabalhadores agrícolas, que motivos teriam provocado essa busca por uma nova terra? A ambição de enriquecer e a falta de oportunidades em seu próprio país são os primeiros motivos relacionados por esses autores, o que reforça o mito da fortuna e do retorno, citado anteriormente. Costuma-se dizer sobre os emigrantes do final do século XIX e início do XX que eram trabalhadores não absorvidos pela desagregação do Antigo Regime e a introdução do capitalismo no campo; que vinham fugindo da proletarização; cujo destino foi procurar trabalho também em fábrica ou no comércio dando prioridade à área urbana⁶¹. Em Portugal esses filhos de camponeses não conseguiam de fato espaço no campo ou na cidade; como já foi dito o modelo de desenvolvimento econômico português não permitia a absorção do excedente demográfico provocado pelo fim das crises cíclicas e pela melhoria nas condições de vida no campo de maneira geral. Além disso a possibilidade de adquirir as terras liberadas por remissão dos forais era reservada a agricultores mais ricos, portanto a prosperidade do final do século XIX não teria sido partilhada por todos. A miséria e a falta de capital eram argumento das autoridades portuguesas para explicar o crescimento da emigração, com o aumento do desemprego e do subemprego. Se por um lado o êxodo reduzia o risco de conflito nessa estrutura fundiária que limitava o acesso à terra, por outro o seu aumento poderia afetar o equilíbrio das migrações internas de trabalhadores sazonais e conseqüentemente a interdependência entre a pequena exploração do centro e do norte e o latifúndio ribatejano e alentejano⁶². A prosperidade de 1870/89 e a diminuição da reserva de mão de obra não afetaram muito o resto da burguesia agrária lusitana que, precisando optar entre reformar a estrutura da propriedade fundiária e a imigração, assumiu uma certa tolerância com esta última. Enquanto o aumento da mecanização começava a suprir a necessidade de mão de obra no sul de Portugal, o lento crescimento industrial não absorvia o excedente demográfico. Pode se assim dizer que a imigração diminuía o problema social do desemprego e servia como válvula de escape para a tensão do incipiente movimento sindical operário e camponês.⁶³

Para a população excedente do campo havia também a opção de pagar a remissão do serviço militar (6 a 7 anos sem trabalhar) ou comprar passagem para o Brasil, que parecia

⁶⁰ Joel Serrão. Dicionário da História de Portugal, p. 369, citando Bento Carqueja.

⁶¹ Miriam Halpern Pereira, op. cit., p. 11. Esse trabalho foi referência para toda a argumentação sobre a vinda de imigrantes no período escolhido.

⁶² Ibidem p.51.

⁶³ M. H. Pereira, p. 52.

investimento mais seguro. De acordo com um dos nossos depoentes, que chegou ao Brasil em 1925, a maioria dos jovens vinha antes de prestar o serviço militar (sr. João “barbeiro”, 1998).

Desde o século XVIII os portugueses tentaram o enriquecimento no Brasil, dedicando-se principalmente ao comércio numa terra onde a agricultura era considerada ainda trabalho para escravos. Durante a primeira metade do século XIX calcula-se que os imigrantes lusos não eram completamente pobres e tenham contado com o auxílio da família que muitas vezes vendia ou hipotecava sua propriedade no campo para bancar os altos custos da viagem. A maioria vinha antes de prestar serviço militar e dedicava-se ao comércio de retalhos, associando-se muitas vezes à família do patrão através do casamento.⁶⁴

A partir da segunda metade do século XIX observamos a entrada aqui de portugueses totalmente sem recursos, cuja característica principal foi a substituição da mão de obra escrava. São os “engajados”, trabalhadores recrutados em Portugal através de um agente dos próprios fazendeiros, mediante contrato. Este tipo de imigração no entanto foi sempre muito criticada por ser prejudicial ao cidadão português, conforme relatórios de várias associações filantrópicas:

“Quase dois terços das pessoas socorridas por nossa associação vieram para este país engajados e foram estas que se apresentaram à diretoria no estado mais precário de saúde e em extrema pobreza, o que cada vez mais nos convence que os engajamentos que se têm feito em Portugal tem sido prejudicialíssimos aos nossos compatriotas”.⁶⁵

No fim do século passado as condições de trabalho para o imigrante no campo eram semelhantes às do escravo, inclusive no que diz respeito ao transporte, desembarque e contrato, como aparece claramente neste trecho citado por Joel Serrão:

“Comiam, dormiam e trabalhavam como os escravos, quer dizer, tinham a sua tamina (ração) de carne seca, feijão e farinha, que eram obrigados a cozinhar para comer na hora do almoço e do jantar (uma hora para cada refeição). Senzalas eram as habitações, que constavam de um pequeno quarto, não soalhado, com porta e janela, tendo por cama uma esteira, e por mobília uma pedra para se sentarem. Trabalhavam a par dos escravos, comandados pelo feitor também escravo e ornado do competente velho (vergalho de castigo), trabalho que principiava ao romper da alva e terminava às nove horas da noite, apenas com interrupção das refeições. De dia cavavam na terra, de noite lançavam ou tiravam tijolos do forno”.⁶⁶

Para este trabalhador, que vinha através de contrato com algum fazendeiro com objetivo de substituir o escravo, não se faziam exigências raciais; mas se viesse por conta própria o emigrante precisaria se adequar às características étnicas e culturais estabelecidas pela burocracia imperial: ser preferencialmente branco e católico.⁶⁷ Desta forma a questão imigratória vinculou-se desde o século passado ao debate sobre a formação da nacionalidade brasileira, o modelo de sociedade que se construía, que povo seria mais desejável para completá-la neste processo; daí em parte a preferência que foi dada ao imigrante português, pela homogeneidade cultural e lingüística. A partir daí podemos também entender a grande perseguição sofrida pelo português pobre no meio urbano, que comprometia a imagem do imigrante “civilizador”.

⁶⁴ Ribeiro, Gladys Sabina. *A liberdade em construção: identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado*, tese de Doutorado. IFCH-UNICAMP. 1997.

⁶⁵ Silva, Maria Beatriz Nizza da. *Filantropia e Imigração*. A Caixa de Socorros D. Pedro V, Rio de Janeiro, 1990, p. 3.

⁶⁶ Serrão, J. *Dicionário da História de Portugal*, p. 367.

⁶⁷ Cf. Alencastro. *op.cit.* p. 293.

A política emigratória portuguesa entre 1877 e 1930 tinha três preocupações básicas: manter a corrente de divisas proveniente do Brasil, conseguir deslocar para a África o fluxo emigratório com a finalidade de implantar ali a administração portuguesa e conciliar esses dois objetivos com as necessidades de mão de obra da burguesia agrária e industrial.⁶⁸

Tabela 4
Ocupação dos imigrantes portugueses no Brasil, 1890 – 1922

Anos	Agricultura	Artesanatos	Trabalhadores*	Outros**
1890	67.338	15.254	-	2.580***
1891	164.194	20.039	-	6.918
1892	-	-	-	-
1893	85.555	-	9.283	29.562
1894	31.835	-	1.734	164
1895	87.712	1.833	-	2.228
1896	128.318	-	3.204	26.426
(faltam dados 1897 -1907)				
1908	41.570	-	43.979	-
1909	43.720	-	35.057	-
1910	57.451	-	21.133	-
1911	99.124	-	26.913	-
1912	134.141	-	41.795	-
1913	142.316	-	46.868	-
(faltam dados 1914 - 1921)				
1922	18.511	1.782	29.173	17.501

Fontes: Statistica della Emigrazione all'Estero 1891 - 1915 e de 1892 a 1916 Presidência da República do Brasil. Relação do Ministério da Agricultura Indústria e Comércio, Ildefonso Simões Lopes, Rio de Janeiro, 1920 e 1921 , e Miguel Calmon de Pin e Almeida, 1925. Apud Pescatello, Anne Marie, op. cit. P. 445. Apud Lobo, E., op.cit., p.24.

Observações: ' Não existe especificação dos trabalha" A categoria outros compreende: negociantes, industriais, profissionais liberais, religiosos, intelectuais, artistas, domésticos e autônomos.

** Os dados relativos aos anos de 1890 e 1891 agrupam as categorias de trabalhadores e outros.

Na verdade parece que os portugueses sempre foram tolerantes com a emigração; a entrada de estrangeiros no Brasil colônia era permitida desde o século XVI quando eles podiam até ser comerciantes, desde que pagassem 10% do valor das suas mercadorias como imposto de importação e não traficassem com os indígenas⁶⁹. Mas a partir do século XVIII já havia legislação restringindo o êxodo da população metropolitana, fruto do descobrimento das minas na colônia; em 1732 o Conselho Ultramarino alertava: “*por este modo se despovoará o reino*”⁷⁰, numa época de crescimento demográfico instável característico do Antigo Regime. No entanto a política imperial continuava sendo fundar colônias e povoá-las.

Até fins do século XIX persistiu a restrição à emigração, já agora sem justificativa demográfica, devido à influência da burguesia agrária e da classe senhorial da terra nas estruturas econômica e política portuguesas. A mão de obra camponesa pobre obrigada a trabalhar para outros era base do modelo de exploração agrícola lusitano.

Nas duas primeiras décadas do século XX, período de maior entrada de portugueses no Brasil, era clara a preocupação das autoridades lusas para com a antiga questão do despovoamento e a sustentação econômica do processo emigratório – a remessa de dinheiro para Portugal. A esse respeito Miriam H. Pereira comenta duas cartas de época assinadas por Bernardino Machado, da Legação de Portugal no Rio de Janeiro, ambas de 1913 e referentes à imigração clandestina. Na primeira carta, confidencial e endereçada ao Ministro dos

⁶⁸ Pereira, M. H. op.cit., pg. 53.

⁶⁹ Holanda, S. Buarque de. op.cit. p.108

⁷⁰ Idem. p. 365. O trabalho de J. Serrão é nossa referência para a compreensão de Portugal na entrada do século e a questão da imigração.

Negócios Estrangeiros, o autor é claro e direto; pede que se proibam as agências de imigração, que se exija passaporte mesmo dos passageiros de terceira classe e se transforme a polícia preventiva da imigração clandestina em corpo inspetor de todos os imigrantes, com acesso aos navios. Propõe também a criação de uma Junta Superior de Imigração (com sede na capital e Juntas locais nos portos de Lisboa e Porto) e uma Caixa de Repatriação para os imigrantes que desejem voltar para Portugal. Enfim, medidas administrativas visando a repressão e o repatriamento dos imigrantes. Na segunda carta, não confidencial e bem mais longa, Bernardino Machado sugere, além da repressão pura e simples, que se façam campanhas de informação oral e escrita e instrução nas escolas: *“a instrução fixa o indivíduo à família e à pátria... concorre para que os emigrados, por mais longe que se espalhem, se mantenham sempre em íntima correspondência e comunhão com elas.”*⁷¹

Apesar das restrições, o grande movimento emigratório para o Brasil se mantém desde a segunda metade do século XIX até 1930, a despeito das tentativas portuguesas de fazer de Angola e Moçambique novos “brasis”, desviando a emigração para a África e estimulando o retorno com a lei de 1877, que não obteve resultados práticos.⁷²

Desde fins do século XIX o processo emigratório começara a se desligar do projeto imperial português, voltando-se para a tentativa de resolver o problema da mão de obra camponesa não absorvida pelo lento crescimento industrial, como já foi observado, A política de repressão à emigração clandestina e aos engajadores estabelecida a partir de 1896 e reforçada por sanções em 1901 não funcionara, devido em parte ao apoio que o Brasil dava a este tipo de atividade, Além disso, os números da emigração para a África nunca ultrapassaram os do Brasil, apesar das dificuldades criadas pela burocracia, que por fim só favoreceram a clandestinidade e o “negócio” do recrutamento. Tirando a guerra de 1914/18, pouco se fez para impedir a saída de emigrantes de Portugal.

Nos séculos XIX e XX o Brasil teve a preferência dos portugueses que deixavam sua terra não só pelo imaginário do enriquecimento fácil. Também a política de imigração brasileira ajudou na escolha do destino desses homens e mulheres. Após a assinatura com a Inglaterra do tratado de 1810 a política brasileira de imigração tem dois objetivos: substituir o escravo, na medida em que se previa o fim do tráfico e alargar a zona agrícola⁷³, criando novas áreas onde o trabalho do europeu branco católico estaria mais de acordo com a ideologia civilizatória da classe dominante. O recrutamento de imigrantes no final do século XIX era organizado por empresas com subsídios do governo brasileiro. No século XX a Secretaria de Agricultura do Brasil recebia recursos para propaganda e despesas de introdução de imigrantes, distribuindo os subsídios aos empresários que angariavam pessoas interessadas em aventurar-se no além-mar, confirmando a teoria de que existia aceitação do imigrante a nível governamental devido aos seus benefícios.

⁷¹ Pereira, Miriam Halpern. op.cit. p. 245-6. Fonte, Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Emigração para a América do Sul, 1913/1921, terceiro piso, armário 6, maço 22.

⁷² M. H. Pereira, p. 50.

⁷³ Idem. p.16.

Tabela 5
População do Brasil, na data dos recenseamentos gerais

ESPECIFICAÇÃO	POPULAÇÃO DE FATO		
	31-XII-1900	1º-IX-1920	1º-IX-1940
TOTAL.....	17.318.556	30.635.605	41.236.315
Segundo a nacionalidade: Nacionais	16.061.750	29.045.227	39.822.487
Estrangeiros(1)	1.256.806	1.590.378	1.413.828
Segundo a idade (anos completos)			
10 a 19	3.898.725	7.424.561	9.772.003
20 a 29	3.004.417	5.329.781	7.169.725
30 a 39	2.035.337	3.560.225	4.901.682
40 a 49	1.347.098	2.401 .200	3.441 .727
Produção, transformação, circulação e distribuição....	(2) 6.802.749	8.392.022	(3) 3.418.498
Segundo as profissões			
Administração e profissões Liberais	(2) 157.249	394.353	(3) 601 .625
Outras categorias	(2)10.358.558	21.849.230	(4)15.017.726

NOTA - Os resultados referentes a 31- XII - 1900 incluem, quanto ao Distrito Federal, dados estimados com base nos recenseamentos Gerais de 1872 e 1890, por terem sido anulados, nas partes à Capital da República, os resultados do Recenseamento de 1900.

(1) Incluídos os de nacionalidade ignorada e os brasileiros naturalizados

(2) Incluídos, quanto ao Distrito Federal, resultados obtidos aplicando-se à população estimada para 1900, os coeficientes observados no Recenseamento de 1906.

(3) Recenseados de 10 anos e mais, incluídas as pessoas de idade ignorada.

(4) Recenseados de 10 anos e mais, incluídas as pessoas de idade ignorada e inativas. Fonte: I BG E

A política brasileira de imigração se definiu por incentivo ao aumento da população até 1929⁷⁴: havia muitas áreas despovoadas, além da já citada necessidade de mão de obra livre; ainda em 1927 a Liga Agrícola no Brasil se opõe à suspensão dos créditos governamentais para apoio às empresas de recrutamento. No entanto, desde 1923 as autoridades portuguesas representadas pelo seu adido comercial sugeriam restrições à imigração argumentando que a situação havia mudado: o comércio entre Portugal e Brasil diminuiria “*nos últimos dez annos na razão de 5 para 1; porque o imigrante se fixava no Brasil apesar do nativismo que obrigava as instituições mesmo estrangeiras a ter metade de funcionários brasileiros, da nacionalização da pesca, e do nacional dominar o comércio das grandes cidades*”.⁷⁵

Com o protecionismo imposto pelo governo brasileiro na década de 30, diminuiu sensivelmente a remessa de valores para a Europa e as famílias que dependiam desses recursos do Brasil ficam em dificuldades financeiras, o que provoca uma queda no consumo e no valor da propriedade em Portugal. O impacto da interrupção das remessas, calculadas em 20 a 30 mil contos nas duas primeiras décadas do século XX⁷⁶ foi tamanho que se atribui a ele o fim de um ciclo econômico. O adido comercial português propõe o fim da restrição à imigração em troca da isenção para vinhos e bebidas portuguesas engarrafadas, durante pelo menos dois anos, o que representaria uma vantagem econômica de 16.500 contos. Pede também que se proíba o embarque de imigrantes menores de 21 anos, para não perderem os laços com Portugal; os maiores sempre deixam alguém, uma lembrança mais forte da terra, mantém vínculos; os muito novos esquecem rápido e nem tem memória da pátria⁷⁷. Como pudemos perceber nos depoimentos, outra forma de Portugal garantir o fluxo de remessas de

⁷⁴ Pereira, Miriam Halpern, op.cit.p. 21.

⁷⁵ Idem. op.cit. p. 247. Relatório do Adido Comercial de Portugal no Brasil, Rio de Janeiro, 15/12/1923, relatório n.8 ao Ministro dos Negócios Estrangeiros.

⁷⁶ M. H. Pereira, p. 37.

⁷⁷ Idem. p.255. Assina J. de Carvalho Neves, Adido Comercial, 15/12/1923

dinheiro, transformado em alicerce político e financeiro do Estado era incentivar os homens casados a virem sozinhos.

Com base no que dizem os autores consultados, o processo imigratório nunca foi controlado de fato antes de 30 porque não havia real interesse nisso de ambos os lados. A população portuguesa se mobilizava para emigrar como saída para seus problemas, por sonhar com o “eldorado”, etc. As autoridades portuguesas usavam a imigração como fonte de arrecadação e alívio para os conflitos de terras. E as autoridades brasileiras se interessavam pelo fluxo de mão de obra barata. O processo só diminuiu com a política de restrição de 1925/31 e a crise financeira de 29; as principais medidas restritivas tomadas pelas autoridades brasileiras foram a proibição da entrada de imigrantes trazidos por empresas sem autorização da diretoria geral de serviços de povoamento, a suspensão do subsídio às empresas de recrutamento e a proibição em 1931 da imigração e da remessa de dinheiro.⁷⁸

A esse respeito Nuno Simões observa em conferência sobre a imigração realizada em 1931 em Lisboa que a legislação protecionista de Getúlio Vargas tivera como resultado basicamente a penalização do trabalhador imigrante, sem mudar o quadro de recessão do mercado como se propunha o governo brasileiro. Em 1929, Lindolfo Collor justificava a necessidade de se ter uma política para o trabalhador imigrante (no caso a restrição pura e simples à sua entrada no país) com a propaganda getulista de que *‘se o trabalhador nacional não fosse bem assistido, os de fora não viriam’*. Era a argumentação oficial para o protecionismo da legislação de 1930, que restringiu a imigração estrangeira sob pretexto de preservar o mercado de trabalho para os “nacionais” e que fez parte da política trabalhista. O momento era de crise e desemprego no Rio e em São Paulo e a situação da agricultura cafeeira era precária quando o Ministério do Trabalho assinou o decreto que limitava o desembarque de estrangeiros na terceira classe, considerados responsáveis *“pelo aumento da desordem econômica e da insegurança social”*. Só poderiam desembarcar os que pudessem comprovar emprego ou possuísem recursos para se manter, de acordo com legislação de 1924. Nuno Simões assume a defesa do imigrante “traído” pelas autoridades brasileiras, considerando que o desdobramento mais expressivo da Lei dos 2/3 seria o inevitável desemprego de milhares de portugueses que teriam vindo muitas vezes com estímulo do próprio governo brasileiro, se casado e tido filhos no Brasil. A legislação restritiva só conseguiria, neste caso, mudar a nacionalidade do desempregado⁷⁹. A partir daí, observa Joel Serrão que Portugal enfrenta um período sombrio na história de sua classe trabalhadora do campo e da cidade, agravado pela degradação das décadas de 30/40, período em que os trabalhadores sentiram os efeitos da destruição provocada pela guerra e a repressão às lutas sindicais. Isso teria sido agravado pela impossibilidade de promoção social pela emigração, que encobriria por várias décadas a diferença entre Portugal e o resto da Europa, época em que a produção não aumentara na mesma proporção do consumo e da importação, provocando maior dependência externa.

É neste contexto restritivo do ponto de vista oficial e marcado pelo jacobinismo da população brasileira nos anos 30 que os imigrantes portugueses em Niterói constroem, em torno da Sociedade Portuguesa de Beneficência e do Centro Musical Beneficente o ethos do trabalhador incansável e solidário que representaria a “verdadeira alma lusitana”, de acordo com o Álbum da colônia Portuguesa. Podemos dizer que essa parte da colônia lusa niteroiense “inventou” esse país e construiu positivamente sua imagem enquanto grupo. E são os filhos e netos desse período de repressão à imigração que, como narradores da história, reconstróem o imaginário dos seus antepassados; seu modelo tem um pouco do mítico “conquistador português” de Sérgio Buarque no que este tem de positivo e um pouco do

⁷⁸ M. H. Pereira, p. 58.

⁷⁹ Simões, Nuno. op.cit. p. 8-15.

trabalhador moderno, símbolo da revolução industrial, contanto que amparado pela família, pela colônia e pelos padrinhos.

3. Niterói no início do século

3.1. Aspectos da urbanização

Os imigrantes que chegaram a Niterói no início do século vivenciaram um período de “revanche” da cidade reconduzida em 1902 à posição de sede do governo fluminense. A capital do Estado do Rio havia sido transferida em janeiro de 1894 de Niterói para Petrópolis, em função da Revolta da Armada.

A antiga Vila Real de Praia Grande, compreendendo as freguesias de São Sebastião de Itaipu, São Lourenço e São Gonçalo de acordo com o alvará de 10 de maio de 1819 havia se tornado capital da província e sido elevada à condição de cidade em 1835, rebatizada como Niterói⁸⁰. Passa então a englobar as freguesias de Nossa Senhora da Conceição de Jurujuba e Nossa Senhora dos Cordeiros; o município de S. Gonçalo foi criado em 1890 a partir do desmembramento das freguesias de São Sebastião de Itaipu, São Gonçalo e Nossa Senhora da Conceição de Cordeiros.

Até 1904 Niterói conservava aspecto colonial, sem rede de esgotos e sistema de distribuição de água potável; as prefeituras municipais foram criadas em 1903 e em 1904 o prefeito Paulo Alves começou a remodelação da cidade. Fora nomeado por Nilo Peçanha, então presidente do Estado comprometido com a recuperação da lavoura do interior, a regularização das finanças e a modernização da capital do Estado. Sua política de saneamento, a exemplo do que acontecia na cidade do Rio de Janeiro, acabou provocando um clima de descontentamento que provocou o afastamento do prefeito; foi sucedido por Pereira Nunes e Leoni Ramos que levaram à frente grande parte do que fora planejado⁸¹. Na administração de João Ferraz (1907/10) aconteceram grandes obras como a drenagem do Campo de São Bento e a construção do palácio da prefeitura; é o mesmo período da fundação da Sociedade Beneficente colônia Portuguesa de Niterói. A leitura da síntese que Mattoso Maia faz das principais mudanças realizadas na área urbana podem nos dar a dimensão de como a cidade se transformava:

“... o alargamento, retificação e calçamento a paralelepípedos das ruas Marechal Deodoro, S. Lourenço, Sant'ana, General Castrioto e Visconde do Rio Branco; organização do Horto Municipal; reconstrução do edifício da Câmara; conclusão da Alameda São Boaventura; ajardinamento do Campo de São Bento, dos largos da Memória e Fonseca Ramos; serviço de esgotos, vilas, jardins (construiu-se por iniciativa particular a Vila Pereira Carneiro); transferência do Hospital São João Batista para a municipalidade; criação do Centro de Serviços municipais, compreendendo limpeza pública, seção de bombeiros, depósito municipal; fundação de uma estação balneária na praia de Icaraí, compreendendo Hotel e Cassino... estabeleceu regras e sugestões para a contribuição do calçamento, depósito de inflamáveis, criação de um Conservatório no Teatro João Caetano; construção do Matadouro; taxa sanitária, tributação de terrenos baldios; imposto de publicidade (letreiros, tabuletas, etc.); cartas de habilitação profissional (maquinistas, foguistas, etc.); fiscalização de máquinas; imposto de meia décima sobre as propriedades da zona suburbana; celebração de festas cívicas; fusão de vários tributos em um único, o imposto de empachamento; proibição de trânsito de vacas leiteiras pelas ruas, asseio do vasilhame e exame do leite; transformação dos açougues, estábulos e cocheiras; mecanização do serviço nas padarias e fiscalização destas, venda de pão a peso; matrícula de animais; supressão dos ‘quiosques’ nos logradouros públicos; apanha de cães, etc...”⁸².

⁸⁰ Guia do Patrimônio documental do Estado do Rio de Janeiro, Arquivo Público do Estado, RJ, *O Arquivo*, 1997.

⁸¹ Wehrs, Carlos. *Capítulos da Memória Niteroiense*. p. 46.

⁸² Forte. Mattoso Maia, citado por Wehrs. Carlos. *Niterói, Cidade Sorriso. História de um Lugar*.

Em torno da Praça D. Pedro II mais tarde Praça Padre Feijó construiu-se um conjunto de prédios em muito semelhante ao complexo da Cinelândia, no Rio de Janeiro: estão ali a Assembléia Legislativa, o Fórum, a Polícia Central e a Escola Normal e a Biblioteca Municipal. No centro da Praça ergueu-se durante a presidência de Feliciano Sodré (1927) o Monumento à República ao qual faremos referência mais à frente.

É curioso observar que as referências à modernização da cidade incluem sempre este núcleo arquitetônico, onde depois se introduziu o Hospital Santa Cruz (Beneficência Portuguesa), e no qual podemos incluir ainda o prédio dos Correios e o da Cantareira.



Figura 2 -
Detalhe da
estação da
Cantareira em
1913, Jornal
Ilustrado.



Figura 3 -
Detalhe do
prédio dos
Correios,
1914, Álbum
de Niterói,
1925.

Já o bairro da Ponta d'Areia tem características bem diferentes. Formado por um conjunto de casas que ainda resistem à beira do cais, espreme-se entre o mar e o morro da Penha, lembrando muito o bairro da Saúde, zona portuária do Rio de Janeiro; cresceu em função dos estaleiros que movimentaram Niterói desde a primeira metade do século passado e empregaram centenas de imigrantes em torno das atividades ligadas à construção naval⁸³.

A história deste bairro está definitivamente ligada no imaginário da cidade à figura do empresário Irineu Evangelista de Sousa, futuro Barão de Mauá e hoje nome da principal rua da Ponta d'Areia, que em 1846 adquiriu o complexo envolvendo um estaleiro e pelo menos duas barcas a vapor e uma fundição:

“Não distante da Praia Grande estão a fundição de máquinas e os estaleiros da Ponta d'Areia, onde 400 a 500 mecânicos e operários sob supervisão européia e brasileira, efetuam trabalho de importância. No ano de 1854, além de caldeiras, alambiques etc., esse estabelecimento construiu quatro navios a vapor com suas máquinas e mais dois navios e um veleiro de três mastros estão em construção”⁸⁴.

Apesar de ter empregado no auge de seu estaleiro cerca de 1000 operários, época em que produziu tubos de ferro para água e gás, peças de artilharia em bronze e construiu navios inclusive para a Marinha de Guerra, o Barão abriu falência em 1878 depois de tentar vender a Cia. Ponta d'Areia aos ingleses. Outra empresa histórica do bairro é a Companhia Comércio e Navegação cujo principal acionista foi o conde Pereira Carneiro que construiu nas imediações uma Vila com seu nome para o pessoal da empresa; até hoje a Companhia presta serviços de reparos navais, manutenção de motores marítimos e construção de navios. Funcionam atualmente na Ponta d'Areia outras empresas de reparos e construção naval, de pequeno e médio porte.

3.2. Imigração urbana

Iam para Niterói, contam os depoentes, os que tinham parentes esperando, ou os que vinham com um emprego arranjado, ou ainda como diz o sr. Waldyr, “*Vieram prá Niterói os de menos recursos, os alemães iam prá Friburgo, os japoneses prá S. Paulo...Ele (o pai) era de Trás os Montes, região montanhosa e praticamente Niterói era um vale e dava pro mar. Era o Eldorado ... Os que foram pro Rio tinham uma categoria acima, tinham mais posses*”. Sua explicação mistura curiosamente um critério econômico com a pura realização de um prazer, que possivelmente influenciou a escolha dos candidatos a imigrante pelo “Eldorado”⁸⁵. Idéia semelhante aparece no relato de outra filha de imigrante:

“(...) Nunca vira um lugar tão lindo, tão exuberante, tão cheio de cor. O sangue lhe correu mais rápido nas veias e o coração lhe bateu mais forte. Era ali que iria viver. Era ali que queria ficar. O tio que seguisse para São Paulo. Ele terminava ali sua viagem. O seu destino era aquela cidade que o conquistara à primeira vista”⁸⁶.

A cidade do Rio de Janeiro, capital da República, no início do século recebia grande quantidade de imigrantes, que vinham alimentar o processo de transição da sociedade que se

⁸³ Cf. Planta do bairro em anexo

⁸⁴ Wehrs. op. cit. p. 153.

⁸⁵ Nossa intenção não é minimizar os outros componentes que estiveram por trás do processo imigratório, como as condições sociais e econômicas em Portugal e no Brasil, a política de imigração, etc.. como veremos no próximo capítulo. Apenas consideramos que faz parte do processo de escolha a motivação interna do indivíduo, até certo ponto imponderável.

⁸⁶ Alba. Maria Luiza. Travessia, Ed. El Augur, Paraguai. 1994, p.23/32.

baseara no trabalho escravo para outra mais moderna, alinhada com a ordem capitalista, baseada no trabalho assalariado e livre.

Tabela 6
Entrada de imigrantes no Brasil, em São Paulo e Rio de Janeiro, 1901 – 1910

Anos	Total Brasil	São Paulo	% do total	Rio de Janeiro
1901.....	85.306	70.348	82,5	13.324
1902.....	52.204	37.831	72,5	114.950
1903.....	34.062	16.553	48,6	-
1904.....	46.164	23.761	51,5	19.914
1905.....	70.295	45.839	65,2	23.147
1906.....	73.672	46.214	62,7	27.147
1907.....	58.552	28.900	49,4	31.173
1908.....	85.410	38.308	44,9	-
1909.....	94.695	37.278	39,4	-
1910.....	88.564	39.486	44,6	-

Fontes: Pescatello, Anne Marie, The both ends of the Journey. An Historical Study of Migration and change in Brazil and Portugal, 1889 - 1914, pp. 431 e 450, apud Lobo, Eulália, op.cit.p.36

Tabela 7
Distribuição da população portuguesa no Brasil, por Estados, 1929.

Distrito Federal.....	272.338	Sergipe.....	137
Rio de Janeiro.....	31.527	Alagoas.....	260
São Paulo	281.418	Pernambuco	5.289
Mato Grosso	1.572	Paraíba	144
Goiás	334	Rio Grande do Norte	89
Minas Gerais	20.050	Ceará	325
Santa Catarina.....	556	Piauí	72
Paraná	1.998	Maranhão.....	687
Espírito Santo	1.900	Pará	15.631
Bahia	3.679	Amazonas	8.376

Fonte: Dados do Álbum da Colônia Portuguesa no Brasil, apud Simões, Nuno, O Brasil e a emigração portuguesa. Notas para um estudo, Coimbra. Imprensa da Universidade, 1934, p. 34. Apud Lobo, Eulália, op.cit. p.38.

Niterói, capital da província, também absorveu parte desse contingente de trabalhadores. A maioria dos imigrantes vinha de Portugal: o recenseamento de 1920 para Niterói indica uma população de 73.367 habitantes, dos quais 12.656 estrangeiros e entre esses, 9.488 portugueses. O período 1900-1920 foi o de maior fluxo de entrada de portugueses no Brasil: entre 1901/10 foram 218.193, de 1911 a 1920, foram 321.507. Entre 1921 /1930 este número cai para 286.772⁸⁷. Alguns ao chegar contavam com o apoio dos familiares já radicados.

⁸⁷ Dados do IBGE.

Tabela 8
POPULAÇÃO ESTRANGEIRA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, SEGUNDO A NACIONALIDADE
E O SEXO RECENSEAMENTO REALIZADO EM 01 DE SETEMBRO DE 1920

PAIZES PAYS		Nictheroy		
		Homens Hommes	Mulheres Femmes	Total
	Hespanha..... Espagne	378	382	960
EUROPA (EUROPE)	Itália..... Italie	433	317	750
	Portugal..... Portu al	7.671	1.817	9.485
	TOTAL DE ESTRANGEIROS TOTAL	9.546	13.110	12.656
D'ETRANGERS				

' Inclusive os estrangeiros que adoptaram a nacionalidade brazileira (Y compris les étrangers qui ont adopté nationalité brasilienne

Diretoria Geral de Estatística, Recenseamento realizado em 1 de setembro, 1920.

Tabela 9
População dos municípios de cada um dos Estados do Brazil, segundo a nacionalidade e o sexo
Population des municipes de chaque État du Brésil, d'après la nationalité et le sexe ESTADO DO RIO
DE JANEIRO

Municípios Municipies	Distritos Districts	Brazileiros Breésiliens			Estrageiros Etrangers			Nacionalidade ignorada Naciobalité Inconnue		
		Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
Homens	Mulheres	Total	10.645	20.831	3.228 56	1.207 7	4.435 63	10	4	14
	São Domingos	3.142	4.085	7.227	679 31	447 4	1.126 35	43	39	82
	Icaraí	6.383	7.766	14.149	1.160 37	574 9	1.734 46	10	12	22
	São Lourenço	5.460	5.694	11.154	632 31	315 11	947 42	2	2	4
	Barreto	4.909	5.170	10.079	552 16	274 5	826 9	36	28	64
	Jurujuba	4.454	3.928	8.382	451 8	194 1	645 9	18	11	29
	Ilhas	1.127	418	1.545	2.844 16	99 4	2.943 20	-	-	-
	Total	35.661	37.706	73367	9.546 195	3.110 41	12.656 235	119	96	215

NOTA - Os números em typo menor representam a totalidade de estrangeiros que adoptaram a nacionalidade brazileira. (Les chiffres en caractères minuscules representent la totalité des étrangers qui ont adopté la nationalité brésilienne). Fonte: Recenseamento realizado em 1/9J1920, IBGE

Os portugueses recém chegados iam para a Ilha das Flores, onde ficava a hospedaria de imigrantes e ali passavam por uma triagem. A preocupação em se preparar um local onde pudessem ser colocados os doentes considerados prejudiciais à saúde pública, evitando-se assim a demora de 48 horas sem poder desembarcar, fez com que se construísse em 1897 o lazareto da Ilha Grande, por onde passavam os imigrantes que aportavam no Rio de Janeiro. O serviço sanitário dos portos, responsabilidade da Inspetoria Geral de Saúde dos Portos e submetido ao Ministério do Interior fora reorganizado pelo decreto 9554 de 1886; criou-se

uma diretoria geral de saúde pública para execução do serviço sanitário dos portos em 1897 e o litoral da República foi dividido em três distritos sanitários, cada um com seu lazareto. A sede do primeiro distrito era o porto do Rio de Janeiro cujo lazareto ficava na Ilha Grande. A hospedaria é descrita idilicamente por um neto de imigrantes, que conheceu a ilha apenas como “turista” e nunca precisou ficar lá:

“Meu avô era mestre arrais da ilha das Flores, trazia imigrantes de lá. Plantava laranja na zona rural de Niterói, morreu em 35. Nós fomos de barco, apanhamos ali nas Neves prá ilha das Flores, fomos eu, minha mãe, meus irmãos e ele, que nos mostrou a ilha toda, era chamada das flores porque era toda arborizada, florida com caramanchões, o estrangeiro chegava aqui ficava admirado, a cozinha enorme, aqueles panelões enormes, eles faziam comida para os imigrantes, eram muito bem tratados. Tinha os alojamentos, muito bons. Dali eram registrados e deslocados para a agricultura, um local determinado pelo Estado”. (Sr.Dario)

Na verdade nem sempre os imigrantes eram encaminhados para o trabalho no campo; dependia de terem outras ocupações previamente arranjadas por conhecidos ou parentes, como no caso do sr. João. Ele conta que a distração dos agentes de segurança brasileiros era tentar adivinhar a nacionalidade dos recém-chegados apenas por sua aparência e que nesse jogo o sr. João enganou a todos por ser um rapaz louro de olhos claros; os portugueses deveriam corresponder ao tipo moreno de olhos negros ou castanhos.

“Cheguei ao cais do porto dia 8 de outubro de 1926, fui prá Ilha das Flores, no navio vim com mais 8 rapazes da minha região. Meu tio foi me buscar no bote São João. Na imigração nós tínhamos que apresentar os documentos todos; os exames eram feitos lá em Portugal”. (Sr. João “barbeiro”)

Quem não tinha parentes ou conhecidos esperando e conseguia se fixar na área urbana, procurava muitas vezes as associações beneficentes, culturais ou recreativas portuguesas. O associativismo que foi característico da imigração lusa entre fins do século XIX e início deste, pode ter representado a materialização do espírito solidário reivindicado pelos descendentes de portugueses que foram entrevistados. A origem do mutualismo poderia ser procurada na organização do trabalho agrícola em Portugal (utilização comunitária da terra) e no costume indígena de oferecer “mutirão”, absorvido pelo colonizador, como observa Sérgio Buarque de Holanda.

Tabela 10
POPULAÇÃO DE NICTHEROY (CAPITAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, SEGUNDO AS PROFISSÕES E A NACIONALIDADE
 (Population de Nictheroy (capitafe de l'État de Rio de Janeiro d'après les professions et la nationalité)
 Recenseamento realizado em 1 de setembro de 1920

PROFISSÕES PROFESSIONS				BRAZILEIROS BRÉSILIENS			ESTRANGEIROS ETRANGERS		
				0 a 20 anos	21 a + anos	Total	0 a 20 anos	21 a + anos	Total
Produção da matéria prima (Production de la matière première)	Exploração do solo e sub-solo (Exploitation du sol et du sous-sol)	Exploração do solo (Exploitation du sol)	Agricultura, etc. (Agriculture, etc.)	228	1.130	1358	39	754	793
			Caça e pesca (Chasse et pêche)	126	300	426	7	76	83
Transformação e emprego da matéria prima (transformation et emploi de la matière première)	Indústrias (industries)	Segundo a natureza da matéria prima (d'après la nature de la matière première)	Metallurgia (Métallurgie)	488	1.029	1.517	66	474	
			Vestuário e Toucador (Habillement et toilette)	544	1.770	2.314	53	441	
	Edificação (Bâtiment)	339	1.377	1.716	47	817			
		Transportes (transports)		Mar t ~ s e fluviaes (Maritimes et par	110	893	1.003	82	2.335
	Comercio (Commerce)		Comercio propriamente dito (Commerce proprement dit)	630	1.649	2.279	144	1.308	
	Diversas Divers		Pessoas que vivem de aus rendas (personnes vivant de leurs revenus)	-	287	287	-	112	
			Serviço Doméstico (travail domestique)	1.467	2.596	4.063	56	388	

(1) Inclusive os estrangeiros que adoptaram a nacionalidade brasileira. (Y compris tes étrangers qui ont adopté la nationalité brésilienne)

É interessante observar que a “urbanização” da imigração portuguesa passou a ser uma posição oficial das autoridades lusas, preocupadas com o comércio português, entendido

como o comércio de produtos portugueses. A partir dos anos 20, as Câmaras Portuguesas de Comércio no Brasil, que anteriormente defendiam a ruralização do imigrante mediante distribuição de terras, passam à posição oposta: *“o emigrante urbano será sempre um bom consumidor dos produtos portugueses, ao passo que o emigrante rural, produzindo ele próprio produtos idênticos, anula-se como consumidor de muitos produtos, diminui o seu consumo em relação aos que não pode produzir e abre, nos mercados brasileiros, com o excesso da sua produção, uma concorrência danosa aos seus irmãos de Portugal, que produzem gêneros alimentícios de exportação, e ao comércio desses gêneros no Brasil”*⁸⁸.

A variedade de ocupações para o imigrante no meio urbano era enorme. Segundo Maria Beatriz Nizza da Silva, havia interesse também em contratar mulheres como empregadas domésticas nas grandes cidades e a partir dos anos 30, como copeiras, arrumadeiras, damas de companhia, governantas, roupeiras.

Por um lado os imigrantes que eram lavradores em sua terra natal eram atraídos para os grandes centros urbanos, onde podiam escapar dos contratos desfavoráveis de trabalho rural e ganhar melhores salários. Por outro, o fraco desenvolvimento industrial do Brasil no início do século empurrou imigrantes para o comércio ou para os transportes; muitos se empregavam como caixeiros, carroceiros, vendedores ambulantes, carpinteiros, pedreiros. De fato os imigrantes urbanos conseguiam melhorar suas condições de vida⁸⁹ em relação aos agricultores; isso também foi verdadeiro para todos os entrevistados (que contaram com a decisiva ajuda de um padrinho, claro).

Mas a “urbanização” do imigrante português aconteceu em meio a conflitos com a população nacional. O enfrentamento vinha do século XIX, particularmente dos anos 90, marcados por ataques de “jacobinos” que inclusive dispunham de veículos de propaganda, como por exemplo o jornal *O Jacobino*. As relações entre brasileiros e portugueses neste período foram analisadas por Gladys S. Ribeiro⁹⁰ sob a perspectiva da construção da nova ordem republicana. Sua hipótese central é que houve a recriação do antilusitanismo entre 1889-1930 e que a forma como os brasileiros viam e reagiam ao imigrante português variava de acordo com os períodos de maior ou menor tensão social. Desta forma, as “visões” do imigrante se constituíram numa forma de controle social, permeando toda a sociedade e atingindo o cotidiano da população trabalhadora. O português recém-chegado era visto ora como o bom trabalhador, disciplinado e “pau prá toda obra”, ora como concorrente do brasileiro pelas escassas vagas no mercado de trabalho⁹¹. Era ordenador, na medida em que representava a submissão à ética do trabalhar duro; por outro lado, criava desordem ao “explorar” o brasileiro, como patrão ou proprietário de algum comércio. Sua presença tinha um lado positivo, pois apesar de não ser visto como o “europeu civilizado”, ele encarnava o esforço da construção pelo trabalho, que levaria ao progresso e à modernidade. A fama de “burro de carga” assumida pelo imigrante, além de poder ter representado uma forma de adaptação às dificuldades de sobrevivência em terra estrangeira, tornou-se uma característica, mesmo dos que contavam com a ajuda de patrícios mais bem situados economicamente. Nos depoimentos os imigrantes sempre se destacam pela capacidade de trabalho, independente da situação financeira. Como haviam entrado no mercado de trabalho com a desvantagem de serem estrangeiros, faziam qualquer tipo de serviço, viviam amontoados em cortiços, eram chamados pejorativamente de “galegos”, “burros sem rabo”⁹². É claro que a lembrança desse período de luta enriquece, valoriza a trajetória dos patrícios e assim essa memória é reivindicada por todos eles e por seus descendentes.

⁸⁸ Op. Cit.

⁸⁹ M. H. Pereira, Op. Cit., p 33.

⁹⁰ Ribeiro, Gladys S. *Cabras e Pás de Chumbo, os rolos do tempo*.

⁹¹ Gladys Ribeiro, op. Cit.

⁹² Alba, Maria Luiza de Travessia. Ed. El Augur, Paraguai, 1994.

Apesar do início deste século ser considerado um período em que aumentaram os conflitos entre brasileiros e portugueses, os depoentes ouvidos, como já foi dito, sequer mencionaram desentendimentos e quando perguntados sobre o assunto, negaram ter testemunhado ou ouvido falar em qualquer tipo de briga. No entanto a comunidade lusitana tratou logo de se agrupar em associações beneficentes, o que não deixa de ser uma forma de “defesa” que exclui o diferente. Mas é claro que o conflito existia e estava presente de alguma forma no cotidiano daquelas pessoas; resta-nos tentar compreender como isto se ocultou tão bem, lembrando a sugestão de Peter Gay: as coisas são paradoxalmente o que parecem e o que não parecem ser, há algo além do que se vê, e isto as torna interessantes⁹³. Da mesma forma que não havia uma só imagem do imigrante, também não havia uma só auto imagem do que era ser português, e as estratégias individuais construíram, de maneira diferenciada e concomitante, as identidades sociais do grupo de imigrantes. No universo cultural extremamente diversificado de Niterói nos anos 20, onde conviviam várias nacionalidades e categorias de trabalhadores, esses imigrantes vão construir suas identidades, enquanto membros de uma comunidade maior que se formava, a sociedade brasileira. Através dos relatos de vida, podemos ver uma pequena parcela da cultura urbana que se constituía naquele período, lastreada em grande parte nos elementos que serviram de base para a formação da identidade desse grupo de imigrantes.

3.3. A inscrição da memória

A cidade de Niterói, capital da província do Rio de Janeiro, tem sua história estreitamente ligada à da metrópole carioca. Há até quem compare o surgimento das duas:

“A cidade nasceu nas fraudas do morro de S. Lourenço, do mesmo jeito que fronteiraçamente a metrópole brasileira teve seus princípios no morro de S. Januário, chamado depois do Castelo (...)”⁹⁴

Até os anos 70 quando se construiu a ponte Rio-Niterói a ligação entre as duas cidades era feita pelo transporte de barcas, administrado no início do século pela Cia. Cantareira cujo principal acionista era o famoso Visconde de Moraes, imigrante português e personagem da narrativa de nossos depoentes. Antes de 1910 as barcas que saíam de Niterói atracavam no prolongamento da Canal do Mangue, no novo porto do Rio de Janeiro (anteriormente elas encostavam na Prainha, hoje praça Mauá. A regularidade das barcas nos anos 20 e 30 é mencionada pelos narradores como exemplo de transporte que funcionava, em sintonia com as linhas de bonde que saíam da praça Araribóia. No início deste século a Cia. Cantareira então sob a administração do Visconde de Moraes recebeu numerosos melhoramentos, principalmente em Niterói, cidade que estava afinada com a política de melhoramentos urbanos da metrópole; como observou Carlos Wehrs: “Era um não mais acabar de obras... O povo de Niterói naturalmente participava interessado na modernização da cidade vizinha e assistia pasma às inovações que culminaram com as inaugurações da Avenida Central no dia 7 de setembro de 1906.”⁹⁵ Em outubro de 1906 inaugurava-se em Niterói o serviço elétrico de bondes com a presença do governo estadual, municipal e do presidente da República Rodrigues Alves. A partir de 1908 a Cia. Cantareira passara a ser financiado em parte pela Leopoldina Railway Company; neste mesmo ano foi inaugurada a chamada Ponte Central, obra em que trabalhou um de nossos personagens; o prédio foi reformado em 1956 e depredado em 1959 quando a empresa pertencia à firma dos Irmãos Carreiro.

⁹³ Gay, Peter. *A experiência Burguesa. A educação dos sentidos*, São Paulo, Cia das Letras, 1988, p. 20.

⁹⁴ Backheuser, Everardo. *Minha Terra e Minha Vida*, Niterói, Niterói Livros, 1994.

⁹⁵ Wehrs, op. Cit., p. 49.



Figura 4 - Falua do Grilo; Ilídio Soares na Rua Visconde do Rio Branco, ao longe estação da Cantareira, a Igreja Matriz e São João Batista e o edifício dos Correios, em 1931.

Como já foi dito, o primeiro prefeito da cidade, engenheiro Paulo Alves, exigira o cumprimento de leis referentes à higiene, limpeza e arrecadação de impostos, além de ter investido na cultura, reformando por exemplo o teatro João Caetano. Sede do governo fluminense, Niterói teve sua reforma urbana inicialmente encomendada ao arquiteto francês Emílio D. Tessain, sendo que as obras só começaram em 1917, no governo de Nilo Peçanha. Ao mesmo tempo que arrancava, com as escavadeiras, as últimas lembranças do passado imperial, a modernização dava também forma a símbolos e mitos dessa burguesia, pelas mãos de indivíduos que construía paralelamente suas trajetórias e imprimiam sua marca na paisagem urbana. Ouvir a respeito dos que participaram desse processo de mudança do perfil da cidade é uma maneira de refazermos um pedaço dessa história e compreendermos melhor a formação desse grupo de imigrantes, que ao investir na edificação de prédios, construía sua própria identidade enquanto grupo social. Ouvir-los, portanto, é também um exercício de reconstituição histórica. O impacto das transformações na cidade foi associado à iniciativa de um imigrante português considerado “empresário moderno” pela forma como conduzia seus investimentos e um dos “modelos” resgatados pela narrativa de nossos depoentes. Em 1903, por ocasião instalação de luz elétrica nas estações das barcas três anos após ter assumido a direção da Cia. Cantareira, o Visconde teve seu trabalho reconhecido por um dos maiores críticos da empresa na imprensa de Niterói:

“Hoje festivo apresento
parabéns mui cordiais
em nome desta cidade
ao Visconde de Moraes

Em grande expansão de afeto
quis o grande industrial
provar que adora o progresso
desta linda capital

De lampeões e lanternas
despindo a grande estação
decretou que fosse elétrica
a nova iluminação.”

Numa cidade em que o papel do Estado enquanto produtor do universo material da imaginária urbana foi fundamental⁹⁷ torna-se mais importante ainda prestar atenção nas iniciativas da sociedade civil. Os dois equipamentos estudados (Hospital Santa Cruz e Centro Musical Beneficente) explicitam a ação simbólica da comunidade portuguesa em Niterói, numa afirmação de status, modernidade e demarcação de espaço político na cidade.

Entendemos que a mobilização de parte da sociedade civil niteroiense, liderada pela comunidade portuguesa, em torno da construção do Hospital Santa Cruz representou também a identificação deste grupo com a modernidade. De maneira semelhante, o grupo de imigrantes portugueses do bairro da Ponta d'Areia constrói o Centro Musical Beneficente para perpetuar a memória do "Portugal Pequeno" com tudo o que ele simbolizava. A importância da produção da imaginária urbana é tal que *"muitas vezes é a partir da sua instalação que se inaugura o tratamento urbanístico de uma área da cidade. Quase sempre assume o centro das maiores áreas da cidade... torna-se referência espacial para distribuição de outros elementos urbanos... as imagens assumem papel de destaque na paisagem construída e identificam os territórios urbanos e suas comunidades, tornando-se marcos da cidade..."*⁹⁸



Figura 5 - Largo do Capim, campo de S. Helena, depois praça Floriano Peixoto onde se construiu o prédio da Prefeitura Municipal, Álbum de Niterói, 1925.

Os anos 20, período em que se construiu o Hospital e o Centro Musical, foram marcados por grande instabilidade política que antecedeu o golpe de 30. Em fins de 1927 o governador Feliciano Sodré havia inaugurado, com a presença do presidente Washington Luís, o monumento "Triunfo da República" na antiga praça D. Pedro II. Em volta desta praça ficavam os prédios que simbolizavam o poder municipal (conforme citamos anteriormente) e ali seria construído dois anos depois o Hospital Santa Cruz. Se o "Triunfo da República" marcou a inscrição simbólica da renovação do poder estadual no espaço urbano de Niterói⁹⁹ podemos dizer que neste sentido a imaginária urbana serviu como instrumento de afirmação simbólica da comunidade portuguesa, apesar de ter contato com o esforço de outros setores

⁹⁶ Peluso, Marilena e Rangel, Kátia. A Travessia Rio-Niterói, p. 21.

⁹⁷ Knauss, Paulo (coord.) Os sentidos da Cidade, Imagens Urbanas de Niterói.

⁹⁸ Knauss, Paulo (coord.) Os sentidos da Cidade, Imagens Urbanas de Niterói, cap. I Cidade como Panteão: produção social da imaginação urbana, por Paulo Knauss.

⁹⁹ Abreu, Marcelo Santos de. Entre Civismo e Democracia, imagem republicana e poder simbólico. In: Knauss, Paulo, op.cit.

da sociedade niteroiense. Podemos inclusive afirmar que os imigrantes construíram seu próprio panteão de reconhecimento público, na falta de uma homenagem oficial do Estado.

4. Associativismo

“Ó Porto, meu coração!/ É a canção do trabalho/ A tua melhor canção¹⁰⁰. (Canção da Casa do Porto, Rio de Janeiro)

“Trabalhai que eu também trabalho, era o lema de mamãe, meu lema também é esse ... Eu ia uma vez por semana pro tanque com ela, e todas iam também, cada semana para um lugar, arrumar, lavar ... Os meninos trabalhavam com papai nas obras ... levavam massa para os pedreiros. eram serventes. chegaram a advogados, construtores e médicos.” (Ana, 1993)

Como não poderia deixar de ser, a música que representa a Casa do Porto, fundada no Rio de Janeiro em 1945, exalta o trabalho como seu maior valor. Todos os depoentes ouvidos por nós fizeram questão de enfatizar a importância atribuída ao esforço individual e à solidariedade como características da comunidade portuguesa e que ao nosso ver reflete essa mistura de modernidade com o “apadrinhamento” típico de uma ética do trabalho à moda do Antigo Regime. Escolhemos um trecho da entrevista de D. Ana, filha de um dos fundadores do Hospital Santa Cruz, mas poderíamos ter reproduzido qualquer um dos depoimentos. A capacidade de trabalhar e adaptar-se aparece como a principal arma do imigrante na representação de seus descendentes, responsável por tudo o que foi construído depois e deixado como herança, material ou não. O trabalhador imigrante era considerado superior ao nacional e podia assim se afirmar diante da discriminação que sofria cotidianamente; isso era reforçado pelas atividades de associações como a Casa do Minho, no Rio de Janeiro, onde as festas promovidas pela colônia “*refletiam a superioridade dos modelos e valores que caracterizam a identidade étnica portuguesa e um esforço para justificar e legitimar esse modelo*”¹⁰¹

E a partir dessa “nova inserção” na sociedade brasileira, não mais como substituto do ex-escravo mas como trabalhador urbano, que o imigrante se distingue fundamentalmente do explorador e colonizador do passado estigmatizados pelo suposto espírito predatório e imediatista tantas vezes criticado e exemplarmente descrito pelo padre Manuel da Nóbrega em carta de 1552: “... *de quantos lá vieram, nenhum tem amor a esta terra... todos querem fazer em seu proveito, ainda que seja à custa da terra, porque esperam de se ir*”¹⁰²

Essa imagem tantas vezes associada ao imigrante português no Brasil é radicalmente oposta ao “espírito” da narrativa sobre a imigração no século XX, apesar de se manterem presentes a esperança de voltar um dia à terra natal e a prática de enviar dinheiro para os parentes em Portugal. A perspectiva do imigrante do início do século era fundamentalmente construir uma vida nova por aqui e a solidariedade mutualista se impõe a partir das dificuldades enfrentadas pelos que fazem essa opção. Como trabalhador urbano ele se organiza a partir de vínculos familiares e étnicos, perpetuados nas instituições criadas pelo mutualismo imigrante. Como observou Sérgio Buarque, a solidariedade entre os colonizadores portugueses “*existe somente onde há vinculação de sentimentos mais do que relações de interesse - no recinto doméstico ou entre amigos. Círculos forçosamente restritos, particularistas e antes inimigos que favorecedores das associações estabelecidas sobre plano mais vasto, gremial ou nacional.*” O associativismo poderia ser visto como uma reprodução da família e extensão dos vínculos de amizade a um grupo maior além da reedição do costume do mutirão adaptado da tradição indígena de se socorrem uns aos outros

¹⁰⁰ Música cantada pelos frequentadores da Casa do Porto, fundada em 1945. Silva, Pedro Ferreira da, Assistência Social dos Portugueses no Brasil, São Paulo, Ed. Arquimedes, 1969.

¹⁰¹ Eulália Lobo, op. Cit.

¹⁰² Holanda, Sérgio Buarque de, op. Cit. P. 107.

no trabalho agrícola, ocasião também para animadas festas. Esse costume não refletiria de acordo com Sérgio Buarque uma tendência para a cooperação disciplinada e constante entre os colonizadores uma vez que o alvo material do trabalho em comum teria menos importância do que os sentimentos e inclinações que levam um indivíduo a socorrer o vizinho ou o amigo necessitado¹⁰³. Ora, entre os imigrantes o que ocorria? Tanto o Hospital Santa Cruz quanto a Banda da Ponta d'Areia foram construídos em regime de mutirão, animados por vários eventos que tinham como objetivo “prioritário” arrecadar fundos para a obra e os narradores se referem a esses grupos sempre como “uma grande família”. Sem dúvida as iniciativas da colônia imigrante tinham uma grande motivação afetiva que se explica pelo próprio sentimento de não-pertencimento àquela terra, de “orfandade cultural” e de solidão mesmo, já que grande parte dos imigrantes do início do século havia deixado a família em Portugal.

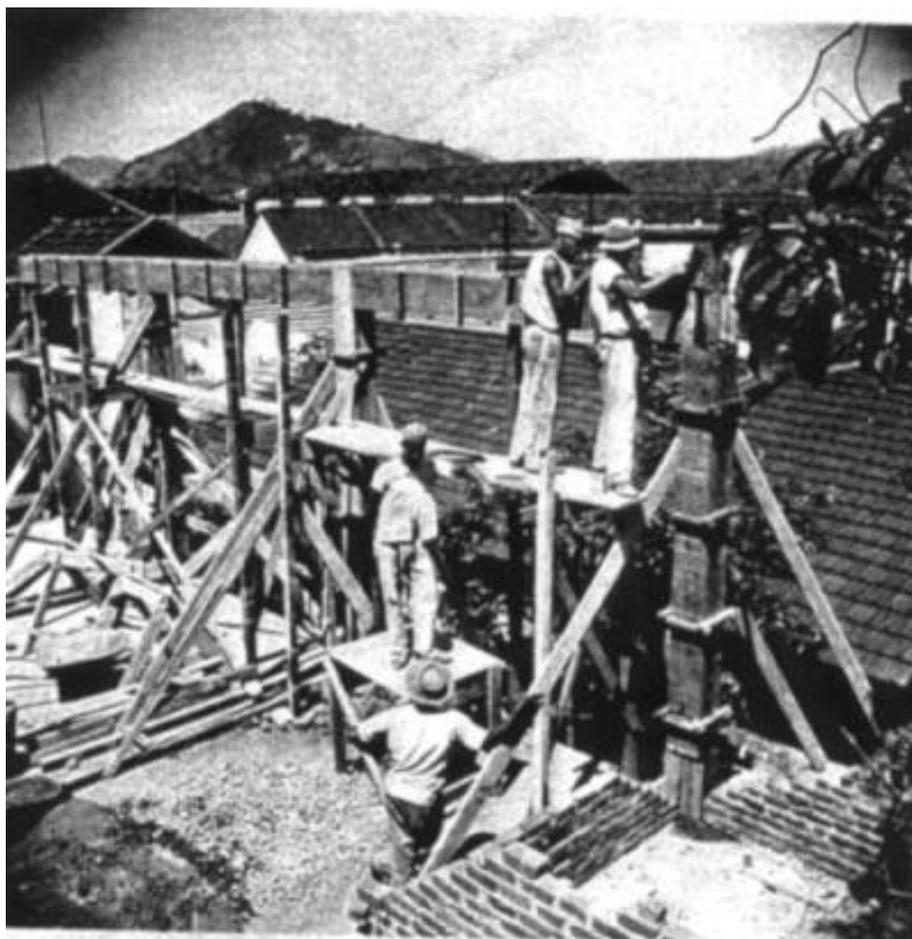


Figura 6 -
Construção do
prédio novo da
Banda [s.d.].

Eulália Lobo em seu livro sobre portugueses no Brasil no século XX utiliza o levantamento feito por Pedro Ferreira da Silva¹⁰⁴ sobre entidades assistenciais lusitanas no país, cuja atuação o autor acompanha nos diferentes momentos da política imigratória do governo brasileiro relacionando 50 instituições numa pesquisa realizada entre novembro 1962 e dezembro 1963. Duas dessas instituições, a Sociedade Portuguesa de beneficência de

¹⁰³ Idem, p. 60.

¹⁰⁴ Silva, Pedro Ferreira da. Op. Cit.

Niterói e a Sociedade Beneficente Banda Portuguesa de Niterói, que tinham também fins políticos, de defesa e organização dos imigrantes, cresceram paralelamente à modernização da cidade, nas primeiras décadas deste século.

No Rio de Janeiro o Centro da Colônia Portuguesa havia sido fundado em 1892 prevendo em seu estatuto o auxílio pecuniário para o indivíduo impossibilitado de adquirir meios de subsistência; auxílio viagem para tratamento de moléstia grave; de funeral ou luto e o funcionamento de uma Caixa de auxílios que anualmente fazia donativos para órfãos de associados¹⁰⁵. Vem depois a Sociedade Portuguesa de Beneficência organizada em 1840.



Figura 7 - Hospital Santa Cruz em 1931, mostrando a praça da República com o edifício do Tribunal da Justiça, Assembléia Legislativa (hoje Câmara dos Vereadores), Polícia Central, Arquivo Público.

A maneira como Pedro Ferreira resume o associativismo inclui todos os itens do imaginário que encontramos reproduzido pelos descendentes de imigrantes: “*o português lança através dos mares a civilização, deixando a semente da previdência que acompanha o trabalho e resguarda os seus frutos.*”¹⁰⁶ Está aí a idéia do conquistador representante do mundo avançado, que vem trazendo o espírito do iluminismo, o trabalho assalariado, a modernidade para civilizar essas terras tropicais. Ao mesmo tempo semeia a solidariedade, o auxílio mútuo para enfrentar as adversidades e consolidar o resultado do esforço individual, evitando o desperdício do trabalho e garantindo a perenização da conquista através das próprias associações. Elas funcionavam então como uma extensão do espírito familiar: a própria imigração tem como característica o espírito associativo e sua primeira versão foi a filantropia. Ela corresponde a uma necessidade de proteção do imigrante recém chegado em terra estranha e isso fica muito claro nos estatutos da Sociedade Portuguesa de Beneficência do Rio de Janeiro, que tem como objetivo: “*facilitar a procura de trabalho, ajudar os indigentes, socorrer os enfermos e enterrar os pobres, contribuir para a educação, assistir aqueles que precisassem de ser repatriados ou de mudar de Província*”¹⁰⁷.

Os imigrantes enfrentavam no início do século problemas de saúde constantes devido em parte às condições precárias de trabalho e de moradia, à má alimentação e também em consequência das diversas epidemias que assolavam as cidades brasileiras. O Rio de Janeiro era um dos principais focos de crescimento urbano desordenado: em menos de 100

¹⁰⁵ Idem, p. 95.

¹⁰⁶ Idem, p. 145.

¹⁰⁷ Op. Cit. p. 94.

anos passara de capital do Império português a capital da República, a população crescera vertiginosamente e a falta de infra-estrutura deixara suas marcas: epidemias de febre amarela, varíola, cólera¹⁰⁸. As associações que não puderam dispor logo de um hospital contavam com sócios médicos ou boticários que prestavam serviços à comunidade associada em troca da isenção do pagamento da contribuição mensal. As Caixas de Socorro Mútuo constituíram a mais antiga forma de solidariedade, cujo espírito pode ser descrito como “a cada um segundo suas necessidades”; princípio humanista que foge aos limites do corporativismo característico das associações que se formaram posteriormente e teria inspirado a legislação previdenciária¹⁰⁹. A grande mudança no sistema associativo teria ocorrido ainda no final do século XIX, com o aparecimento das Sociedades de Socorros Mútuos; o mutualismo foi uma tendência geral do associativismo e correspondente a um movimento dos trabalhadores no sentido de contribuir mensalmente com uma cota de seu salário para prevenir-se em caso de doença, invalidez ou morte e não depender mais da caridade apenas; foi a primeira forma de organização do movimento operário; correspondeu ao crescimento do número de trabalhadores urbanos, fruto da industrialização numa época em que ainda não se havia conquistado uma legislação trabalhista. Foi esse o espírito de fundação tanto da Sociedade Portuguesa de Beneficência quanto da Banda Portuguesa de Niterói.

Pedro Ferreira também vincula, como fazem os depoentes, a decadência das associações beneficentes à iniciativa estatal que leva o indivíduo a se acomodar. Todos sem exceção atribuem a situação de abandono do Centro Musical Beneficente ou a descaracterização do Hospital Santa Cruz como exemplos do esquecimento do “espírito, da tradição” ensinados pela comunidade imigrante, sobre a necessidade de se poupar, não relaxar mesmo que a pessoa tenha enriquecido (hábito que teria originado a formação das Caixas Econômicas e bancos de maneira geral)¹¹⁰. A terceirização dos serviços no Santa Cruz é particularmente criticado por um dos narradores (ver depoimento do sr. Waldyr) numa clara valorização do projeto comunitário submetido à autoridade da colônia portuguesa e independente do Estado.

O conjunto da assistência social organizada pela comunidade portuguesa foi também descrita como “elos de fraternidade familiar”¹¹¹ que se estendem até hoje, usando imagem semelhante à do sr. Waldyr:

“A colônia, a própria palavra já diz, é um agrupamento, como entre as aves e os animais que ficam juntos para se defenderem e trabalham em grupo para construir como as abelhas e as formigas” (sr. Waldyr, 1997) ;

Nesta imagem a atividade coletiva dos portugueses nas instituições documentaria as “virtudes portuguesas” como aparecem no *Álbum da Colônia* (1927) e suplantaria a ação individual. A origem do associativismo pode ser mesmo relacionada ao núcleo familiar: essa prática é atribuída ao “espírito de economia e previdência da família”. Os imigrantes teriam herdado essa tradição e se precavam criando muitas vezes um lar comum para os que não formavam família aqui ou não a traziam aos poucos. Independentemente da existência de associações beneficentes, as famílias de imigrantes costumavam acolher os patrícios “órfãos”; todos os depoentes fizeram referência às pessoas agregadas em suas casas por longos períodos (geralmente “até casar”) ou os que apareciam em datas especiais (festas de fim de ano, dias santos) com exceção do sr. João “barbeiro”, que foi ele mesmo um agregado na casa do tio por muitos anos. Aparentemente buscavam nas associações a mesma força, o

¹⁰⁸ A respeito do Rio de Janeiro no início do século, ver referência bibliográfica.

¹⁰⁹ Pedro Ferreira da Silva, op. cit., p. 20.

¹¹⁰ Idem, p. 24.

¹¹¹ Ibidem.

aconchego da família e a reprodução da vida comunitária que tinham nas aldeias rurais. O cooperativismo pode ser entendido como herdeiro também de uma tradição camponesa, lembrando como já foi dito o costume do lavrador de oferecer um dia de trabalho para o aldeão mais necessitado ou do vizinho mais abastado oferecer terras comunais de propriedade do município ou da paróquia, florestas ou pastos para uso coletivo¹¹². O cooperativismo pode ser associado ainda à construção de condomínios em terreno comprado pela comunidade, sem interferência de imobiliárias; às Casas do Povo que serviram como local de reunião de trabalhadores para tratar de assuntos culturais e artísticos nos anos 20 e até mesmo às cooperativas operárias¹¹³.

Os portugueses teriam dois objetivos idênticos com essa prática comunitária, segundo Pedro Ferreira¹¹⁴: a assistência e a previdência. A assistência seria a função social assumida pelos indivíduos representando e substituindo o Estado, representaria a sociedade agindo através das associações em função do indivíduo e hoje a sociedade estaria representada pelo Estado. A previdência representaria o “sentido natural” do indivíduo de poupar para enfrentar o futuro, associar-se a outros, harmonizar-se com um ideal contra a exploração do homem em sociedade¹¹⁵. A idealização que se faz de uma necessidade prática de sobrevivência econômica, cultural e afetiva dos imigrantes parece ter a mesma origem da representação dos narradores sobre as conquistas de seus antepassados. Estes teriam sido desprezados, pensando primeiro no bem estar coletivo, preocupando-se em amenizar a exploração do homem pelo homem, ensinando os brasileiros a trabalhar, poupar e construir o futuro. Além disso não teriam intenção de excluir os brasileiros de suas organizações, mesmo quando as evidências apontam o contrário. Pedro Ferreira da Silva chega a dizer que apesar das dissidências entre os que aceitavam ou não sócios brasileiros, a preocupação com a benemerência estava acima de tudo e dá como exemplo a proliferação de entidades que surgem a partir desse conflito: no Rio de Janeiro a Casa de Portugal, fundada em junho de 1928 e que só aceitava portugueses como sócios embora qualquer um pudesse receber seus benefícios; a Sociedade de Socorros Mútuos Luis de Camões, dissidência da Associação Portuguesa de beneficência Luis de Camões (que também só aceitava portugueses como associados); a União Portuguesa Oliveira Salazar, criada em 1933, no clima de pré-guerra na Europa, voltada unicamente para os portugueses no Brasil e que teve como contrapartida a fundação em 1942, por portugueses e brasileiros da Congregação Beneficente Getúlio Vargas (essas já eram associações que tinham nitidamente interesses políticos, ressalva o autor).

Mesmo quando não há distinção entre brasileiros e portugueses, as Sociedades Beneficentes são representadas nos depoimentos colhidos e no imaginário da cidade como fruto do sentido de previdência do imigrante português. Na verdade eles capitalizaram em Niterói a construção do Hospital Santa Cruz apesar do esforço da comunidade niteroiense como um todo e do maior número de associados brasileiros ter sido uma realidade desde o início. Nos anos 30, as Casas de Portugal teriam aparecido também como uma alternativa mais ideológica e política do que filantrópica, cultural ou recreativa, sem pretender eliminar as outras formas associativas, mas sobrepor-se a elas. Fundada no Rio de Janeiro em 1930, a Casa dos Poveiros representava a comunidade imigrante de Póvoa do Varzim, de onde veio a mãe da nossa depoentes D. Ana.¹¹⁶ É interessante reparar que todas as lembranças dela sobre a trajetória do pai, cujo lema era “*trabalhai que eu também trabalho*” são marcadas por episódios de heroísmo e bravura, no estilo da canção dos poveiros no Brasil, chamados de “*lobos do mar*”, “*homens que salvam vidas/ Em vez de, como lobos, as tirar/ Homens que*

¹¹² Silva, Pedro Ferreira da. Op. Cit. P. 200

¹¹³ Idem.

¹¹⁴ Ibidem.

¹¹⁵ Idem p. 147.

¹¹⁶ Ana Pereira, filha de Albano, um dos construtores do Hospital Santa Cruz em Niterói.

vão ao mar ganhar a vida/ Perdendo a vida, às vezes, sobre o mar". Pedro Ferreira busca um paralelo entre o ofício do pescador e os trabalhadores em geral, dentro do espírito mutualista tradicional atribuído aos imigrantes portugueses na representação seja dos depoentes ou do *Álbum da colônia* (1927); os poveiros sabem que o mar pode lhes proporcionar a sobrevivência ou trazer a morte, por isso inspira respeito e impõe que a comunidade esteja unida para enfrentar a dureza de um inverno mais rigoroso; da mesma forma que as dificuldades da vida podem surpreender, quando não se é previdente.¹¹⁷ Nesta imagem parece ser o mar que "ensina" o cooperativismo; resgata-se a simbologia tão presente na cultura lusitana do mar como provedor da vida e responsável pelas glórias e desgraças do povo português.



Figura 8 - Sociedade Portuguesa de Beneficência de Niterói, Hospital Santa Cruz, cartão postal, 1941.

As Bandas de Música compõem um fenômeno mais significativo do associativismo na medida em que acrescentam ao aspecto beneficente, que todas mantinham, a representação da cultura portuguesa através de danças e da música, componente fortíssimo na tradição camponesa dos imigrantes e muito presente também nas Casas regionais. É significativo que o sr. João "barbeiro" tenha vindo para o Brasil num navio onde haviam outros 8 jovens da mesma região dele em Portugal e que desses 5 já fossem músicos.

¹¹⁷ Pedro Ferreira da Silva, op. cit. P. 151.



Figura 9 - Fundação do prédio antigo da Banda [s.d]

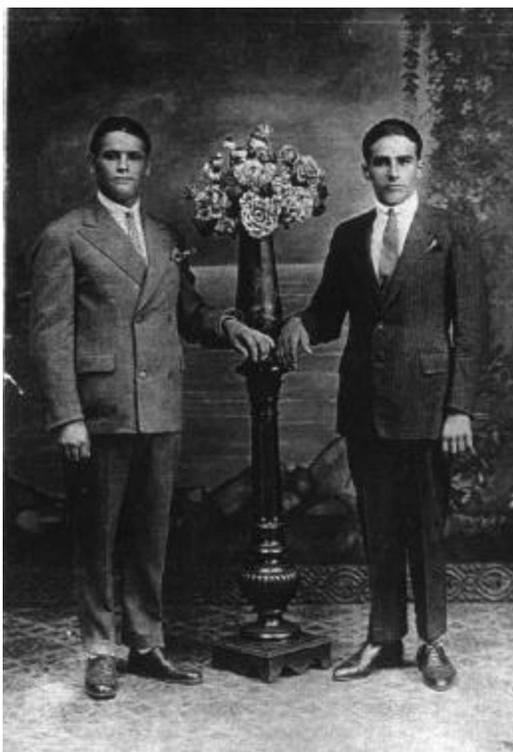


Figura 10 - O Sr. Arthur e um amigo, recém chegados de Portugal, por volta de 1929. O Sr. Arthur foi um dos fundadores do Centro Musical Beneficente Banda Portuguesa de Niterói.

Em 1921 tinha sido formada no Rio de Janeiro a Sociedade Nova Banda de Música da colônia Portuguesa que manteve a assistência social no seu estatuto até 1953; em 1923 surgem a Casa de trás os Montes e Alto D'Ouro e a Banda Lusitana, formada por grupo do antigo Centro Musical da Colônia Portuguesa. Foi por intermédio de patrícios associados a esta banda que o Sr. Moisés (um dos nossos narradores) veio para o Brasil e foi ali que tocou

antes de se tornar maestro da Banda da Ponta d'Areia em Niterói, a única banda “étnica” a participar das atividades promovidas pela Prefeitura da cidade, apesar da presença majoritária de músicos brasileiros a partir dos anos 20. Atualmente esta função é cumprida pela Banda luso-brasileira, formada pelo maestro Pitta com os remanescentes da desativada Banda do Centro Musical Beneficente.



Figura 11 - Salão antigo da Banda, com a rainha da primavera, Nair Cabral e a madrinha da Banda [s.d.].

Capítulo II

Histórias de Vida

1. Impressões de quem chega

“O mar o trouxera do Porto para tentar nestas terras do Brasil uma nova vida. Atrás ficara a aldeia e as tristes recordações de infância (...) A entrada da baía da Guanabara naquela manhã reluzente de sol fora um deslumbramento para seus olhos de adolescente. O azul forte do céu e o intenso verde da vegetação que cobria os morros e bordeava grande parte da costa, as linhas sinuosas que desenhava no mar a própria geografia da enseada, a brancura das casas e das igrejas, o colorido das roupas, o ruído dos pregões, a agitação do porto, tudo o cativou. Nunca vira um lugar tão lindo, tão exuberante, tão cheio de cor. O sangue lhe correu mais rápido nas veias e o coração lhe bateu mais forte. Era ali que iria viver Era ali que queria ficar. O tio que seguisse para São Paulo. Ele terminava ali sua viagem. O seu destino era aquela cidade que o conquistara à primeira vista”¹¹⁸.

Assim começa uma das inúmeras histórias sobre a imigração portuguesa para o Brasil neste início de século, com seus ingredientes de fantasia e expectativa pela mudança de vida, além da idealização presente na própria descrição da paisagem. Esses imigrantes cresceram junto com a cidade, imprimindo no espaço urbano a marca de sua história. Foi um período em que as famílias em Portugal angariavam entre os parentes recursos destinados a mandar os filhos para o novo mundo; a do sr. Albano, um dos construtores do Hospital da Beneficência Portuguesa de Niterói, foi uma dessas.

1.1. O sr. Albano

Com formação em construção civil, estuador ele veio para se juntar a parentes estabelecidos em Niterói; trouxe a mulher, uma camponesa de Vilar do Pinheiro, uma cunhada, um filho de colo. Aqui nasceram mais seis crianças; além disso criou 7 filhos adotivos. Albano participou das obras de abertura da avenida central e da construção de prédios no Rio de Janeiro; em Niterói foi empreiteiro na reforma da igreja de Nossa Senhora da Conceição, da estação das barcas, do prédio dos correios, na construção do clube Lusitano, além do Santa Cruz. Chegou a ser grão mestre da maçonaria nesta cidade ao mesmo tempo que participava da confraria de Nossa Senhora da Conceição. Do patrimônio que deixou para os filhos - uma vila de casas e um sobrado no centro de Niterói - só resta uma casa, em litígio; o resto foi vendido. Na diretoria da Sociedade Portuguesa de Beneficência foi segundo tesoureiro na gestão 34/35, primeiro tesoureiro 36/37, segundo procurador 42143 e 44145 e participou da construção do prédio como empreiteiro, além de ter doado material.

Quando o velho navio atracou no porto do Rio de Janeiro, sua esposa Maria sentiu-se profundamente confortada; estava grávida e a viagem tinha sido muito desconfortável, ainda por cima prolongada por um mês de estadia no Espírito Santo onde o navio fora obrigado a parar para descarregar a ponte que ligaria futuramente a cidade de Vitória ao continente. Era o ano de 1905.

¹¹⁸ Alba. Maria Luiza, Travessia. Ed. EI Augur, Paraguai. 199.1. p.23/32.

“Vovó estava com 21 anos, trazia um filho pequeno e carregava outro na barriga. E ainda precisava atravessar a baía, porque seu destino era a capital da província”. (Ani, 1996)



Figura 12 - Sr. Albano, busto, 1930



Figura 13 - Sr. Albano e sua esposa, 1941.

Maria era uma imigrante típica, correspondendo à maior parte dos portugueses chegados no período: camponeses das aldeias do norte, principalmente das regiões do Porto, Aveiro e Braga, com pouca ou nenhuma qualificação profissional¹⁹. A família tinha um projeto claro de “melhorar de vida” quando decidiu vir para o Brasil, principal motivo alegado por todos os depoentes para a imigração. Nesse processo se forjou o que chamo de identidade do grupo, cujo espelho ou modelo ideal é a figura do patriarca-imigrante-herói, presente nas narrativas de todos os depoentes. Esse personagem representaria como observamos anteriormente a atualização da figura mítica do conquistador português sobre a qual os narradores construíram suas trajetórias e a imagem positiva do imigrante bem-sucedido. Todos que vieram “da roça” contam uma história de trabalho duro rio campo. A família de Maria por parte de pai, trabalhava a terra e criava animais de pequeno porte em suas quintas, em Vilar do Pinheiro; sua mãe era da região do Porto e tomara-se aldeã depois do casamento.

“(…) Mamãe tinha horror de Portugal, porque ela trabalhou muito na roça. Mas a roça dela tinha boi, tinha carneiros, ela ia tirar leite, ia prá feira todo sábado com aquelas coisas na cabeça, mamãe não gostava. Depois que ela conheceu papai (...) ele não queria que ela fosse prá roça, já era noivo e dizia ‘não vai prá feira vender nada não’. Papai era da cidade...” (Ana, 1993)

¹⁹ Eulália Lobo. op.cit.

Tabela 11
Emigração global portuguesa por regiões. 1866-1913

Localidades	Anos			
	1866-1871	1880-1882	1896-1898	1911-1932
Porto	2.741	2.867	3.845	6.198
Aveiro	1.027	959	2.509	5.992
Braga	973	1.128	1.497	4.123
Viana	390	963	947	2.560
Vizeu	390	1.474	2.699	10.156
Vila Real	344	791	1.936	6.658
Coimbra	189	1.162	2.172	6.213
Bragança	-	-	939	8.675
Faro	-	-	-	1.087
Guarda	-	-	1.194	6.190
Leira	-	-	799	4.229

Fontes: Silva, Emigração portuguesa. p.392 e Boletim da Junta de Emigração, Rio de Janeiro, 1954, apud Pescatello. Anne Marie, The both ends of the Journey. An Historical Study of Migration and Char-ge in Brazil and Portugal. 1889-1914, p. 448. Apud Lobo. E. Portugueses en Brasil en él:Siglc XX, p.21 .

A produção da família era comercializada numa feira na cidade do Porto onde Maria conheceu Albano, homem da cidade, que trabalhava em construção civil. No Brasil ela aprendeu a ler, a se vestir bem, a cuidar do cabelo e das unhas, a frequentar as festas da colônia portuguesa e da maçonaria; ao mesmo tempo Maria enfrentou o tanque e o fogão corajosamente para criar os 14 filhos, o que é motivo de orgulho para sua filha Ana. A história dessa família é por si só uma representação de todo o processo imigratório padrão, que tem origem na vida difícil da roça, inclui uma boa dose de aventura, de coragem, adaptabilidade, trabalho incansável, solidariedade, previdência e sucesso pelas mãos de um “padrinho”. Esses componentes estão presentes também nos relatos sobre as outras famílias, independentemente de terem sido mais ou menos bem sucedidas financeiramente.

1.2. O sr. João “Barbeiro”

Foi assim também a história do sr. João “barbeiro”, como ele mesmo conta com riqueza impressionante de detalhes para quem já completou 90 anos:

“Nasci em Junqueira de Baixo, Concelho de Cambra, Distrito de Aveiro, bispado do Porto, em 1908, no dia 9 de junho. Meu pai trabalhava na roça, minha mãe... tudo família da roça. Plantavam milho, feijão, batata, ervilha, couve. A família morava toda junta: minha avó ficou viúva, meu tio mais novo tinha 12 anos, ela ficou com 4 homens e cinco moças, criou todos. Cheguei aos cais do porto no dia 8 de outubro de 1926, fui prá Ilha das Flores; no navio vieram mais oito rapazes. Meu tio foi me buscar no bote São João.” (Sr. João, 1998)

A mãe do sr. João havia se separado do marido e preferiu aceitar um convite para trabalhar na cidade do Porto como cozinheira, deixando o único filho com a avó materna. Quatro dos tios de João já haviam partido para o Brasil: Tomás, Manoel, Zé Maria e João.

“Vieram trabalhar aqui porque a coisa lá estava ruim. Tinha muito português aqui: a Ponta d’Areia era um bairro de português. Alguns iam prá roça; a maioria descarregava carvão no Wilson Sons¹²⁰. Tio Zé e tio Manoel eram encarregados lá. Vieram muitos vizinhos, da minha família só eu estava

¹²⁰ Companhia inglesa de carvão que funcionava no bairro.

naquele navio. Joaquim, Manoel, outro Manoel e Antônio, todos da aldeia: um deles já tinha vindo e estava retomando. Os outros eram marinheiros de primeira viagem. Vinham antes de servir a vida militar lá, senão não podiam mais sair”.

O sr. João veio num navio holandês que saiu de Lisboa, passou pela costa do Senegal e fez escala na Bahia antes de deixá-lo na hospedaria de imigrantes da Ilha das Flores, no litoral fluminense. No seu relato aparece a questão da fuga do serviço militar levantada por Miriam Halpern Pereira como característica de uma geração de imigrantes portugueses. Esse ex-tocador de trombone, também conhecido como João “barbeiro”, foi um dos fundadores da Banda Portuguesa e músico no grupo até 1948, além de manter a barbearia ao lado do prédio do Centro Beneficente, administrada há 30 anos pelo sr. Adilson, brasileiro. Hoje o sr. João já não mora mais no bairro, de onde saiu ainda na década de 40; mora em Icaraí com a mulher e a filha, mas visita toda semana sua antiga barbearia, no número 14 da rua Miguel Lemos.

1.3. O sr. João Manoel

Outro imigrante que também chegou com um grupo de patrícios foi o sr. João Manoel, aos 25 anos, entre 1895 e 1898, seu filho não consegue precisar. Em Trás os Montes, Portugal, trabalhava como comerciante e carpinteiro; foi recebido por membros da colônia que o ajudaram a se estabelecer no comércio de Niterói. Da mesma forma que o sr. Albano, trabalhava na cidade antes de imigrar e também participou da construção da Sociedade Portuguesa de Beneficência; foi membro do Conselho Administrativo na gestão 1920/27, mais tarde primeiro tesoureiro em 1938/39, administrador em 1940/41 e primeiro procurador em 1948/49; é também considerado o precursor da idéia da criação de sua Unidade Geriátrica em 1942 e do sistema de residência médica. Casou-se aqui com uma brasileira de Maricá, costureira, criou 6 filhos. Teve um armazém em Niterói com 8 funcionários, que precisou vender quando a esposa ficou tuberculosa e foi se tratar em Cantagalo. Construiu também uma vila de casas para alugar na rua Barão do Amazonas que deixou como herança ao morrer, em 1956. De acordo com a história contada pelo filho Waldyr:

“Papai veio com 25 anos mais ou menos e.m 1895: vieram junto seu Gonçalves, o seu Miranda, que se tomou um dos portugueses mais ricos em Niterói; seu Moisés, grande pintor português que pintava tudo por aqui inclusive igrejas, que eram retocadas. Antigamente mandavam retocar as imagens em Portugal, daí a história do santinho do pau oco, porque eles mandavam retocar e enchiam o santo de ouro... seu Moisés morava perto da Porta d’Areia. Eles já eram comerciantes; Portugal era muito cheio de marceneiros, carpinteiros e as mulheres bordadeiras. Até hoje, aqueles panos da ilha da Madeira... não tem preço. Papai trabalhava em carpintaria ou fábrica de bebidas, não lembro”.

Nascido em Niterói em 1922, onde ainda mora, o sr. Waldyr é hoje funcionário público aposentado e participa de um grupo de amigos que cultiva há mais ou menos 50 anos o hábito de se encontrar todos os sábados em diferentes bares da cidade para conversar (e tomar cerveja quando a saúde permite!). Apesar de não serem todos descendentes de imigrantes portugueses, o encontro acontece quase sempre em botequins de patrícios.

2. Geração de “titãs”

“Não existe problema para quem quer ajudar” (Waldyr, 1997)

A grandiosidade das realizações dessa “geração” de pioneiros é enfatizada pela constatação de que nada que se faça hoje pode ser comparado ao que fizeram, exemplificada

no depoimento de Ana, que diz ter sido sempre muito feminina, vaidosa e confessa nunca ter gostado de trabalhar duro, como faziam sua mãe e seu pai:

“Você sabe uma estatueta que tem lá no jardim (do Hospital da Beneficência), aquela estatueta era de papai. Eu tinha uma raiva de limpar aquelas coisas, porque era eu que limpava, com um paninho e sempre tive unhas compridas sabe, tratadas, sempre fui muito vaidosa (...) eu hoje tenho diploma de tricô, de costureira, mas não costuro. Eu fui sempre muito malandra. sabe? (...) porque eu nunca fui nada na vida, sempre fiz um crochêzinho, um tricozinho, prá passar o tempo. ...” (Ana, 1993)

Na verdade, ela trabalhou como pianista e animou várias sessões de cinema mudo em Niterói no começo do século; foi também bordadeira e professora de tricô e crochê. Entretanto, o que importa é o valor diferenciado do trabalho realizado por ela e pelo pai. Diante das realizações de Albano, a vida de Ana aparece como reduzida a um “nada”, é insignificante. Parece impossível comparar o valor de qualquer esforço contemporâneo ao que era realizado por aquela geração de “gigantes” e isso se verifica também no discurso de outros filhos de imigrantes.

“Você precisava ver quando aqueles portugueses se uniam... Porque será que lá em São Paulo tudo dá certo? Porque tem aquele grupo, quando querem fazer alguma coisa, como um viaduto, dizem ‘vamos fazer’, não chamam a Prefeitura nem nada. Aqui não tem aquele espírito. Aqueles portugueses se reuniam e se um falasse ‘estou com problemas’ eles diziam ‘não tem problemas prá quem quer ajudar, vamos resolver isto agora’”. (Sr. Waldyr)

É o saudosismo da “época de ouro”, dos bons tempos em que nada parecia impossível de ser conquistado. A idealização faz parte dessa narrativa em que as realizações do grupo de patrícios são comparadas aos empreendimentos da iniciativa privada paulista hoje, como se o investimento em obras públicas pudesse ser decidido à revelia do Estado. Além de representar uma imagem fantasiosa, talvez alimentada pela secular rivalidade entre as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, recoloca a questão de como a comunidade portuguesa capitalizou os investimentos em equipamentos sociais na cidade de Niterói, que na verdade também resultaram do esforço de outros setores da sociedade niteroiense. No limite, a força da comunidade lusa organizada que transparece em narrativas como essa beira a onipotência, aliás anunciada já no *Álbum da Colônia Portuguesa* editado em 1927¹²¹ onde “os imigrantes” são investidos da capacidade de realizar “*tudo o que quiserem*” por conta de sua infinita capacidade de adaptação e resistência. De maneira semelhante, tudo no discurso de d. Ana sobre o pai ganha uma aura romântica e heróica, até a maneira como ele conheceu Maria:

“Papai conheceu mamãe assim, ele foi numa feira, era dia primeiro de maio. No Porto tinha uma feira muito grande, uma festa bonita. Ai ele disse assim, ‘de onde você é, menina?’ Vovó tinha muito capricho com mamãe, vestia ela muito bonitinha, penteava o cabelo, elas iam na cidade comprar aquelas roupas. Mamãe disse assim, ‘sou de Vilar do Pinheiro, ali perto do Porto mesmo’. Papai então falou, ‘amanhã eu vou lá te ver’. Mamãe disse, ‘vai nada’. Papai era bonito, tinha os olhos esverdeados, mamãe pensou que fosse brincadeira, mas ele foi e nunca mais deixou mamãe. Tinha um ciúme dela louco, (...) namoraram três meses, ela conheceu ele em maio, em setembro casaram, e depois vovó deu uma parte de dinheiro a mamãe para vir ao Brasil. Foi um amor, mas um amor, 50 anos, ele morreu dia 2 de setembro, ia fazer dia 9 de setembro 51 anos de casado. Ela tinha um amor tão grande, maior até do que ele por ela, que até depois dele morto mamãe ia vigiar a campa de papai.” (Ana, 1993)

Depois desse namoro relâmpago, confirmado no depoimento de uma das netas, o casal decidiu imigrar seguindo os passos de outras pessoas da família. inclusive o pai de d.

¹²¹ Conforme comentário no capítulo anterior

Maria que já estava no Brasil. Nos primeiros tempos a família morou em Neves, um bairro na periferia de Niterói que no princípio do século ainda não era ligado ao centro pela rede de bondes. A vida por lá não foi fácil para Albano e Maria; Ana conta que a mãe passava até fome, num lugar que ela descreve como *“muito... era mais ou menos, não dá nem pra comparar com um lugar aqui (no centro) eles tinham dinheiro e não tinha nada para se comprar... eu antigamente comparava Neves ao Saco de São Francisco; nós íamos passear muito, fazer piquenique...”* (Ana Pereira, 1993)

No Brasil, além do avô materno de Ana que havia deixado a mulher em Portugal cuidando das quintas e que não ajudou o genro em nada, como ela diz, havia também um conhecido de Albano, que viria depois a trabalhar para ele:

“Papai estava noivo de mamãe, quando escreveu pro meu avô, que tinha vindo pro Brasil, pedindo autorização pra mamãe casar. Esse amigo dele já estava aqui também. Era escultor, tirou diploma em Portugal. Depois foi empregado de papa fazia as estatuetas em gesso e em vidro era um grande escultor, chamava-se Ferreira.” (Ana, 1996)

2.1. A força do grupo

Para o imigrante que era acolhido por conhecidos, parentes ou amigos, não havia aparentemente problemas em conseguir trabalho, é o que deixa transparecer a narrativa da filha do sr. Albano, mesmo levando em conta que sua carreira não tenha sido construída tão facilmente como parece. Como os outros personagens, ele também encontrou um “protetor”:

“Ele conheceu logo os irmãos da Cantareira. Nas barcas, porque papai trabalhava no Rio. Aí chamaram ele pra trabalhar em Niterói, papai começou a fazer os Correios, arranjou muitos pretos, muitos trabalhadores, e registrou-se como construtor, empreiteiro e depois construtor e chegou a ser presidente da Associação dos construtores civis de Niterói”. (Ana Pereira, 1996)

É verdade que em 1906 Niterói estava mudando: inaugurava-se o primeiro trecho de substituição da iluminação a gás pela elétrica e acontecia a eletrificação da rede de bondes na maior parte da área urbana; período em que Albano trabalhava como mestre de obras no Rio de Janeiro. Ele se beneficiou desse momento e do impulso dado pela colônia que investia nos melhoramentos: o Centro da Colônia Portuguesa, núcleo original da Sociedade de Beneficência, existia desde 1904. A família rapidamente prosperou e veio morar mais perto do centro: primeiro na rua de São Lourenço, depois na rua Visconde do Rio Branco, onde Albano comprou uma casa velha, reformou, construiu uma oficina na frente e mudou-se com a mulher e os filhos logo depois da primeira guerra, em 1918. É provavelmente desta época a aproximação dele com a Maçonaria. Ana não lembra datas nem nomes, mas recorda ter entre 11 e 12 anos na época em que freqüentava as festas da organização com a mãe. Porém faz questão de afirmar logo que o pai era muito católico e que nesta mesma época (1918/19), ele se ligou à irmandade de Nossa Senhora da Conceição, aparentemente como forma de compensar sua entrada na Maçonaria, paradoxalmente motivo de orgulho porque significava status na comunidade niteroiense da época. Pelo menos é isso que a narrativa de Ana sugere. Na verdade, ela só se referiu voluntariamente à Maçonaria na primeira entrevista. em 1993 e mesmo assim apenas no sentido de reforçar que o pai recebera o título de Grão Mestre. Nesta ocasião, abaixou a voz, quase sussurrando, como se contasse um segredo:

“Papai chegou a ser Grão Mestre na Maçonaria, mas depois deixou porque os padres são contra os maçons, você sabe, que o marquês de Pombal foi quem mandou matar (...) aquela coisa toda na história, não é? Então ele queimou as fitas, e não gostava que ninguém soubesse que ele foi maçom”. (...) (Ana, 1993).

“Eu tinha 12 prá 13 anos, numa festa recebi até um broche com umas fitinhas, eu tinha 11 prá 12 anos...” (Ana, 1996)

A própria adesão de Albano aparece no discurso da filha enquanto uma decisão de grupo, como que isentando-o do peso de ter feito uma escolha; Ana nem se lembra de quem o teria levado a freqüentar a organização, o que também sugere um certo descompromisso do pai; além disso ela capricha no catolicismo paterno:

“Primeiro tinha o grupo de amigos, aquela portuguesada, ele era católico, muito católico, eu fui em muitas festas da Maçonaria, fui com mamãe, de chapéu, era uma sociedade boa, sabe, eles se ajudavam uns aos outros, antigamente isso era uma coisa distinta. (...) Não me lembro os nomes, assim, seu Maurício, seu Gaspar, não sei os sobrenomes... Aí depois papai conheceu o Dr. Briggs, que era juiz aqui em Niterói, papai só se dava com gente fina, doutores, que era aqui da Nossa Senhora da Conceição, então chamou papai para a igreja e ele não quis mais ser da Maçonaria, aí pegou as fitas que usava, fez um buraco, queimou tudo. (...) Meu pai era tão católico, que na véspera dele morrer falou: ‘Sabe que vou morrer hoje ou amanhã? Eu vi Nossa Senhora com santinhos, todos ali na janela’. Era muito devoto de Nossa Senhora da Conceição.” (Ana, 1996).

Ana precisava enfatizar a religiosidade do pai, que aparece como um católico especial cujo compromisso com a fé era atestado pela capacidade de estabelecer uma relação mais direta com o divino através das visões. O catolicismo praticante e em especial o culto a Nossa Senhora de Fátima aparecem em todas as famílias de origem portuguesa entrevistadas. Uma das netas do sr. Albano também se referiu à participação do avô na Maçonaria com nítido orgulho pelo status que isso representava; a outra neta fez mais questão de reforçar um aspecto da personalidade do avô que ela nitidamente admira - a discrição, que significa também reserva, segredo e que enobrece mais ainda qualquer ação desse personagem:

“Freqüentou a Maçonaria e não deixava extravasar nada a respeito do que lá se tratava. Podiam perguntar que ele nada revelava. Tinha um caráter muito firme e era muito discreto. Os futuros genros confiavam a guarda de dinheiro para o casamento com vovô. Era um confidente e tanto. Aconselhava e guardava segredo do fato. No caso de briga, dava sempre razão a quem realmente tinha mesmo que tivesse que ser a favor de uma nora ou de um genro.” (Ana, 1996).

Se a memória da Maçonaria faz d. Ana baixar a voz, a da Igreja de Nossa Senhora da Conceição provoca efeito contrário. Para falar sobre essa fase da vida do pai, ela até se levanta para mostrar as imagens, o crucifixo e o terço, arranjados sobre o seu altarzinho, perto da cama:

“Ele mandava no Cemitério de Nossa Senhora da Conceição. Ah. foi ele que fez a igreja de Nossa Senhora da Conceição. Era uma igreja pequenininha, ele que fez aquela grande que está lá. Eu sou da irmandade de Nossa Senhora da conceição, uso capinha. tudo em homenagem a meu pai.” (Ana, 1993)

“Papai conheceu esse juiz Dr. Guilherme Briggs, que levou ele prá igreja da conceição prá consertar, fazer aquela escadaria, eram os empregados de papai. ele tinha muitos empregados...” (Ana, 1996)

É claro que Albano era católico e entrou para a irmandade de Nossa Senhora da Conceição, mas a narrativa deixa parecer que a aproximação com esta igreja teve motivação profissional, já que o prédio precisava ser reformado. A comunidade portuguesa investiu decisivamente em Niterói nos anos 20, criando as bases do saudosismo pela “época de ouro” e aproveitando o período de modernização urbana para se estabelecer no comércio em expansão, como aconteceu com o sr. João Manoel.

“Ele comprou um bar na rua Coronel Gomes Machado, foi o primeiro negócio; onde tem a loja americana nova (centro da cidade). Ali fica também a Garoupa, que não perdeu uma coisa: até hoje todo restaurante do Rio compra peixe de lá, já vem limpo, escamado. Meu pai tinha um grupo que se reunia, não fabricavam bebidas, simplesmente distribuíam; meu pai depois teve também um depósito de bebidas; comprou um botequim na esquina de Gavião Peixoto e Otávio Carneiro. Por último tinha um dos grandes armazéns de Niterói, prá você ver tinha 8 empregados. Na Paulo Alves, perto do jardim do Ingá. O freguês comprava de caderno e você tinha que levar as compras em casa. Levava uma lata de doce queijo no final do ano de presente. Comprava pelo telefone, pagava no final do mês. Antigamente se fechava a garrafa com rolha batendo; eles fechavam com três batidas: a gente quebrava, não conseguia. Naquela época, no armazém o vinagre e a manteiga tinham que ser pesados na hora. Quando abria, chamava as pessoas, já pesava e levava prá casa nas vasilhas (...) Quando minha mãe ficou muito doente (morreu tuberculosa aos 55 anos) meu pai vendeu o armazém. Ela ficou mais de dez anos na cama. Foi prá Cantagalo por causa do clima de lá. Papai já tinha uma vila prá dar renda, com 23 quartos na Barão do Amazonas. Quando vendeu o armazém foi ser presidente da Companhia de Seguros de Niterói”. (Sr. Waldyr)

2.2. Família e valor do trabalho

“Quem não sabe trabalhar, não sabe nadar” (d. Ana, 1993)

As famílias eram o núcleo de sustentação dessa comunidade, símbolo da união e da solidariedade que os imigrantes perpetuaram nas instituições beneficentes. O sr. João “barbeiro” descreve o bairro da Ponta d’Areia como “uma família”, logo ele que por coincidência levou uma vida bastante solitária por muito tempo; casou-se tarde e teve apenas dois filhos, número baixo para o padrão da época. Ele se justifica amplamente dizendo que vivia para a música, o trabalho e os amigos, dos quais lembra o nome; faz questão de afirmar não ter sido boêmio. Após 8 anos de namoro conta a história do seu casamento como uma espécie de lição:

“Casei tarde, com 27 anos; mas nunca sentei num bar. Era músico, minha vida era música. Trabalhava na barbearia, namorava e um dia fiquei doente: eu morava lá sozinho. Nessa ocasião o pai do Zezinho¹²² que tocava bumbo comigo foi me visitar e disse: ‘Ué... é preciso ver isso...’ Apareceu lá à noite com a mulher, d. Maria, me deram um banho de água quente, suei, fiquei bom. Depois fui na padaria, eles me chamaram para conversar. ‘Senta aí. Tô avisando... pensa que filha dos outros é o que? Vamos à Casa Matias comprar o enxoval: você precisa casar’”.

Apesar desse casamento tardio e quase forçado, o sr. João vive até hoje com a esposa e se considera muito apegado a tudo que diz respeito à família, bem no estilo português. Além de morar com a filha casada, reúne semanalmente os netos com suas respectivas famílias em prolongados almoços regados a vinho (ele faz questão de tomar um copo de vinho verde diariamente), música e bandeira portuguesa pendurada na parede. Como diz um de seus netos, o sr. João “vive” Portugal através dos hábitos cultivados cuidadosamente em família e dos próprios descendentes, que não por acaso se casaram com filhos e filhas de portugueses que fazem questão de manter as tradições lusitanas no cotidiano. Ele ainda se emociona ao falar da primeira casa onde morou com d. Hilda, no morro da Penha, atrás da capela de Nossa Senhora de Fátima, onde na década de 40 se casou o sr. Marinho, outro de nossos depoentes.

A família extensa também é uma referência para o Sr. Dario¹²³, neto de um português do Porto que chegou em Niterói no final do século XIX. Tornou-se dono de padaria em São Gonçalo e fazia entregas na ilha das Flores para a hospedaria dos imigrantes.

¹²² Sr. José Tavares, casado com a Sra. Teresa, atualmente dono de uma padaria na Ponta d’Areia: ambos nossos depoentes.

¹²³ Apresentado a nós pelo sr. Waldyr, membro do Grupo Catedral.

Seu avô também veio com um amigo; ambos se casaram com duas irmãs e *ficaram juntos, naquela época os portugueses eram muito amigos*". Esse amigo ajudou a criar a família quando o avô de Dario morreu. Seu pai nasceu em 1887 no centro de Niterói, mas criou o filho até os 10 anos em São Gonçalo, naquele tempo área rural. Casou-se em 1925 quando já morava na casa da madrinha e levou a mãe de Dario pra lá.

"Minha madrinha alfabetizava em casa; foi como uma avó; passava a mão na cabeça quando mamãe brigava, protegia, educava...Minha avó morreu de parto, minha madrinha assumiu. Foi diretora do grupo escolar em São Gonçalo e quando ela foi jubilada viemos para Niterói. Minha referência é essa avó, que foi irmã da mãe de minha madrinha".

Albano e Maria também construíram uma grande família: criaram 14 filhos, sete que eles tiveram e mais sete adotados; viviam confortavelmente mas não se consideravam ricos. Ana conta que nunca tiveram empregados domésticos, sempre alguém da família "ajudava"; costuravam a maior parte das roupas que usavam; cultivavam verduras e criavam animais pequenos no fundo do quintal, para seu próprio consumo. A rotina de alimentação simples só era quebrada aos domingos, quando Maria acrescentava dois ou três tipos de carne ao arroz, feijão e sopa de todos os dias. O grande número de filhos, mesmo para os padrões da época, impunha uma disciplina de gastos que fica visível em todo o relato de Ana e que ela nitidamente valoriza.

"Mamãe ia nos asilos apanhar crianças para criar, ia na rua apanhar esses meninos que ficavam dormindo, coitadinhos, na praia, na areia; ela apanhava eles de noite, colocava dentro de casa. Fez deles homens, sabe? (...) Quando nós saíamos, parecia aqueles pintinhos... mamãe não comprava assim metro de pano não, comprava peças. Fazia aqueles marinheiros, tudo igual." (Ana. 1993)

As crianças se desdobravam na rotina doméstica - meninas no tanque, na cozinha e na máquina de costura e meninos nas obras com o pai. *"Quem não sabe trabalhar, não sabe nadar"*; ensinava d. Maria. Ana admirava a capacidade de trabalho da mãe, mas o modelo que ela efetivamente criou para si, como mulher, não foi esse. Também não se considerava trabalhadeira como o pai, mas espelhava-se naquele modelo ético e até nos seus dons artísticos: até hoje D. Ana gosta de cantar como o sr. Albano costumava fazer. Quanto às tarefas domésticas, ela sempre fugiu como pode. Hoje sua narrativa demonstra uma ponta de amargura e arrependimento em relação à mãe, que ela nunca conseguiu igualar em matéria de trabalho.

"Uma ocasião, eu estava pronta para ir à missa e mamãe tinha comprado uma porção de camarão, eu tinha unhas grandes, ela disse. 'ih, minha Ana limpa esse camarão num instante', e me chamou 'venha Ana', ela me tratava com muito amor. Eu disse, 'quem vai catar esse camarão? Eu vou catar esse camarão? Então eu cheirosa e arrumada do jeito que estou, minha mãe? Eu vou é à missa, enquanto vou à missa a senhora ainda está limpando esse camarão...' Ela me respondeu, 'Ah, minha Ana, vós tens muito que sofrer'. Não era prá eu responder assim a ela, né? Sempre fui muito respondona, levada da breca, namoradeira." (Ana. 1993)

D. Ana nunca se adaptou ao modelo familiar que paradoxalmente valorizava tanto: o do trabalho duro como rotina e talvez por isso se considerava merecedora de tristezas sem fim. Insiste em dizer que não quis se casar com português (que ela considera machistas e "escravizadores das mulheres") e de fato seus dois maridos (ficou viúva logo após o primeiro casamento) foram brasileiros.

Devia ser difícil mesmo viver de acordo com um padrão de disciplina doméstico tão severo, presente em todos os relatos, motivo de orgulho e reivindicado por todos os depoentes mesmo que com alguma ressalva, como faz o sr. Dario:

“Naquele tempo as crianças ficavam sentadas na sala ouvindo os mais velhos conversar, só não podiam falar, naquele respeito que existia na família portuguesa, aquela tradição: eles são até meio ‘ignorantes’”.



Figura 14 - Primeiro casamento de D. Ana, 1924.

Este mesmo clima de austeridade aparece em outras narrativas, onde as crianças sempre deviam abaixar o tom de voz ou mesmo se calar na presença dos “mais velhos”, variando o nível de exigência de acordo com o status da pessoa adulta. Esta situação também se reproduzia na casa do sr. João Manoel, cuja família também possuía agregados: “*Nós éramos seis; al mamãe começou a criar um rapaz de Maricá; a família era muito pobre*”. O mais velho dos irmãos nasceu em 1917, os outros vieram de dois em dois anos mais ou menos por que segundo o sr. Waldyr *‘naquela época a mulher era exclusivamente dona de casa. Tinha sempre um prá ajudar criando o outro’*. A família de D. Castorina viera de Saquarema no início do século para morar no morro do Castro, no Fonseca. *‘Foi no primeiro bar (comprado pelo pai) que ele conheceu mamãe; ela era costureira, dizia que ia na casa de tia, passava ali e ficava namorando papai. Entregava as peças feitas, vinha sempre com meu tio’*. A casa de suas recordações e onde a família morou até os anos 30 era *‘muito grande, vinha da Barão do Amazonas até a Visconde de Sepetiba. Ali era o depósito de lixo. Botava todo o lixo de Niterói. Onde era o Salesiano¹²⁴ botavam o de Icaraí. Você precisava ver quando alguém chegava em casa, meu pai ficava feliz, minha mãe: era uma mesa que dava 14 pessoas, aquilo ficava que você não queira saber Tinha sempre arroz, feijão carne assada e macarrão. Cada um tinha uma tarefa, as mulheres na casa e os meninos rachando lenha para o fogão de seis bocas onde sempre havia três bules: o branco era do leite, o vermelho do café forte, o azul do café fraco. A serpentina esquentava também a água do banho, mas não havia box; geladeira elétrica nem pensar, todo dia de manhã o geleiro trazia aquelas barras enormes de gelo’*. O dia acabava cedo durante a infância de Waldyr; depois de 9 e meia da noite não havia nada prá se fazer, só ouvir novela no rádio. E tinha horário prá dormir, claro. Cada quarto tinha duas camas, um armário e a mesinha um prato com água e dentro dele o despertador, *‘prá fazer mais barulho e acordar mais depressa. Ninguém tomava banho de manhã. eu ia pro armazém, trabalhava lá, mesmo durante a faculdade’*.

¹²⁴ Colégio Salesiano, bairro de Santa Rosa, Niterói.

Waldyr formou-se contador, fez concurso pro Ministério da Agricultura e trabalhou na polícia especial fazendo segurança do presidente Dutra, quando estava noivo; aposentou-se como funcionário do Ministério do Trabalho. Ele também costumava tomar banho de mar de manhã cedo, assim como todos os depoentes que entrevistamos. Quando vinha da praia tomava uma chuvaçada numa das casas da vila que o pai construía para alugar “*só prá homem, soldado e médico*”. O relato do cotidiano nesta família é muito parecido ao de D. Ana quando se refere à rigidez da autoridade paterna sobre o grupo todo, à submissão das mulheres, à divisão de tarefas entre as crianças, aos agregados, à disciplina alimentar, valorização do trabalho e do lazer, à simplicidade de hábitos de consumo: As refeições faziam parte do ritual doméstico e eram cinco: café da manhã com pão, manteiga e os três bules na mesa, almoço, café da tarde, janta, sempre com o prato de sopa presente e o café da noite. O filtro ficava no canto. Carne e galinha era todo dia, no domingo as crianças podiam tomar vinho, “*sopa de cavalo cansado*” (miolo de pão com vinho), mas tinham que comer a canja e o cozido, não podiam dizer que não gostavam nem deixar resto no prato. Sobremesa era laranja da terra, goiabada com queijo. D. Castorina fazia doce em casa; o pão, “*coisa de italiano*”¹²⁵ fora totalmente incorporado por aquela família portuguesa com certeza e nunca faltava. Sempre criaram galinha, pato, cachorro e principalmente “*mamãe não jogava nada fora*”.

A disciplina também parece bastante rígida pela narrativa do sr. Waldyr, que nitidamente valoriza a autoridade do pai e o ascetismo da economia doméstica imposta por ele: “*Meu pai era metódico. Você podia estar onde estivesse, na hora da refeição tinha que vir correndo, lavava o rosto no tanque, sentava na mesa. não podia andar descalço não. Ninguém sentava na mesa sem camisa, não tinha sandália de dedo, era alpercata, baratinha, de pano. Depois que acabasse de comer podia conversar*”.

O maior castigo para aquele garoto era ficar sem sair de casa “*A melhor coisa do mundo é a liberdade, ir à praia, jogar futebol...*” mas quem decidia isso era o sr. João: quem quisesse sair para passear tinha que sair primeiro prá trabalhar, sem desculpa, fizesse chuva ou sol. “*Havia respeito; tinha hora prá tudo: antes do telefone não tinha como se comunicar. então não podia atrasar*”. As primas ou parentes do sr. Waldyr por parte de mãe ajudavam nas tarefas domésticas: tinha sempre uma arrumadeira, uma passadeira e uma cozinheira. “*Todas casaram lá em casa, nunca houve falta de respeito com elas, é a maneira de criação. Já íamos prá escola sabendo ler e escrever; minha irmã ou mamãe ensinavam todos nós.*” As camisas, todas brancas “*para parecer que eram sempre novas*” eram feitas por d. Castorina e por uma das irmãs de Waldyr que costuravam dois colarinhos; tirava um, colocava o outro; usavam um elástico no braço para prender a manga da camisa para não sujar e lavavam tudo com anil. A prática de se utilizar a mão de obra “familiar” no trabalho doméstico aparece também nas narrativas de D. Ana do sr. Dario e do sr. João “barbeiro” quando descreve o funcionamento da casa de sua avó em Portugal.

As famílias grandes e o trabalho infantil existiam mesmo entre os que possuíam menos recursos, como no caso do sr. Marinho. Criado na Ponta d'Areia, filho de português com brasileira hoje esse ex-metalúrgico mora numa casinha minúscula e sombria com sua mulher, vivendo de aposentadoria e das lembranças de sua “época de ouro” particular: os tempos difíceis de entregador de marmita para os operários das ilhas mudaram quando Marinho encontrou um “benfeitor” funcionário da Cia. Comércio e Navegação que botou fé naquele garoto esperto de 12 anos e o levou para o estaleiro, onde trabalhou de 1927 até se aposentar. Chegamos a este depoente por indicação de moradores do bairro ligados ao Centro Musical, mas foi difícil fazê-lo falar sobre a Banda Portuguesa; Marinho aproveita qualquer

¹²⁵ Encontramos também referência ao pão como tendo sido introduzido por portugueses, provavelmente responsáveis pelo aumento do consumo deste produto nos períodos de maior imigração para o Brasil. Cf. Alencastro, Luis Felipe de. História da Vida Privada no Brasil vol.2, Império, SP, Cia: Das Letras. 1997.

oportunidade para contar sua trajetória como torneiro mecânico e exibir orgulhosamente a revista do Estaleiro Mauá de 1965 em que aparece na capa como operário padrão, um troféu de reconhecimento que parece sustentá-lo mais do que a própria aposentadoria. Filho do segundo casamento de d. Emília (os dois maridos foram imigrantes portugueses) Marinho não tem boas recordações dos tempos de infância e a memória parece falhar muito mais do que quando o assunto é sua vida profissional:

“Ele (o pai) trabalhava aqui no carvão. Tinha o Lloyd, o Amaral, vários depósitos de onde o carvão saía para os navios ou pro seu destino. Como estavam fazendo o cais do porto, tinha uma casa onde ficava a administração, eles ofereceram a meu pai se queria vir morar aqui. Meu pai que estava a perigo, morando num biombo propriamente dito, na rua Santa Clara num quatinho, uma casa que botaram a baixo agora há pouco tempo, uma casa boa, só não tinha luz nem água. Aí meu pai começou a criar a gente. Só teve um irmão meu que nasceu aqui. O resto veio da rua Santa Clara. Eu sou o penúltimo. Tinha o José que era mais velho do que eu dois anos, hoje devia ter uns 84, 85 anos. Minha mãe ajudando meu pai. lavando roupa. Eu nasci em 1915, minha irmã nasceu em 17, por aí, depois veio o outro que já nasceu se aproximando de 1920”.

Aos 12 anos Antônio Marinho já trabalhava na Cia. Comércio e Navegação no setor de tornos e chamou atenção pelo tanto que se envolvia com o aprendizado do novo ofício; logo abandonou a escola e mergulhou na profissão para ajudar a mãe que era lavadeira e parteira no bairro. O sr. Dario diz que começou a trabalhar “tarde”, aos 14 anos; os irmãos de d. Ana iam para as obras com o pai a partir dos 10 anos aproximadamente; o sr. Waldyr ia para o armazém desde os 8, 9 anos, para não falar dos que começaram na roça como o sr. João “barbeiro” que ajudava na colheita segundo ele desde os 5, 6 anos. Parece claro que nestas circunstâncias, em que o trabalho prematuro é uma imposição da própria necessidade de sobreviver e faz parte do cotidiano da família, ele seja investido de uma carga simbólica tão forte. Não gostar de trabalhar, como D. Ana assumidamente revela, poderia ser vivenciado como uma vergonha enorme e a pessoa indolente sentir-se sujeita a grandes sofrimentos. Os depoentes todos enfatizam o valor do trabalho como a maior exigência das famílias portuguesas em relação aos filhos, só perdendo para a educação. O próprio sr. Marinho, que fugiu cedo da escola pela necessidade de sobreviver, tem um bordão que repete insistentemente: “*Minha mãe, que não tinha instrução mas deu muita educação...*” As suas recordações de infância e adolescência são fortemente marcadas pelo autoritarismo de d. Emília, característica confirmada por outros depoentes que a conheceram, justificado pelo filho como indispensável para criar tantos filhos sem marido num bairro movimentado como era a Ponta d’Areia no início do século (quando o pai morreu, Marinho tinha por volta de 5 anos de idade).

2.3. Lazer e Comunidade

“Feliz da pessoa que pode conviver com criança, velho e música”
(Sr. João “barbeiro” fundador da Banda Portuguesa de Niterói)

O ambiente doméstico que transparece em todos os relatos é extremamente rígido. Que coisa mais chata devia ser essa casa cheia de regras, horários e tarefas a serem cumpridas. É claro que tudo isso era importante e significava virtude moral do trabalho e a disciplina que os depoentes tanto admiram. Mas quando d. Ana fala da intervenção criativa do pai, sem dúvida a pessoa mais interessante da casa, seu rosto se ilumina, tanto quanto quando fala da igreja de Nossa Senhora da Conceição. Dá para entender até que ponto a alegria de viver foi marcante para formar a personalidade dessa pessoa que “*não se considera nada neste mundo*”, mas não perde uma oportunidade de cantar, contar piadas, rir e celebrar a

vida, aos 91 anos de idade. Quando fala do pai “artista”, Ana parece estar falando dela mesma:

“Meu pai cantava aqueles fados, ‘chuá. chuá. as águas a correr...’ a nossa casa era baixa, nas ruas paravam para ver quem era o artista. mas era meu pai. (...). Eu tocava piano, estudei até o oitavo ano, e as minhas irmãs também, e ele cantava, papai tinha uma voz bonita, cantava a malandrinha, ‘és malandrinha, não precisas trabalhar, acorda minha bela namorada, a lua nos convida a passear, a lua vem surgindo cor de prata...’ (canta a música) (...)

“Nós íamos passear muito, fazer piquenique. Papai ia pra meio do mato com as minhas irmãs, papai gostava muito da natureza, sabe, papai adorava a natureza.” (Ana, 1993)

“Aos domingos visitava um amigo e no outro domingo levava a gente prá ver as revistas; Vicente Celestino, Margarida Max, esses portugueses que vinham cantar (teatro de revista). Cada domingo levava uma filha. Eu, a Morena, a Edite, e as filhas que ele criava também. Mamãe não ia, não gostava. Dizia assim, ‘traz uma maçazinha prá mim que é melhor’. Ela não gostava de baile, nem de festa.” (Ana, 1996)

Esse gosto pela diversão e particularmente pela música “*é o atavismo dos portugueses*” como diz o sr. Pitta¹²⁶ e transparece também na narrativa do sr. João, que até hoje lembra quantos músicos da Banda Portuguesa eram de sua província e os nomes das aldeias de onde haviam saído. Teriam sido 19, fotografados na inauguração do fardamento da banda, incluindo o maestro da época Joaquim Tavares, primo do sr. João que também só deixou de tocar após a morte precoce do filho. Só no navio com ele, dos 8 conterrâneos, 5 eram músicos, todos de uma banda na mesma freguesia em Portugal: Junqueira de Baixo no Vale de Cambra. Mas o sr. João só veio aprender a tocar trombone e contrabaixo na Banda em Niterói, apesar da insistência de sua mãe para que fosse músico em Portugal. Considerados severos na vida doméstica e profissional, esses patriarcas representaram para os filhos a vivência do aspecto mais lúdico da vida; parece que a rigidez e a falta de sal ficaram reservadas para as mães. Na família de D. Ana o artista era o sr. Albano, que chamava a atenção do povo na rua quando soltava a voz no sobrado da rua da Praia, incentivado pela filha ao piano. O sr. João “barbeiro” também era a “estrela” da casa; manteve as atividades como músico viajando com a Banda sempre que precisava mas nunca mencionou a participação da mulher. Ela apenas “dava apoio, aceitava” como rigorosamente todas as outras esposas de imigrantes portugueses aparecem nas narrativas. Até hoje o sr. João “barbeiro” impressiona aos 90 anos pela vivacidade com que “rege” uma banda imaginária para dar mais colorido à narrativa. Outro que também foi descrito pelo filho como farrista é o sr. João Manoel, escondido atrás da personalidade austera e inflexível usada para impor a disciplina em casa. O sr. Waldyr se ilumina ao narrar as festas organizadas pelo pai para reunir amigos, agregados e familiares sob pretextos variados. Ele conta que o grupo de amigos do sr. João participava de todas as festas, quermesses e clubes de Niterói, arrecadando dinheiro na comunidade portuguesa, com muita animação. O próprio sr. Waldyr foi um dedicado carnavalesco e boêmio enquanto a saúde permitiu.

O lazer da comunidade portuguesa em Niterói nos anos 20 e 30 incluía o Corso durante o carnaval, o cinema, a missa, as quermesses, os ranchos na festa de Nossa Senhora de Fátima e a praia, claro, bem ali nas barcas, onde havia uma escadinha de acesso à areia. Brincavam muito na rua também; era roda, anel, berlinda; “diabolô” faziam balão, pipa, papagaio. E havia o costume dos saraus tão vivo na memória do sr. Dario: *‘Papai gostava de recitar e tocar piano. Fazia fundo musical na casa dos portugueses ricos; a brincadeira era dizer provérbios: os teatros eram restritos ao Rio de Janeiro. A nata da sociedade*

¹²⁶ Ex-maestro da banda e ex-presidente do Centro Musical Beneficente, hoje dirige a Banda Luso Brasileira em Niterói.

niteroiense morava em São Domingos, ali estavam os palacetes. Papai era inteligente, sabia muitos provérbios; tinha uns mais difíceis; aquele que adivinhasse ficava com a homenagem das moças. Você tinha que conversar com a moça fazendo perguntas e ela no meio da resposta colocava a palavra do provérbio. A coisa era complicada. Eles tinham que adivinhar a palavra e o provérbio. Tinha que ler muito, conhecer os autores para saber falar e conversar; ele era um orador. gostava de cantar, cantava modinhas antigas muito bonitas. As festas duravam três dias; eram pessoas ricas”.

Ele conta que na década de 40 a diversão era música, futebol e serenata: “*Os grupos saíam pela rua, as janelas se abriam, os amigos eram feitos assim*”. Esse costume de fazer serenata que o sr. Dario tanto valoriza e que deu origem na sua juventude a um grupo de amigos que se reúne até hoje em Niterói¹²⁷ faz lembrar do romantismo do início do século, torpedeado pela “modernização” do prefeito Paulo Alves em 1904. Tendo a política de higienização como bandeira, as autoridades perseguiram ferozmente os “quiosques”, símbolos do espírito de malandragem e boemia (a exemplo de que acontecia no Rio de Janeiro):

“Chegou enfim o ano de 1904 que deu à cidade seu primeiro prefeito...Vinha com notável programa de governo e entre outras medidas saneadoras constava o extermínio desses pequenos pavilhões infectos (quiosques); mas contrariando tais inovações demasiado número de interesses, essa bem intencionada autoridade não conseguiu manter-se no cargo por nove meses sequer. O prefeito seguinte, Dr. Pereira Nunes, reiniciou-lhes a perseguição, auxiliado pela Polícia, impondo restrições. Extintos os quiosques e instalada a iluminação elétrica nos logradouros emudeceram os violões, as flautas e os cavaquinhos, calaram-se também as vozes que os acompanhavam, gemendo infindáveis melopéias ou toadas monótonas. Findava uma época.”¹²⁸

Pois foi exatamente o espírito desta época que a boemia dos anos 40 vivenciada pelo grupo de amigos do sr. Dario resgatou e tenta manter acesa até hoje, transformando os quiosques em botequins para onde se transferiram as serenatas. Esse resgate pode ser considerado também mais uma das maneiras de reviver a “época de ouro da cidade”, identificada com o apogeu da colônia portuguesa que produziu a fundação do Hospital Santa Cruz e da Banda do Centro Musical Beneficente.

3. Protecionismo

3.1. Construtores

O grupo de patrícios foi o principal círculo de amizades desses imigrantes que incentivava a comunidade a investir em lazer e beneficência:

“Meu pai sempre trabalhou. Tinha o seu Gonçalves, o seu Miranda, o seu Falcão. Eram muito católicos. Antigamente era a festa da Penha. Saía todo mundo em caminhões cobertos. Era festa, em Saquarema, Araruama, Maricá. todo ano tinha. Só saía nas grandes festas, saía todo mundo no caminhão da companhia, botava uma lona e uns bancos tipo pau de arara, levava comida, levava tudo. Todos eram beneméritos em qualquer clube. Participavam de tudo. No carnaval tinha o livro de ouro prá ajudar a pagar os músicos. Os comerciantes falavam, ‘fulano já assinou’? Então eu assino. Davam bebida, soda, guaraná.. Chegava o fim do ano, ia à festa da igreja; o colégio era muito católico, a gente fazia comunhão, cantava. A grande festa era no jardim São João, colocavam barracas. Tinha o grupo que promovia a festa. A igreja não entrava com nada. Tinha banda da prefeitura, do exército, cada uma cantava uma coisa... Todos eles tinham sociedades no carnaval, tinha a Sociedade Recreativa Familiar Dançante Mimoso Manacá na rua São João com Visconde do Uruguai; desfilava no sábado, eles contribuíam. Acabou, ficou tudo muito difícil. Pouca gente prá pagar. Tem que dar dinheiro prá direitos

¹²⁷ Grupo Catedral, formado por amigos (todos homens) que se reúnem em diferentes botequins de Niterói há 50 anos para “manter a tradição de conversar” como eles definem; a maioria é filha ou neto de portugueses.

¹²⁸ Wehrs, Carlos, op.cit. p.20/21.

autorais: bombeiro, polícia, alvará... alguém provoca uma briga, acaba. No carnaval não pode sair com criança, entrar num bar, o Juizado proíbe” (sr. Waldyr).

Juntos investiram na construção da cidade, reformando por exemplo a capela de Nossa Senhora da Conceição, participando da Irmandade. Os velórios aconteciam em casa: *“Papai também ficou em casa; hoje em dia também não dá prá ficar em capela; chega 7 horas o administrador vem com a chave e diz ‘o senhor tranca’ e vai embora porque estão assaltando. No Maruí¹²⁹, em todo lugar. Os portugueses faziam isso, quando morria alguém todo mundo reunia, contribuía pro enterro, eram muito unidos. Vieram prevenidos e aqui acima de tudo tinha que ter a união de todos. E Portugal até hoje não é mole”*.

A solidariedade da colônia se estendia ao campo profissional e a carreira de construtor do sr. Albano é um exemplo disso: os depoimentos são unânimes em afirmar que sua consolidação deve-se ao prestígio adquirido por ele na comunidade. O pai de Ana aparece nas narrativas como um empresário modelo: dava conselhos aos colegas construtores, não tinha problemas com os empregados, pagava suas dívidas. Empreiteiro experiente, comandou uma oficina de marcenaria na frente da casa onde morava com a família, comprando casas velhas e reformando-as para vender. Uma das netas conta que Albano foi pioneiro no pagamento do décimo terceiro salário aos seus funcionários:

“Lembro que todo fim de ano no mês de dezembro vovô entregava para os funcionários um salário extra, enrolado numa folhinha (calendário) (...) era eu que fazia o embrulho. Ele dizia que era um presente de fim do ano, representava um salário a mais e isso antes de se legalizar o décimo terceiro.

Não por acaso a ascensão profissional do sr. Albano esteve ligada ao nome de outro empresário português¹³⁰, José Júlio Pereira de Moraes, depois Visconde de Moraes, nascido em 1848 na província de Trás os Montes. Este é considerado¹³¹ um dos empresários patrícos mais audaciosos e bem sucedidos do princípio do século: foi caixeiro no Rio de Janeiro onde chegou aos 17 (outros dizem que foi aos 15¹³²) fez fortuna no comércio, fundou o Banco português do Brasil; tomou-se amigo de políticos como Nilo Peçanha e obteve concessão para explorar a Companhia Cantareira e Viação Fluminense¹³³. Sua administração à frente da Cantareira é considerada a mais bem sucedida daquele período (final do século passado e início deste) e o Visconde também deixou lembranças como “bom patrão”,¹³⁴ por ter representado a mentalidade do empresário “moderno”: criou uma Caixa Beneficente e um serviço médico para os funcionários, instalou iluminação elétrica na estação, remodelou os estaleiros e reconstruiu a estação central de Barcas e bondes na Praça Araribóia. Foi exatamente nesta empreitada, obra do arquiteto e pintor alemão Tomás Driendll; que o sr. Albano se engajou como estucador.

A idealização do “bom patrão” aparece em outros trechos das narrativas, tanto da neta quanto da filha, em que Albano ora intervém em defesa de um funcionário injustiçado por um empreiteiro patríco¹³⁵, ora é chamado a se manifestar, como presidente da Associação dos construtores civis de Niterói, com relação a questões trabalhistas. Parece natural que o

¹²⁹ Cemitério de Niterói.

¹³⁰ Que aparece na narrativa de sua filha como tendo oferecido o primeiro grande serviço de empreiteiro para o sr. Albano, episódio que é desmentido por uma de suas netas, como desenvolveremos no próximo capítulo.

¹³¹ Wehrs, Carlos. op. cit. p.57.

¹³² Cf. Peluso, Marilena e Rangel, Kátia. op.cit. pág. 21.

¹³³ A Cia. Cantareira explorava o transporte de carga e passageiros entre o Rio de Janeiro e Niterói; o transporte de linhas de bonde e as redes de água e esgoto de Niterói. Esteve sob a administração do Visconde de Moraes entre 1899 e 1911.

¹³⁴ Cf. Wehrs, Carlos. op. cit. p.57. A questão da associação feita entre os empresários portugueses e a modernidade será trabalhada mais adiante.

¹³⁵ Episódio que será comentado no próximo segmento.

relacionamento desse personagem com portugueses e brasileiros também seja idealizado no discurso da filha:

“Papai se dava mais com os portugueses. Mas papai não fazia distinção de raça, era português, era italiano, era tudo. Os empregados do meu pai, ele não chamava de empregados, mas de amigos e os empregados chamavam ele de ‘meu mestre’.” (Ana, 1993)

3.2. Herança material

“Português não vende, compra” (avô do sr. Dario)

Sabemos que o patrimônio deixado pelo sr. Albano, uma vila de casas e um sobrado na rua Visconde do Rio Branco além de uma casa na rua Barão do Amazonas (tudo na região central de Niterói) foi negociado para pagar dívidas assumidas durante o tratamento do patriarca, que sofreu dois derrames precisando ficar 29 dias internado no hospital da Beneficência. Aparentemente, a família não tinha dinheiro guardado e foi obrigada a se desfazer dos imóveis quando o empreiteiro se viu impossibilitado de continuar a trabalhar. De forma semelhante, o sr. João Manoel quando se desfez do armazém para cuidar da esposa¹³⁶, passou a viver com a renda de casas que havia construído para alugar, como já foi comentado. Foi uma geração que investiu em imóveis e comércio; o sr. João “barbeiro” fala da Ponta D’Areia: todas as hospedarias eram de portugueses. Até hoje tem muita gente que não mora mais lá mas continua contando com o aluguel de seus imóveis, como ele próprio que mantém a barbearia funcionando. O sr. Waldyr conta um episódio que ilustra bastante bem como a questão do patrimônio poderia virar conflito entre brasileiros e portugueses na mesma família: quando um de seus tios veio de Saquarema e foi morar com a irmã, tentou manter uma horta no quintal daquela casa enorme, mas o sr. João Manoel tinha outros planos: *“olha você vai continuar aqui mas onde tem a horta nós vamos fazer umas casas prá alugar’. Ele (o tio) aí saiu daqui... ficou brigado com papai um tempão...”* (sr. Waldyr). O sr. Dario também tem uma história de briga em família por causa de bens para contar: seu bisavô, mestre Arrais da ilha das Flores, trazia imigrantes de lá mas também era plantador laranja, vivia num sítio em São Gonçalo que era zona rural ainda. Quando o patriarca morreu todos os filhos brigaram; um queria comprar a fazenda prá construir um hospital; ofereceu 200 contos de réis mas o seu avô disse: *“de maneira nenhuma, não compramos terra prá vender, português não vende, compra’: Depois que ele morreu, você sabe que eles arremataram isso em praça pública por 60 contos e venderam 2 meses depois por 2.100 contos prá se fazer a Brasilândia (loteamento popular). Isso eu não tenho documento prá provar mas é verdade”*. (Dario)

Apesar de terem construído um patrimônio considerável os patriarcas das famílias entrevistadas não acumularam bens a ponto dos narradores os considerarem “de elite”. Dizem ter sido “classe média”, ao lado de outros empresários e comerciantes mas fazem uma diferença clara entre elite (“*gente muito rica*”) e classe média: *“Nós não nos dávamos com gente muito rica não, era uma classe média”* diz hoje a filha do sr. Albano. E quem era considerado classe média também na opinião dela? *‘Esse Cruz, da pedreira, esse Soares que tinha a fábrica de farinha, tantos que vou te contar... Antigamente, havia muita classe média, não havia muita classe alta não. Agora tem mais essas coisas.’* Os patrícios citados são empresários ligados ao comércio e à construção civil, grandes e médios. Os ricos, no

¹³⁶ A esposa do sr. João Manoel morreu tuberculosa em 1945, aos 55 anos, depois de prolongado tratamento no interior do Estado.

entendimento de D. Ana, eram os políticos, os juizes, os “doutores”, com os quais seu pai se relacionava, mas não se misturava.

“... papai se colocava no seu lugar ficava quietinho. Se dava mais com os construtores, colegas dele. Os patrões dele, que faziam as casas, chamava de ‘meus patrões’. Eles diziam, ‘olha, sou seu amigo’. Mas ele falava: ‘não, estou fazendo sua casa, sou seu empregado’. Ele achava que havia diferença”.
(Ana, 1996)

Quem era considerado elite em Niterói nos anos 40, 50 para o sr. Dario? *“O dono do Banco Predial, Francisco Pimentel, brasileiro”*. Mas o Predial havia sido fundado por um português, sr. Gonçalves, que mantinha também uma companhia de seguros, fazia parte do grupo de amigos do sr. João e de quem Waldyr guarda boas lembranças: *“Eu entrava na casa dele, com os filhos: ficava eu e Carlos Alberto, o Marcelo era o mais velho. Tinham um salão de sinuca dentro da casa; emprestavam livro prá todo mundo, tinha uma biblioteca. Todos se formaram.”* (sr Waldyr)

4. Afirmação da identidade/Racismo e exclusão

Esse grupo de patrícios investiu no Hospital da Beneficência Portuguesa, nos já citados prédios da estação das barcas e dos Correios, no Esporte Clube Fluminense e no Clube Lusitano, ponto de encontro da colônia antes da construção do Hospital e espelho da maneira como essa parte da comunidade lusa enxergava o resto da sociedade:

“Quando éramos mocinhas, íamos ao Clube Lusitano. Depois havia aborrecimentos, porque tinha muito português casado com mulatas, né? E dava uns filhos moreninhos, e eles não admitiam, porque você sabe, português é muito, como se diz, racista. Então os filhos deles colocavam talco no rosto prá entrar no clube, quando eles entravam estavam brancos, aí começavam a dançar, aquilo saía, ficavam escuros, aí havia brigas, porque não queriam pretos lá dentro.” (d. Ana, 1993)

O racismo também aparece na narrativa dos depoentes da Ponta d’Areia, como por exemplo neste trecho do depoimento do sr. João sobre o bairro no tempo de sua juventude. Da mesma forma, a convivência familiar parece diluir as diferenças raciais através dos laços de intimidade, que aparentemente superam o preconceito, exatamente como no caso do Clube Lusitano onde os filhos de portugueses com negras eram admitidos, com o rosto pintado, claro. Eram todos considerados de alguma forma “família” e por isso deveriam ser aceitos, mas o imigrante português naquele momento precisava se diferenciar radicalmente do trabalhador negro para construir sua própria identidade, como sugere o sr. João:

“Todos falavam bem do Brasil, de fato era muito bom, se trabalhava muito, tinha muita ordem, não tinha bagunça. A gente andava de noite, não havia nada. A Ponta d’Areia era uma casa de família. Estranho que ia fazer bagunça ali era posto prá fora, lá tinha brasileiro filho de portugueses, tinha escuro, tinha tudo, mas eram criados uns com os outros.” (sr João)

O imigrante colocava-se assim como “ordenador”, símbolo do trabalhador disciplinado europeu que viera trazendo a modernização e não simplesmente substituir a mão de obra escrava. Neste sentido a comunidade lusa “construiu” um bairro à imagem da grande família, onde os baderneiros vinham de fora e os “estranhos” citados como “brasileiros filhos de portugueses e escuros” tinham a garantia de serem criados todos juntos, por isso eram confiáveis.

No entanto o sr. Marinho, um desses *“brasileiros filhos de portugueses”*, não freqüentava os bailes da Banda porque *“lá tinha que ir de terno e gravata, não podia entrar preto, essas coisas de português”* às quais ele não se adaptava. Não por acaso esse ex-tocador

de viola é casado até hoje com uma mulata, o que aliás não é exclusividade de quem se declarava contra atitudes racistas. Observamos através das fotos de família que outros dois fundadores, um do Centro Musical e outro do Hospital, ambos portugueses imigrantes casaram-se com mulatas e que a frequência de negros nas festas da Banda Portuguesa era uma realidade desde os registros da sede antiga¹³⁷. O veto à participação de músicos negros na banda existia informalmente, conta o sr. João, e foi devidamente desbancado pelo maestro Joaquim Tavares, um de seus parentes e considerado o melhor regente até hoje, por sua rebeldia e audácia. Teria sido este maestro que, surpreendido pela falta de um dos músicos num dia de apresentação da banda, aceitou substituí-lo por um membro do corpo da polícia militar, negro. A decisão de Tavares teria causado um mal estar no conjunto do grupo e entre membros da diretoria do Centro Musical, diz o sr. João, mas o músico substituto era excelente e “*comportou-se direitinho, agradecendo a oportunidade no final da apresentação. Ele conquistou todo mundo*”. Só faltou dizer que “ele colocou-se no seu lugar”...



Figura 15 - A Banda do Centro Musical Beneficente [s.d.]

É importante lembrar em que situação aconteceram essas manifestações claras de racismo na comunidade imigrante portuguesa em Niterói e resgatar as observações que faz Sérgio Buarque¹³⁸ sobre a identidade do povo lusitano, “*um povo que hesita entre a África e a Europa*”, mestiço com escravos negros desde 1500, segundo este autor. Esta característica não isentou os conquistadores portugueses do século XVI de uma atitude etnocêntrica em relação ao gentio de maneira geral; mas é necessário destacar que no princípio do século a comunidade imigrante lusa no Brasil precisava se diferenciar dos ex-escravos.

¹³⁷ Cf. Fotos em anexo.

¹³⁸ Holanda, Sérgio. op.cit.p.53. A isto cumpre acrescentar outra face bem típica de sua extraordinária plasticidade social: a ausência completa, ou praticamente completa entre eles de qualquer orgulho de raça. Ao menos do orgulho obstinado e inimigo de compromissos, que caracteriza os povos do Norte. Essa modalidade de seu caráter que os aproxima das outras nações de estirpe latina e mais do que delas dos muçulmanos da África, explica-se muito pelo fato de serem os portugueses em parte e já ao tempo do descobrimento do Brasil um povo de mestiços. Os próprios africanos os distinguiriam dos europeus como mais ‘seus iguais’.

5. A Banda Portuguesa de Niterói

5.1. Um bairro idílico

Niterói nos anos 20 parecia ser uma cidade “fácil”, na perspectiva de um dos depoentes: *“ô trânsito fluía, a gente descia da barca, pegava o bonde... havia diversão sem confusão, as ruas eram tranqüilas”* (sr. Dario). Situada no canto esquerdo do litoral niteroiense, do ponto de vista de quem chega pelo mar, a Ponta d’Areia era *“como uma verdadeira casa de família”* (sr. João “barbeiro”) ou uma *“comunidade pacífica”* (sr. Dario) apesar de freqüentar as manchetes do maior jornal da cidade nos anos 20 como bairro perigoso, cenário de crimes e brigas constantes¹³⁹. O sr. Marinho ainda se emociona ao falar do lugar onde nasceu: *“Eu nasci na rua Santa Clara, bairro da Ponta d’Areia Niterói, a minha Ponta d’Areia. Vim com seis meses morar na rua Barão de Mauá. A rua Barão de Mauá é uma coisa fora de série: ela começa no número 238 e acaba no número 356...”* O sr. João só lembra das coisas boas que representam a “ocupação” portuguesa do bairro, descendo a pequenos detalhes: *‘Na Ponta d’Areia havia 4 restaurantes: na Miguel de Lemos 44 o do sr. José Dias da Costa com 40 mesas, 2 cozinheiras, 2 ajudantes, 2 lavadores de pratos; pertencia a 3 irmãos: tinha o do Lourenço Magro, o do José Preguiça e o ‘Pinhão’, além, do botequim de d. Benedita, mãe do Venâncio¹⁴⁰. O trabalho era no Wilson Sons, na Companhia de Comércio e Navegação, no Depósito de Carvão do Amaral, no Lloyd Brasileiro. Uns 6000 operários trabalhavam por aí; tinha o botequim do Antônio Vinhas; se jogava sinuca até de manhã em frente à barbearia sem bagunça. Tinha a Avenida dos italianos; Pedro Lanzetti e Mário, irmãos que faziam canoas para regatas; as hospedarias eram dos portugueses. Tinha um campo de futebol; ali brincava todo mundo, do morro da Penha, da Ponta d’Areia, não tinha briga, não tinha nada. Tinha o clube Ponta Areense e o Ponta d’Areia, todos os dois lá dentro. Mas eu nunca joguei bola’*.



Figura 16 - Feijoada na Banda para terminar a construção do prédio [s.d.].

¹³⁹ Jornal *O Fluminense*. 13/7/29. primeira página. BN.

¹⁴⁰ Atual (1998) Secretário do Centro Musical Beneficente Banda Portuguesa de Niterói, filho de imigrantes que no princípio do século mantiveram um botequim no bairro da Ponta d’Areia, é um dos nossos depoentes.

Apesar do incrível movimento do bairro em torno da estiva e da existência de todo tipo de gente circulando por ali, os narradores identificados até hoje com o Centro Musical só se referem ao ambiente familiar e ao clima idílico de sua juventude. Quando escapa alguma “inconfidência” abaixam a voz num sussurro, como o sr. Marinho ao contar suas aventuras na época em que driblava a polícia e os bicheiros locais ao chegar de madrugada em casa (“...a Ponta d’Areia era a academia de tudo o que não prestava...”); d. Guiomar pediu que se desligasse o gravador¹⁴¹, quando resolveu falar das “mulheres da vida” que freqüentavam a Ponta d’Areia (“mas nenhuma morava ali, só trabalhavam e iam embora”). Desta forma os narradores deixam “de fora” do bairro e de seus relatos aquela parte da população que não representa a comunidade idílica portuguesa. Os “estranhos” só aparecem como personagens itinerantes, que não se misturavam, não perturbavam, era como se vivessem em outro bairro realmente.

Uma boa parte dos portugueses recém chegados a Niterói procurou se fixar naquele pedaço do litoral, aproveitando o mercado de trabalho que se formou em torno dos estaleiros da região; a comunidade lusa cresceu tanto que o bairro passou a ser chamado de Portugal Pequeno (hoje existe um colégio estadual com este nome na rua Visconde de Itaboraí).

5.2. O núcleo do “Portugal Pequeno”

Os primeiros anos deste século foram marcados como já observamos pelo crescimento das associações mutualistas e beneficentes da colônia portuguesa tanto no Rio de Janeiro quanto em Niterói e a organização do Centro Musical parece ter seguido essa tendência - os comerciantes portugueses do bairro se cotizaram, conseguiram o apoio da colônia lusa niteroiense, a comunidade se mobilizou para arrecadar fundos, como veremos adiante. Mas qual teria sido a principal motivação para se organizar a entidade, segundo os depoentes? O sr. Venâncio registrou no seu caderno de atas do Centro que “*os portugueses fundaram a Banda para se lembrar da pátria e se divertir tocando*”, exatamente o que diz hoje o sr. João, acrescentando que as farras musicais que já aconteciam entre os trabalhadores portugueses nos momentos de folga só precisavam ser “organizadas”:

“Depois fundamos a banda de música. Prá falar com você a verdade, a banda começou em 1929: foi fundada por uns 8 entre eles eu, meus tios Zé Maria, Manoel. Domingos Tavares Junqueira que era meu primo, sócio do meu tio no bote e foi o primeiro presidente da Banda. Eu trabalhava com o Francisco: ela começou a ser anunciada em conversas uns com os outros no Wilson Sons, companhia inglesa de carvão. Porque tudo lá era rapaziada do Vale de Junqueira, tudo era músico, tinha uns 10 ou 12 músicos. Foi ali que começou. Tocavam lá na ilha, brincavam uns com os outros, faziam festa. Uns tocavam acordeão, outros violão, outros viola, outros clarineta, outros pistão, outros trombone. Começaram a falar na banda na Ponta d’Areia mas eu não sabia música. Sempre fui pessoa muito tímida”.

Os primeiros depoimentos sobre o Centro Musical e as atividades da banda revelaram apenas esse aspecto lúdico e romântico do funcionamento da instituição e foi necessário “ouvir” também os parques arquivos guardados cuidadosamente pelo sr. Venâncio para tentar entender o atual esvaziamento da banda portuguesa. A documentação a que tivemos acesso¹⁴² sugere que as trajetórias do Centro Musical e da própria banda foram

¹⁴¹ Viúva de Artur Peres, um dos fundadores do Centro Musical Banda Portuguesa de Niterói. d. Guiomar mora sozinha no bairro de Icaraí e guarda uma fantástica coleção de fotos da Banda, em cujo prédio seu marido manteve uma alfaiataria. Chegamos a ela por indicação de membro da atual diretoria do Centro Musical.

¹⁴² Um livro de registro de matrículas de 1929 a 1935 com os nomes dos 600 primeiros sócios, cópia do Estatuto (sem data de registro), um caderno organizado pelo atual secretário, sr. Venâncio Araújo, resumindo as atas do período 1929/1964 e as fichas individuais de sócios, com informações sobre idade, estado civil, residência. etc. Cf. Modelo em anexo. O sr. Venâncio diz ter resumido as atas em cadernos porque os livros originais estavam

bastante tumultuadas. O grupo de comerciantes da Ponta d'Areia que liderou a organização do Centro Musical Beneficente recebeu apoio financeiro de Manoel de Azevedo Falcão, na época vice-cônsul de Portugal em Niterói e ativo participante da Sociedade Portuguesa de Beneficência, que no dia 3 de maio de 1929 inaugurava o prédio do Hospital Santa Cruz com a presença da banda Portuguesa, que já existia. Exatamente dez dias depois o Centro Musical começou a funcionar num prédio cedido por José Dias da Costa na rua Miguel Lemos n.100 onde os músicos ensaiavam. Na cópia do estatuto por nós consultada (aprovado em 1943), consta o endereço da nova sede, Miguel Lemos 14, que viria a ser inaugurada em 1939 e onde o Centro Musical funciona até hoje. Os primeiros artigos deste documento procuram definir o perfil do associado, que deveria ter preferencialmente nacionalidade portuguesa ou brasileira (Art.5) - os casos de "outras nacionalidades" deveriam ser apreciados pela diretoria, que ainda não contava com representação feminina (Art.17, #2) e vetava-se a admissão de cidadãos "*comprovadamente beberrões, de aspecto pouco recomendável, ou com moléstia contagiosa*" (Art.19). A estas restrições o sr. Marinho acrescenta que por ocasião dos bailes se exigia o uso de terno e gravata para, segundo ele, controlar a frequência num lugar naturalmente movimentado como era a Ponta d'Areia nos anos 20 e 30. É nestes detalhes do estatuto que o bairro da estiva ganha visibilidade e se encontra com o "*Portugal Pequeno*".

5.3. O que se deve ou não lembrar

Por ironia a primeira confusão envolvendo o Centro Musical foi provocada por um grupo de sócios fundadores, acusados de acompanhar o histórico maestro Joaquim Tavares, citado por todos os remanescentes da Banda como o maior de todos os regentes, na "desmoralização" da entidade no dia 3/7/1930¹⁴³ no episódio que aparece registrado como "Rebelião Vermelha". Nenhum dos entrevistados mencionou voluntariamente este acontecimento, da mesma forma que não se fala sobre o "fim" da banda. provocado por outra divergência interna, aparentemente semelhante, envolvendo também um maestro (sr. Pitta, um de nossos depoentes) e a diretoria do Centro Musical em torno da mesma questão - "a organização da banda" - este é o motivo da "Rebelião", de acordo com a narrativa dos depoentes. O sr. João "barbeiro", que também foi exonerado em 1930 e readmitido pouco depois, fala do acontecido como "*briga boba entre portugueses que são meio esquentados por natureza*". Ele conta que o maestro e a diretoria da época tinham "idéias diferentes" sobre como dirigir a banda; discutiram, Joaquim Tavares foi afastado e transferiu-se com os músicos e os instrumentos para um salão no outro extremo do bairro. Passados "*alguns meses*" o maestro foi convidado a voltar "*com plenos poderes*", conta o sr. João e "*reergueu a banda, que passou de 10 para 45 músicos, com o trabalho extraordinário deste que foi o maior maestro que tivemos*". Os outros narradores também minimizaram o episódio como um desentendimento provocado pelo mau gênio dos portugueses que "*são meio grossos mesmo*" de acordo com o sr. Venâncio, ou "*são dados a falar alto, parece que estão sempre brigando...*", como sugere dissimuladamente d. Guiomar, viúva de um dos fundadores que não aderiu ao "levante". Aparentemente tratou-se mesmo de uma demonstração de rebeldia contra a porcentagem que caberia à diretoria do Centro Musical sobre o total arrecadado durante as apresentações da banda. Provavelmente esta sempre foi uma questão importante, apesar de só aparecer registrada em ata na gestão de 1935/36, quando a Assembléia decide

em péssimo estado, correndo risco de se perder. Na verdade, acabaram desaparecendo: hoje só há essa compilação, não encontramos livro de atas do período 30/60.

¹⁴³ Consta no caderno do sr. Venâncio que esse grupo de 9 associados foi exonerado no dia 7/8/30 de acordo com o Art.18, Cap. VI do Estatuto da entidade. No entanto não encontramos este artigo na cópia consultada do Estatuto (o segundo estatuto é de 15/1/1943, publicado no D.O. de 16/1/43). Esses associados haviam sido admitidos no dia 13/5/29, data da fundação do Centro Musical.

aumentar o percentual da Sociedade nas apresentações musicais que eram de 80% contra 20%, para 70% contra 30%. Propunha-se também que a porcentagem dos músicos fosse dividida em partes iguais, já que antes havia um escalonamento (mas não fica explicitado qual era o critério). Apesar de ter durado pouco tempo parece que a “rebelião” custou caro ao Centro Musical: os registros do sr. Venâncio com base em atas de assembléia do período mostram que a diretoria arrecadou em 1930 entre 10 associados um total de 3.650\$000 em doações para repor os prejuízos causados pelos rebeldes, que aparecem descriminados como concerto de instrumentos e compra de cadeiras¹⁴⁴. Considerando que a mensalidade paga em 1929 era de 3\$000¹⁴⁵ a mobilização da comunidade não deve ter sido pequena. Além disso os associados que compareceram ao primeiro ensaio após a rebelião foram premiados com o título de Beneméritos e a isenção no pagamento de mensalidades (não se especifica por quanto tempo). Em 1931 consta a doação anônima de 25 cadeiras, mas o total em dinheiro arrecadado diminuiu bastante - 620\$000 entre 5 sócios e as quantias variaram de 10\$000 a 240\$000. A recuperação da banda Portuguesa deve ter sido rápida uma vez que no ano de 1934 já estava formado o movimento pró-construção da nova sede. liderado por Manoel Falcão, ilustre personagem da colônia lusa em Niterói, que depois veio a ser presidente do Centro Musica; foi homenageado com a colocação de seu busto na entrada do prédio. O processo foi muito semelhante ao utilizado durante a construção do Hospital Santa Cruz: trabalho em mutirão da comunidade do bairro, doação de material pelo pequeno e grande comércio da cidade e levantamento de fundos através de bailes, festas, promoção de espetáculos de teatro amador no Municipal de Niterói e o originalíssimo passeio marítimo pela baía organizado pela colônia da Ponta d’Areia. O orçamento da obra sob responsabilidade do construtor José Gomes Cruz foi calculado em 1936 em 92 contos de réis, dos quais as companhias Antártica e Brahma doaram inicialmente 500\$000 réis cada uma; foram feitas também doações em tijolos e sacos de cimento por vários associados; a companhia Lopes de Sá ofereceu 100 mil réis; a casa Hime doou ferro; a Companhia Nacional de Fumos 100 mil e a diretoria do Centro Musical obteve desconto na compra da madeira, de acordo com os registros em ata. O resultado dessa empreitada não pode portanto ser atribuído exclusivamente ao esforço da comunidade portuguesa de Niterói, da mesma forma que a construção do Hospital Santa Cruz também não foi, como veremos adiante. No entanto a narrativa que se construiu sobre as duas instituições atribui à colônia imigrante lusa dos anos 20 e 30 o principal mérito por estas iniciativas

5.4. Vantagens de “ser português”

Os narradores que nos contaram a história da Banda Portuguesa nunca se referiram à discriminação em relação a sócios não portugueses, mas os registros do Centro Musical (assim como os do Hospital Santa Cruz) refletem a necessidade de afirmar a diferença entre as nacionalidades. Como já observamos, era importante para o imigrante português no início do século reforçar a imagem de trabalhador moderno, urbano, capaz de trazer a “ordem e o

¹⁴⁴ Na ocasião o sr. Artur, marido de nossa depoente d. Guiomar e membro do Conselho, ofereceu 60\$000 entre doações que variavam de 50\$000 a 2.600\$000. Outro depoente, o sr. João “barbeiro”, aparece como exonerado por causa da “Rebelião” e mais tarde (1931) agraciado com o título de benemérito por ter retornado.

¹⁴⁵ Cf. Ficha de matrícula n.l. datada de 13/5/1929 em nome de Domingos Tavares Junqueira, 29 anos. A ficha n.14 é do sr. Artur Peres, 24 anos, casado, morador r. Miguel Lemos, 9, com data de 1929. O marido de d. Guiomar foi conselheiro em 1930 e 31; em 33 foi eleito segundo tesoureiro, cargo que manteve até 37; é escolhido sócio benemérito em 31; em 1942 passa a vice-presidente; em 1950 ocupa vários cargos na diretoria; consta ter emprestado Cr\$ 7.000 na gestão 1949/50 sem juros: seu retrato é colocado no salão em 1950; depois disso ocupa vários cargos na diretoria até 1962. O sr. João “barbeiro” aparece na ficha n. 48, com data de 13/5/1929 aos 19 anos, morador na rua Miguel Lemos, 12.

progresso” para a nova pátria, conforme o interesse também das autoridades brasileiras. Nos limites de uma instituição beneficente e recreativa encravada no meio da região portuária de Niterói, essa diferenciação estabeleceu-se a partir da excludência - os cargos de direção eram desde o início reservados aos portugueses natos, decisão reafirmada na gestão 1935/36, época de declínio da imigração e das restrições impostas pela nova legislação imigratória. Nesta ocasião foi aprovada também a aceitação de sócios de “qualquer cor e sexo masculino”, excluindo aparentemente as mulheres que na verdade já freqüentavam as festas da Banda Portuguesa; só faltava a representação na diretoria, conseguida na gestão 1945/46; na gestão 1947/48 formou-se o Departamento Feminino e em 1949 inaugurou-se a Escola da Banda, que não existe mais. Apesar dessa “abertura” que sem dúvida refletia o clima geral de democratização do pós guerra e as próprias mudanças ocorridas no bairro, as mulheres nunca participaram do grupo de músicos. Este sempre foi exclusivamente masculino e branco; não havia um veto formal à participação de negros na Banda, mas na medida em que todos os músicos pertenciam à diretoria essa limitação se impôs “naturalmente”. Os narradores ligados ao Centro Musical demonstram dificuldades em falar sobre os motivos internos da crise que provocou a desativação da Banda entre 1950 e 57; atribuem essa descontinuidade ao fim da “época de ouro” da comunidade portuguesa na , Ponta d’Areia como d. Guiomar ou ao fato de “*estarmos andando prá trás*” como diz o sr. João “barbeiro”. A exceção entre eles é o ex-maestro Pitta , hoje dirigindo sua própria banda, a Luso Brasileira, em plena atividade com cerca de 30 músicos, todos brasileiros. Ele conta ter sido chamado pela diretoria do Centro Musical em 1963 “*para reerguer a banda, então abandonada*”, permanecendo na direção por 23 anos (foi também presidente do Centro Musical durante 11 anos neste período). Dessa segunda “época de ouro” em que a Banda voltou a ter cerca de 40 músicos, ele guarda fitas com gravações precárias de algumas apresentações históricas feitas em homenagem ao cônsul de Portugal no Rio de Janeiro e até de uma viagem que o maestro fez a Portugal nos anos 70, a convite do consulado de Niterói. Esse português de 77 anos faz questão de dizer que a unidade do Centro Musical era garantida pelo fato de toda a diretoria ser formada por músicos, mesmo sendo estes brasileiros, e que o motivo de seu afastamento da função de maestro foi “*divergência quanto às atividades da Banda*”, leia-se problemas em relação à divisão dos lucros das apresentações. Outro de nossos depoentes, o atual secretário sr. Venâncio também referiu-se “*em off*” e em voz baixa a discussões que teriam acontecido entre a diretoria e o ex-maestro por motivos financeiros, mas não quis entrar em detalhes. Nosso ponto de vista é que o conflito interno no Centro Musical, para além da motivação econômica foi alimentado pelo fim da excludência enquanto afirmação da identidade na comunidade lusa, que termina a partir da segunda geração de filhos de portugueses nascidos no Brasil. Como observaremos adiante em relação ao tema da naturalização, o “ser português” naquele momento passava por afirmar-se discriminando os brasileiros, os “de outras nacionalidades”, os não-brancos ou ainda os “de qualquer cor”.

6. O Hospital Santa Cruz

6.1. Esforço comunitário

Pouco depois da construção do Clube Lusitano a colônia partiu para um projeto aparentemente mais excludente ainda, uma Sociedade de Beneficência para atender prioritariamente as famílias portuguesas e prestar assistência aos imigrantes. O Hospital Santa Cruz, construído a partir da transformação do Centro da Colônia portuguesa em Sociedade Portuguesa de Beneficência de Niterói, começou a ser idealizado em 1919. Isso foi antes da reforma Carlos Chagas na área de saúde, numa época em que a população urbana contava basicamente com as associações mutualistas para socorrê-la. Tanto o Hospital quanto o

prédio do Centro Musical foram inaugurados em 1929 mas a banda já existia, pois tocou na inauguração do Santa Cruz sob o comando de seu terceiro maestro, Artur Rodrigues Pinho. Ambos tinham vários sócios em comum, com por exemplo o sr. Manoel de Azevedo Falcão, futuro vice-cônsul de Portugal em Niterói e responsável como já vimos pela construção da sede do Centro Musical em 1939 e os Srs. Ilídio Soares e Armando Malhão, membros da diretoria da Sociedade de Beneficência e da Banda.

É curioso notar a diferença entre as narrativas da filha e da neta com respeito à participação do sr. Albano na construção do hospital e o que se escreveu nos registros da instituição.¹⁴⁶ Para D. Ana a construção do hospital consumiu todos os recursos do pai: ele foi o verdadeiro engenheiro da obra, apesar de não ter recebido o crédito, por não ter diploma reconhecido no Brasil, além de ter doado material e ter ensinado outros a trabalhar em obras. É a imagem do benfeitor quase anônimo e despojado, que abre mão do próprio interesse em nome de uma causa maior, um herói.

“Quem construiu o hospital foi ele, com esse Falcão (Manoel Falcão) que assinava as plantas, porque era engenheiro” (Ana, 1996)

“Aqui mesmo nesse hospital ele ensinou ao pai do seu Abílio, seu Manoel, que era alfaiate. Papai disse: ‘deixa de ser alfaiate, vou te ensinar a ser construtor’. Papai ensinou a ele como se assentava tijolo, colocava ladrilhos.”

“(…) todo mundo deu dinheiro prá isso aqui (o hospital). Antigamente era uma coisa pequenininha. hoje está este monstro... Papai tanto mandava material, como dava também dinheiro bastante para fazer. Se papai tivesse juntado o dinheiro que gastou aqui, nós tínhamos ficado muito ricos”. (Ana, 1993)

Foi um esforço comunitário, de acordo com relatos, jornais e registros em Ata da instituição:

“Todas as famílias levavam coisas prá vender quando construíram o hospital; como o Instituto Abel¹⁴⁷ faz hoje, Faziam prá arrecadar dinheiro, tinha uma brincadeira de quem empilhava mais tijolo... não havia elevador (...). Meu pai criou no hospital (Santa Cruz) o que hoje em dia não é mais obrigatório: no último ano de medicina o médico trabalhava, recebendo como residente, comia e morava no hospital; foi iniciativa dele, como foi o centro geriátrico. Os velinhos antigamente ficavam no corredor de pijama, aquilo chocava as pessoas: hoje você vê o pessoal de bermuda no centro geriátrico, tem banheiro no quarto, tem mesinha. tem tudo...” (Sr. Waldyr)

6.2. Apropriação pelo grupo

O terreno onde se construiu o prédio principal, uma chácara pertencente a Antônio José Pereira de Barcellos, foi comprado pela Sociedade em 1920. Neste mesmo ano, a diretoria da entidade aprova um estatuto que levantou discussão, em que admite a entrada de sócios de “outra nacionalidade”, mas limita sua participação: não teriam poder de legislar, não poderiam concorrer a cargos eletivos, ou administrativos, nem deliberar acerca de assuntos de interesse da instituição. Apesar desses impedimentos, a decisão parece ter sido polemica, pois exigiu do presidente da Sociedade uma longa intervenção defendendo a *“abertura à participação de outras nacionalidades; para acompanhar a evolução que se fazia em todo o mundo”*¹⁴⁸. Era a tentativa de manter controle numa instituição que se abria

¹⁴⁶ Foram consultados os livros de registro de Atas de Assembléia e o Boletim comemorativo dos 50 anos da Instituição.

¹⁴⁷ Tradicional Colégio de Niterói

¹⁴⁸ Boletim comemorativo dos 50 anos do Hospital Santa Cruz.

cada vez mais à comunidade, já que desde sua idealização os esforços de recolhimento de fundos para a obra tinham envolvido não só a colônia, mas várias pessoas da sociedade niteroiense. Foram anos de envolvimento sistemático em promover espetáculos beneficentes, no teatro João Caetano, na realização de campanhas com chás dançantes, festas no Clube Lusitano e vendas simbólicas de flores, entre outras atividades. Essas campanhas eram lideradas pelas damas da Cruz de Malta, grupo que se constituiu no símbolo maior da aliança entre portugueses e brasileiros, já que sua presidente, Odete Pires de Mello, era casada com um médico de tradicional família niteroiense, mais tarde eleito primeiro Diretor médico do Hospital. Havia sem dúvida estreita ligação entre a diretoria do Centro da Colônia Portuguesa e a daquela instituição¹⁴⁹. O momento também era de mudança na postura do governo em relação aos imigrantes, com a introdução da lei dos 2/3 e as transformações da política varguista em geral como já observamos. A referência que uma das netas de Albano faz à participação do avô na construção é muito mais objetiva do que a de Ana; no entanto ela não faz referência a doações, seja em material ou em dinheiro, o que efetivamente aconteceu, de acordo com os registros em ata do hospital.

“Na Beneficência, ajudou muito na construção do antigo prédio, oferecendo a administração da obra, gratuitamente. Para ajudar mo netariamente, colocou todos os netos e filhos como sócios do hospital, que prestou -lhe uma homenagem, colocando seu nome na Sala de Parto (...)” (Alba. 1996).

As atas de assembléia da Diretoria da Sociedade Portuguesa de Beneficência que foram consultadas, referentes ao período de 1920 a 1932, refletem a presença constante de Albano durante a década de 20, mais precisamente entre 1921 e 1929. Nesse espaço de tempo, ele participou do Conselho de diretores em várias ocasiões, organizando a comissão de obras, ou como segundo secretário eleito, representando a Sociedade em diferentes eventos. O processo de construção envolveu basicamente o grupo remanescente do Centro da colônia Portuguesa, já que entre 1920 e 1928 entraram apenas 168 novos sócios.

Em maio de 1926, Albano recebeu um voto de louvor do Conselho, por ter doado a instalação de esgoto do prédio central da Sociedade. Viaja em seguida a Portugal por 5 meses, mas antes de embarcar, oferece a planta, a mão de obra e responsabiliza-se por tirar a licença junto à Prefeitura para a fachada do prédio central, a ser construído na rua Dr. Celestino 30, futura sede do hospital, o que realmente não é pouco, considerando-se as proporções da obra. Em 1927 é escolhido junto com outros colaboradores como um dos “Cem Obreiros” do hospital; começa então a doar 50\$000 réis por mês para a obra e recebe o título de Sócio Honorário. No Álbum da Colônia Portuguesa¹⁵⁰, Albano aparece como bibliotecário da Sociedade de Beneficência em 1927. Eleito diretor financeiro em 1928, faz outra viagem a Portugal; é reeleito para a comissão de finanças em 1929. Porém, às vésperas da inauguração do novo prédio, ele começa a se afastar das reuniões; vários membros da diretoria reclamam de sua ausência tomando inclusive providências para saber o que se passava; duas comissões são enviadas para convocá-lo, sem sucesso. Apesar de continuar contribuindo com a doação de material para a obra, o empreiteiro alega falta de disponibilidade, devido a problemas particulares, para comparecer às reuniões. A diretoria pede sua substituição em maio de 1930, no mês da inauguração do hospital.

Apesar de ter tido atuação marcante na Sociedade de beneficência durante toda a década de 20, o nome do pai de D. Ana não consta no folheto comemorativo dos 50 anos da inauguração do prédio. É também curioso o fato dele ter se afastado justamente às vésperas da concretização do projeto para o qual tanto trabalhou; a despeito disso, a colocação

¹⁴⁹ Entre janeiro e fevereiro de 1920, Roberto Nogueira da Silva e António Madeira, dois futuros diretores do Hospital, são indicados para a Diretoria do Centro da Colônia Portuguesa. Cf. *Jornal O Fluminense*, BN.

¹⁵⁰ *Álbum da Colônia Portuguesa*, editado em 1927.

simbólica da pedra fundamental foi realizada em grande estilo por suas filhas Ana e Rosa, conforme relato de uma das netas. D. Ana tenta uma interpretação que enobrece ainda mais a figura do pai:

“Não gostava que usassem o nome dele como doador. Não quis que fizessem estatueta prá ele lá em baixo (no saguão de entrada do hospital). Coisas grandes ele não gostava. Dizia: ‘Eu quero ser pequenininho, eu nasci pequeno’. Vivia mais prá família” (Ana. 1996)

O Santa Cruz tomou-se rapidamente, de acordo com reportagem do “Fluminense”, o maior jornal da cidade, um exemplo em qualidade, símbolo do orgulho da colônia, superando o outro grande hospital de Niterói na época, o S. João Batista, “*emperrado pela burocracia*”¹⁵¹. No início da década de 30, já com a modificação no artigo do estatuto que limitava o direito à participação de sócios brasileiros, as adesões aumentaram significativamente. Entre 30 e 32, entram 604 novos associados, 60% deles brasileiros. Ou seja, o hospital servia basicamente à população nacional.

Albano morreu aos 68 anos após sofrer dois derrames. Isso aconteceu num dia de agosto, D. Ana esqueceu, só lembra da pequena multidão que se acotovelava em frente à sua casa no número 171 da Rua Visconde do Rio Branco, centro de Niterói. Até os bondes que passavam em frente paravam para os curiosos poderem espiar melhor, pela janela do sobrado, o que se passava.

“Quando papai teve o derrame, os empregados todos pararam, a casa da rua da praia ficou cheia de empregados dele dizendo, ‘o mestre está à morte, o mestre está à morte’, todo mundo rezando” (Ana Pereira do Nascimento, 1993).

Internado no hospital da Beneficência Portuguesa de Niterói, faleceu no dia 2 de setembro de 1952 às 11 horas da manhã e de acordo com o relato de sua neta Ani, “*metade da cidade parou*”. Às 13 horas já não se podia encontrar coroas de flores em Niterói e o pai dela precisou atravessar a baía da Guanabara para comprar uma.

7. Ser ou não ser “português”

Não há registros no Livro de Atas da Sociedade sobre a posição de Albano a respeito da participação de sócios de “outras nacionalidades” nas deliberações da instituição, mas a filha e as netas dizem que ele nunca se opôs. No entanto nunca adotou a nacionalidade brasileira fazendo questão de manter-se “português” até o fim da vida, o que pode ter várias interpretações, inclusive a de ser *‘uma prova de fidelidade à pátria’*¹⁵². Sua neta Ani, por exemplo, diz que o avô afirmava *‘umar demais o Brasil e já ter dado ao país cinco filhos, além de muito trabalho’* por isso não precisava se naturalizar; D. Ana diz que o pai não quis ser brasileiro para não se meter em política, por que *‘era muito católico’*. Transparece em outros relatos um forte orgulho de origem, independentemente de alguns depoentes já terem nascido no Brasil. Para muitos narradores também foi importante não se naturalizar; esse é o caso do sr. João “barbeiro”, do sr. Pitta, do sr. Tavares¹⁵³, do sr. João Manoel. A filha do sr. Albano sugere uma interpretação:

“Ele não pensava em política não, era muito católico. Não votava, nunca se naturalizou. Meu irmão mais velho também, que era português, não se naturalizou. Papai era contra naturalizar, contra

¹⁵¹ Idem, 191

¹⁵² Interpretação feita por uma filha de imigrante. cf. Maria Luiza Alba. op.cit.

¹⁵³ Sr. Tavares, casado com d. Teresa, portuguesas, moradores na Ponta d’Areia e proprietários de uma padaria no bairro, são membros da diretoria do Centro Musical Beneficente Banda Portuguesa de Niterói.

política. Eu não, no tempo de Getúlio, andava até de lenço vermelho no pescoço, metida no meio de comícios, essa coisa toda.” (Ana, 1993)

Aqui se destacam dois elementos: por um lado, a decisão de não se naturalizar, que poderia ser interpretada como uma esperança de voltar à terrinha (possibilidade até admitida por d. Ana na segunda entrevista) é associada prioritariamente a uma postura ética, desinteressada e humilde do pai - trabalho e catolicismo se opõem a política e mundanismo. E vai-se construindo o personagem do imigrante íntegro, alheio às vãs glórias do mundo. Isso aparece num outro comentário da filha sobre as amizades do pai:

“Eram (os amigos) considerados importantes porque freqüentavam a sociedade, eram políticos, mas papai não gostava de política, essas coisas. Papai gostava mais de fazer bem aos pobres.” (Ana, 1996).

E aí entra o segundo elemento da narrativa de Ana sobre o pai - ela a constrói sobre a exaltação da imagem positiva dele, associada aos valores de trabalho, frugalidade, humildade e disciplina, por exemplo, em oposição à imagem que criou para ela própria, associada ao imaginário feminino; seu interesse pela política é atribuído a uma herança materna:

“Os parentes da minha mãe eram todos políticos. Tinha um tio professor em Portugal que era político lá: meu tio Alberto também era político, tanto que ele perdeu muito dinheiro, era médico. Tinha uma tia também, minha madrinha, que gostava muito de política, sendo portuguesa, naturalizou-se para poder votar.” (Ana, 1993).

Percebemos a identificação entre “ser português” e determinados valores como a religiosidade, a neutralidade política, o trabalho desinteressado, a humildade e a filantropia enquanto que transformar-se em brasileiro poderia representar até o empobrecimento. Acreditamos que esta interpretação dos narradores reflete o modelo sobre o qual construíram esse personagem imigrante do princípio do século e a sua própria identidade enquanto herdeiros. Mas não podemos perder de vista o panorama em que os imigrantes portugueses fizeram suas opções, os anos 20 e 30 deste século. A polêmica sobre a adoção da nacionalidade brasileira esteve desde o final do século passado ligada à questão da participação política no recém inaugurado Estado republicano. A esse respeito Maria Beatriz Nizza da Silva cita o jornal “*Eco Lusitano*”, publicado em Petrópolis em 1898, defendendo a neutralidade dos portugueses com respeito à política brasileira, colocando-se contra a naturalização e a dupla nacionalidade e preconizando que os imigrantes vivessem como estrangeiros, estabelecendo limites à integração de portugueses no Brasil:

“Não concordamos, absolutamente, com a grande naturalização¹⁵⁴, nem com a pequena, nem com nenhuma: não podemos, por isso, aceitar de boa mente o procedimento do abelhudo ou do interesseiro que se faz brasileiro para ser inspetor de quartirão ou alferes da Guarda Nacional”.¹⁵⁵

Reconhecia-se que a naturalização podia representar uma decisão oportunista de colocação no mercado de trabalho ou integração à sociedade brasileira, com poucas chances do português retornar à pátria. De qualquer maneira era vista como uma traição por um determinado grupo de portugueses, que se manifestava através da imprensa num momento em que “ser português” representava acima de tudo ser monarquista:

¹⁵⁴ Pouco depois da proclamação da República, foi promulgada a Lei da Grande Naturalização que atribuiu a cidadania brasileira a todos os residentes estrangeiros, a não ser que estes publicamente a recusassem.

¹⁵⁵ Cit. Silva, Maria B. Nizza da. *Imigração Portuguesa no Brasil*, p.xxi.

“Ficou já dito que o ‘*Eco Lusitano*’ nunca entrará na política brasileira; mas falta apresentar a razão de tal afastamento, pouco inveterado ainda no espírito de muitos compatriotas nossos, infelizmente. O estrangeiro que vem ao Brasil não é filho desta terra. Não tem, portanto, direito algum a ocupar-se naquilo que pertence exclusivamente a quem aqui nasceu (...) Há um meio de pôr termo ao jacobinismo indígnio, se os nossos compatriotas não quiserem continuar a ser incomodados por ele: seja sejam sempre portugueses, amigos de Portugal e respeitadores do Brasil (...) Ricos ou pobres, inteligentes ou estúpidos, em qualquer posição social, todos temos um campo muito mais vasto, muito mais nobre muito mais sagrado a conquistar - a paz! Sim! A paz duradoura. que toma o trabalho suave e proveitoso, que concilia o sono reparador do espírito cansado no labutar honrado pelo engrandecimento da amada pátria e do novo país florescente em que vivemos agora!” (...)¹⁵⁶

A comunidade portuguesa se via diante do dilema de enfrentar a onda de anti-lusitanismo decorrente da briga pelo mercado de trabalho, facilitada para os imigrantes a partir da possibilidade de naturalização automática, aberta pela República, ou recuar e assumir a postura apregoada pelo jornal.¹⁵⁷ A situação se modifica a partir do início do século XX quando o imigrante urbano passa a sentir mais a concorrência dos nacionais no comércio de grandes cidades, como o Rio de Janeiro. É importante lembrar também a diferença significativa naquele momento entre os interesses do imigrante português enriquecido, ligado à atividade comercial de importação ou distribuição, que dependia das casas comerciais do Porto ou de Lisboa e o empreendedor luso com investimentos no país, que precisavam ser defendidos através da participação política¹⁵⁸. Nesta situação o comerciante português se tornaria alvo das hostilidades de “nacionalistas” em grandes cidades como Rio de Janeiro e possivelmente Niterói, enquanto os imigrantes empobrecidos no meio urbano comprometeriam a imagem do “português civilizador”. O antilusitanismo não desapareceria no princípio do século, mas a integração começaria a ser feita com tal intensidade que o governo português teria sido obrigado a intervir. Da mesma forma, a preocupação com a desnacionalização do imigrante começou nos anos 20, quando as Câmaras Portuguesas de Comércio passaram a preconizar “que o imigrante português consuma no Brasil produtos portugueses: que volte à sua pátria e lhe dê também seus filhos; que mande dinheiro para Portugal”¹⁵⁹

A perspectiva de voltar a Portugal e comprar uma terra, bem como outros projetos considerados típicos da comunidade imigrante como a nacionalização, os investimentos, etc., não foi comum a todos os personagens que nos foram apresentados. No caso do sr. Albano, a decisão de não ficar em Portugal, por ocasião de uma das várias viagens que fez à Europa é atribuída pela filha dele à esposa d. Maria:

“Fomos a Portugal depois do meu primeiro casamento. Tinha um irmão da mamãe, médico, Alberto Luiz Ferreira, ele arranjou uma casa no Porto, na rua 5 de outubro, casa boa, de altos e baixos, papai até quis comprar. Mas mamãe não gostava de Portugal, ela adorava o Brasil. Ele queria ficar lá nessa época, mas mamãe não queria. A mãe de minha mãe morava numa aldeia, Vilar do Pinheiro, pegada a Vilar do Conde. Eu fui lá, conheci a terra da minha mãe, a roca onde ela fazia as roupas prá casa. Ela falou: ‘maldita roca! Deus me livre de roca! Terra boa das mulheres é o Brasil! Brasil é que é a terra das mulheres!’” (Ana, 1996).

A opção de não voltar mais à terrinha poderia depender, como aponta a professora Eulália Lobo, da melhoria nas relações entre imigrantes e brasileiros, da transferência da família da Europa para cá e da possibilidade de comprar terras em Portugal, como uma garantia. O português estabelecido no início do século passava a ser respeitado, mas não

¹⁵⁶ *Eco Lusitano* (Petrópolis), ano I, n.2, 10 de julho de 1898. Cit. Maria Beatriz Nizza da Silva, p.72.

¹⁵⁷ A esse respeito ver Gladys S. Ribeiro, op.cit. *Cabras e Pés de Chumbo...e A liberdade em construção...* op.cit.

¹⁵⁸ A este respeito ver Alencastro. op.cit. p.308 e Alba. Maria Luiza. op.cit.

¹⁵⁹ Op. Cit. Pág. 69.

deixava de se identificar como português, apesar de dizer que os brasileiros desprezavam o imigrante¹⁶⁰. A autora destaca a atuação neste período de pessoas como Carlos Malheiro Dias, que valorizou a presença portuguesa no Brasil num momento extremamente hostil, alimentado pelo espírito nacionalista característico do movimento modernista brasileiro. É o personagem do imigrante que procura se desligar da imagem do comerciante enriquecido e analfabeto; fazendo questão de fortalecer os vínculos, enaltecer a presença portuguesa, a figura do capitalista filantropo. Foi assim com o Motta, imigrante personagem do romance escrito por sua filha e abordado no próximo segmento deste trabalho, só que pelo caminho inverso. A adoção da nacionalidade brasileira aparentemente foi sua forma de se desligar da imagem do imigrante “burro sem rabo”; era parte de sua justificativa para afastar-se da parte pobre da colônia portuguesa no Rio e “tomar-se brasileiro” uma vez que tinha como perspectiva a ascensão social como empresário: *‘Desde que chegou ao Rio, apaixonado pelo cenário grandioso de uma natureza exuberante e formosa, decidiu que ia ser brasileiro, custasse o que custasse. Havia escolhido aquela terra de coração e de alma e era ali que queria fincar a sua bandeira. Viera para lutar e vencer, e queria conquistar para si um lugar naquela sociedade brasileira. Não lhe interessavam os outros imigrantes. Mantinha-se afastado deles o mais possível e não desejava ser identificado como mais um daqueles ‘galegos’ pobres e analfabetos que andavam pelas ruas (...) mas foi por al mesmo que teve que começar. Que outra alternativa lhe restava?’*¹⁶¹

A resistência em se naturalizar pode ser entendida, pelo que dizem os depoentes a respeito dos pioneiros, como forma de expressar a força de sua ligação com a terra natal, a fidelidade, a manutenção da identidade, apesar de nunca terem tentado voltar a morar em Portugal. Todos que puderam, estiveram lá um dia, mas não ficaram. E a situação de ser estrangeiro aqui e estranho lá, uma sensação de não pertencimento geral que acompanha o imigrante para sempre. Consideramos mais provável que a resistência em se naturalizar tenha representado a construção da “herança imaterial” que os narradores traduzem hoje em valores como capacidade de trabalho, disciplina, solidariedade, honestidade, perseverança. Esta herança teria se perpetuado nas instituições construídas pela comunidade imigrante portuguesa em Niterói nos anos 20, como o Centro Musical e o Hospital Santa Cruz. Hoje em dia a “herança imaterial” reaparece tanto no discurso que os narradores construíram sobre seus antepassados quanto na prática dos participantes do grupo niteroiense autodenominado “Catedral”¹⁶² que reivindica o lema atribuído aos imigrantes portugueses do início do século pelo filho de um deles: *“Não há problemas para quem os quer resolver”* (Sr. Waldyr). A “desnacionalização” dos narradores que representam a segunda geração desses pioneiros poderia ser atribuída à escola, onde o filho de imigrantes recebe informações e é educado para ser um cidadão brasileiro. A influência da escola poderia ser contrabalançada pela convivência em família, onde se transmitiria o “verdadeiro patriotismo” através dos rituais cotidianos, como acontece na casa do sr. João “barbeiro”. Essa função passou a ser realizada pelas associações culturais recreativas e beneficentes, numa representação da força simbólica da instituição como guardiã da memória coletiva.

8. Modernização e construção de identidades

Hoje a Ponta d’Areia está muito descaracterizada enquanto bairro que foi batizado como “Portugal Pequeno” no princípio do século; a Banda foi desativada, as famílias portuguesas em sua maioria mudaram-se de lá, houve uma invasão de “gente de fora” como

¹⁶⁰ Eulália Lobo. op. cit.

¹⁶¹ Maria Luiza Alba. op.cit., p. 39.

¹⁶² Grupo de amigos formado por alguns filhos e netos de portugueses mas não exclusivamente, que se reúne há 50 anos aproximadamente em Niterói.

diz o sr. João “barbeiro”. É claro que as transformações urbanas afetaram a região, trazendo um progresso que na perspectiva dos depoentes só atrapalhou, por ter acabado com a possibilidade da convivência “familiar”. O prédio do Centro Musical permanece como símbolo do “*verdadeiro espírito comunitário lusitano*” dos pioneiros imigrantes, revivido mensalmente durante os almoços embalados pelo som de um grupo tipicamente brasileiro que às vezes brinda a platéia com alguns clássicos da música portuguesa. Na perspectiva dos depoentes ligados à Ponta d'Areia, essa descaracterização do bairro corresponde à chegada do progresso identificado com as transformações urbanas das décadas de 50 em diante:

“Frequentei o botequim do pai do Araújo¹⁶³: bem simples, dava comida, prato feito. A comunidade era mesmo portuguesa e de estrangeiros; na década de 30, 40 à tarde na calçada as famílias ficavam sentadas, as crianças brincando de roda... Minha tia morava ali, meu primo Galvão tinha padaria lá. Minha mãe era filha de português: nossos avós eram portugueses. Eu ia no bar do Araújo; conhecia o bar do Fernando¹⁶⁴. A Banda acabou na década de 50¹⁶⁵; a mudança da Ponta d'Areia aconteceu durante a mocidade da Irene¹⁶⁶. Meu tempo foi a década de 40; a Conceição ainda era ilha, não tinha caminho de terra prá lá; era um bairro calmo (a Ponta d'Areia), a transformação foi no início da construção da ponte¹⁶⁷ na década de 70. Foi muita gente de fora prá lá; trouxeram aqueles operários, todo mundo comia lá no Vale de Cambra, que era enorme. Quando terminou a construção da ponte e os estaleiros começaram a mandar embora o pessoal o bairro caiu muito. Festa de tradição só se mantém a de Nossa Senhora de Fátima. Tinha carnaval na década 30 com mascarados, carnaval de rua; bloco de cabeção; ...o bonde passava por fora; a mudança foi bem rápida, estragou tudo; piorou em termos de relacionamento. Perdeu aquele ambiente restrito, aquela coisa familiar que todos se conheciam, todos se davam, todos se protegiam. Acabou isso, muitas famílias se mudaram... Pro cidadão se deslocar não mudou nada. a Ponta d'Areia é perto do centro, o ônibus facilitou um pouco só.”(sr. Dario)

O “progresso” aparece nesta narrativa como mensageiro da fragmentação do núcleo familiar que teria sido garantia de paz, harmonia, segurança. Nem mesmo a introdução dos ônibus fazendo a ligação do bairro com o centro da cidade é considerada positiva, já que a Ponta d'Areia fica muito perto de tudo, essa “modernização” parece desnecessária. E como se o espaço ideal da comunidade tivesse sido invadido; a idéia de que hoje a cidade se transformou num lugar perigoso e tumultuado, onde ninguém se conhece mais, reflete a nostalgia pela ‘*perda do paraíso perdido*’¹⁶⁸ identificado com os tempos de outrora em que o bairro da Ponta d'Areia era “*uma verdadeira casa de família*” como diz o sr. João “barbeiro”. A modernidade aparentemente teria sido responsável por ‘*ter estragado tudo*’ pulverizando a própria capacidade das pessoas se organizarem e atribuírem sentido à vida, como sugere o sr. Waldyr:

“Os portugueses tinham uma coisa, eles eram muito organizados, são muito organizados, dedicados às coisas. Até hoje o Centro Musical ainda forma pessoas. Quando eles se dedicam... hoje qual é o grupo que vai se aventurar em fazer alguma coisa de graça? Hoje todo mundo está brigando no Hospital Santa Cruz, o tesoureiro com o vice, etc. Uma pessoa leva o filho no clube, acha que quem tem que tomar conta é a diretoria. Chega lá, larga o filho, tem piscina, tem tudo, ninguém quer assumir, a responsabilidade não é mais dos pais. Está tudo muito desorganizado. A portuguesada tinha aquelas festas lá na Ponta d'Areia. nos restaurantes como o Severo, na rua da Praia com Barão de Sepetiba. Antigamente os portugueses tinham dia certo do cozido, a turma toda ia prá lá, a gente reunia, ‘vamos prá tal lugar’ prá levantar aquele. Eles eram muito unidos, não havia esse negócio de concorrência, um querendo fazer mal ao outro: eles se ajudavam.” (Waldyr)

¹⁶³ Irmão do sr. Venâncio e participante do grupo Catedral.

¹⁶⁴ Tradicional bar português da Ponta d'Areia, hoje ‘De Cores’ antigamente ‘Vale de Cambra’.

¹⁶⁵ Foi posteriormente reativada nos anos 60 sob a direção do maestro Moisés Pitta.

¹⁶⁶ Esposa do sr. Dario, nascida em 1954.

¹⁶⁷ Ponte Rio-Niterói construída na década de 70 para ligar o Rio de Janeiro a Niterói.

¹⁶⁸ Cf. Berman, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar*, pp. 15/17

O romantismo com que o narrador se refere ao desapego que “os portugueses” daquela geração de gigantes teriam em relação ao lucro numa sociedade competitiva beira a ingenuidade. A narrativa sugere também que a comunidade imigrante portuguesa do início do século dava prioridade aos interesses coletivos sobre as questões particulares e que a perda de referência dos núcleos familiares e afetivos significou um prejuízo para o conjunto da sociedade moderna, incapaz de discernir com clareza o que é bom e o que é mau, certo ou errado. É muito interessante observar como as instituições beneficentes e recreativas da colônia descritas pelos narradores parecem “reviver” no meio urbano moderno o ambiente rural das aldeias portuguesas com toda a nostalgia da “origem”,¹⁶⁹ “dos bons tempos” em que as coisas “funcionavam” porque havia vontade e ação por parte do grupo. Hoje isto teria se dispersado ou fragmentado provocando a sensação de incerteza e ambigüidade, a relativização dos valores antes dados como certos. Paradoxalmente, a elicia associativista da colônia imigrante lusa é reivindicada como exemplo da modernidade do século XX, com cujas raízes o próprio homem contemporâneo teria perdido contato como sugere Marshal Berman. Se formos procurar a origem da modernidade na luta revolucionária do século XVIII contra privilégios que restringem a liberdade e a iniciativa individual, então os portugueses foram de fato pioneiros dessa mentalidade, como lembra Sérgio Buarque¹⁷⁰.

“... bem antes de triunfarem no mundo as chamadas idéias revolucionárias, portugueses e espanhóis parecem ter sentido vivamente a irracionalidade específica, a injustiça social de certos privilégios, sobretudo dos privilégios hereditários... Nesse ponto ao menos podem considerar-se legítimos pioneiros da mentalidade moderna... Efetivamente as teorias negadoras do livre arbítrio foram sempre encaradas com desconfiança e antipatia pelos espanhóis e portugueses. Nunca eles se sentiram à vontade num mundo onde o mérito e a responsabilidade individuais não encontrassem pleno reconhecimento”.

A nostalgia que os narradores demonstram hoje é por esse tempo mítico de grandes iniciativas onde não existiam obstáculos para os que desejavam conquistar alguma coisa. Ao mesmo tempo havia o sentimento de segurança proporcionado pela comunidade, uma extensão do núcleo familiar, onde o indivíduo encontrava a proteção e muitas vezes a oportunidade de melhorar de vida. A decadência deste modelo também teria afetado um outro símbolo da maior herança que os portugueses deixaram, na representação dos narradores:

“Em primeiro lugar a instrução, era estudar. Com instrução você meios de caminhar não fica na mão dos outros. Não basta ler, tem que saber o que está lendo. No meu tempo de colégio você lia texto qualquer, evidentemente de primário e a professora perguntava: o que você entendeu? Você tinha que dizer o que você entendeu da leitura que você fez. Porque hoje o sujeito sabe ler e escrever mas sabe o que está tendo e escrevendo. E tinha que descrever figuras, você via a figura e tinha que dizer: ‘estou vendo um menino com uma bola. etc., etc.’ Então a instrução caiu demais, foi liquidada, professoras foram aviltadas.” (Sr. Dario)

9. Herança imaterial

“... prá vocês só vou dar cultura, que vocês não podem gastar ...”
(sr. Waldyr, citando o pai)

O que teria levado a colônia portuguesa de Niterói a construir e entregar à cidade, na primeira metade do século, um hospital com as dimensões da Beneficência e que tinha entre seus sócios, na realidade, a maioria de brasileiros? Por um lado, não era interessante

¹⁶⁹ cf. Eliade. M. op.cit.

¹⁷⁰ Holanda, Sérgio Buarque de, op.cit., p.37.

financeiramente manter a instituição fechada à participação do conjunto da comunidade e o imigrante português, recordando Sérgio Buarque de Holanda, moveu-se sempre norteado por aguçado sentido pragmático, que o levou a estabelecer projetos concretizáveis¹⁷¹. Por outro lado, a idéia do imigrante que se adapta à nova terra, movido pela audácia, pelo espírito aventureiro, não se preocupando tanto em transformar, mas em moldar-se às condições existentes, poderia complementar o perfil desse personagem. Junta-se a isso a interpretação dos próprios patrícios, veiculada através do *Álbum da Colônia Portuguesa*, publicado em 1929: “Qual o segredo do sucesso do imigrante? O português é hoje, como se tem revelado através da história, pau e bom prá toda obra. Conseguir tudo que quiser e que as circunstâncias permitirem”. É indiscutível o peso e a materialidade dos resultados concretos das iniciativas da colônia, que se inscrevem no movimento mais geral de formação de associações mutualistas para atender à população urbana: Também, a construção do Hospital Santa Cruz envolveu, desde o início, membros da comunidade niteroiense de maneira geral, durante toda a década de 20; além disso, a instituição atendia, a partir de sua inauguração em 1930, a 60% de associados brasileiros. No entanto, o saldo *imaterial* desse projeto foi aparentemente maior, além de ter sido totalmente monopolizado pela colônia portuguesa e se traduz na memória construída por seus descendentes.

Paralelamente, a banda do Centro Musical Beneficente da Ponta d’Areia que a partir dos anos 50 manteve uma maioria de músicos brasileiros, apesar de inativa há vários anos, continua sendo referência para a instituição, conhecida e citada ainda hoje por todos como a Banda Portuguesa.

Percebemos através dos depoimentos a irrefutável superioridade da herança imaterial que os imigrantes portugueses deixaram: a lembrança de suas trajetórias e os valores associados a esse personagem - generosidade, solidariedade, honestidade, modéstia, perseverança e respeito conquistado na comunidade. “Vovó era o oráculo dos antigos patrícios. Todos o ouviam” (Ani, 1996). Nenhum dos depoentes enfatizou o patrimônio material construído pelos pioneiros, que se perdeu na sua maior parte, como sua maior herança.

“Meu pai tinha uma coisa, a gente tinha que estudar. Rubem foi sempre militar, saiu, estudava no quartel. Ruth foi professora, fez Instituto de educação, foi dona do Ginásio Anchieta... Falam muita coisa dos portugueses, mas eles vieram prá cá num solo onde não eram queridos, havia uma outra imagem de cultura; papai dizia prá mim. ‘não vou deixar nada prá você, só tenho essa casa, no terreno fiz essa vila prá fazer uma renda prá sua mãe se eu ficar velho, agora prá vocês só vou dar cultura, que vocês não vão gastar’. É a maior herança que um pai pode dar a um filho. E trabalho: com 14 anos comecei: 99 % dos portugueses que tinham negócio eram roubados pelos guarda-livros e despachantes: até nos bancos, eles chegavam, o funcionário via que a maioria não sabia ler nem escrever, então papai transmitiu essa imagem prá gente. Trabalhava e ia prá escola com chuva ou sol. E tinha que fazer a barba, usar camisa branca, parecia que estava sempre com uma camisa nova.” (Sr Waldyr)

Ou seja, a educação serviria como arma para a comunidade se diferenciar da imagem do imigrante “burro sem rabo” indesejado na nova terra e para se defender dos nacionais que tentassem impedir seu progresso. Hoje esses valores são cultivados entre os descendentes não apenas na memória construída, mas também na narrativa que fazem de suas próprias trajetórias. É o caso do grupo Catedral, formado por amigos que se reúnem há mais ou menos 50 anos em diferentes bares de Niterói e cujo núcleo mais “estável” é de filhos e netos de portugueses:

“Meu pai gostava de recitar, perguntou quem gostaria de aprender a tocar. Era 1943, começamos a fazer serenata; eu, meu irmão mais novo: Hamilton, o Paulo (professor), conheci Gastão, Waldyr,

¹⁷¹ Cf. Martins, Ismênia de Lima. op.cit.

Paragó¹⁷² e fomos pro botequim do Benjamim onde reuniu-se a turma toda. Levamos o violão na década de 70; dali fomos prá dona Gerta, alemã, na praia de Icaraí; depois pro bar Municipal onde ficamos uns anos, depois voltamos pro Benjamim em Santa Rosa. Em 80 fomos pro bar do Fernando ('De Cores' na Ponta d'Areia) até 88, daí voltamos pro bar do Amadeu em Santa Rosa perto da casa do Waldyr porque ele tem dificuldade de se locomover. Escolhíamos os bares pela conveniência do grupo ou se qualquer coisa destoava: nunca brigamos só brigamos prá pagar, temos uma convivência de quase 50 anos. Nunca se discutiu política ou religião e somos um grupo heterogêneo: há reacionários, comunistas, integralistas, ateus, católicos, 'bíblias' (protestantes). O que nos une é uma amizade fraterna. Todos gostam de todos fraternalmente mas ninguém é parente. A heterogeneidade nos aproxima como os opostos; discutimos temas, damos livros de presente nos aniversários: cada um na sua atividade." (Dario)

Mas nem precisa ser parente; eles reproduzem a vida em família naquilo que consideram o mais importante: o espírito de solidariedade, o diálogo, o respeito, a fidelidade e até a religiosidade: *"O Waldyr ia no hospital (Santa Cruz) com o grupo dele. E ao Fluminense de Futebol e Regatas. Nosso objetivo prioritário era reunir prá conversar e beber. Escolhi o nome do grupo no bar do Benjamim... eu disse 'a mesa do bar é um lugar onde se confessa tudo e não sai nada'... o lugar mais reservado é uma catedral, onde se pensa, reflete. Ali você conhece histórias cabeludas mas não sai nada. Eu durante meu trabalho muitas vezes entrei em igrejas vazias e ficava lá pensando, montes de problemas prá resolver e muitas vezes saía dali com a solução da coisa; o botequim é a mesma coisa; eu considero o botequim uma coisa fantástica, como meio de convivência é extraordinário."* (Sr., Dario)

O grupo também manteve uma "associação beneficente" e participou de sociedades recreativas, como fizeram um dia seus pais e avós: *"Uma vez eu, Araújo e outros lá no bar do Fernando fundamos uma banda, Banda da Ponta d'Areia, mas chamou-se Banda Filantrópica, por que só existia para distribuir sacos de alimentos pro pessoal mais carente. Quem arrecadava era Araújo, pedia auxílio prá comunidade; o centro era o bar; distribuíamos um cartão; quando os políticos se aproximaram, acabamos. O político vem, a gente sai fora."* (Sr. Dario)

"Eu até bem pouco tempo, até uns dez anos atrás, ia no hospital, pedia a lista prá ver se tinha algum conhecido prá visitar. Íamos eu, Guilherme, doutor Felipe, de lá íamos pro mercado de peixe comer sardinha e beber cerveja, toda sexta feira. Meaposentei em 1983, voltei a ser diretor de clube, de escola de samba, me meti nessas coisas todas. Não é saudosismo não, mas eles (portugueses) vieram com o firme propósito de conquistar e conquistaram. Onde a colônia portuguesa chegou, meu Deus, está aí, hoje o hospital (Santa Cruz) vai mal porque a maioria dos associados tem morrido... prá você ser sócio tinha que comprar cotas, eu tenho 250 cotas, quando eu morrer meu filho tem que ir em cima deles... Terceirizaram o hospital, isso nunca existiu. Agora quem está tomando o espaço é a igreja batista e a evangélica porque qualquer problema eles resolvem." (Sr Waldyr).

Estes depoimentos refletem a preocupação do grupo "Catedral" em reviver a seu modo a experiência comunitária dos antepassados, que aparece na fala do sr. Waldyr como ameaçada de desaparecer junto com a segunda geração dos pioneiros fundadores, da qual ele próprio faz parte. Sua narrativa reflete também uma grande incerteza sobre a possibilidade de seu filho dar continuidade ao trabalho iniciado pelo avô, um dos fundadores do Santa Cruz. É com melancolia que ele se refere também à crise do hospital e ao descaso da nova geração em preservar um espaço conquistado tão arduamente e agora prestes a ser ocupado por estranhos, sejam eles os "oportunistas evangélicos" ou a terceirização. A prática deste grupo de amigos, onde a maioria tem mais de 75 anos nos parece uma demonstração de que, se homem

¹⁷² Todos membros do grupo Catedral. O sr. Waldyr e o sr. Gastão são nossos depoentes, o sr. Paragó já havia falecido quando conhecemos o grupo.

moderno não “reatualiza” os mitos através de rituais, como nas sociedades arcaicas, ele cria instituições e ‘ritualiza’ seu cotidiano de maneira a reviver esses mitos.

Capítulo III

Navegar é preciso

Narrativa épica e Construção de Identidades Sociais

1. A Viagem do Herói Portugueses e gregos

“Com uma densidade de população moderada, um solo inteiramente ocupado (exceto alguns cimos mais elevados e areais da beira mar), uma agricultura pobre e uma indústria reduzida, a população portuguesa vive dentro de horizontes de trabalho muito apertados: em relação aos recursos a pressão demográfica é muito forte e a emigração aparece como o seu inevitável remédio.”¹⁷³

O personagem do viajante português do século XVI que se inscreveu no imaginário popular navegava em busca de ouro, grandeza e glória numa época de transição: entre outras mudanças, abria-se a possibilidade da conquista de riquezas pelo comércio, não mais a simples exploração da terra e se vislumbrava a oportunidade de crescer pelo esforço individual, numa associação entre mercadores e fidalgos. Foi um período de renascimento econômico e de grandes transformações sociais para Portugal, em seguida à crise que atingira a Europa no século XIV. Reagindo ao projeto da aristocracia fundiária de aliança com a nobreza castelhana, por medo de perder a autonomia nacional, vários setores da sociedade portuguesa - mercadores, comerciantes, artesãos, oficiais, funcionários públicos, setores da pequena nobreza - apóiam a política de D. João: lançar-se ao domínio das rotas comerciais vizinhas, e não mais expandir-se na Península Ibérica¹⁷⁴. A expansão marítima lusitana foi uma empresa milagrosa para um país pequeno e pobre; com reduzido número de habitantes. No século XVI os portugueses já haviam conhecido o mundo inteiro - do pólo norte ao estreito de Magalhães, as Américas do Atlântico ao Pacífico, a África, o Japão, China e Indochina, a Oceania (Timor). A narrativa épica de Camões oferece um panorama abrangente do Portugal conquistador daquele período; faz uma riquíssima etnografia do “estrangeiro” oriental, mostrando também o aspecto comercial da empreitada de Vasco da Gama e contando o imaginário do navegador português do século XVI. Essa verdadeira epopéia dos portugueses destacou-se principalmente pela predominância de seu caráter de exploração comercial, repetindo de certa forma o exemplo da colonização na Ambigüidade, sobretudo da fénícia e da grega¹⁷⁵

¹⁷³ Ribeiro, Orlando. cit. Joel Serrão. Dicionário da História de Portugal, p. 371.

¹⁷⁴ Carlos, Francisco. “O descobrimento do Brasil”. In: Alves, Ivan org. *História Pré-Colonial do Brasil*. Ed. Europa. RJ, 1993, p.147/166.

¹⁷⁵ Teyssier. Paul. “O século glorioso” In: Chandeigne, Michel (org.). *Lisboa Ultramarina*.

“Todos os homens precisam da ajuda dos deuses eternos.” (Odisséia, c. III. p.48)

Viajar para os gregos da Antiguidade também era um hábito, fazia parte do seu cotidiano tanto quanto se alimentar, dormir e acordar no dia seguinte. Limitado num território extremamente irregular e acidentado o solo grego é na sua maior parte pouco fértil; as terras boas para agricultura sempre foram insuficientes para o conjunto da população. Para aquele povo o mar nunca estava longe, era difícil perdê-lo de vista e sua atração deve ter contribuído para dar início ao período de descobertas e aventuras que precedeu o movimento de colonização grega propriamente dito. As condições geográficas imprimiram naqueles homens o gosto e o hábito pelas coisas do mar - os Egeus já eram considerados no início do segundo milênio os melhores marinheiros do Mediterrâneo oriental¹⁷⁶. A conquista de novos horizontes também era impulsionada pela necessidade de solos mais férteis, única saída para os ambiciosos e para todos os excluídos pelas leis familiares gregas que limitavam o acesso à terra. A motivação da conquista pode ser atribuída em grande parte também ao espírito de aventura de um povo em formação que não estava preocupado só em fundar cidades mas em procurar no mar as emoções e o imprevisível, elementos indispensáveis a todo navegante conquistador.

2. Narrativas épicas: A identidade do herói

Algumas dessas aventuras foram contadas por Homero, o mais antigo poeta da comunidade lingüística européia e exemplo clássico de narrador épico da tradição oral antiga. O gênero épico, numa perspectiva arqueológica, diz respeito à palavra, à voz, ao discurso¹⁷⁷; na literatura pode ser associado ao tema da imigração mas a “plenitude épica” está definitivamente ligada à obra de Homero¹⁷⁸. Isidoro de Sevilha afirma em sua doutrina sobre a epopéia que esta narrativa “... *relata feitos de homens valentes. Denominam-se sobretudo heróis os homens dignos do céu pela sua sabedoria e valor.*”¹⁷⁹ O narrador épico por excelência (o poeta) é considerado artesão e veículo do coletivo uma vez que sua voz é tecida a partir de outras que conformam o corpo da cultura; os ouvintes reconhecem Homero porque ele representa as coisas como estão acostumados a ver e as vêem assim por que um outro poeta assim as mostrou a seus pais. A relação entre o narrador épico e seu público baseia-se portanto numa tradição que se perde no tempo e que se explica na capacidade do poeta apresentar os fundamentos sobre os quais se constrói a identidade do povo; a epopéia teria a originalidade de mostrar os referenciais de uma comunidade que se *“unifica à maneira épica”* reconhecendo os fatos tal como o poeta os representa¹⁸⁰. Nas sociedades de tradição oral, a repetição das histórias mitológicas teria a função de lembrar que os acontecimentos grandiosos ligados “às origens”, ao “passado glorioso” podem ser--recuperados parcialmente:

“A imitação dos gestos paradigmáticos tem igualmente um aspecto positivo: o rito força o homem a transcender os seus limites, obriga-o a situar-se ao lado dos Deuses e dos Heróis míticos a fim de poder realizar os atos deles”¹⁸¹.

Entendemos aqui o mito como uma representação histórica verdadeira, na perspectiva das sociedades arcaicas, onde teria a função de fornecer os modelos para a

¹⁷⁶ Hatzfeld, Jean. *Histoire de la Grèce Ancienne*. Ed. Payot, Paris, 1962.

¹⁷⁷ Brandão, Jacyntho L. Do Épos à Epopéia. *Revista da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos*. Belo Horizonte, MG, mimeogr.

¹⁷⁸ Staiger, Emil. *Conceitos Fundamentais da Poética*, TB. RJ. 1975. p.14-1.

¹⁷⁹ Curtius. E. Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. MEC. INL, RJ, 1979, p.183.

¹⁸⁰ Staiger, Emil. op. Cit., p. 111.

¹⁸¹ Eliade, Mircea. *Mito e Realidade*, SP, Ed. Perspectiva, 1989, p.128.

conduta de uma comunidade, dando significação e valor à existência pela explicação das origens de tudo, seja do cosmo ou do comportamento humano em geral¹⁸². Nosso ponto de vista é que história de alguns imigrantes portugueses que chegaram no Brasil no princípio do século, com a perspectiva mais ou menos comum de “fazer a América”, é narrada hoje por seus descendentes resgatando a figura mítica do herói-redentor, personagem que representaria o modelo de conduta exemplar e os valores a serem seguidos pela comunidade. Essas narrativas ao mesmo tempo reconstruíram os acontecimentos ligados à imigração portuguesa no início do século em Niterói, na memória dos descendentes aproximando-os de um modelo mítico cujos referenciais seriam por exemplo o herói ideal, a mulher especial, a mitologia do retorno e a fortuna. A narrativa sobre a imigração legitima-se na medida em que foi construída dentro da comunidade e para ela mesma.

Entendemos que a sobrevivência de um certo pensamento mítico na sociedade moderna pode ser observada também na preservação de outros “mitos do mundo moderno” como o resgate de tradições e valores ligados a heróis míticos da Antiguidade pelo imaginário da Revolução Francesa, a construção do mito do povo ariano na Alemanha nazista, o valor “mítico” atribuído a um carro novo em nossa sociedade ou o mito da democracia racial na sociedade brasileira, para citar apenas alguns. Além disso, a narrativa épica e o romance teriam a função de prolongar a narrativa mitológica, contando, como diz Eliade, “*uma história significativa, relatando uma série de eventos dramáticos ocorridos num passado mais ou menos fabuloso... O que deve ser salientado é que a prosa narrativa, especialmente o romance, tomou, nas sociedades modernas, o lugar ocupado pela recitação dos mitos e dos contos nas sociedades tradicionais e populares. Melhor ainda, é possível dissecar a estrutura ‘mítica’ de certos romances modernos, demonstrar a sobrevivência literária dos grandes temas e dos personagens mitológicos (Isso se verifica sobretudo em relação ao tema iniciatório, o tema das provas do Herói-Redentor e seus combates contra os monstros, as mitologias da Mulher e da Riqueza)*”¹⁸³

Para trabalhar o imaginário da imigração escolhemos alguns exemplos de narrativa épica que entendemos representar as lendas e tradições de povos de viajantes, que se cristalizaram em torno de algumas personagens: a Odisséia, a partir das aventuras de Odisseu, os Lusíadas, com os portugueses e Vasco da Gama e o Êxodo, com os hebreus e Moisés. Trabalhamos também com um romance, escrito pela filha de um imigrante português que chegou ao Rio de Janeiro em 1912 aos 17 anos, trabalhou como estivador, caixeiro, comerciante e chegou a ser sócio de um banco naquela cidade. São relatos que deixam transparecer a consciência de um passado mítico, em que as personagens são vistas através de um véu de heroísmo.

A Odisséia de Homero pode ser interpretada como uma narrativa de retorno contando as aventuras do herói no seu caminho de volta da guerra de Tróia para Ítaca, onde pretende reconquistar a esposa e o palácio, símbolo de sua própria identidade. Odisseu, chamado de “guerreiro solerte e astucioso” ao ser aprisionado pelo gigante Polifemo na ilha dos cíclopes consegue escapar com artifício de fato engenhoso, dizendo ao monstro que seu nome era “ninguém”, antes de cegá-lo. Consegue assim fugir, enquanto Polifemo em vão pede socorro aos colegas gigantes que estranham sua confusão:

"Ó Polifemo, que coisa te faz soltar gritos tão grandes
na noite santa, o que tanto a nós todos o sono perturba?
Mau grado teu, porventura, algum homem te pilha o rebanho?
Mata-te alguém, ou com uso de força ou por meio de astúcia?"
(...)
"Dolorosamente Ninguém quer matar me; sem uso de força".

¹⁸² Cf. Eliade. M. O Mito do Eterno Retorno. Lisboa. Ed. 70. 1989.

¹⁸³ Eliade, Mircea, Mito e Realidade. p.163.

(...)
"Se ninguém, pois, te forçou, e te encontras aí dentro sozinho,
meio não há de evitar as doenças que Zeus nos envia. (...)"
(Odisséia. c.IX. p.403 a 412).

Staiger lembra que a narrativa épica fundamentalmente registra acontecimentos, destacando a identidade; os adjetivos servem para acentuar a imutabilidade e as situações podem retomar através do relato sem alterações: "o astucioso Odisseu"; "o belicoso Heitor"; "Aquiles de rápidos pés", "Atena de olhos glaucos", etc."¹⁸⁴ Assim as personagens ficam para sempre registradas independentemente de onde apareçam. Podemos observar a mesma força da permanência manifestada na narrativa sobre os imigrantes e na prática rotineira dos seus descendentes que reivindicam esse passado heróico; eles constroem identidades que se espelham nos pioneiros viabilizando assim essa continuidade. Staiger observa que a repetição era uma necessidade da própria rapsódia baseada na improvisação e na existência de grande quantidade de versos que o poeta provavelmente intercalava enquanto lembrava o que viria a seguir e aponta que *"a alegria do retorno ao idêntico, o triunfo de que a vida agora não se escoia incessantemente como uma corrente mas é estática, permanecendo sempre idêntica a si mesma e deixando-se identificar, isso é tão marcante que qualquer leitor ingênuo pode percebê-lo e animar-se com a idéia de estar pressentindo primórdios da humanidade."*¹⁸⁵ O que o autor chama de *"pressentir os primórdios da humanidade"* pode ser identificado nas narrativas de nossos depoentes na atribuição de características "intrínsecas" e atemporais aos personagens imigrantes e repetidas por todos os narradores, como por exemplo a coragem, a solidariedade, a filantropia, a previdência. De acordo ainda com Staiger, essas formas estereotipadas da narrativa homérica funcionam para "exteriorizar" os acontecimentos em relação ao narrador, colocando-os "frente a frente" poderíamos dizer, para incluir terminologicamente a relação sujeito-objeto. A "apresentação", nesse sentido, é a essência da poesia épica que aponta, mostra¹⁸⁶.

Outra narrativa épica, também clássica, é a descrição das aventuras de Vasco da Gama feita por Camões, no século XVI. Apesar de pretender contar as glórias dos "homens ilustres", o poeta português construiu um herói central e incluiu na narrativa suas conquistas anteriores, além de prever o futuro, na famosa fala do velho do rastelo. Tornou-se Camões também um migrante por imposição do rei D. João III, a pedido de um nobre que queria se ver livre do assédio do poeta à sua filha. A conquista de Ceuta em 1415 marcou o início de uma longa e rentável exploração do comércio de escravos, trocados por tecidos europeus e por ouro com os árabes. Nesta empreitada engajou-se Luis de Camões, que perdeu um olho e começou a tomar gosto pela aventura. Em 1498 no reinado de D. Manoel (1495/1520) Vasco da Gama chega às Índias e esta epopéia é o tema dos Lusíadas, que celebra as vitórias do descobrimento. O poeta havia partido para as Índias após a campanha de Ceuta e de nova desilusão amorosa em Lisboa, com a mesma moça e de ferir numa briga um fidalgo da Casa Real. Parte para Goa em 1553, participa de várias expedições e acaba sendo mandado para a China, por ter desagradado a corte com suas sátiras aos cortesãos do novo vice-rei. Retorna às Índias em 1560 e quase perde os manuscritos do famoso poema num naufrágio. Consegue voltar a Lisboa em 1570, amargurado após uma vida inteira no exílio, pobre e doente; morre em 1580, ele próprio um "náufrago da vida", quando se iniciava a agonia da nação portuguesa, com a derrota de Alcácer Quibir e o início da União Ibérica. Está presente no poema toda a história de Portugal, quando Vasco da Gama conta ao xeque de Melinde, nos

¹⁸⁴ Idem, p.81

¹⁸⁵ Ibidem p.82

¹⁸⁶ Staiger, E., op.cit. p.83.

cantos III; IV e V; os feitos dos navegadores que o antecederam e os dele mesmo, incluindo a agourenta previsão do futuro.

"Oh glória de mandar! Oh vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos fama!
(...)
Que castigo tamanho; e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelles experimentas!"
(...)
"Deixas criar às portas o inimigo
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça. e se vá deitando a longe!"
(...) (Lusíadas. IV, 95e 101.)

Outra narrativa de retorno construída sobre a figura de um herói é a do Êxodo do povo hebreu, escravizado pelos egípcios, rumo à terra prometida. É este também um povo que vive migrando em busca de terra fértil para o plantio e pasto para seus rebanhos, a exemplo de gregos e portugueses, igualmente povos mediterrâneos. Estão também presentes nesta narrativa os artifícios de magia, aqui exercidos por Moisés com poderes enviados por Deus para enfrentar a aventura da fuga do Egito: as 10 pragas que afetam os egípcios, a abertura do mar Vermelho para os hebreus passarem e a promessa da terra idílica *'boa e espaçosa, que verte leite e mel'* (Ex. 3:8). Mas enquanto que no poema de Homero o encantamento nos envolve de tal forma que se toma indiferente-saber-se o relato é verdade ou lenda, no caso da narrativa bíblica a intenção é religiosa e implica no conceito de verdade histórica. Apesar de tão pouco documentada quanto a narrativa homérica, o narrador do Velho Testamento tinha que acreditar naquela versão e sua fantasia e inventividade estavam limitadas pela necessidade de escrever o que fosse exigido pela fé na tradição. Existe, nas palavras de Auerbach, a pretensão "tirânica da verdade". Portanto, essa narrativa exclui outras versões: "*A doutrina e o zelo na procura da iluminação estão indissoluvelmente ligados ao caráter do relato - este é mais do que mera 'realidade'.*"¹⁸⁷

3. Uma construção moderna do herói

Podemos dizer que o poeta épico representaria a síntese de seu tempo e de seu povo: através de seu canto ele estaria eternizando, presentificando as ações dos heróis ao mesmo tempo que realizando novamente essas ações. De maneira semelhante, os depoimentos, orais ou escritos, são um veículo da memória coletiva e trabalham no sentido de criar uma identidade tanto individual quanto grupal. "*Recordando, o indivíduo age como instrumento coletivo da humanidade, se universaliza, quanto mais sua natureza individual se aprofunda, até atingir arquétipos básicos da humanidade comum*"¹⁸⁸. Essas histórias são contadas como forma não apenas de "inventar" a tradição familiar e étnica, mas também de servir como exemplo para as novas gerações. A presentificação dessas ações é fruto de uma interpretação que se baseia num "padrão" de imigrante que as pessoas tem na cabeça e isso fica nítido nos depoimentos de d. Ana sobre a chegada do pai ao Brasil:

¹⁸⁷ Idem, p.11,12

¹⁸⁸ Ferrarotti, Franco. "Breve nota sobre historia, biografia, privacy". *Historia y Fuente Oral*, n.2. Barcelona. 1989, p.51/55.

"Ele veio sozinho, não conhecia ninguém aqui. Ele meteu a cara. Tinha o pai da minha mãe, ele trabalhava na fábrica de tinta para tecidos, no Barreto, mas não ajudou papai não. (...) Ele fez tudo sozinho." (d. Ana, 1993)

"Vieram minha tia Amélia, minha tia Guilhermina, mamãe, tio Manoel, tio Lucindo, papai (...) Foram lá prá Neves: mamãe disse que passou até fome" (d. Ana, 1996)

É nítida a importância que Ana atribui em sua primeira versão ao pioneirismo heróico do pai apesar de ter lembrado mais tarde que na época da chegada já havia um amigo de Albano que morava em Niterói e ajudou a família a se instalar. No entanto, o estilo meio épico-heróico vai dar a tônica de todo o seu discurso sobre o pai, como se pode ver no conjunto dos depoimentos. É inevitável lembrar Michael Pollack, quando diz que a memória não é construída arbitrariamente, ela se alimenta dos processos históricos e precisa ser contextualizada¹⁸⁹: a primeira versão construída por Ana se adapta melhor ao tipo de imigrante que vinha para o Brasil com o objetivo de enriquecer e depois voltar para a aldeia, comprar um pedaço de terra em Portugal. Apesar de não corresponder exatamente ao que aconteceu, a versão escolhida por ela na primeira entrevista reflete melhor a imagem do pai que havia criado com base num determinado tipo de imigrante padrão: o herói que enfrentou tudo sozinho e venceu. Já de acordo com uma das netas de Albano foi aparentemente uma imigração em grupo como contam os outros depoimentos sobre seus antepassados¹⁹⁰:

"Ele veio de Portugal em 1904 ainda jovem, com minha avó Maria, que trazia no colo meu pai Manoel, nascido no Porto, com um ano de idade, pequena bagagem e muito entusiasmo pelo trabalho. No Brasil tiveram mais seis filhos" (Alba, depoimento escrito. 1996).

Podemos duvidar, nesse sentido, de muito do que nos contam os descendentes de imigrantes que se apóiam na maioria das vezes na memória, naquilo que "ficou gravado na lembrança"; além disso as diferentes "versões" representam diferentes interpretações ou seja, depende de quem conta a história. Na poesia grega no entanto não é à memória que o narrador pede ajuda para contar e sim às Musas, resultado da união de Zeus e Mnemosyne, que representam a memória organizada pelo poder¹⁹¹. Mnemosyne é onisciente, segundo Hesíodo (Teogonia, 32, 38) ela sabe *tudo o que foi, tudo o que é, tudo o que será* portanto o poeta inspirado pelas Musas tem acesso não ao que passou, mas à origem das coisas. Homero ao invocar as Musas está garantindo a fidelidade ao seu canto, o poeta não viu, mas ouviu das Musas que estão presentes a tudo.

"Musas, que o Olimpo habitais, vinde agora, sem falhas, contar me pois sois divinas e tudo sabeis: sois a tudo presentes: nós, nada vimos; somente da fama tivemos notícia (...)" (Ilíada c.II, p.484 a 487)

Da mesma forma como as lembranças podem ser uma maneira do homem moderno "reviver" o acontecido, os cantos do poeta épico davam consistência à ação, cujo objetivo era a própria rememoração, realizando-a verbalmente para eternizá-la. Parece claro que o poeta está também criando uma coisa nova com o seu canto e não podemos ignorar que ao relembrar as pessoas comuns também estão construindo uma narrativa diferente do que "realmente aconteceu". De nossa parte contamos com a memória, baseada na fama dos grandes e pequenos feitos de pessoas que foram transformadas em heróis dessa comunidade imigrante. As personagens criadas por essas narrativas parecem representações míticas de valores e conceitos próprios ao imaginário do viajante da Antigüidade, revividos seja no

¹⁸⁹ Pollack Michael. "Memória e Identidade Social" In: *Estudos Históricos* n.10. 1992.

¹⁹⁰ Ver no capítulo anterior relato da chegada do sr. João "Barbeiro" e do sr. João Manoel.

¹⁹¹ Brandão, Jacyntho. op. cit.

século XVI ou no século XX, mas também da mitologia cristã. A história que o sr. Marinho conta sobre sua família no bairro da Ponta d'Areia, Niterói, é significativa:

“... meu pai foi um herói, não o primeiro marido da minha mãe que eu não conheci (e que também era português) aquele que vendia Cristo e a família dele se estivesse junto. Porque um homem que deixa uma mulher sem eira nem beira, sem uma pensão porque naquela época não tinha nada, com um filho por nome de João, o outro Manoel, o outro Domingos, a outra Isaura, a outra Deoclides por causa de uma aventura, deva ser um português desses saltimbancos daqueles do tempo da guerra quando invadiram Portugal (sic)... deixou minha mãe no abandono e minha mãe trabalhava na casa de uma mulher que morava ali, todo mundo chamava ela de madame, trabalhava no chalé da madame e aí conheceu meu pai. E este meu pai que eu digo sempre, que eu pouco conheci porque quando ele morreu eu tinha seis pra sete anos, esse que eu digo que foi um herói português, aquele que é o verdadeiro São José, que criou o menino Jesus, tomou conta de minha mãe... Aí vem a história, o herói português que é o meu pai, o São José criou 5 filhos que não eram dele, mas como a gente diz que o mundo tem suas surpresas, nós temos as nossas tristezas: ele tinha um destino marcado: eu não tenho estudo mas de conversar com as pessoas mais instruídas a gente vai aprendendo: ele criou aqueles seis menores dos seis aos doze, mas os dele ele não criou, foi o destino. Ele devia ter uns trinta anos, quando eu nasci. Morreu porque mandava. Por isso eu nunca quis mandar. Se ele não mandasse não morria...” (sr. Marinho. 1997)

Esse é um tipo de início muito comum nas histórias de vida dos descendentes e/ou dos imigrantes; uma trajetória heróica de resistência e adaptação às dificuldades. O pai é comparado a um santo cristão por ter dedicado a vida a criar filhos dos outros; impossibilitado de ver seus próprios filhos crescerem. morre como um mártir, supostamente por ter um cargo de destaque (o pai do sr. Marinho foi atingido por um dos ganchos de transportar carga, durante o trabalho no navio).

3.1. A busca do “paraíso perdido”

Pode haver também um tipo de “apresentação” em que o passado ganha uma aura idílica de grandiosidade no estilo “época de ouro” através de expressões como “naquele tempo”, “antigamente”, “na minha época”, etc., que jamais poderá ser igualada. Trata-se da idéia de “perfeição dos primórdios” alimentada pela recordação imaginária de um “paraíso perdido”¹⁹². É fácil fazer um paralelo com as observações de Staiger sobre o autor da Odisséia e da Ilíada: há um distanciamento, o narrador se faz presente enquanto tal, dirige-se às musas, apresenta as personagens como um objeto exterior a ele, que ao contrário destas mantém uma atitude “impassível” diante dos fatos narrados. O distanciamento é facilitado porque os acontecimentos estão no “passado”: *“o autor épico não afunda no passado recordando-o como o lírico, mas sim rememora-o. E nessa memória fica conservado o afastamento temporal e espacial. O longínquo é trazido ao presente, diante de nossos olhos, logo perante nós, como um mundo outrora maravilhoso e maior... Assim é que na Ilíada não há ainda nenhuma cavalaria e nenhum toque de clarim, ambos já existentes em seu século. A distância é guardada ainda mais visivelmente com a afirmação sempre repetida de que na época em que se deu a guerra os homens eram ainda mais fortes. A fórmula ‘como são agora os mortais’ minora repetidamente a própria existência frente à grande existência passada. Nestor simboliza esse herói dos velhos tempos: ‘Já convivi, noutros tempos, com mais vigorosos guerreiros do que vós ambos; no entanto; nenhum inferior me julgava. Não, nunca vi, nem presumo que possa ainda ver algum dia, homens do porte de...’”*¹⁹³ Ou seja, os contemporâneos de Homero são pequenos se comparados aos heróis antigos como Heitor e Aquiles que também são fracos se comparados a outros anteriores; assim o ponto de

¹⁹² Idem p.50: o autor acrescenta que essa idéias transparece nos enredos mítico-rituais do Ano Novo. p. ex.

¹⁹³ Staiger, op. cit. p.79.

referência é sempre o passado glorioso. É também essa a “lógica” da narrativa dos imigrantes sobre sua trajetória ou a de seus antepassados: apesar da difícil convivência entre imigrantes e nacionais no início do século no meio urbano, as narrativas só se referem às iniciativas vitoriosas de uma geração de “titãs”: falando sobre o pai, D. Ana só consegue dizer que *‘hoje em dia não sou nada perto do ele foi’*; o sr. João barbeiro repete sempre em relação ao histórico maestro Tavares, líder da “Rebelião Vermelha” na Banda Portuguesa: *‘aquilo é que era maestro, o resto é brincadeira’*, *‘naquele tempo sim havia ordem, depois nunca mais’*. *‘hoje se tenta, mas não conseguem chegar nem perto do que fomos’*: o sr. Waldyr atribui àquela geração de imigrantes portugueses dos anos 20 e 30 uma capacidade de empreendimento semelhante à da iniciativa privada em São Paulo hoje, etc.

Observamos também nos depoimentos a presença do “mito paradisíaco”¹⁹⁴, o Brasil representado como verdadeiro “Eldorado”, possibilidade de sucesso, enriquecimento e liberdade em oposição a uma realidade difícil que passa a ser idealizada quando o “sonho” se torna concreto. A própria língua aparentemente semelhante torna-se um elemento diferenciador no confronto com o “outro”, o brasileiro tomado como parâmetro, que traduziu na ironia das “piadas de português” a incompreensão, o choque cultural e a discriminação da maioria étnica.

“Desde que chegou ao Rio, apaixonado pelo cenário grandioso de uma natureza exuberante e formosa, decidiu que ia ser brasileiro, custasse o que custasse. Havia escolhido aquela terra de coração e de alma e era ali que queria fincar a sua bandeira. Viera para lutar e vencer e queria conquistar para si um lugar naquela sociedade brasileira. Não lhe interessavam os outros imigrantes. Mantinha-se afastado deles o mais possível e não desejava ser identificado como mais um daqueles ‘galegos’ pobres e analfabetos que andavam pelas ruas (...) mas foi por aí mesmo que teve que começar. Que outra alternativa lhe restava?”¹⁹⁵

Neste caso ser “português” significava ser identificado com o “galego” pobre e analfabeto, personagem tão indesejado quanto o imigrante enriquecido e “explorador”, ambos atacados pela propaganda antilusitana no início do século. A narrativa refere-se ao personagem do romance José Motta, que inclusive tornou-se “brasileiro” naturalizando-se logo que pode para fugir do estereótipo criado em torno do imigrante português. Apesar disso, a narrativa do romance construiu um personagem com o mesmo referencial do imigrante mítico que aparece nos outros depoimentos sobre a colônia portuguesa em Niterói, onde ser “português” significava ser trabalhador, prudente, perseverante e humilde, honesto, etc. Uma das narradoras conta que sua avó detestava ser chamada de “galega”, apesar de ter origem espanhola e fazia questão de afirmar que “era portuguesa” com muito orgulho; o sr. João “barbeiro” costuma pontuar suas histórias com adjetivos esclarecedores: *‘aquilo era um português limpo’*, *‘um português bonito’*, *‘família bonita’*, *‘um português distinto’*, etc.

Poderíamos citar inúmeros exemplos de como se criou a imagem positiva desse personagem imigrante vivendo num ambiente hostil como deve ter sido o início do século no Rio de Janeiro; a idealização era tanta que os narradores jamais mencionam conflitos entre nacionais e portugueses, apesar do recrudescimento do anti-lusitanismo (difícilmente Niterói teria ficado imune aos respingos desse conflito). A narrativa dos entrevistados construiu um “mundo ideal” para a comunidade imigrante, sem brigas nem confusões, um ambiente fraternal onde *‘todos foram criados juntos como uma família’*; esse mundo não existe mais, envelheceu e morreu junto com os fundadores. Estes, como autênticas figuras mitológicas, aparentemente pairavam “acima” do cidadão comum - cuja existência se prende a compromissos e interesses assumidos em sociedade - apesar de perfeitamente integrados a

¹⁹⁴ Mendes, Fátima de Souza. *Imigração e Identidade Feminina. Um estudo com imigrantes portuguesas no Rio de Janeiro*. Cadernos do IFCS. n.2

¹⁹⁵ M.L. Alba., op. cit. p.39.

ela. O herói homérico, lembra Staiger, vive e atua por conta própria; sua pequena propriedade é suficiente para alimentá-lo; sua motivação para agir é determinada por seus sentimentos e pela tradição. Desta forma ele constrói um mundo para si, como no exemplo clássico do acaso que leva o herói para Tróia: é necessário resgatar Helena, esposa de Menelau raptada pelo rei daquela cidade; no entanto poucos acreditam que os heróis tenham partido por esse motivo. Teriam sido mobilizados pelo dever da honra e o prazer da luta¹⁹⁶. Novamente essa lógica faz lembrar as narrativas sobre a formação de associações beneficentes e recreativas; estas não apenas reproduzem um mundinho à parte mas também são descritas como fruto do esforço coletivo da comunidade mobilizada prioritariamente por necessidades afetivas, lúdicas e emocionais. É claro que não se nega a importância econômica dessas instituições, mas os narradores enfatizaram sempre a motivação de se reunir, divertir-se, relembrar a pátria, acolher os que não tinham família, para depois mencionar a ajuda financeira.

3.2. O “benfeitor”

Os imigrante partiam também em busca de sua identidade, que seria construída no processo de conquista de uma nova situação de vida. José Motta, personagem do nosso romance, chegou ao Rio de Janeiro em 1912 aos 17 anos com um diploma de curso primário; trabalhou três anos como estivador no cais do Porto economizando cada centavo que pudesse lhe abrir as portas de uma situação melhor e logo foi ser balconista. Em pouco tempo se tornara contador; daí a bancário foi um pulo e a “sorte” continuou a favorecê-lo: tomou-se homem de confiança do dono de um pequeno banco¹⁹⁷ que ao morrer deixou-lhe uma cota de participação acionária que mudou a vida do Motta. Parece um verdadeiro conto de fadas a trajetória desse português que literalmente “fez” a América como tantos outros no início do século.

O conceito de herói na literatura está vinculado aos padrões culturais, étnicos e ideológicos dominantes na sociedade em determinada época. O herói é criado de acordo com esse código, espelhando os ideais da comunidade ou classe social¹⁹⁸. Não resta dúvida quanto ao valor atribuído ao trabalho duro e ao esforço individual pela comunidade de imigrantes e por seus descendentes - as histórias se repetem mas os protetores estão sempre presentes, garantindo a “ajuda” que faltava para reconhecer o esforço. Mesmo assim os narradores enfatizam o sacrifício e a persistência como sendo as maiores armas com que os imigrantes podiam contar para superar suas limitações e ter êxito em seus projetos:

“Papai chegava aqui na estação das barcas às 7 e meia, 8 horas andando depressa, às vezes correndo. Tinha até calos nos pés. Ai, botava o tamanco dentro da bolsa que ele levava e calçava a minha, o sapato, ele era caprichoso. Então o Visconde de Moraes, que era o dono da Cantareira, gostava muito dele e pegou papai calçando o sapato. Papai disse assim: ‘você sabe porque eu faço isso? Prá não gastar meu sapato, porque tenho filhos pra criar, tenho três filhos. Tenho minha cunhada, tenho sogra (...) estamos morando num buraco lá em Neves’.

“E o homem respondeu: ‘você vai trabalhar aqui em Niterói, vamos consertar a Cantareira...’.

Eram uns barracos velhos, feios. Essa construção de hoje e o prédio dos Correios foram feitos por meu pai” (Ana. 1996).

“(…) Na mão direita levava a cicatriz do rasgão que lhe fizera a vara de tocar os bois no campo, quando aos oito anos enfrentava diariamente essa tarefa.(…) Sua avó lhe havia comprado umas botinas para usar na escola. Ele andava da casa até bem perto da escola descalço, para não gastar as solas. Aí, se escondia atrás de algum matinho e colocava as botinas (...)”

(M.L. Alba. op. cit. p 23.24)

¹⁹⁶ Staiger, E., op. cit., p. 105.

¹⁹⁷ Banco Irmãos Guimarães, no Rio de Janeiro.

¹⁹⁸ Silva, Vitor M. de Aguiar e. *Teoria da Literatura*. Livraria Almedina, Coimbra, 1973.

A versão contada por D. Ana sobre o “apadrinhamento” de seu pai pelo Visconde de Moraes, um dos mais bem sucedidos empresários portugueses do princípio do século, é questionada por uma das netas do sr. Albano; ela apenas confirma a participação do avô na reforma da Estação das barcas e do prédio dos Correios. A despeito disso, o episódio é repetidamente contado pela filha, que a cada oportunidade enriquece mais a descrição do penoso caminho percorrido pelo pai entre a casa e a Estação. Curiosamente a segunda narrativa utiliza a mesma imagem da “peregrinação” e da valorização de andar calçado, um símbolo da “urbanização” do trabalhador. O José Motta também seria recompensado pelos anos de penúria no campo; precisou fugir, esconder-se na casa do tio na cidade do Porto, conseguir embarcar como imigrante, para finalmente poder andar sempre bem calçado. É parecida também a descrição do sr. Marinho do encontro que “mudaria sua vida”: desde os oito anos Marinho trabalhava e estudava; transportava material e alimentação para os trabalhadores dos navios e das ilhas; aos 12 anos sua atividade chamou a atenção do sr José Vieira, mestre torneiro da Companhia Comércio e Navegação que resolveu lhe dar “uma chance”: levou-o para o estaleiro como aprendiz de torneiro.



Figura 17 - Sr. José Motta com a filha.

3.3. A capacidade de adaptação

Os avós de d. Ana haviam imigrado para morar inicialmente com o sogro de Albano, um espanhol que era químico numa fábrica tinta no Barreto, bairro mais próximo ao centro de Niterói do que Neves. Mas qual não foi a decepção deles quando descobriram que o sr. Antônio estava morando com a cunhada, uma belíssima espanhola que depois o roubou e deixou na miséria. D. Ana faz questão de enfatizar a indignação do pai com a traição do sogro:

“Ele (vovô) tinha dinheiro. Meu pai teve que escrever para Portugal dizendo o que estava se passando aqui; aí coitada, minha avozinha veio com as duas filhas... Foram todos morar em Neves, porque meu avô não quis que eles soubessem o que estava se passando... Aí papai foi procurar o meu avô na fábrica e falaram, ‘ele está na casa da mulher’ e meu pai ‘que mulher? A mulher dele está em Portugal!’ Aí ele foi lá e encontrou vovó com uma mulher muito chique, com empregados, tinha carruagem. porque naquele tempo ninguém usava carro, era carruagem. Bom ela, minha filha, botou ele na miséria.” (Ana, 1993).

Percebe-se a narrativa de uma chegada um pouco traumática, do ponto de vista afetivo, moral e financeiro, que podemos identificar como parte das provas do herói vencer dificuldades, mostrar sua capacidade de superar e se adaptar aos desafios. É como o sr. João descreve sua primeira experiência de trabalho, espécie de batismo onde conseguiu mostrar que era um “verdadeiro português” abrindo mão do desejo e submetendo-se à disciplina familiar; ele faz uma narrativa cheia de orgulho, descendo a detalhes surpreendentes como o nome das pessoas da época, suas características e trejeitos; sua voz muda de entonação para interpretar os diferentes personagens da história e ressaltar os momentos mais dramáticos:

“Eu morava com meus tios; queria ser torneiro mecânico: já tinha emprego arrumado na Ilha do Viana, tinha uns cinco ou seis do meu lugar na roça, um chamado Ângelo que era filho de brasileira, casou com portuguesa aqui; era o chefe na época do falecido Henrique Lage, dono da Cia. Costeira de Navegação. Meu tio proibiu: ‘Você vai ser barbeiro’. Não estudei nada, vim da roça, mas aprendi tudo. Fui ao Rio aprender com outro tio Tomás que era barbeiro, ele não quis ensinar, o outro tio insistiu, falou com Francisco José Leite, monarquista, muito católico que aceitou ensinar. Eu levantava, tomava café às 5:30 junto com ele; trabalhava no bote São João do meu tio e do meu primo Domingos; levava 22 pessoas em frente à ilha de Santa Cruz no Wilson Sons; saía às 6 hs; às 7 estava na barbearia. Meu tio tinha 3 botes: São João, Aveiro e Recreio. Um dia eu estava na barbearia, tinha muita rapaziada lá da minha terra, eu estava fora da porta com um grupo de amigos, conversando dentro do salão, estava o sr. Francisco trabalhando e um rapaz de Campos chamado Quintino, gente muito boa. Meu tio chegou perto de mim, não disse nada, deu duas bordoadas assim (faz gesto) na frente de todo mundo. Eu não disse nada, fiquei quieto de cabeça baixa: seu Francisco não disse nada. Quintino também não disse nada. Quando fui pra casa, ele (tio) disse assim: ‘Já tomou banho João?’ Eu disse ‘já’. ‘Então vamos jantar’. Quando foi na hora de dormir ele disse: ‘escuta aqui meu filho você quer aprender a arte de barbeiro ou quer ser vagabundo? Na nossa família não tem vagabundo não: você não vai ser vagabundo. Ou tu aprende ou eu te mato’. No outro dia de manhã fui trabalhar, chegou um freguês, ainda lembro o nome dele, Antônio, caixeiro no botequim do sr. Vinhas, muito bom rapaz, português e tanto, português limpo. ‘Seu Antônio quer fazer a barba comigo?’ Seu Francisco olhou pra mim, não disse nada. Eu sabia fazer mas não queria ser barbeiro. Aí fiz a barba dele, tinha uma barba cerrada e falou: ‘João, a navalha tá boa. tá muito boa a barba, estou gostando. Quando acabei de fazer a barba dele o seu Francisco chegou perto de mim e disse ‘meus parabéns’: apertou a minha mão e me beijou aí eu comecei a trabalhar. Não era aquilo que eu queria, queria ser mecânico, mas meu tio não quis, eu fiz a vontade a ele: trabalhei até os 86 anos, deixei por causa da minha vista.” (Sr. João, 1998)

Estão aí alguns componentes do imaginário do português imigrante como renúncia, sacrifício, disciplina, a importância do trabalho, capacidade de adaptação, tudo devidamente valorizado pela narrativa: o trabalho em dois turnos, a vergonha pública de apanhar na rua, a falta de opção (“ou aceita ou te mato”), o bom desempenho apesar da dificuldade da tarefa (“barba cerrada”) e a aceitação final do “pai” selada com um beijo. Tendo o sr. Francisco como primeiro “protetor” e contando com a ajuda do tio, o sr. João acabou comprando sua própria barbearia; construiu um patrimônio do qual não fala, mas que lhe permite uma vida confortável até hoje.

Voltando ao herói homérico Odisseu, após superar todos os obstáculos da viagem e conseguir chegar a Ítaca, ele é submetido a mais uma prova: precisa enfrentar os vários pretendentes que assediavam seu palácio e sua esposa. Disfarçado de mendigo e considerado um simples estrangeiro ele. é claro, mostra-se o mais habilidoso e vence a todos que o desprezavam:

“Vil estrangeiro, estás louco, privado, de todo, do juízo?
Pois não basta comer entre tantas pessoas ilustres.
sem te escassear coisa alguma, podendo escutar, além disso.
todas as nossas conversas? Nenhum estrangeiro ou mendigo
tem a vantagem de ouvir os discursos que aqui pronunciamos.”

É importante falar também de uma outra característica da narrativa épica: as digressões que abrem espaço para o aspecto descritivo. O narrador assim não se ocupa muito com o domínio do “interior”, mas dirige a vista com preferência para o lado de fora e apresenta o que vê como dádivas da vida: no caso de Homero armas, guerreiros, movimentos de batalhas, terras e homens maravilhosos, o mar, animais e plantas; a simples enumeração de seus nomes e o dizer “assim são as coisas” é uma garantia de “eternidade”: “*o minério resplandece, o mar está cor de vinho, as uvas são escuras, o cisne tem pescoço comprido, etc.*”¹⁹⁹ Da mesma forma que a riqueza do vocabulário de Homero provavelmente aguçava a curiosidade prendendo a atenção do ouvinte e que as metáforas da visão homérica servem de modelo para o mundo grego, a minúcia de detalhes que faz parte das narrativas sobre os imigrantes ajuda a compor o painel desse imaginário.

3.4. A idealização

O herói épico é um tipo de pessoa ideal, cujas principais virtudes são nobreza de corpo e alma, força de vontade espiritual, concentração, domínio sobre si mesmo e sobre o mundo dos instintos. A vontade tem por objetivo alcançar o poder através da responsabilidade é inspirada pela audácia. Assim é que em alguns relatos as personagens imigrantes são descritas como despojadas, obstinadas pela idéia da vitória e obcecadas pelo trabalho:

“1912-1927. Como passara rápido o tempo. O caminho fora difícil. Durante aqueles dez anos, sofrera as agruras de um imigrante recém chegado. Foram anos de solidão, de falta de tudo, de fome e até de maus tratos. Que jovem imigrante não os sofrera?” (...) “Mas jurou que seria por pouco tempo. Comería o pão que o diabo amassou, mas sairía adiante em três anos. (...) Comia uma vez por dia, dormia no próprio armazém e só comprava roupa quando a que usava estava em frangalhos.”²⁰⁰

“Ele morreu muito cedo, com 68 anos. Papai trabalhava muito. (...) Papai não gostava muito de baile não. Gostava de trabalho e de família. (...) Ajudava muita gente, muitos nunca pagaram a ele. Também, ele não se incomodava. Não gostava que usassem o nome dele como doador. Não quis que fizessem estatueta prá ele lá em baixo (no saguão do Hospital da Beneficência Portuguesa, Niterói). Coisas grandes assim ele não gostava Dizia: ‘eu quero ser pequenininho. eu nasci pequeno’”. (Ana. 1995).

O imigrante personagem do romance, apesar de também ter conseguido se tornar um homem bem sucedido financeiramente, até mais do que o pai de Ana, teve trajetória bastante diferente deste e conseqüentemente sua visão da nova terra também foi outra. Criado por uma avó camponesa que se passava por sua mãe, José Motta nunca soube quem foi seu pai e trabalhava duro no campo desde os oito anos. Andava cerca de 10 léguas por dia para terminar o curso primário e poder morar com o tio na cidade do Porto, de olho na possibilidade de mudança. “*Ele fizera o impossível para fugir ao seu destino camponês. No Porto tentara durante anos adaptar se ao gênio do tio Manoel (...) quando soube que um outro tio seu vinha para o Brasil, não teve dúvidas. Decidiu vir com ele. Falava-se muito naquela época do progresso e do crescimento da cidade de São Paulo e do porto de Santos. Trabalho não faltava*”.

A história de José em Portugal é semelhante ao que o sr. João “barbeiro” (da Banda Portuguesa) conta sobre sua vida na aldeia. Ele também trabalhou desde cedo na roça, foi criado pela avó e não tem boas lembranças do pai. A história que se conta sobre os primeiros anos do Motta no Brasil, entretanto, é diferente daquela narrada pelos portugueses que se

¹⁹⁹ Staiger. E., op. cit. p.86.

²⁰⁰ Alba, Maria Luiza. op. cit. p. 32, 39-40.

estabeleceram em torno do Centro Musical ou da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Niterói. A colônia do José era o grupo de imigrantes pobres que vivia nos cortiços nas imediações do cais do porto, amontoados em cômodos mal ventilados e ainda pior iluminados, sem higiene ou privacidade, numa solidão promíscua e barulhenta, povoada de lamentos. Seus amigos peregrinavam pelas ruas da cidade vendendo garrafas vazias, jornais, alho, cebolas e vassouras. *‘Seus pregões recordavam o velho cantarolar das suas aldeias, mas para os brasileiros era a repetição moderna dos antigos pregões dos pretos escravos que na época do Império apregoavam seus produtos pelas ruas daquela mesma cidade’* (“*Travessia*”, p.36) Novamente aqui se compara o português com o negro e de fato ambos eram marginalizados, mesmo que por motivos diferentes. Apesar da narrativa mostrar que o cotidiano de José era freqüentado por essas figuras durante os primeiros anos de sobrevivência no Rio de Janeiro, seu personagem nunca se mistura com eles, está sempre acima do ambiente triste e estereotipado do imigrante pobre. Neste ponto aproxima-se da narrativa sobre a colônia lusa da Ponta d’Areia, que “deixa de fora” apesar o bairro portuário.

Alguns patrícios da convivência do Motta melhoravam de vida quando conseguiam montar seu próprio negócio ou arranjar um emprego fixo o que não os livrava do trabalho duro, pelo contrário. Para muitos destes o sucesso acontecia quando já estavam cansados e velhos demais para aproveitar, mas esse não foi o caso do José Motta. Aos 22 anos tornara-se contador de uma pequena firma e morava numa pensão razoável para os padrões da época; aos 38 passou a ser contador do Banco Irmãos Guimarães, sustentava duas famílias (sua esposa, sem filhos e a amante com quem tivera uma filha, autora do romance) e assimilara a sofisticação de sua vida nova: *‘Passou a freqüentar clubes mais exclusivos e a deixar de lado os antigos hábitos. Quase sem perceber, ia mudando de temperamento. Cada vez ficava mais sério, mais solene e menos alegre’* (“*Travessia*”; p. 60). A essa transformação correspondeu um afastamento da convivência com a colônia patrícia que aparentemente começava a sufocá-lo; o distanciamento no entanto significou também um empobrecimento (“ficava menos alegre”) como se o Motta estivesse negando o “verdadeiro espírito lusitano”; paradoxalmente a riqueza trouxe a infelicidade, a solidão e inclusive sua morte “misteriosa” que a autora sugere ter sido articulada maquiavelicamente pela terceira esposa:

“Nunca se desvendou totalmente o mistério que tingiu sua morte de suspeita e traição (...)” “Morreu desnutrido, sozinho e nu, como nasceu. Ele, que fora tão rico e sempre tão solicitado por amigos e amantes. Morreu despojado de tudo, envolto no mistério do segredo nunca desvendado de sua paternidade e da incógnita da sua morte, lutando. (...) As águas escuras da morte foram mais fortes do que ele e o levaram de roldão por suas correntes desconhecidas.”²⁰¹

Ou seja, o novo status afastou-o do convívio com a colônia e isto o transformou num homem triste e solitário, a ponto de cair numa suposta armadilha que provavelmente teria provocado sua morte. Neste ponto o romance resgata pelo avesso a idéia presente nas narrativas sobre as instituições beneficentes de Niterói: a comunidade imigrante como referência afetiva, familiar, garantia de permanência dos valores associados ao personagem mítico do imigrante português.

O Brasil para o personagem de José representava *“a terra da promessa, o lugar onde ele se libertaria da sua humilhação de mal nascido e se tomaria rico e respeitado.”*²⁰² É a mesma idealização da esposa do sr. Albano, Maria e de tantos outros cujas histórias são contadas por filhos e netos. O Brasil era o “Eldorado”, oportunidade de progresso, de realizar o mito da fortuna que possibilitaria o retorno vitorioso.

²⁰¹ Alba, M. L. op.cit. p. 195-6

²⁰² Alba, M. L. op.cit.p. 68

Aos 45 anos José já era um dos três maiores sócios do Banco e conta então ao seu interlocutor como conseguiu estabelecer-se em tão pouco tempo: *“Trabalhei no cais do porto. Depois fui empregado de balcão e estudei à noite e consegui meu diploma de contador. Fui trabalhar numa casa de loteria (...) conheci um senhor, um velho português de antiga cepa, que simpatizou comigo e gostou do meu trabalho (...) Eu sou antigo, Garcia. Quando cheguei ao Rio ainda os lampiões da rua eram a gás e os bondes eram puxados a burro (...) Foi ele que (...) abriu-me as portas do Banco.”*²⁰³ Tanto sucesso parece ter-lhe permitido aceitar a idéia de voltar à Europa, onde esteve por diversas vezes, como vencedor. Numa dessas ocasiões visitou também a África e as colônias portuguesas em pé de guerra, de onde volta falando como um liberal assumido, atitude que espanta até seu melhor amigo: *“Por mim, não creio que venceremos, Garcia. Os negros morrem às centenas, mas sempre aparecem outros tantos para substituí-los, cada vez com mais vontade de lutar. Afinal a terra, a pátria, era deles desde a criação do mundo, não é mesmo?”* (op. cit.; p.162). O destino certamente o fizera navegar em muito pouco tempo por mares e sentimentos nunca antes experimentados.

3.5. A nobreza

“Aquilo que está determinado é senhor dos deuses e de vós” (Eurípides)

Ernest Curtius diz sobre as poesias homéricas que possivelmente teriam sido criadas por imigrantes jônios obrigados a abandonar o seu culto aos mortos, impossibilitados de carregar os túmulos de seus pais. Homero representaria assim a construção do herói colonial da Ásia Menor, o homem “excelente” que após a morte tem a graça de alcançar a imortalidade, contando com a intervenção divina em sua vida mortal; é o que o autor chama de “aparato divino épico”. Em Homero o verdadeiro herói não é Aquiles mas sim Nestor, o conselheiro, já que a velhice contém sabedoria e experiência. Odisseu, também mais velho que Aquiles é comparado a Zeus em prudência e parece ter em proporção certa o heroísmo, a capacidade guerreira e a sabedoria. Não é por acaso que a neta de um dos nossos personagens imigrante descreve o avô como *‘o oráculo dos patrícios mais velhos que não faziam nada sem se aconselhar com vovô’*. (Ani, 1997) No mesmo depoimento esta narradora falou dos “poderes curativos” da avó e de sua provável origem nobre:

“Minha avó, que era de origem basca, teve uma bisavó que foi princesa espanhola. Os documentos estão lá em Portugal. (...) Minha avó era meio bruxa, aprendeu com minha bisavó a conversar com as plantas e desenvolveu poderes curativos e mediúnicos”.

“Ela rezava as pessoas e conseguia curar doenças onde os médicos falhavam. Uma vez, passeando com o mando, os dois passaram por um patrício que uma vez havia prejudicado meu avô. Vovó conta que virou de costas e disse baixinho: ‘tomara que quebre as pernas’ e na mesma hora o homem tropeçou, caiu e quebrou a perna. Meu avô ficou assustado, tinha medo dos poderes dela” (Ana, 1996).

Outra característica atribuída à narrativa épica é que a verdadeira motivação para a ação não seria ideológica; não diria respeito a uma moral ou uma política em sentido abstrato. O bem e o mal aparecem ligados às necessidades do herói naquele momento; o objetivo moral estaria assim vinculado ao temperamento de cada um²⁰⁴ Talvez isso explique a naturalidade com que a neta de Albano conta como sua avó provocou um acidente e quebrou

²⁰³ Idem p.82

²⁰⁴ Idem p.106.

as pernas de alguém, sem demonstrar maiores preocupações; afinal era um inimigo do seu avô, alguém que o havia prejudicado.

Um aspecto comum às narrativas sobre a imigração é a presença de figuras femininas com misteriosos poderes e donas de uma força superior aos homens. Na maioria das vezes são pobres camponesas que assumiram a direção da família extensa na ausência dos homens, que teriam provavelmente imigrado ou simplesmente desaparecido. Em outros casos a mulher vive à sombra de um marido poderoso, bem de acordo com o modelo da época, e quando se vê desamparada torna-se a personagem dominante da casa, superando as outras figuras masculinas. Esse poder feminino “invisível” foi interpretado pelo imaginário popular da época numa frase, entalhada num quadro que a avó de Ani mantinha pendurada na parede, a despeito dos protestos do marido: “*A casa é minha, mas quem manda é minha mulher*”.

3.6. O valor simbólico do trabalho

“Nada comprado tem valor” (D. Ana, 1993)

Na perspectiva da filha do sr. Albano, o pai alcançou prestígio por seu trabalho mas era avesso à ostentação. Não se considerava rico e impunha à família uma rotina frugal, baseada no esforço de cada um: “*Trabalhai que eu também trabalho*” era o lema da família. O reconhecimento social ficou por conta da amizade com os portugueses ilustres nos anos 20 em Niterói mas não era um valor perseguido por ele:

“Papai tinha muitos amigos, sabe? Era amigo do Francisco Vicente Cruz, que foi cônsul português; papai só gostava de gente mais do que ele, sabe? Esse Visconde de Moraes, da Cantareira, o Dr. Cristóvão (...) Quiseram dar a ele o título de cônsul sabe, mas papai não era vaidoso não, era vaidoso no trabalho dele, na família, no comportamento dele, nas contas, mas assim quanto a sobressair, ele dizia, ‘se você quiser me dar o título, não sou contrário. mas comprar não, Nada comprado tem valor’” (Ana, 1993)

“... papai se colocava no seu lugar, ficava Quietinho. Se dava mais com os construtores, colegas dele. Os patrões dele, que faziam as casas, chamava de ‘meus patrões’ Eles diziam, ‘olha, sou seu amigo’. e ele dizia, ‘não, estou fazendo sua casa, são seu empregado’. Ele achava que havia diferença.” (Ana, 1996)

O personagem de Ana aparenta ser modesto e despojado; tinha amigos importantes e freqüentava a “elite” mas não se deixou seduzir pela ostentação. É a mesma idéia que se construiu na historiografia sobre o personagem português ilustre e humilde que não esquece sua origem pobre²⁰⁵. As netas do sr. Albano já mostram um lado mais vaidoso do avô, que gostava de pavonear seu sucesso circulando por Niterói num carro importado, “*igualzinho ao usado por Getúlio, ainda antes de 30*” (Ani, 1996).

“No Café Santa Cruz (centro de Niterói) a nota de 500 mil réis que ele puxava para pagar a rodada do cafezinho com amigos ficou célebre. Alguém pagava para que ele não trocasse a famosa nota.” (Alba, 1996).

Se existem diferenças entre o discurso da filha e o das netas no que diz respeito à modéstia de Albano, a unanimidade é total quando se trata da generosidade dele. Ajudava os pobres, era bom patrão, pagava um salário extra aos funcionários no final do ano, isso antes da regulamentação do décimo terceiro salário; construiu casa para todos os filhos, enfim, um homem com todas as qualidades, exemplar.

²⁰⁵ Nuno Simões, op.cit. p.96.

“Papai, no dia em que embarcou prá Portugal, deu a seu Bento, que era fogueteiro, 4.000 cruzeiros, que naquela época era dinheiro, prá ele fazer uma casinha lá no Fonseca (Niterói)... Pagava bem mesmo os empregados. Eles diziam assim: ‘Ah. mestre, tem demais’. E papai respondia: ‘Esse mês fizestes mais duas horas’. Papai tinha uma carpintaria para não pagar as portas, as janelas que fazia (...) assim, os empregados eram todos protegidos de papai”. (Ana, 1993)

A década de 20 também marcou o ataque da “gripe espanhola” em Niterói, anunciada com alarde nos jornais²⁰⁶ e fortemente marcada na memória dos que a vivenciaram. Ani conta que os imigrantes recém chegados da Europa eram obrigados a cumprir quarentena na Ilha das Flores e lembra também de um episódio de heroísmo envolvendo seu avô; então já estabelecido como empreiteiro em Niterói. Durante a epidemia o sr. Albano foi chamado para fazer um reparo no abastecimento de água do único hospital da cidade na época, o São João Batista. Chegando lá, verificou horrorizado que havia dezenas de mortos amontoados numa das enfermarias; o serviço funerário da cidade não conseguia dar conta do crescente número de vítimas. A própria filha dele e nossa depoente Ana esteve entre a vida e a morte por conta da gripe espanhola. O sr. Albano não teve dúvidas, trouxe o carrinho de mão que usava nas obras e transportou todos os corpos, junto com os médicos voluntários.

²⁰⁶ Conforme p.ex. Jornal *O Fluminense* de 12/2/1920, primeira página, que anuncia a chegada da gripe à cidade, acusando 6 casos no centro de Niterói. BN.



Figura 18 - A filha do Sr. Motta, 1931.

Tanto no relato da filha quanto no da neta era a figura patriarcal do pai e avô que impunha a disciplina doméstica; era também o guardião da moral, da ética, dos valores dos quais elas se orgulham tanto:

“Chefe de família exemplar, excelente esposo, pai e avô. Muito metódico. Tinha hora para tudo controlado por um antigo relógio de bolso com corrente de ouro. Café da manhã às 6 horas, almoço às 11 e jantar às 17 horas. O trabalho nas obras (das 7 horas às 16 horas) tomava-lhe todo o dia. Deslocava-se de um local para outro, para supervisionar todas as construções num velho carro Ford. Era muito competente em sua profissão, mestre de obras. Acordava e dormia cedo. (...) Educou os filhos nos princípios da moral e da justiça. Muito sério. Trabalhador, honesto. Certa vez eu estava tratando da compra de um terreno em Niterói e ao ser interrogada sobre a família a que pertencia citei o nome do meu avô. Ao saber do meu parentesco a proprietária disse ‘seu avô era um homem muito correto, se ele devesse um centavo vinha pagar e se alguém lhe devesse um centavo vinha cobrar. Se você é neta dele eu tenho certeza de que também é honesta’”. (Alba, 1996)

O brilho nos olhos da neta ao contar esse episódio, refletia todo o orgulho da herança portuguesa que a filha também demonstra:

“Papai não tinha dinheiro não. Gastava tudo com a gente. Tinha 14 filhos, podia guardar dinheiro? Trabalhava muito. Tinha muito crédito, sabe. Quando precisava de 10 mil cruzeiros chegava na casa Borges e dizia ‘seu Borges eu preciso de tanto’. Chegava no banco Mercantil, ‘seu Carvalho, preciso de tanto’. Tinha crédito porque pagava. Podia ficar sem um tostão, mas pagava o que devia”. (Ana, 1996)

“Olha, nós pouco conversávamos com ele. Quando estava em casa a gente já sabia. Tinha que ficar calado. ‘Vosso pai está chegando’ mamãe dizia. Também nunca ouvimos papai dizer um palavrão nem nunca papai bateu na gente. Mamãe quando conversava com papai a gente tinha que sair. Sabe de uma coisa, na casa nunca ouvimos papai ter relações com mamãe. (...) Papai não era muito de rua não. Às quatro horas mandava os empregados embora das obras, vinha prá casa; ele tinha escritório em casa, quando era nove horas da noite balançava a chavezinha e todo mundo ia dormir... Papai não gostava muito de baile não, gostava de casa e de família”. (Ana, 1996)

“Tão bons pais que eles foram. Muito severos. Meu pai então minha filha só bastava olhar, se a gente via que o olhar não estava bom, nem pedia nada, nem falava. (...)” (Ana, 1993)

“Eu me desquitei depois de papai morto, porque eu tinha um respeito ao meu pai... Ele disse ‘você casou, tem que aturar’. Papai não admitia desquite.”. (Ana, 1996)

O personagem dessas narrativas parece pairar acima dos homens comuns; o texto sugere sua “invisibilidade” enquanto manifestação dos instintos; uma ilimitada capacidade de autocontrole, disciplina absolutamente metódica e controle absoluto sobre as pessoas. É o mesmo tipo de idealização feito pelo sr. Waldyr que fala do pai como um metódico incorrigível incapaz de ler o jornal se não estivesse rigorosamente “ponta com ponta”. Além disso mantinha a rotina doméstica rígida e um clima de confiança entre todos da casa, “deixando sempre o dinheiro do dia a dia à mostra”. Esse ambiente de disciplina tão ferrenha, descrito por rigorosamente todos os depoentes, era amenizado e humanizado pelos encontros comunitários ou reuniões de família que proporcionavam o clima festeiro tão caro aos imigrantes, conforme os relatos do capítulo anterior.

4. Um exemplo de descrição do ‘outro’ e a construção da identidade/Heródoto

“(…) a célebre frase de Marx: ‘os homens fazem a sua história, mas não sabem que a fazem’ justifica, no seu primeiro segmento, a história e no segundo, a etnologia. Ao mesmo tempo, mostra que os dois processos são indissociáveis.”²⁰⁷

Os gregos se preocuparam em preservar a memória de fatos importantes que poderiam ensinar alguma coisa às pessoas, com a mesma intenção de Homero - guardar a tradição para educar. Heródoto, por outro lado, se preocupa em descobrir as causas desses acontecimentos, para além da explicação meramente mitológica: “Ao apresentar ao público suas pesquisas, Heródoto de Halicarnasso pretende preservar do esquecimento o que fizeram os homens, celebrar as grandes e maravilhosas ações de gregos e bárbaros e, em particular, desenvolver os motivos que os levaram a fazer a guerra”.²⁰⁸ Apesar dessa diferenciação, sua narrativa serviu de exemplo para Staiger comentar uma das características do relato épico: ser prolixo; não se prender a um objetivo final. usando as grandes decisões como oportunidades para examinar o mundo em volta com atenção, adotando o caminho mais longo: as guerras persas servem como moldura para “*inúmeras divagações, relatórios sobre*

²⁰⁷ Strauss, Claude Lévi. *Antropologia Estrutural*.

²⁰⁸ Herodote. *Histoires*, traduit du grec par Pierre Henri Larcher, Introd. François Hartog, F. Maspero. Paris. 1980. p.27.

terra e povos, costumes e culturas estranhos, usos e organizações”²⁰⁹. Talvez a digressão não seja tão importante quanto o resultado de uma batalha, mas sem dúvida ocupa lugar importante. É o que se percebe ao escutar hoje um velho falando sobre os acontecimentos do passado, inevitavelmente misturados a um sem fim de histórias paralelas e detalhes que abrem novas e intermináveis janelas.

Heródoto foi ele também um viajante, originário da Jônia, cidade grega dominada por um tirano e subordinada aos persas. Partiu para o exílio por motivos desconhecidos e que provocam polêmica entre seus comentadores, particularmente no que diz respeito à necessidade de demonstrar que ele viu o que disse ter visto²¹⁰. Esteve no Oriente Médio, na Grécia central, no sul da Itália, em Atenas, no Egito. Certamente o contato com o “diferente” serviu como estímulo para a narrativa histórica na Grécia; a idéia da amplitude do mundo, da variedade de costumes e de instituições políticas, o papel do comércio e das trocas, provocaram a dinamização do mundo e do pensamento gregos a exemplo do que viria a acontecer na Península ibérica nos séculos XV e XVI, no período das “grandes navegações”.

A terra natal de Heródoto é uma região à qual se atribui o nascimento da ciência grega no século IV, terra de vários pensadores, entre os quais Tales, Anaximandro e seu discípulo Hecateu. Este foi também um viajante, que no princípio do século V escreveu sobre geografia e questionou aspectos da mitologia grega, após compará-la com pesquisa realizada no Oriente. Hecateu descobriu que a crítica sistemática da tradição histórica era possível e que a comparação entre diferentes tradições nacionais poderia ajudá-lo na procura da “verdade”. Heródoto também se preocupou em estabelecer comparações para entender as causas e guardar os acontecimentos como explicação, possibilidade e ensinamento: *“Os magos (persas) diferem bastante dos outros homens e particularmente dos padres do Egito. Estes tem sempre as mãos limpas de sangue dos animais e matam apenas os que imolam aos deuses. Os magos, ao contrário, matam com suas próprias mãos toda sorte de animais (...)”*.²¹¹ Ele ao mesmo tempo em que preserva a memória (tradição) e busca a verdade, apresenta diferentes versões e demonstra preocupação com a noção de processo e com a fragilidade ou falibilidade do homem como possibilidades: *“Tais são as narrativas dos Persas e dos Fenícios. Por mim, não pretendo decidir se as coisas aconteceram assim ou de outra maneira, (...) continuarei minha narrativa, que incluirá tanto os pequenos Estados quanto os grandes: pois os que floresceram outrora foram em grande parte reduzidos a nada, e os que florescem hoje em dia, no passado eram quase nada. Convencido da instabilidade da prosperidade dos homens, estou determinado a falar igualmente de uns e de outros.”*²¹²

Diferenciando-se do poeta que se inspirava na Musa para contar histórias do passado longínquo, Heródoto utiliza a história, a inquirição, para recontar o que considerava que merecia ser lembrado (especialmente as grandes guerras entre gregos e bárbaros). Preocupou-se bastante com eventos contemporâneos ou do passado recente, não apenas por ser mais fácil, talvez, ter a comprovação de quem viu (testemunho) e assim ter mais segurança para falar sobre, mas também pela preocupação dos próprios homens do seu tempo: entender a vitória grega sobre os persas. Certamente a historiografia da mudança era central para o homem do século V; mas também não são os questionamentos do presente que engendram o interesse pelo passado?

A preocupação em recontar, repetir para evitar o esquecimento, fazia parte da trabalho dos poetas nas sociedades ainda majoritariamente iletradas. A aprendizagem, no entanto, é identificada por Platão como reminiscência, retorno a alguma coisa que já foi vista

²⁰⁹ Staiger. op.cit.p.92

²¹⁰ Hartog. F. *Voyage en Hérodote*, p. 5

²¹¹ Herodote. op.cit. p. 36.

²¹² Idem. p. 31.

antes e se contrapõe à memória poética. Esta seria inspirada pelas musas, que dizem a verdade, mas também podem mentir (Hesíodo) e estão sempre realizando uma imitação. Heródoto estabelece relação estreita entre ver e ouvir na construção de seu método: "*Na cidade de Elefantina, vi as coisas por mim mesmo; quanto ao que está além desta cidade, sei apenas o que me deram por resposta.*"²¹³ Aparecem como elementos centrais de sua inquirição (história) a preocupação com a etnografia e a importância das formas políticas para explicar a diferença entre os povos. Seu método baseia-se no testemunho direto ou indireto - ou ele viu por si mesmo (autopsia) ou ouviu (akoe) e faz o relato. Este ouvir varia de acordo com a proximidade do viajante relativamente à narrativa original, até que o intermediário se torna impessoal: "diz-se que, conta-se que". O que não implica necessariamente em hierarquia entre o visto e o escutado, já que o autor fazia parte de uma cultura ainda predominantemente oral.²¹⁴

Hoje nossa cultura estabelece uma clara hierarquização entre o conhecimento escrito e a tradição oral, e geralmente se atribui às informações impressas num papel uma credibilidade diferenciada. O historiador não precisa mais ter sido testemunha ou ouvido sobre os fatos que são objeto de sua reflexão; pode pesquisar em arquivos, cotejar documentos, analisá-los criticamente, etc., garantindo assim maior confiabilidade às suas conclusões. Isso tudo, no entanto, não o isentará de ter que produzir ao final uma narrativa sobre os acontecimentos estudados. Talvez por isso seja necessário estabelecermos uma ponte com o historiador do século V e redefinirmos o lugar da prática de escutar e repetir histórias como forma importante reconstruir o conhecimento, às vésperas do século XXI.

5. Conclusão

Voltamos até Heródoto para observar o quanto sua narrativa sobre o "estrangeiro" é generosa, na medida em que não deixa de fora o que não entende e oferece ao leitor a chance de observar o "diferente" sem muita interferência²¹⁵. Essa abordagem faz lembrar exatamente a proposta historiográfica caracterizada por Robert Darnton como "história de tendência etnográfica" que se orienta no sentido de descobrir "como" o outro pensava, entendê-lo, conhecer sua cosmologia, como organizava seu pensamento, "*enfim, resume uma determinada idéia de captar o 'diferente' que não hesita quando se defronta com a 'opacidade' e o incompreensível ; mas ao contrário, faz disso um vestígio que pode levar a uma nova visão de mundo*"²¹⁶.

Nesta tentativa de entender a construção das identidades sociais numa parte da colônia imigrante portuguesa de Niterói, através dos relatos feitos sobre ela, procuramos ter em mente:

1. Que apesar dos imigrantes destacados neste trabalho terem existido, enquanto personagens das narrativas podem não ser reais. Tal observação não esvazia sua importância, uma vez que os pontos nodais de suas trajetórias podem ser documentados. Estas representaram os modelos sobre os quais os narradores construíram suas identidades, enquanto filhos e netos desses personagens.

2. Que, para o indivíduo moderno recuperar o conteúdo de certas experiências "originais", ou realizar o que nas sociedades arcaicas seria "um retorno às origens", ele precisa fazer uma rememoração metódica e exaustiva dos eventos pessoais e históricos, o que implica na reconstrução do passado a partir da memória. O resultado desse esforço é um personagem imigrante que não pode ser encontrado em nenhum livro, muito embora seu

²¹³ Ibidem. II, 29, p. 13.

²¹⁴ Hartog, F., op. cit. p. 14.

²¹⁵ Momigliano, A., op. cit. p.37.

²¹⁶ Darnton, Robert. O Grande Massacre de Gatos. Ed Graal, RJ, 1988. Introdução.

conhecimento seja indispensável para quem deseja saber mais a respeito do processo imigratório luso para o Brasil no século XX.

Encontramos assim um grupo significativo de imigrantes portugueses em Niterói, nas primeiras décadas deste século participando do processo de modernização da cidade e imprimindo sua marca no espaço urbano. Organizados em torno da Sociedade Portuguesa de Beneficência e do Centro Musical Beneficente construíram a memória de uma “época de ouro” materializada nestas instituições e totalmente capitalizada pela colônia portuguesa, apesar de ter sido fruto de um esforço comunitário e a despeito da situação desfavorável para a imigração no início do século. Hoje os filhos e netos desses emigrantes reconstróem criativamente o que é “ser português” em Niterói neste final de milênio. Trabalhamos portanto seguindo dois caminhos distintos: o processo imigratório propriamente dito; do qual nossos personagens fizeram parte e para o qual contribuíram com suas especificidades, e a memória que se construiu sobre suas trajetórias, a narrativa épica que representa a apropriação desta “herança imaterial” pelos descendentes dos imigrantes. O resultado dessa tensão entre processo e narrativa e que acabou sendo nosso ponto de chegada, é apenas mais uma história portuguesa. com certeza, apesar de contada e escrita por brasileiros.

Bibliografia

Fontes Primárias Impressas

Álbum da Cidade de Niterói ed. Clodomiro R. de Vasconcelos, 1922, Coleção, Sala Mattoso Maia, Arquivo Público do Estado.

Álbum da Cidade de Niterói, ed. Julio Pompeu de Castro Albuquerque, 1925, Centro de Memória Fluminense, Biblioteca Central da Universidade Federal Fluminense.

Álbum da Colônia Portuguesa, ed. Theóphilo Carinhas, 1927, Real Gabinete português de Leitura.

Arquivo Nacional:

Maços referentes à entrada de imigrantes entre 1900/1930 Relação de navios e passageiros

CASTRO, A. Nogueira de, "Indicador do Rio de Janeiro e Nicheroy", [s.d].

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro:

Fundo PE2 coleções 4.5, 5, 7.4, 32, 33, 35, 39, 28, 60, 92.1, 37.1, 101

Fundo PE3 coleção 9.5, 37

Guia do Patrimônio Documental do Estado do Rio de Janeiro, Arquivo Público do Estado, R.J, ed. O Arquivo, 1997.

Arquivo da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Niterói

Arquivo do Centro Musical Beneficente Colônia Portuguesa de Niterói

Biblioteca Nacional

Jornal 'O Fluminense'

Seção de Obras Gerais

IBGE

Recenseamento do Rio de Janeiro, 1906

Recenseamento Geral do Brasil; 1920

Relatório Geral de Estatística 1916-7, 1922, 1924-25, 1940

Serviço de Povoamento, 1909

Livros e Artigos Consultados

- ABU-LUGHOD, Lila, “*Writing Women's Worlds. Bedouin Stories*”, Berkeley , University of California Press, 1993.
- ALBA, M. Luiza de, “*Travessia*”, Colección El Augur, Paraguai, 1994.
- ALBERTI, Verena, “Literatura e autobiografia: a questão do sujeito na narrativa”, em ‘*Estudos Históricos*’, RJ, vol. 4, n.7, 1991, p.66-81.
- ALMEIDA, Antonio F. de, “*História de Niterói*”, Niterói, Diário Oficial, 1935.
- ARISTÓTELES, “*Poética*”, RJ, Ed. Nova Cultural, coleção Os Pensadores, 1996.
- ATTIAS-DONFUT, Claudine, “la notion de generation: usages sociaux et concept sociologique”, em ‘*L’Homme et la Société*’, Paris, L’Harmattan, n.90, 1988, p. 36-50.
- AUERBACH, Erich, “*Mimesis*”, SP, Perspectiva, 1987, p.1-20; 499-502.
- BACKHEUSER, Everardo. “*Minha Terra e Minha Vida*”, Niterói, Niterói Livros, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail, “*Marxismo e filosofia da linguagem*”, Michel Lahud et alii. SP, Hucitec, 1979.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de, “*Memória e Família*”, em ‘*Estudos Históricos*’, RJ, vol.2, n.7, 1989, p:29-42
- BELCHIOR, Elysio O. “*Conquistadores e Povoadores do Rio de Janeiro*”, RJ, Brasiliana, 1965.
- BENJAMIM, Alexandre Farias, “*Folclore como marca de identidade étnica dos portugueses no Rio de Janeiro*”, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996, mimeogr.
- BENSA, Alban, “De la micro-histoire vers une anthropologie critique”, em REVEL, J. Org. ‘*Jeux d’échelles*’, Paris, Gallimard, 1996, p.37.
- BERMAN, Marshall, “*Tudo que é sólido desmancha no ar - A aventura da modernidade*”; SP, Companhia das Letras, 1987.
- BOSI, Eclea, “Memória e Sociedade: lembranças de velhos”, T. A Queiroz, SP, 1979.
- BOURDIEU, Pierre, “A ilusão biográfica”, em FERREIRA M., & AMADO, J., {org.}; ‘*Usos e Abusos da História Oral*’, RJ, FGV, p.183-92.
- BRANDÃO, Jacyntho Lins, “Do Épos à Epopéia: sobre a gênese dos poemas homéricos”, *Revista da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos*, n. 12, Belo Horizonte [s.d].
- BURKE, Peter, “*A Escrita da História: novas perspectivas*”, SP, Unesp, 1992.
- CABRAL, Manuel Villaverde, “*Portugal na Alvorada do Século XX. Forças Sociais, Poder Político e Crescimento Econômico 1890-1914*”, Lisboa, A Regra do Jogo, 1979.

- _____. “O Desenvolvimento do capitalismo em Portugal no século XIX”. Lisboa, Regra do Jogo, 1981.
- CAMÕES, Luiz de. “Os Lusíadas”, com uma notícia sobre a vida e obras do autor pelo Cônego J.C. Fernandes Pinheiro e com um estudo sobre Camões e os Lusíadas por José Veríssimo, H. Garnier ed. RJ.
- CARVALHO, César Augusto F. de, “*Pelos caminhos do Senhor Comendador: Trajetória de vida e diferenciação social em sociedades complexas: proposta de análise de depoimentos autobiográficos*”, RJ, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996, mimeogr.
- CASADEI, Thalita de O. “A Imperial Cidade de Nictheroy”, Niterói, Serviços Gráficos Impar, 1988.
- CASTRO, Armando, “*Portugal na Europa do seu tempo*”, Lisboa, Seara Nova 1970.
- _____. “*Ensaio de História Econômico-Social*”, Lisboa, Portugalia, 1967.
- CERUTTI, Simona, “Processus et expérience: individus, groupes et identités à Turin, au XVII siècle. In: ‘*Jeux d’échellss. la micro-analyse à l’expérience*’, J. Revel org.
- _____. “La construction des catégories sociales”, em BOUTIER, Jean, *Passés recomposés, champs et chantiers de l’histoire*, Paris, Autrement, série Mutations 1995.
- CHANDEIGNE, Michel (org.). “*Lisboa Ultramarina 1415-1580: a invenção do mundo pelos navegadores portugueses*”, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1992.
- CHAUÍ, Marilena; “Política Cultural, Cultura Política e Patrimônio Histórico”, In: ‘*O Direito à Memória*’, Departamento do Patrimônio Histórico, SP, 1992.
- CLOT, Yves, “La otra ilusion biografica”, In: *Historia y Fuente Oral*. n.2, Barcelona, 1989, p.35-39.
- DARNTON, Robert; “*O Grande Massacre de Gatos*”. Graal, RJ; 1986.
- DAVATZ, Thomas, “*Memórias de um colono no Brasil 1850*”, São Paulo, Livraria Martins Ed., 1951.
- DAVIES, Natalie Zemon, “The Time of Storytelling”, In: ‘*Fiction in the Archives*’, Stanford University Press, 1987, p.7-35, mimeogr.
- DEBERT, Guita G. “Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral”, In Cardoso, Ruth. *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*, RJ, Paz e Terra, 1988, p.141-156.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. “Classificação e valor na reflexão sobre identidade social”. In: CARDOSO, Ruth {org.}, *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*, RJ, Paz e Terra, 1988, p.69-92.

- ELIADE, Mircea. “*História das Crenças e das Idéias Religiosas*”, tomo I, vol.2, RJ. Zahar Editores, 1976.
- _____. “*Mito e Realidade*”, SP, Ed. Perspectiva, 1972.
- _____. “*O Mito do Eterno Retorno - Arquétipos e repetição*”, Lisboa, Edições 70, 1969.
- _____. “*Origens*”, Lisboa, Edições 70, 1989.
- FERRAROTI, Franco. “Breve nota sobre história, biografia, privacy”, In: *Historia y Fuente Oral* n.2, Barcelona, 1989, p.51-55.
- _____. “Forms of autobiography”, *Newsletter* n.9, nov.1987, p.9-18.
- FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). “*História Oral*”, RJ, Diadorim Ed., 1994.
- _____. “Historia Oral, um inventário de diferenças” In: *Entrevistas, abordagens e eixos da história oral*, RJ, FGV, 1994.
- _____. “História Oral, comemorações e ética”, em *Projeto História*, revista do Departamento de História da PUC-SP, 1997, p.157-164.
- _____. “*A República na Velha Província*”, RJ, Rio Fundo, 1989.
- FINLEY, Moses, “Mito, memória e história”, em *Uso e Abuso da História*, SP, Martins Fontes, 1989, p.3-27.
- FORTE, J. Mattoso Maia. “*Notas para a história de Niterói*”, Prefeitura Municipal de Niterói; 1973.
- FRANK, Robert. “La mémoire et l'histoire”, em *Les Cahiers de L'IHTP* n.21 1992.
- FRANZKE, Juergen, “EI mito de la Historia de vida”, In *Historia y Fuente Oral* n.2, Memoria y Biografía, Barcelona, 1989.
- FREIRE, J., “*Por trás da cortina de tamanco*”. RJ, Instituto Europa América, 1955.
- GAY, Peter. “*A educação dos sentidos: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*”. SP, Cia. das Letras, 1989.
- GERK, Eduardo Wemelinger e MESQUITA, Claudia (coord.), “*Memória das Bandas Civis Centenárias do Estado do Rio de Janeiro*”, RJ, Secretaria do Estado de Cultura, Fundação Museu da Imagem e do Som, 1994.
- GINZBURG, Carlo. “*O Queijo e os Vermes*”, Cia. das Letras, SP, 1987.
- _____. “*Mitos, Emblemas, Sinais*”, Cia das Letras, SP, 1989.
- _____. “*A Microhistória e outros ensaios*”. Cia. das Letras, 1989.
- GIRARDET, Raoul. “Du concept de génération a la notion de contemporanéité”, *Revue d'Histoire Moderne*, Paris, avril jun. 1983, p.257-270.

- _____. “*Mitos e Mitologias Políticas*”, SP, Cia. das Letras, 1987.
- GOLDMANN, Lucien. “*Ciências humanas e filosofia: o que é sociologia?*” SP, Difel, 1980.
- GONÇALVES, José Reginaldo, “Autenticidade, Memória e Ideologias Nacionais: o problema dos patrimônios culturais”, In: ‘*Revista Estudos Históricos*’, RJ, vol.1 n.2, 1988, p.264-275.
- GRENDI, Edoardo, “Repenser la micro-histoire?”, em REVEL, J. (Org.) ‘*Jeux d’échelles*’, Paris, Gallimard, 1996, p.233.
- GUINZBURG, Carlo, “*A Micro-História e outros ensaios*”. Lisboa, Difel, 1991.
- _____. “*Mitos, emblemas e sinais*”. SP, Companhia das Letras, 1990.
- _____. “*O queijo e os vermes*”, SP, Companhia das Letras, 1987.
- GUSDORF, George. “Conditions et limites de l'autobiographie” In: ‘*Autobiographie*’ (ensaios teóricos e críticos). New Jersey, University of Princeton, 1980.
- HALBWACHS, Maurice. “*La mémoire collective*”. Paris, Presses Universitaires de France, 1968.
- HERODOTE, “*Histoires*”, texte établi et traduit par P. E. Legrand, Paris, Les Belles Lettres, 1963, livre I.
- HESÍODO; “*Teogonia*”. Tradução do original grego e comentado: por Ana Lucia Silveira Cerqueira e Maria Therezinha Arêas Lyra: EDUFF, Niterói, 1986.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. “*Raízes do Brasil*”, SP, Companhia das Letras, 1997.
- HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence, “*A invenção das tradições*”, RJ; Paz e Terra, 1984.
- HOMERO, “*Odisséia*”. Tradução em versos por Carlos Alberto Nunes, Ed. Ediouro.
- _____. “*Ilíada*”. Tradução em versos por Carlos Alberto Nunes, Ed. Ediouro.
- HUNT, Lynn. “*A Nova História Cultural*”, SP, Martins Fontes, 1992.
- JOLLES, André. “*Formas Simples*”, SP, Ed. Cultrix.
- KNAUSS, Paulo {coord.}. “*Os sentidos da Cidade - Imagens Urbanas de Niterói*”. Niterói, 1997, mimeogr.
- KNAUSS, Paulo e MARTINS, Ismênia de Lima {org.} “*Cidade múltipla; temas de história de Niterói*”. Niterói, Niterói Livros, 1997.
- LA Capra, Dominick. “History and the Novel”, em ‘*History and Criticism*’, Ithaca, Cornell University Press, 1989, p.115-134.

- _____. “Rethinking Intellectual History and Reading Texts”, em LA Capra, Dominick e KAPLAN, Steve L., *‘Modern European Intellectual History’*, Ithaca, Cornell University Press, 1987, p.47-85.
- LABORIE, Pierre, “Histoire Politique et Histoire des representations mentales”, em *‘Cahiers de L’Institut d’Histoire du Temps Present’*, n.18, 1991, p.105-114.
- LE Goff, “Documento/monumento”, em *‘Enciclopédia Einaudi’*, Lisboa, Imprensa Nacional, vol.1, 1984, p.95-106.
- LEPETIT, Bernard, “De l’échelle en histoire”, em REVEL, J. Org. *‘Jeux d’échelles’*, Paris, Gallimard, 1996, p.71.
- LEVI, Giovanni, “Les usages de la biographie”. *‘Annales ESC’*, Paris, n.6, nov/déc., 1989, p.1325-1336.
- _____. *‘Le pouvoir au village. Histoire d’un exorciste dans le Piémonte du XVIIIe siècle’*; Paris, Gallimard, 1989.
- _____. “Sobre a microhistória” In: *‘A Escrita da História’*, P. Burke org., SP, Cia das Letras, 1989.
- _____. “Comportements, ressources, procès: avant la ‘révolution’ de la consommation”, In REVEL, J. {Org.}, *‘Jeux d’échelles’*, Paris, Gallimard, 1996, p.187.
- LIMA, Luis Costa. *‘Sociedade e discurso ficcional’*: RJ: Guanabara, 1986.
- _____. *‘Clio em questão: a narrativa na escrita da História’*, In: RIEDEL, Dirce
- _____. (org.) *‘Narrativa, Ficção e História’*, RJ, Imago, 1988, p.65-89, mimeogr.
- _____. *‘O controle do imaginário: razão e imaginação nos tempos modernos’*. RJ, Forense Universitária; 1989.
- LIMA, Maria Helena Beozzo. *‘A Missão Herdada: um estudo sobre a inserção do imigrante português’*. Tese de licenciatura UFRJ, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, 1973, mimeogr.
- LOBO, Eulália. *‘Portugueses en Brasil en el Siglo XX’*, Ed. Mapfre, 1994.
- LORIGA, Sabina, “La biographie comme problème” In: REVEL, J. (Org.), *‘Jeux d’échelles’*, Paris, Gallimard, 1996, p.209.
- LOUREIRO, Pizarro, *‘Os construtores da comunidade luso-brasileira’*, RJ, Voz de Portugal, 1978.
- _____. *‘Getúlio Vargas e a Política Luso-Brasileira’*, RJ, Zélio Valverde Ed., 1941.

- LOWENTHAL, David. "How We Know the Past", In: *'The Past is a Foreign Country'*, Cambridge University Press, 1988, p.185-259.
- MACFARLANE, Alain. *"História do casamento e do amor"*, SP, Companhia das Letras, 1990.
- MARQUES, A.H. de Oliveira. *"Historia de Portugal"*, Lisboa, Ed. Palas, 1976.
- MARTINS, Ismênia de Lima. *"Boletim 50 anos de fundação do Hospital Santa Cruz"*, Niterói, 1980.
- MARTINS, Oliveira. "A Terra e o Homem" In: Nemésio, Vitorino (org.) *Portugal, a Terra e o Homem, Antologia de textos de escritores dos séculos XIX-XX'*, Portugal, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 1978.
- MENDES, Fátima de Souza, "Imigração e Identidade Feminina: um estudo com imigrantes portuguesas no Rio de Janeiro", *Caderno do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, mimeogr.,[s.d]
- MOMIGLIANO, A. *"The Classical Foundations of Modern Historiography"*, University of California Press, p.5-79.
- _____. "The Place of Ancient Historiography in Modern Historiography" In: DEN BOER, Willen e outros. *'Les Études Classiques aux XIXe et Xxe siècles: leur place dans l'histoire des idées'*. Vandoeuvres-Genève, Fondation Hardt, 1979 [Entretiens sur l'Antiquité Classique, tome XXVI], p.127-153
- MOURA, Ana Maria da Silva, *"Cocheiros e Carroceiros - Homens livres no Rio de Senhores e Escravos"*, SP, Hucitec, 1988.
- NEMÉSIO, Vitorino (org.) *"Portugal, a Terra e o Homem - Antologia de textos de escritores dos séculos XIX-XX"*, Viseu, Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 1978.
- NEEDEL, J., *"Belle Époque Tropical"*, Cia das Letras, SP, 1993.
- NIETHAMMER, Lutz, "Para que serve lá historia oral?", In: *Historia y Fuente Oral* n.2, Barcelona, 1989, p.3-25.
- Niterói Bairros*, ed. Prefeitura Municipal de Niterói, Consultoria Especial de Ciência e Tecnologia, 1996.
- NORA, Pierre, "Entre Mémoire et Histoire", In: *'Les Lieux de Mémoire'*, vol.1, Paris, Gallimard, 1984.
- PÉLICIER, Yves, "La Biographie et ses tensions", In: *'Diogene'* n.139, Paris, 1987, p.89-95.
- PENDARIERS, Jean-René, "Approche biographique et approche structurelle: quelques remarques sur le 'retour du biographique' en sociologie", *'L'Homme et la Société, État e Société Civile'*, Paris; n.4, 1991, p.51-63.
- PEREIRA, Mirian Halpem, *"A política portuguesa de emigração (1850-1930)"*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1981.

- PESCATELLO, Anne Marie. *“Both ends of the journey: an historical study of migration and change in Brazil and Portugal 1889-1914”*, Tese de doutorado, University of California Press, 1970.
- PESSANHA, Elina, “Fronteiras disciplinares e o uso da História Oral: Por que, de quem, para quem?”. In: MEIHY, José Calos Sebe (org.) *‘(Re) Introduzindo a História Oral no Brasil’*, SP, Xamã, 1896, p.71.
- PESSANHA, José Américo Motta. “O sono e a vigília”, In: RIEDEL, Dirce (org.), *‘Narrativa, Ficção e História’*, RJ, Imago, 1988, p.282-300.
- PLATÃO. *“Diálogos: Mênon, República, Fedro”*. trad. Jorge Paleikat, RJ, Ediouro; [s.d].
- _____. *“República”*. Difusão Européia do Livro, SP, 1965, livros II, III e X.
- _____. *“Ménexène”*, Texte établi et traduction par Louis Méridier. Paris, Les Belles Lettres, 1978.
- POLLACK, Michael. “Memória e identidade social”. In: *‘Estudos Históricos’* n.10, RJ, 1992
- _____. “Memória, esquecimento o silêncio”. In: *‘Estudos Históricos’* n.3, RJ, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. “O Massacre de Civitella Val di Chiana” In: *‘Usos e Abusos da História Oral’*. Marieta de M. Ferreira e Janaína Amado org., RJ, Ed. FGV, 1996.
- _____. “Forma e Significado na História Oral, a Pesquisa como um experimento em igualdade”. In: *‘Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História’*, Departamento de História da PUC-SP . 1997, p.7-24.
- _____. “O que faz a História Oral diferente”. In: *‘Projeto História’*, SP, 1997, p.25-40.
- _____. “Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral”. In: *‘Projeto História’*, SP, 1997, p.13-33.
- PROPP, Vladimir I. *“Morfologia do Conto Maravilhoso”*, RJ, Forense Universitária, 1984.
- QUEIROZ, J. M. Eça de, *“Emigração como força civilizadora”*, Lisboa, Perspectivas e Realidades, 1979.
- RANGEL, Kátia Araújo De Marco e PELUSO, Marilena dos Reis. *“A Travessia Rio-Niterói”*, Niterói, Fundação Atividades Culturais de Niterói, 1983.
- REVEL, Jacques, “Micro-analyse et construction du social” in *‘Jeux d’échelles’*, J. Revel org., Ed. Le Seuil, Gallimard, 1896.
- RIBEIRO, Gladys S. *“Cabras e Pés de Chumbo: os Rolos do Tempo. O antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1930)”*, dissertação de Mestrado, ICHF-UFF, Niterói, 1987.

- _____. “A liberdade em construção: identidade nacional e conflitos antilusitanos no primeiro Reinado” Tese de Doutorado, IFCH - Universidade de Campinas, 1997.
- RIOUX, Jean Pierre, “La mémoire collective”, RIOUX et SIRINELLI (org.) ‘*Pour une Histoire Culturelle*’, Paris, Seuil, 1997, p.325-54.
- ROUSSO, Henry, “A memória não é mais o que era”, em FERREIRA M. e AMADO, J. (Org.). ‘*Usos e abusos da História Oral*’. RJ, FGV; 1997.
- SANTOS, Afonso Carlos Marques dos, “*Memória Cidadã: história e patrimônio cultural*”, texto apresentado no XIX Simpósio Nacional de História ‘*História e Cidadania*’, Belo Horizonte, 1997, mimeogr.
- SANTOS, Boaventura de Souza, “Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira”, In: ‘*Revista Crítica de Ciências Sociais*’, n.38, 1993.
- SARACENO, Chiara, “La estructura temporal de las biografias”. In: ‘*Historia y Fuente Oral*’ n.2, Barcelona, 1989.
- SCHWARTZ, Stuart B. “*Burocracia e Sociedade no Brasil Colonial*”, SP, Ed. Perspectiva.
- SERRÃO, Joel. “*Da Regeneração à República*”, Lisboa, Livros Horizonte, 1990.
- _____. “*Dicionário da História de Portugal e do Brasil*”, Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1971.
- _____. “*A Emigração Portuguesa*”, Lisboa, Livros Horizonte, 1977.
- SEVCENKO, N., ‘*Literatura como Missão - tensões sociais e criação cultural na Primeira República*’, SP, Brasiliense, 1983.
- SILVA, Andrée Mansuy-Diniz, “Une voie de connaissance pour l'histoire de la société portugaise au XVIIIe siècle: les micro-biographies” e, “Clio”- *Revista do Centro da História da Universidade de Lisboa*, vol.1.1, 1979.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da, ‘*Documentos para a História da Imigração Portuguesa no Brasil - 1850-1938*’. Federação das Associações Portuguesas e Luso Brasileiras, RJ, Ed. Nórdica, 1992.
- SILVA, Pedro Ferreira da, “Assistência Social dos Portugueses no Brasil”, SP, Arquimedes Ed., 1969.
- SIMÕES, Nuno. “*Portugueses no Mundo*”, Lisboa, Oficinas Gráficas Minerva, 1940.
- _____. “*O Brasil e a Imigração Portuguesa. Notas para um estudo*”, Coimbra, Imprensa Universitária, 1934.
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von, “*Reflexões de uma socióloga sobre o uso do método biográfico*”, em MEIHY, J.C.S., (org.) ‘(Re) Introduzindo a História Oral no Brasil’. SP, Xamã, 1996, p.83.

- SIRINELLI, Jean François. “La génération”, em *‘Périodes: la construction du temps historique’*, Paris, Histoire au Présent, 1991, mimeogr.
- _____. “Génération et Histoire Politique”. In: *Vingtième Siècle’ Revue d’Histoire*; Paris; n:22, 1989; p.67-80.
- SLENES, Robert W. “Na Senzala, uma Flor: as esperanças e as recordações na formação da família escrava”. Departamento. de História, IFCH/UNICAMP, Campinas, julho de 1994, mimeogr.
- SOUZA, J. Antônio S. “Da Vila Real de Praia Grande à Imperial Cidade de Niterói”, Fundação Niteroiense de Arte, 1933.
- STAIGER, Emil, *‘Conceitos fundamentais da poética’* Ed. Tempo Brasileiro, RJ, 1975
- STONE, Lawrence. “El pasado y el presente”, Fondo de Cultura Economica , Mexico.
- _____. “O Ressurgimento da Narrativa: reflexões sobre uma nova velha História” In: *‘Revista de História da Universidade de Campinas’*, IFCH, Campinas, 1991, p.13-46.
- TATOSSIAN, Arthur, “Biographie ou de la vie comme récit”. In: *‘Diogène’*, n.139, Paris, 1987, p.97-104
- THOMPSON, E. P. “A formação da classe operária inglesa”, RJ, Paz e Terra, 1988.
- THOMSON, Alistair, “Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias”. In: *‘Projeto História’*, revista do Departamento de História da PUC-SP, 1997, p.51-71.
- THOMPSON, Paul. “A Voz do Passado”, Paz e Terra, RJ, 1992.
- _____. “Life Histories and the Analysis of Social Change” In: *‘Biography and Society’*, D. Bertaux org.
- TREBISCH, Michel, “A função epistemológica e ideológica da História Oral no discurso da História contemporânea”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.), *História Oral*, RJ, Diadorim, FINEP, 1994, p.19-44.
- TUCYDIDE. “*Histoire de la Guerre du Peloponèse*”, traduction de J. De Romily et Raymond Weil, Paris, Les Belles Lettres, 1974, v.1-2.
- VELHO, Gilberto. “*Projeto e Metamorfose*”, Zahar Ed., RJ, 1994.
- _____. “*Individualismo e Cultura*”, RJ, Zahar, 1981.
- WEHRS, Carlos. “*Niterói, Cidade Sorriso. A História de um Lugar*”, Rio de Janeiro, 1984.
- _____. “*Capítulos da Memória Niteroiense*” RJ, ERCA Ed., 1989.
- WHITE, Hayden. “The Historical Text as Literary Artifact”, In: *‘Tropics of Discourse’*, Essays in Cultural Criticism, Baltimore, John Hopkins University Press, p.81-100.

_____. *“Meta-História: a imaginação histórica do século XIX”*, SP, 1992, p.1193.

ANEXOS

MODELO DE QUESTIONÁRIO

História de Vida

Texto base: Thompson, Paul. A Voz do Passado, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992, p.367-378.

Roteiro de perguntas para entrevistados imigrantes portugueses

I. A casa, a família, imigração.

1. a. Nome/b. endereço atual/c. data de nascimento/d. lugar onde nasceu/e. estado civil/f. ano em que se casou
2. a. Quantos anos morou na casa onde nasceu? b. Onde morou depois? c. Você lembra por que sua família fez essa(s) mudança(s) de casa? d. Quem ajudava na saída e na chegada da mudança? e. Quais foram as conseqüências econômicas da(s) mudança(s)? f. Sua família manteve contato com os antigos vizinhos?
3. a. Quantos irmãos e irmãs você teve? b. Ordem de nascimento, datas e local, se possível.
4. c. Que idade tinha seu pai quando você nasceu? d. Que idade tinha ele quando morreu? e. Em que ano foi isso?
5. a. Em que ano seu pai veio para o Brasil? b. Que idade ele tinha então?
c. Por que ele resolveu imigrar? d. Quem mais veio com ele? e. Onde ele foi morar?
f. Havia alguém esperando por ele aqui?
g. Você sabe se havia uma organização da comunidade portuguesa para receber os patrícios?
(se havia) h. Como funcionava?
i. Seu pai alguma vez comentou quais foram suas primeiras impressões ao chegar no Brasil?
6. a. Qual era a ocupação do seu pai então?
b. Ele sempre fez este tipo de trabalho?
c. Além disso, ele tinha alguma outra atividade?
d. Ele continuou a exercer a mesma ocupação ao chegar aqui? e. Quem o ajudou a se estabelecer aqui?
(Se empregador ou gerente) f. Como foi fundado o negócio? g. Quem era o dono?
h. Havia diferença no trato com funcionários ou clientes que não fossem patrícios ou descendentes?
i. Como ele aprendeu sobre os diferentes aspectos do negócio? (tecnologia, vendas, pessoal, finanças)
j. O que o interessava mais? k. Ele se tornou sócio?
l. Qual a parte dele nos lucros e nos prejuízos?
m. Como os funcionários o chamavam? n. Eles se encontravam fora do trabalho?
7. a. Sua família manteve contato com o lugar de origem, depois da imigração?

- b.Mantiveram contato com outros imigrantes?
8. a.Que idade tinha sua mãe quando você nasceu? b.Qual era a nacionalidade dela?
(se imigrante, repetir as perguntas acima)
9. a.Que idade tinha ela quando morreu? b.Em que ano foi isso?
10. a.Ela trabalhava antes de se casar? b.Depois de casada, ela trabalhou?
(em caso afirmativo)
c. Quem cuidava dos filhos quando sua mãe estava trabalhando?
11. a. Em que ano o sr.(a) veio para o Brasil? b.Que idade tinha então?
c. Por que resolveu imigrar?
d.Quem mais veio com o sr.(a)? e.Onde foi morar?
f.Havia alguém esperando pelo(a) sr.(a) aqui?
g.Havia uma organização da comunidade portuguesa para receber os patrícios?
(se havia)
h. Como funcionava?
i.Quais foram suas primeiras impressões ao chegar no Brasil?
12. a. Qual era a sua ocupação então? b. O sr. sempre fez este tipo de trabalho? c.Além disso, tinha alguma outra atividade?
d.Continuou a exercer a mesma ocupação ao chegar aqui? e.Quem o ajudou a se estabelecer aqui?
(Se empregador ou gerente) f.Como foi fundado o negócio? g.Quem era o dono?
h.Havia diferença no trato com funcionários ou clientes que não fossem patrícios ou descendentes?
i.Como o sr. aprendeu sobre os diferentes aspectos do negócio? (tecnologia, vendas, pessoal, finanças)
j. O que o interessava mais? k.O sr. se tornou sócio?
l. Qual a sua parte nos lucros e nos m.Como os funcionários o chamavam
13. a. Você se lembra de seus avós? b.Qual era a nacionalidade deles? c.Que ocupação eles tinham?
d.Eles também imigraram? Para onde? (motivo) e.Você chegou a conviver com eles?
f. Com que frequência você os via?
g.Que lembrança você guarda dessa convivência?

II. Rotina doméstica no Brasil

- 1 . a.Quantos cômodos tinha a casa onde o sr. foi morar? (descrever a casa onde passou a infância)
b.Como era a mobília dos quartos? c. E dos outros cômodos?
2. a.Alguém mais morava na casa além de seus pais e irmãos? (Quem, por quanto tempo, tipo de relação com a família, acomodação, etc.)
3. a. Sua mãe pagava alguém para ajudar no serviço da casa? (Quanto pagava, tipo de serviço, horas de trabalho, quem era(m) a(s) pessoa(s), etc.)

- b. Seu pai ajudava em algum serviço de casa? c. Ele ajudava a cuidar das crianças?
- d. Costumava sair com vocês sem sua mãe?
- 4. a. Quem fazia as roupas da família?
- b. As roupas eram compradas novas ou usadas? c. Onde eram compradas? Com que frequência?
- d. E os sapatos?
- 5. a. Havia alguma tarefa que você tinha que fazer regularmente em casa para sua mãe e seu pai?
- b. Até que idade você continuou fazendo essa tarefa? c. E seus irmãos e irmãs?
- 6. a. Havia um horário para as crianças dormirem nos dias em que não havia aula?
- b. Alguma pessoa punha você para dormir? c. Você repartia a cama com mais alguém?
- d. Quem mais dormia no mesmo quarto com você? e. Onde dormiam as outras pessoas da família?
- f. Como a família se organizava para se lavar e tomar banho?

III. Refeições

- 1. a. Onde a família fazia as refeições no dia a dia?
- b. Havia alguma ocasião em que se comia em outro cômodo? c. Quem cozinhava?
- d. Como era o fogão? (a lenha, gas, etc.) e. Quantas refeições a família fazia? f. Quem estava presente no café da manhã?
- g. O que vocês costumavam comer pela manhã, no dia a dia? h. E nas outras refeições?
- i. Havia alguma coisa especial em determinados dias (domingos, feriados)?
- j. Todos na família comiam o mesmo tipo de comida?
- 2. a. Seus pais faziam pão, conservas, ou algum outro tipo de alimento ou bebida em casa?
- b. Costumavam fazer algum tipo de remédio para a família? c. Recebiam encomendas de Portugal? (alimentos, bebidas) d. Seu pai ou sua mãe plantavam legumes e frutas?
- e. Criavam algum tipo de animal para a alimentação da família?
- 3. a. Você podia conversar durante as refeições?
- b. Qual era a atitude de seus pais se você deixava sobras de comida no prato?
- c. Exigiam que você segurasse faca e garfo de uma determinada maneira, ou que se sentasse de um certo modo?
- d. Quando era permitido sair da mesa?
- e. Toda a família se sentava à mesa para as refeições? f. Quem servia as refeições?

IV. Relacionamento com os pais

- 1. a. Sua mãe era uma pessoa fácil de conversar? b. Ela demonstrava afeto?
- c. Se você tivesse um aborrecimento, podia partilhar com ela, ou não? d. Seu pai era uma pessoa fácil de conversar?
- e. Ele demonstrava afeto?
- f. Se você tivesse um aborrecimento, podia partilhar com ele?

2. a. Como seus pais esperavam que você se comportasse com eles? (chamar de sr. e sra, p. ex.)
3. a. Quando criança, havia alguma pessoa mais velha com quem você se sentisse mais à vontade do que com seus pais?
5. a. Quando os adultos conversavam, você podia participar? b. Que tipo de pessoa você acha que seus pais esperavam que você fosse quando crescesse?
c. Que tipo de coisas eles o ensinaram a considerar importantes na vida?
7. a. Quando você fazia alguma coisa que seus pais não aprovavam, o que acontecia?
b. Você lembra de alguma ocasião especial em que tenha sido punido?
c. Quem dava o castigo? d. Como você se sentiu então?

V. Atividades da família

1. a. Os dias de aniversário eram diferentes dos outros dias?
2. a. Alguém tocava algum instrumento em casa? (quem, qual instrumento, em que ocasião)
b. Alguém cantava? (quem, quando)
c. Que tipo de música vocês gostavam de tocar ou cantar?
d. Que outras festas eram comemoradas? (Natal, Páscoa, Ano Novo, etc.)
e. Como era a comemoração, quem estava presente, etc.
3. a. Seus pais brincavam com você?
4. a. Havia livros na sua casa?
b. Que tipo de livros, revistas, jornais se lia?
5. a. Você lembra de algum funeral na família? b. O que acontecia? Quem comparecia?
c. Em que cemitério as pessoas eram enterradas?
6. a. Levavam você para visitar vizinhos, amigos ou parentes? b. Com quem você ia?
c. Sua família visitava os parentes em Portugal? d. Com que frequência? Quem era visitado? e. Quem da sua família ia nessas ocasiões?
f. Vocês levavam presentes daqui? Traziam alguma coisa de lá?
7. a. Levavam você para fazer compras? b. Com quem você ia?
8. a. A família passeava nos feriados ou finais de semana? b. Onde costumavam ir? Por quanto tempo?
c. Você viajava regularmente?
d. Que pessoas da família iam junto?

VI. Religião

1. Seus pais frequentavam alguma igreja? Qual? Com que frequência?
Quem costumava ir?
Alguém da família tinha algum posto na igreja? Vocês usavam roupas diferentes nessas ocasiões? (em caso afirmativo)

Você freqüentava algum grupo na igreja?
O que a religião significava para você, quando criança?

VII. Política

1. Seu pai se interessava por política? Você sabe quais eram as opiniões dele? Ele se naturalizou?
(em caso afirmativo)
Por que? Quando foi isso?
2. Você lembra de seu pai ter votado em alguma eleição? Você sabe em que partido ele votou? Alguma vez ele participou de algum partido político? (idem a respeito da mãe)
3. Havia uma posição assumida pelo grupo de imigrantes próximo a seus pais em relação à política?
O que seus pais achavam disso?
Os amigos de seu pai eram naturalizados?

VIII. Atividades dos pais

1. Quando estavam em casa, como seus pais passavam o tempo?
Eles tinham rádio, toca-discos, etc.?
2. Sua mãe tinha algum interesse fora de casa?
Quando ela saía, o que costumava fazer? Com quem ela ia?
3. A que horas seu pai costumava chegar do trabalho? Costumava ficar em casa à noite?
E nos finais de semana?
4. Seu pai freqüentava algum clube ou bar? Com que freqüência? Sua mãe também ia? Seu pai praticava algum esporte? Assistia a competições, jogos? Fazia apostas?
5. Sua mãe participava de alguma atividade esportiva? Gostava de jogar?

IX. Lazer na infância

1. Quando criança, com quem você brincava? De que vocês brincavam?
Meninos e meninas tinham as mesmas brincadeiras? Você tinha liberdade para brincar com quem quisesse?
Seus pais desencorajavam você de brincar com determinadas crianças?
2. Como você passava seu tempo livre (na época da escola)?
Cuidava de algum animal doméstico? Costumava passear/pescar? Com quem?
3. Você praticava algum esporte? Torcia para algum time? Você pertencia a alguma organização de jovens? (atividades)
4. Costumava ir a: cinema/ concertos/ espetáculos musicais?
Recebia alguma mesada de seus pais? Em que gastava o seu dinheiro?

X. Comunidade e classe social

1. Alguém de fora ajudava sua mãe a cuidar da casa ou da família?
Que tipo de ajuda prestava? Com que frequência?
2. Se acontecesse de sua mãe ficar doente ou de cama, como ela se arranjava?
As crianças nasciam em casa ou em hospital?
Você lembra o que aconteceu quando nasceu um de seus irmãos mais novos?
3. De que parentes de seu pai você se lembra? Algum deles imigrou também? Algum deles morava perto? Quando você os via? Onde? Lembra-se deles influenciarem você de algum modo, ensinando-lhe alguma coisa? E quanto aos parentes de sua mãe?
4. Seus pais tinham amigos? Onde moravam?
Quando os encontravam?
Os amigos eram também imigrantes? Eles tinham os mesmos amigos? Sua mãe tinha amigos pessoais? Onde ela os via?
Ela visitava alguém além de parentes? E quanto ao seu pai?
5. Algumas vezes pessoas eram convidadas a vir a sua casa?
Com que frequência? Quem eram elas?
Você diria que eram amigos de sua mãe, de seu pai, ou dos dois?
Oferecia-se alguma coisa para comer e beber nessas ocasiões?
Havia pessoas que vinham às vezes sem serem convidadas? Quando?
6. O que seus pais faziam para se divertir com os amigos (música/ jogos/ brincadeiras)?
7. Naquele tempo, você achava que algumas pessoas pertenciam a um nível ou classe social e outras a um outro?
Quem, por exemplo?
A que classe/nível você diria pertencer?
Que tipo de pessoas pertencia à mesma classe/nível que você?
Que tipo de pessoas pertencia às outras classes/níveis que você mencionou?
Você lembra se foi criado para tratar as pessoas de uma categoria de forma diferente das de outra?
Havia alguém a quem você devesse tratar com maior respeito? A quem?
Você lembra de alguém que tratasse seus pais desse modo?
8. Na comunidade, quem eram consideradas as pessoas mais importantes?
Eram portuguesas?
Você teve contato com essas pessoas? Por que eram consideradas importantes?
9. A comunidade portuguesa se reunia em algum clube? Era permitida a entrada de quem não fosse português? O que seus pais achavam disso? Quais eram as atividades? Com que frequência aconteciam? Seus pais freqüentavam? Que amigos de seus pais freqüentavam?
10. Você acha que seu pai se via como membro de uma classe? Por que?/ Por que não?

O que fazia com que ele se situasse nessa classe? E em relação à sua mãe?

11. Você lembra de alguém que fosse realmente de "elite"? Naquele tempo era possível passar de uma classe para outra? Você se lembra de alguém que tenha passado?

12. Sua casa era própria ou alugada? Valor pago na compra/aluguel.

13. Seus pais faziam algum tipo de poupança?

Quem pagava as contas e tomava as decisões em matéria de gastos?

Eles tinham conta em banco? Qual?

Havia um banco preferido pela comunidade portuguesa? Qual? Seus pais faziam algum investimento?

A comunidade fazia algum investimento em conjunto? Seus pais participavam?

Que espécie de idéias a respeito de dinheiro eles passaram para você?

14. Você se lembra de perceber que seus pais tinham que batalhar para equilibrar o orçamento doméstico?

15. Eles ajudavam de algum modo as pessoas mais pobres? Pertenciam a alguma organização beneficente? O que você achava disso?

16. Que diferença fazia para a família quando seu pai estava doente ou desempregado?

Alguma vez você recebeu ajuda de alguma instituição beneficente?

XI. Sociedade Portuguesa de Beneficência

1. Quem ou o que levou seus pais a participarem da Sociedade de Beneficência?

Que tipo de pessoas participava da Sociedade?

2. Faie o que você sabe sobre a história da Sociedade Portuguesa de Beneficência.

3. Seus pais exerceram algum cargo na Sociedade? Por quanto tempo?

4. Quais eram os objetivos da Sociedade então? Que atividades desenvolvia?

Na sua opinião qual era a importância dessa iniciativa? Como você diria que a comunidade niteroiense via a Sociedade de Beneficência?

5. Como era feita a escolha da diretoria?

Quem podia ser eleito?

Que tipo de pessoas podia entrar de sócio? O que seus pais achavam disso?

6. Como você diria serem as relações entre portugueses e brasileiros então?

XI. Centro Musical Beneficente Banda Portuguesa de Niterói

1. O que você sabe sobre a história do Centro Musical Beneficente Banda Portuguesa de Niterói?

Quem levou seus pais a participarem do Centro Musical?

Seu pai exerceu algum cargo na diretoria? Qual? Por quanto tempo?

2. Quais eram os objetivos do Centro Beneficente então? Que atividades desenvolvia?
Como você diria que a comunidade niteroiense via as atividades do Centro Beneficente naquela época?
Na sua opinião qual foi a importância do Centro Beneficente para a comunidade niteroiense naquela época?
3. Como era feita a escolha da diretoria?
E a escolha do maestro? Quais eram as responsabilidades do maestro?
Quem podia ser eleito?
Como eram escolhidos os músicos? Quem podia se candidatar?
Que tipo de pessoas podia entrar de sócio?
Quando as atividades musicais da banda foram interrompidas? Por que isso aconteceu?
Que tipo de atividade a Banda desenvolve hoje? Como você acha que a comunidade niteroiense vê as atividades da Banda hoje?
Qual a importância que você considera que o Centro Beneficente tem para a comunidade hoje?

XII. Escola

1. Você teve aulas com alguém antes de ir para a escola? Com que idade você começou a ir à escola?
Qual era a escola?
Havia alguma escola preferida pela comunidade portuguesa do bairro?
O que você achava da escola?
2. O que você pensava dos professores?
Se você fizesse alguma coisa que desagradasse os professores, o que podia acontecer?
Os professores ensinavam algo a respeito de bons modos, o trato com pessoas do sexo oposto, asseio, pontualidade, modo de falar?
Eles estimulavam o debate?
3. Seus pais o estimulavam a fazer as tarefas escolares?
4. De que tipo de família provinha a maioria das demais crianças?
Algumas se vestiam pior que as outras?
Na escola havia algum tipo de grupo ou gangue?
5. Depois da escola primária você continuou os estudos? Onde? (continuar até a última escola freqüentada)
6. Com que idade você parou de ir à escola? Você continuaria por mais tempo se tivesse tido oportunidade?
Freqüentou algum tipo de curso? Universidade?
(O que estudou, porque escolheu, que idéias/ pessoas influenciaram a carreira, como as mulheres eram vistas na Universidade, etc.)

XIII. Trabalho

1. Enquanto estava na escola, você tinha algum emprego de tempo parcial, ou forma de ganhar dinheiro regularmente?
Como conseguiu? O que fazia? Em que horário trabalhava?
Quanto você ganhava? Considerava um bom salário? Você contribuía em casa?
Como gastava seu dinheiro?
2. Como você se dava com as outras pessoas com quem trabalhava? Havia preferência por portugueses ou descendentes de portugueses? Eles eram tratados de maneira diferente dos brasileiros? Como era a convivência entre brasileiros e portugueses ou filhos de patrícios? Trabalhavam homens e mulheres juntos? Você podia conversar ou distrair-se? Havia algum tipo de diversão para os empregados fora do horário de trabalho? Se um funcionário ficava doente ou falecia os patrões ofereciam algum tipo de ajuda financeira?
3. Como você era tratado por seu patrão? O que achava dele?
O que você achava do seu trabalho?
Por quanto tempo esteve neste emprego? Quando e por que saiu? O que fez depois?
4. Qual foi seu primeiro emprego de tempo integral, após ter saído da escola?
(repetir as mesmas perguntas em relação a todos os empregos posteriores).
5. Você passou por algum período de treinamento ou aprendizado em algum de seus empregos?
Pertenceu a algum sindicato/organização profissional? Participou de alguma de suas atividade
Você achava que os patrões tinham interesses iguais, ou diferentes?
Você achava que havia divergências de interesses entre os trabalhadores?
6. Como eram as chances de promoção?
Você gostava do que fazia ou preferiria outro tipo de ocupação?
(Se empregador ou gerente)
7. Como foi fundado o negócio? Quem era o dono?
Havia diferença no trato com funcionários ou clientes que não fossem patrícios ou descendentes?
Como você aprendeu sobre os diferentes aspectos do negócio? (tecnologia, vendas, pessoal, finanças)
O que o interessava mais? Você se tornou sócio?
Qual a sua parte nos lucros e nos prejuízos? Como os funcionários chamavam você?
Vocês se encontravam fora do trabalho?

XIV. A vida em casa depois de começar a trabalhar em tempo integral.

- Você continuou a morar em casa com a família depois de começar a trabalhar o dia inteiro (ou de ter deixado a escola)?
A rotina de trabalho alterou o relacionamento com seus pais? Você contribuía com quanto para a casa?
(se morava separado da família) Dividia a casa com alguém?

Alguém ajudava nas tarefas domésticas? Descreva a casa

2. (se não trabalhava) Como você se arranjava quanto a dinheiro? Você teria preferido fazer alguma outra coisa?
3. Como usava o seu tempo?
Passava os domingos de modo diferente?
4. A religião passou a significar mais ou menos para você depois da infância?
5. Você começou a se interessar por política?
6. Como passava seu tempo livre na juventude? Seus interesses mudaram?
Participava de algum clube ou organização de jovens? Praticava esportes?
Saía para dançar, excursionar, ir ao teatro, assistir espetáculos musicais, cinema, bares?
Você saía à noite? Onde e com quem?
Naquela época, o que era uma boa noitada? Onde costumava passar os feriados?
Você fez novos amigos nessa época? Como os conheceu?
Você era apegado a um grupo de amigos? Como eram os programas de vocês?
Você tinha algum amigo especial nessa época?
Havia algum lugar especial em que rapazes e moças podiam encontrar-se?
Você podia sair sozinho com eles?
Você diria que eles eram na sua maioria filhos de patrícios ou não?
7. Seus pais se encontravam com seus amigos? Eles gostavam de saber onde você estava?
Você tinha que chegar em casa a uma hora determinada? Seus pais desaprovavam alguma de suas atividades naquela época? (fumar, beber, etc.)
Você lembra da atitude de seus pais em relação a sexo?

XV. Casamento

Com que idade você se casou?

Há quanto tempo conhecia então sua esposa/ seu marido? Como vocês se conheceram?

De onde ele/ela era? De que tipo de família? Quanto tempo ficaram noivos?

2. Você economizou dinheiro antes de casar? Seus pais o ajudaram a montar a casa?
Eles o ajudaram depois? Deixaram herança? Ou você precisou ajudá-los?
3. Você pode descrever o casamento? Fizeram viagem de núpcias?
4. Onde foram morar depois de casar? Durante quanto tempo?
Onde morou depois?
5. Que idade tinha sua esposa/seu marido quando vocês se casaram?
(mulher)
6. Qual o emprego de seu marido quando se casaram? Ele teve outro emprego antes, ou depois? Você trabalhou depois do casamento? O que seu marido achava disso?

(homem) Sua esposa estava empregada quando vocês se casaram? Ela teve outros empregos antes disso? Continuou a trabalhar depois de casada? O que você achava disso? Que empregos ela teve desde então?

Que idéias seus pais lhe passaram sobre o que era um bom casamento?

Que importância você diria que o sexo tem para o relacionamento conjugal?

XVI. Filhos

1. Você teve filhos? Quantos? Nomes e datas de nascimento.

Você planejou ter o número de filhos que teve? Usou métodos para evitar filhos?

2. Seus filhos nasceram em casa? (mulher)

3. Você recebeu alguma orientação sobre o parto? Como você se sentiu?

Quem mais estava com você?

Quanto tempo você amamentou seus filhos?

Você teve alguma dificuldade com a alimentação deles?

4. Se precisava de conselho, a quem pedia?

Você os castigava quando se comportavam mal? Como? Por que motivo?

5. Seu marido ajudava a cuidar dos filhos pequenos? De que maneira?

Continuou a orientá-los mais tarde?

XVII. Vida familiar depois do casamento

1. Como você e sua mulher/seu marido faziam para manter a casa naquele tempo?
(homem)

2. Do que você ganhava, quanto dava para sua mulher naquele tempo? (mulher)

Você sabia quanto seu marido ganhava? Desse total, quanto ele lhe dava?

Ele mesmo pagava algumas contas?

Como você decidia em que devia gastar o dinheiro?

3. Quem decidia sobre móveis e utensílios novos/ alimentos/ bebidas/ médico/ igreja/ roupas das crianças/ do marido/ presentes/ passeios/ feriados/ convidados ou hóspedes.

4. Quem fazia a manutenção da casa e do jardim?

5. O que vocês faziam quando discordavam? Como era o relacionamento entre vocês? Vocês conversavam e partilhavam coisas importantes?

(perguntar sobre rotina doméstica, refeições, relações com filhos e disciplina, atividades da família, religião, política, interesses e lazer, comunidade e classe social, substituindo mãe e pai pelo depoente e sua esposa/seu marido)

Acrescentar à seção IV (**Relacionamento com os filhos**)

8. Quando seus filhos eram pequenos, você achava que havia um jeito certo/errado de criar os filhos?

Você e sua mulher/seu marido tinham as mesmas idéias sobre a criação dos filhos?
Vocês falavam sobre isso?

9. Havia mais alguém com quem você falava quando se preocupava com as crianças?

10. Sua mãe era viva quando seus filhos eram pequenos? Com que freqüência você a via?
Você lhe pedia conselhos sobre como criar os filhos? (idem para a sogra)

11. Quando você teve filhos, achava que as meninas deviam ser tratadas do mesmo modo que os meninos?
Que se devia ensinar a eles e a elas as mesmas habilidades e os mesmo jogos e brincadeiras?
Como você ensinou seu filho a se comportar em relação à irmã/ e sua filha em relação ao irmão?
(mulher)

12. Quem tomava conta das crianças enquanto você/sua mulher estava trabalhando?
O que você achava de deixar as crianças com uma outra pessoa?

(perguntar sobre a escola e ocupações posteriores dos filhos.)

MODELO DE QUESTIONÁRIO

História de Vida

Texto base: Thompson.Paul: A Voz do Passado, Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992, p.367-378.

Roteiro de perguntas para entrevistados de primeira geração (filhos de imigrantes, portugueses ou nascidos no Brasil)

I. A casa, a família, imigração.

1. Nome/ endereço atual/ data de nascimento/ lugar onde nasceu/ estado civil/ ano em que se casou /
2. Quantos anos morou na casa onde nasceu? Onde morou depois?
Você lembra por que sua família fez essa(s) mudança(s) de casa? Quem ajudava na saída e na chegada da mudança?
Quais foram as conseqüências econômicas da(s) mudança(s)? Sua família manteve contato com os antigos vizinhos?
3. Quantos irmãos e irmãs você teve?
Ordem de nascimento, datas e local, se possível.
4. Que idade tinha seu pai quando você nasceu? Que idade tinha ele quando morreu?
Em que ano foi isso?
5. Em que ano seu pai veio para o Brasil? Que idade ele tinha então?
Por que ele resolveu imigrar? Quem mais veio com ele? Onde ele foi morar?
Havia alguém esperando por ele aqui?
Você sabe se havia uma organização da comunidade portuguesa para receber os patrícios?
(se havia)
Como funcionava?
Seu pai alguma vez comentou quais foram suas primeiras impressões ao chegar no Brasil?
6. Qual era a ocupação do seu pai então? Ele sempre fez este tipo de trabalho?
Além disso, ele tinha alguma outra atividade?
Ele continuou a exercer a mesma ocupação ao chegar aqui? Quem o ajudou a se estabelecer aqui?
(Se empregador ou gerente) Como foi fundado o negócio? Quem era o dono?
Havia diferença no trato com funcionários ou clientes que não fossem patrícios ou descendentes?
Como ele aprendeu sobre os diferentes aspectos do negócio? (tecnologia, vendas, pessoal, finanças)
O que o interessava mais? Ele se tornou sócio?
Qual a parte dele nos lucros e nos prejuízos? Como os funcionários o chamavam ?
Eles se encontravam fora do trabalho?

7. Sua família manteve contato com o lugar de origem, depois da imigração? Mantiveram contato com outros imigrantes?
8. Que idade tinha sua mãe quando você nasceu? Qual era a nacionalidade dela? (se imigrante, repetir as perguntas acima)
9. Que idade tinha ela quando morreu? Em que ano foi isso?
10. Ela trabalhava antes de se casar? Depois de casada, ela trabalhou? (em caso afirmativo) Quem cuidava dos filhos quando sua mãe estava trabalhando?
- 11 . Você se lembra de seus avós? Qual era a nacionalidade deles? Que ocupação eles tinham? Eles também imigraram? Para onde? (motivo) Você chegou a conviver com eles? Com que frequência você os via? Que lembrança você guarda dessa convivência?

II. Rotina doméstica

- 1 . Quantos cômodos tinha a casa de seus pais? (descrever a casa onde passou a infância) Como era a mobília dos quartos? E dos outros cômodos?
2. Alguém mais morava na casa além de seus pais e irmãos? (Quem, por quanto tempo, tipo de relação com a família, acomodação, etc.)
3. Sua mãe pagava alguém para ajudar no serviço da casa? (Quanto pagava, tipo de serviço, horas de trabalho. quem era(m) a(s) pessoa(s), etc.)
- Seu pai ajudava em algum serviço de casa? Ele ajudava a cuidar das crianças? Costumava sair com vocês sem sua mãe?
4. Quem fazia as roupas da família? As roupas eram compradas novas ou usadas? Onde eram compradas? Com que frequência? E os sapatos?
5. Havia alguma tarefa que você tinha que fazer regularmente em casa para sua mãe e seu pai? Até que idade você continuou fazendo essa tarefa? E seus irmãos e irmãs?
6. Havia um horário para as crianças dormirem nos dias em que não havia aula? Alguma pessoa punha você para dormir? Você repartia a cama com mais alguém? Quem mais dormia no mesmo quarto com você? Onde dormiam as outras pessoas da família? Como a família se organizava para se lavar e tomar banho?

III. Refeições

- 1 . Onde a família fazia as refeições no dia a dia? Havia alguma ocasião em que se comia em outro cômodo? Quem cozinhava? Como era o fogão? (a lenha, gás, etc.) Quantas refeições a família fazia? Quem estava presente no café da manhã? O que vocês costumavam comer pela manhã. no dia a dia? E nas outras refeições? Havia alguma coisa especial em determinados dias (domingos, feriados)? Todos na família comiam o mesmo tipo de comida?

2. Seus pais faziam pão, conservas, ou algum outro tipo de alimento ou bebida em casa?
Costumavam fazer algum tipo de remédio para a família? Recebiam encomendas de Portugal? (alimentos, bebidas) Seu pai ou sua mãe plantavam legumes e frutas?
Criavam algum tipo de animal para a alimentação da família?
3. Você podia conversar durante as refeições?
Qual era a atitude de seus pais se você deixava sobras de comida no prato?
Exigiam que você segurasse faca e garfo de uma determinada maneira ou que se sentasse de um certo modo?
Quando era permitido sair da mesa?
Toda a família se sentava à mesa para as refeições? Quem servia as refeições?

IV. Relacionamento com os pais

1. Sua mãe era uma pessoa fácil de conversar? Ela demonstrava afeto? Se você tivesse um aborrecimento, podia partilhar com ela, ou não? Seu pai era uma pessoa fácil de conversar? Ele demonstrava afeto? Se você tivesse um aborrecimento, podia partilhar com ele?
2. Como seus pais esperavam que você se comportasse com eles? (chamar de sr. e sra, p. ex.)
3. Quando criança, havia alguma pessoa mais velha com quem você se sentisse mais à vontade do que com seus pais?
5. Quando os adultos conversavam, você podia participar? Que tipo de pessoa você acha que seus pais esperavam que você fosse quando crescesse?
Que tipo de coisas eles o ensinaram a considerar importantes na vida?
7. Quando você fazia alguma coisa que seus pais não aprovavam, o que acontecia?
Você lembra de alguma ocasião especial em que tenha sido punido? Quem dava o castigo?
Como você se sentiu então?

V. Atividades da família

1. Os dias de aniversário eram diferentes dos outros dias?
2. Alguém tocava algum instrumento em casa? (quem, qual instrumento, em que ocasião)
Alguém cantava? (quem, quando)
Que tipo de música vocês gostavam de tocar e/ou cantar?
Que outras festas eram comemoradas? (Natal, Páscoa, Ano Novo, etc.)
Como era a comemoração, quem estava presente etc.
3. Seus pais brincavam com você?
4. Havia livros na sua casa?
Que tipo de livros, revistas, jornais se lia?
5. Você lembra de algum funeral na família? O que acontecia? Quem comparecia?
Em que cemitério as pessoas eram enterradas?

6. Levavam você para visitar vizinhos, amigos ou parentes? Com quem você ia?
Sua família visitava os parentes em Portugal? Com que frequência? Quem era visitado? Quem da sua família ia nessas ocasiões?
Vocês levavam presentes daqui? Traziam alguma coisa de lá?
7. Levavam você para fazer compras?
Com quem você ia?
8. A família passeava nos feriados ou finais de semana? Onde costumavam ir? Por quanto tempo?
Você viajava regularmente?
Que pessoas da família iam junto?

VI. Religião

1. Seus pais freqüentavam alguma igreja? Qual? Com que frequência?
Quem costumava ir?
Alguém da família tinha algum posto na igreja? Vocês usavam roupas diferentes nessas ocasiões? (em caso afirmativo)
Você freqüentava algum grupo na igreja?
O que a religião significava para você, quando criança?

VII. política

1. Seu pai se interessava por política? Você sabe quais eram as opiniões dele? Ele se naturalizou?
(em caso afirmativo)
Por que? Quando foi isso?
2. Você lembra de seu pai ter votado em alguma eleição? Você sabe em que partido ele votou?
Alguma vez ele participou de algum partido político? (idem a respeito da mãe)
3. Havia uma posição assumida pelo grupo de imigrantes próximo a seus pais em relação à política?
O que seus pais achavam disso?
Os amigos de seu pai eram naturalizados?

VIII. Atividades dos pais

1. Quando estavam em casa, como seus pais passavam o tempo?
Eles tinham rádio, toca-discos, etc.?
2. Sua mãe tinha algum interesse fora de casa? Quando ela saía, o que costumava fazer?
Com quem ela ia?
3. A que horas seu pai costumava chegar do trabalho? Costumava ficar em casa a noite?
E nos finais de semana?
4. Seu pai freqüentava algum clube ou bar? Com que frequência?

Sua mãe também ia?

Seu pai praticava algum esporte? Assistia a competições, jogos? Fazia apostas?

5. Sua mãe participava de alguma atividade esportiva? Gostava de jogar?

IX. Lazer na infância

1. Quando criança, com quem você brincava? De que vocês brincavam?

Meninos e meninas tinham as mesmas brincadeiras? Você tinha liberdade para brincar com quem quisesse?

Seus pais desencorajavam você de brincar com determinadas crianças?

2. Como você passava seu tempo livre (na época da escola)? Cuidava de algum animal doméstico?

Costumava passear/pescar? Com quem?

3. Você praticava algum esporte? Torcia para algum time?

Você pertencia a alguma organização de jovens? (atividades)

4. Costumava ir a: cinema/ concertos/ espetáculos musicais? Recebia alguma mesada de seus pais?

Em que gastava o seu dinheiro?

X. Comunidade e classe social

1. Alguém de fora ajudava sua mãe a cuidar da casa ou da família?

Que tipo de ajuda prestava? Com que frequência?

2. Se acontecesse de sua mãe ficar doente ou de cama, como ela se arranjava?

As crianças nasciam em casa ou em hospital?

Você lembra o que aconteceu quando nasceu um de seus irmãos mais novos?

3. De que parentes de seu pai você se lembra? Algum deles imigrou também?

Algum deles morava perto? Quando você os via? Onde?

Lembra-se deles influenciarem você de algum modo, ensinando-lhe alguma coisa?

E quanto aos parentes de sua mãe?

4. Seus pais tinham amigos? Onde moravam?

Quando os encontravam?

Os amigos eram também imigrantes? Eles tinham os mesmos amigos? Sua mãe tinha amigos pessoais? Onde ela os via?

Ela visitava alguém além de parentes? E quanto ao seu pai?

5. Algumas vezes pessoas eram convidadas a vir a sua casa? Com que frequência? Quem eram elas?

Você diria que eram amigos de sua mãe, de seu pai, ou dos dois? Oferecia-se alguma coisa para comer e beber nessas ocasiões? Havia pessoas que vinham às vezes sem serem convidadas? Quando?

6. O que seus pais faziam para se divertir com os amigos (música/ jogos/ brincadeiras)?

7. Naquele tempo, você achava que algumas pessoas pertenciam a um nível ou classe social e outras a um outro?
 Quem, por exemplo?
 A que classe/nível você diria pertencer?
 Que tipo de pessoas pertencia à mesma classe/nível que você? Que tipo de pessoas pertencia às outras classes/níveis que você mencionou?
 Você lembra se foi criado para tratar as pessoas de uma categoria de forma diferente das de outra?
 Havia alguém a quem você devesse tratar com maior respeito? A quem?
 Você lembra de alguém que tratasse seus pais desse modo?
8. Na comunidade, quem eram consideradas as pessoas mais importantes?
 Eram portugueses?
 Você teve contato com essas pessoas? Por que eram consideradas importantes?
9. A comunidade portuguesa se reunia em algum clube? Era permitida a entrada de quem não fosse português?
 O que seus pais achavam disso? Quais eram as atividades?
 Com que frequência aconteciam? Seus pais freqüentavam?
 Que amigos de seus pais freqüentavam?
10. Você acha que seu pai se via como membro de uma classe? Por que?/ Por que não?
 O que fazia com que ele se situasse nessa classe? E em relação à sua mãe?
11. Você lembra de alguém que fosse realmente de “elite”? Naquele tempo era possível passar de uma classe para outra? Você se lembra de alguém que tenha passado?
12. Sua casa era própria ou alugada? Valor pago na compra/aluguel.
13. Seus pais faziam algum tipo de poupança?
 Quem pagava as contas e tomava as decisões em matéria de gastos? Eles tinham conta em banco? Qual?
 Havia um banco preferido pela comunidade portuguesa? Qual? Seus pais faziam algum investimento?
 A comunidade fazia algum investimento em conjunto? Seus pais participavam?
 Que espécie de idéias a respeito de dinheiro eles passaram para você?
14. Você se lembra de perceber que seus pais tinham que batalhar para equilibrar o orçamento doméstico?
15. Eles ajudavam de algum modo as pessoas mais pobres? Pertenciam a alguma organização beneficente?
 O que você achava disso?
16. Que diferença fazia para a família quando seu pai estava doente ou desempregado?
 Alguma vez você recebeu ajuda de alguma instituição beneficente?

XI. Sociedade Portuguesa de Beneficência

1. Quem ou o que levou seus pais a participarem da Sociedade de Beneficência?

Que tipo de pessoas participava da Sociedade?

2. Fale o que você sabe sobre a história da Sociedade Portuguesa de Beneficência.
3. Seus pais exerceram algum cargo na Sociedade? Por quanto tempo?
4. Quais eram os objetivos da Sociedade então? Que atividades desenvolvia?
Na sua opinião qual era a importância dessa iniciativa?
Como você diria que a comunidade niteroiense via a Sociedade de Beneficência?
5. Como era feita a escolha da diretoria? Quem podia ser eleito?
Que tipo de pessoas podia entrar de sócio? O que seus pais achavam disso?
6. Como você diria serem as relações entre portugueses e brasileiros então?

XI. Centro Musical Beneficente Banda Portuguesa de Niterói

- 1 : O que você sabe sobre a história do Centro Musical Beneficente Banda Portuguesa de Niterói?
Quem levou seus pais a participarem do Centro Musical?
Seu pai exerceu algum cargo na diretoria? Qual? Por quanto tempo?
2. Quais eram os objetivos do Centro Beneficente então? Que atividades desenvolvia?
Como você diria que a comunidade niteroiense via as atividades do Centro Beneficente naquela época?
Na sua opinião qual foi a importância do Centro Beneficente para a comunidade niteroiense naquela época?
3. Como era feita a escolha da diretoria?
E a escolha do maestro? Quais eram as responsabilidades do maestro?
Quem podia ser eleito?
Como eram escolhidos os músicos? Quem podia se candidatar?
Que tipo de pessoas podia entrar de sócio?
Quando as atividades musicais da banca foram interrompidas? Por que isso aconteceu?
Que tipo de atividade a Banda desenvolve hoje?
Como você acha que a comunidade niteroiense vê as atividades da Banda hoje?
Qual a importância que você considera que o Centro Beneficente tem para a comunidade hoje?

XII. Escola

1. Você teve aulas com alguém antes de ir para a escola? Com que idade você começou a ir à escola?
Qual era a escola?
Havia alguma escola preferida pela comunidade portuguesa do bairro?
O que você achava da escola?
2. O que você pensava dos professores?
Se você fizesse alguma coisa que desagradasse os professores, o que podia acontecer?

Os professores ensinavam algo a respeito de bons modos, o trato com pessoas do sexo oposto, asseio, pontualidade. modo de falar? Eles estimulavam o debate?

3. Seus pais o estimulavam a fazer as tarefas escolares?
4. De que tipo de família provinha a maioria das demais crianças?
Algumas se vestiam pior que as outras?
Na escola havia algum tipo de grupo ou gangue?
5. Depois da escola primária você continuou os estudos? Onde? (continuar até a última escola freqüentada)
6. Com que idade você parou de ir à escola? Você continuaria por mais tempo se tivesse tido oportunidade?
Freqüentou algum tipo de curso? Universidade?
(O que estudou, porque escolheu, que idéias/ pessoas influenciaram a carreira, como as mulheres eram vistas na Universidade, etc.)

XIII. Trabalho

1. Enquanto estava na escola, você tinha algum emprego de tempo parcial, ou forma de ganhar dinheiro regularmente?
Como conseguiu? O que fazia? Em que horário trabalhava?
Quanto você ganhava? Considerava um bom salário? Você contribuía em casa?
Como gastava seu dinheiro?
2. Como você se dava com as outras pessoas com quem trabalhava?
Havia preferência por portugueses ou descendentes de portugueses? Eles eram tratados de maneira diferente dos brasileiros?
Como era a convivência entre brasileiros e portugueses ou filhos de patrícios?
Trabalhavam homens e mulheres juntos? Você podia conversar ou distrair-se?
Havia algum tipo de diversão para os empregados fora do horário de trabalho?
Se um funcionário ficava doente ou falecia os patrões oferecia algum tipo de ajuda financeira?
3. Como você era tratado por seu patrão? O que achava dele?
O que você achava do seu trabalho?
Por quanto tempo esteve neste emprego? Quando e por que saiu? O que fez depois?
4. Qual foi seu primeiro emprego de tempo integral, após ter saído da escola?
(repetir as mesmas perguntas em relação a todos os empregos posteriores).
5. Você passou por algum período de treinamento ou aprendizado em algum de seus empregos?
Pertenceu a algum sindicato/organização profissional? Participou de alguma de suas atividades?
Você achava que os patrões tinham interesses iguais, ou diferentes? Você achava que havia divergências de interesses entre os trabalhadores?
6. Como eram as chances de promoção?

Você gostava do que fazia ou preferiria outro tipo de ocupação? (Se empregador ou gerente)

7. Como foi fundado o negócio? Quem era o dono?

Havia diferença no trato com funcionários ou clientes que não fossem patrícios ou descendentes?

Como você aprendeu sobre os diferentes aspectos do negócio? (tecnologia, vendas, pessoal, finanças)

O que o interessava mais? Você se tornou sócio?

Qual a sua parte nos lucros e nos prejuízos? Como os funcionários chamavam você? Vocês se encontravam fora do trabalho?

XIV. A vida em casa depois de começar a trabalhar em tempo integral.

1. Você continuou a morar em casa com a família depois de começar a trabalhar o dia inteiro (ou de ter deixado a escola)?

A rotina de trabalho alterou o relacionamento com seus pais? Você contribuía com quanto para a casa?

(se morava separado da família) Dividia a casa com alguém?

Alguém ajudava nas tarefas domésticas? Descreva a casa

2. (se não trabalhava)

Como você se arranjava quanto a dinheiro? Você teria preferido fazer alguma outra coisa?

3. Como usava o seu tempo?

Passava os domingos de modo diferente?

4. A religião passou a significar mais ou menos para você depois da infância?

5. Você começou a se interessar por política?

6. Como passava seu tempo livre na juventude?

Seus interesses mudaram?

Participava de algum clube ou organização de jovens? Praticava esportes?

Saía para dançar, excursionar, ir ao teatro, assistir espetáculos musicais, cinema, bares?

Você saía à noite? Onde e com quem?

Naquela época, o que era uma boa noitada? Onde costumava passar os feriados?

Você fez novos amigos nessa época? Como os conheceu?

Você era apegado a um grupo de amigos? ; Como eram Os programas de vocês?

; Você tinha algum amigo especial nessa época?

; Havia algum lugar especial em que rapazes e moças podiam encontrar-se?

Você podia sair sozinho com eles?

' Você diria que eles eram na sua maioria filhos de patrícios ou não?

7. Seus pais se encontravam com seus amigos?

Eles gostavam de saber onde você estava?

Você tinha que chegar em casa a uma hora determinada?

Seus pais desaprovavam alguma de suas atividades naquela época? (fumar, beber, etc.)

Você lembra da atitude de seus pais em relação a sexo?

XV. Casamento

1. Com que idade você se casou?
Há quanto tempo conhecia então sua esposa/ seu marido? Como vocês se conheceram?
De onde ele/ela era? De que tipo de família? Quanto tempo ficaram noivos?
2. Você economizou dinheiro antes de casar? Seus pais o ajudaram a montar a casa?
Eles o ajudaram depois? Deixaram herança? Ou você precisou ajudá-los?
3. Você pode descrever o casamento? Fizeram viagem de núpcias?
4. Onde foram morar depois de casar? Durante quanto tempo?
Onde morou depois?
5. Que idade tinha sua esposa/seu marido quando vocês se casaram? (mulher)
6. Qual o emprego de seu marido quando se casaram? Ele teve outro emprego antes, ou depois?
Você trabalhou depois do casamento? O que seu marido achava disso? (homem)
Sua esposa estava empregada quando vocês se casaram? Tivera outros empregos antes disso?
Continuou a trabalhar depois de casada? O que você achava disso?
Que empregos ela teve desde então?
7. Que idéias seus pais lhe passaram sobre o que era um bom casamento?
Que importância você diria que o sexo tem para o relacionamento conjugal?

XVI. Filhos

1. Você teve filhos? Quantos? Nomes e datas de nascimento.
Você planejou ter o número de filhos que teve? Usou métodos para evitar filhos?
2. Seus filhos nasceram em casa? (mulher)
3. Você recebeu alguma orientação sobre o parto? Como você se sentiu? Quem mais estava com você? Quanto tempo você amamentou seus filhos? Você teve alguma dificuldade com a alimentação deles?
4. Se precisava de conselho, a quem pedia? Você os castigava quando se comportavam mal?
Como? Por que motivo?
5. Seu marido ajudava a cuidar dos filhos pequenos? De que maneira? Continuou a orientá-los mais tarde?

XVII. Vida familiar depois do casamento

1. Como você e sua mulher/seu marido faziam para manter a casa naquele tempo?

(homem)

2. Do que você ganhava, quanto dava para sua mulher naquele tempo?
(mulher) Você sabia quanto seu marido ganhava? Desse total, quanto ele lhe dava?
Ele mesmo pagava algumas contas?
Como você decidia em que devia gastar o dinheiro?
3. Quem decidia sobre móveis e utensílios novos/ alimentos/ bebidas/ médico/ igreja/ roupas das crianças/ do marido/ presentes/ passeios/ feriados/ convidados ou hóspedes.
4. Quem fazia a manutenção da casa e do jardim?
5. O que vocês faziam quando discordavam? Como era o relacionamento entre vocês?
Vocês conversavam e partilhavam coisas importantes?

(perguntar sobre rotina doméstica, refeições, relações com filhos e disciplina, atividades da família, religião, política, interesses e lazer, comunidade e classe social, substituindo mãe e pai pelo depoente e sua esposa/seu marido).

Acrescentar à seção IV (**Relacionamento com os filhos**)

8. Quando seus filhos eram pequenos, você achava que havia um jeito certo/errado de criar os filhos?
Você e sua mulher/seu marido tinham as mesmas idéias sobre a criação dos filhos?
Vocês falavam sobre isso?
9. Havia mais alguém com quem você falava quando se preocupava com as crianças?
10. Sua mãe era viva quando seus filhos eram pequenos? Com que frequência você a via?
Você lhe pedia conselhos sobre como criar os filhos? (idem para a sogra)
11. Quando você teve filhos, achava que as meninas deviam ser tratadas do mesmo modo que os meninos?
Que se devia ensinar a eles e a elas as mesmas habilidades e os mesmo jogos e brincadeiras?
Como você ensinou seu filho a se comportar em relação à irmã/e sua filha em relação ao irmão?
(mulher)
12. Quem tomava conta das crianças enquanto você/sua mulher estava trabalhando?
O que você achava de deixar as crianças com uma outra pessoa?
(perguntar sobre a escola e ocupações posteriores dos filhos.)

MODELO DE QUESTIONÁRIO

Temático: Os avós. o cotidiano, o Centro Musical Beneficente Banda Portuguesa de Niterói.

Roteiro de perguntas para entrevistados de segunda geração (netos de imigrantes, nascidos no Brasil)

Texto base: Thompson, Paul. A Voz do Passado, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1992, p.367-378.

I. A casa, a família, imigração.

1. Nome, endereço atual, ano de nascimento. estado civil, ano em que se casou, local de nascimento (rua, bairro, cidade).
2. Quantos anos morou na casa onde nasceu? Onde morou depois?
Você lembra por que sua família fez essa(s) mudança(s) de casa? Quem ajudava na saída e na chegada da mudança?
Quais foram as conseqüências econômicas da(s) mudança(s)? Sua família manteve contato com os antigos vizinhos?
3. Quantos irmãos e irmãs você teve?
Ordem de nascimento, datas e local, se possível.
4. Qual a nacionalidade de seu pai?
Que idade tinha seu pai quando você nasceu? , Que idade tinha ele quando morreu?
Em que ano foi isso?
Que idade tinha sua mãe quando você nasceu? Qual era a nacionalidade dela?
Que idade tinha ela quando morreu? Em que ano foi isso?
5. Você se lembra de seus avós?
Qual era a nacionalidade deles? Que ocupação eles tinham? Em que ano seu avô veio para o Brasil? Que idade ele tinha então? Por que ele resolveu imigrar? Quem mais veio com ele? Onde ele foi morar? Havia alguém esperando por ele aqui? Qual era a ocupação do seu avô então? Ele sempre fez este tipo de trabalho? Além disso, ele tinha alguma outra atividade? Ele continuou a exercer a mesma ocupação quando chegou aqui? Quem o ajudou a se estabelecer aqui? Seus avós mantiveram contato com o lugar de origem? Mantiveram contato com outros imigrantes aqui? Você chegou a conviver com seus avós? Com que frequência você os via? Que lembranças de seus avós você guarda?

II. Rotina doméstica

1. Quantos cômodos tinha a casa de seus avós? Como era a mobília dos quartos?
E dos outros cômodos?
2. Quantas pessoas moravam na casa?
(Quem, por quanto tempo, tipo de relação com a família. acomodação. etc.)

3. Sua avó pagava alguém para ajudar no serviço da casa? (Quanto pagava, tipo de serviço, horas de trabalho, quem era, etc.)

III. Refeições

- 1 . Onde a família de seu avô fazia as refeições no dia a dia? Havia alguma ocasião em que se comia em outro cômodo? Quem cozinhava?
Como era o fogão?
O que eles costumavam comer no dia a dia?
Havia alguma coisa especial em determinados dias (domingos)? Todos na família comiam o mesmo tipo de comida?
2. Seus avós faziam pão, conservas, ou algum outro tipo de alimento ou bebida em casa?
Costumavam fazer algum tipo de remédio para a família?
3. Recebiam encomendas de Portugal? (alimentos, bebidas)
4. Seus avós plantavam legumes e frutas?
Criavam algum tipo de animal para a alimentação da família?
5. Você podia conversar durante as refeições?
Qual era a atitude de seus avós se você deixava sobras de comida no prato?
Queriam que você segurasse faca e garfo de uma determinada maneira, ou que se sentasse de um certo modo?
Quando era permitido sair da mesa? Quem servia as refeições?

IV. Relacionamento com os avós

- 1 . Sua avó era uma pessoa fácil de conversar? Ela demonstrava afeto?
Se você tivesse um aborrecimento, podia partilhar com ela, ou não?
2. Seu avô era uma pessoa fácil de conversar?
Ele demonstrava afeto?
Se você tivesse um aborrecimento, podia partilhar com ele?
3. Como seus avós esperavam que você se comportasse com eles? (chamar de sr. e sra, p. ex.)
Que tipo de coisas eles o ensinaram a considerar importantes na vida?
4. Que festas eram comemoradas? (Natal, Páscoa, Ano Novo.etc.) Como era a comemoração, quem estava presente. etc.
5. Havia livros na casa de seus avós?
Que tipo de livros, revistas, jornais se lia?
6. Você lembra de algum funeral na família? O que acontecia?
Quem comparecia?
Em que cemitério as pessoas eram enterradas?
7. Seus avós visitavam os parentes em Portugal? Com que frequência?
Quem era visitado?

Quem da sua família ia nessas ocasiões? Levavam presentes daqui?
Traziam alguma coisa de lá?

VI. Religião

1. Seus avós freqüentavam alguma igreja? Qual?
Com que freqüência? Tinham algum posto na igreja?

VII. Política

- 1 . Seu avô se interessava por política? Você sabe quais eram as opiniões dele? Ele se naturalizou?
Quando foi isso?
2. Você lembra de seu avô ter votado em alguma eleição? Você sabe em que partido ele votou?
Alguma vez ele participou de algum partido político? (a mesma coisa para a avó)
3. Havia uma posição assumida pelo grupo de imigrantes próximo a seus avós em relação à política?
Seu avô concordava com ela?

Os amigos de seu avô eram naturalizados?

VIII. Atividades dos avós

- 1 . Quando estavam em casa, como seus avós passavam o tempo?
Eles tinham rádio, toca-discos, etc.?
2. Sua avó tinha algum interesse fora de casa? Quando ela saía, o que costumava fazer?
Com quem ela ia?
3. Seu avô freqüentava algum clube ou bar? Com que freqüência?
Sua avó também ia?
Seu avô praticava algum esporte? Assistia a competições, jogos? Fazia apostas?
Sua avó gostava de jogar?
O que eles faziam para se divertir?

IX. Comunidade e classe social

1. De que parentes de seu avô/avó você se lembra? Algum deles imigrou também?
Algum deles morava perto? Quando você os via? Onde?
Lembra-se deles influenciarem você de algum modo, ensinando-lhe alguma coisa?
2. Seus avós tinham amigos? Onde moravam?
Quando os encontravam?
Os amigos eram também imigrantes, ou não? Eles tinham os mesmos amigos?
Sua avó tinha amigos pessoais? Onde ela os via?
Ela visitava alguém além de parentes E quanto ao seu avô?

3. Algumas vezes pessoas eram convidadas a ir à casa deles? Com que frequência?
Quem eram elas?
Você diria que eram amigos de sua avó, de seu avó, ou dos dois?
4. Naquele tempo, você achava que algumas pessoas pertenciam a um nível ou classe social e outras a um outro?
Quem, por exemplo?
A que classe/nível você diria que seus avós pertenciam?
Que tipo de pessoas pertencia à mesma classe/nível que eles? Que tipo de pessoas pertencia às outras classes/níveis que você mencionou?
Havia alguém a quem você devesse tratar com maior respeito? A quem?
Você lembra de alguém que tratasse seus avós desse modo?
5. Na comunidade, quem eram consideradas as pessoas mais importantes?
Eram portuguesas?
Você teve contato com essas pessoas? Por que eram consideradas importantes?
6. A comunidade portuguesa se reunia em algum clube? Era permitida a entrada de quem não fosse português? Quais eram as atividades?
Com que frequência aconteciam? Seus avós freqüentavam?
Que amigos deles freqüentavam?
7. Você acha que seu avô se via como membro de uma classe? Por que?/ Por que não?
O que fazia com que ele se situasse nessa classe? E em relação à sua avó?
8. Você lembra de alguém que fosse realmente de "elite"?
9. Havia um banco preferido pela comunidade portuguesa? Qual? Seus avós faziam algum investimento?
A comunidade fazia algum investimento em conjunto? Seus avós participavam?
Que espécie de idéias a respeito de dinheiro eles passaram para você?
Pertenciam a alguma organização beneficente?

X. Centro Musical Beneficente Banda Portuguesa de Niterói

1. O que você sabe sobre a história do Centro Musical Beneficente Banda Portuguesa de Niterói?
Quem levou seus avós a participarem do Centro Musical?
Seu avô exerceu algum cargo na diretoria? Qual? Por quanto tempo?
2. Quais eram os objetivos do Centro Beneficente então? Que atividades desenvolvia?
Como você diria que a comunidade niteroiense via as atividades do Centro Beneficente naquela época?
Na sua opinião qual foi a importância do Centro Beneficente para a comunidade niteroiense naquela época?
3. Como era feita a escolha da diretoria?
E a escolha do maestro? Quais eram as responsabilidades dele? Quem podia ser eleito?
Como eram escolhidos os músicos? Quem podia se candidatar?
Que tipo de pessoas podia entrar de sócio?

Quando as atividades musicais da banda foram interrompidas? Por que isso aconteceu?

Que tipo de atividade a Banda desenvolve hoje?

Como você acha que a comunidade niteroiense vê as atividades da Banda hoje?

Qual a importância que você considera que o Centro Beneficente tem para a comunidade hoje?

XI. Trabalho

1. Em que horário seu avô trabalhava? Qual era a ocupação dele?

(Se empregador ou gerente) Como foi fundado o negócio?

Quem era o dono?

Havia diferença no trato com funcionários ou clientes que não fossem patrícios ou descendentes?

Ele se tornou sócio?

Como os funcionários o chamavam? Eles se encontravam fora do trabalho?

Como ele se dava com as outras pessoas com quem trabalhava? Qual você diria ser a opinião dos outros funcionários em relação ao seu avô?

Como era a convivência entre brasileiros e portugueses ou filhos de patrícios?

Havia algum tipo de diversão para os empregados fora do horário de trabalho?

Se um funcionário ficava doente ou falecia os patrões ofereciam algum tipo de ajuda financeira? (o mesmo em relação à avó)

2. Por quanto tempo se avô teve esta ocupação? Quando e por que saiu?

O que fez depois?

3. Seu avô/avó pertenceu a algum sindicato/ organização profissional?

Participou de alguma de suas atividades?

Ele gostava do que fazia ou preferiria outro tipo de ocupação?

MODELO DE QUESTIONÁRIO

Temático: Os avós, o cotidiano, a Sociedade de Beneficência Portuguesa de Niterói.

Roteiro de perguntas para entrevistados de segunda geração (netos de imigrantes, nascidos no Brasil)

Texto base: Thompson, Paul. A Voz do Passado, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra. 1992. p.367-378.

I. A casa, a família, imigração.

1. a. Nome. endereço atual, ano de nascimento. estado civil, ano em que se casou. local de nascimento (rua, bairro, cidade).
2. a. Quantos anos morou na casa onde nasceu?
 - b. Onde morou depois?
 - c. Você lembra por que sua família fez essa(s) mudança(s) de casa?
 - d. Quem ajudava na saída e na chegada da mudança?
 - e. Quais foram as conseqüências econômicas da(s) mudança(s)?
 - f. Sua família manteve contato com os antigos vizinhos?
3. a. Quantos irmãos e irmãs você teve?
 - b. Ordem de nascimento, datas e local. se possível.
4. a. Qual a nacionalidade de seu pai?
 - b. Que idade tinha seu pai quando você nasceu?
 - c. Que idade tinha ele quando morreu?
 - d. Em que ano foi isso?
 - e. Que idade tinha sua mãe quando você nasceu?
 - f. Qual era a nacionalidade dela?
 - g. Que idade tinha ela quando morreu?
 - h. Em que ano foi isso?
5. a: Você se lembra de seus avós?
 - b. Qual era a nacionalidade deles?
 - c. Que ocupação eles tinham?
 - d. Em que ano seu avô veio para o Brasil?
 - e. Que idade ele tinha então?
 - f. Por que ele resolveu imigrar?
 - g. Quem mais veio com ele?
 - h. Onde ele foi morar?
 - i. Havia alguém esperando por ele aqui?
 - j. Qual era a ocupação do seu avô então?
 - k. Ele sempre fez este tipo de trabalho?
 - l. Além disso, ele tinha alguma outra atividade?
 - m. Ele continuou a exercer a mesma ocupação quando chegou aqui?
 - n. Quem o ajudou a se estabelecer aqui?
 - o. Seus avós mantiveram contato com o lugar de origem?
 - p. Mantiveram contato com outros imigrantes aqui?

- q. Você chegou a conviver com seus avós?
- r. Com que frequência você os via?
- s. Que lembranças de seus avós você guarda?

II. Rotina doméstica

- 1. a. Quantos cômodos tinha a casa de seus avós?
 - b. Como era a mobília dos quartos?
 - c. E dos outros cômodos?
- 2. a. Quantas pessoas moravam na casa? (Quem, por quanto tempo, tipo de relação com a família, acomodação, etc.)
- 3. a. Sua avó pagava alguém para ajudar no serviço da casa? (Quanto pagava, tipo de serviço, horas de trabalho quem era, etc.)

III. Refeições

- 1. a. Na casa de seus avós, onde eram feitas as refeições no dia a dia?
 - b. Havia alguma ocasião em que se comia em outro cômodo? c. Quem cozinhava?
 - d. Como era o fogão?
 - e. O que eles costumavam comer no dia a dia?
 - f. Havia alguma coisa especial em determinados dias (domingos)?
 - g. Todos na família comiam o mesmo tipo de comida?
- 2. a. Seus avós faziam pão, conservas. ou algum outro tipo de alimento ou bebida em casa?
 - b. Costumavam fazer algum tipo de remédio para a família?
- 3. a. Recebiam encomendas de Portugal? (alimentos, bebidas, com que frequência)
- 4. a. Seus avós plantavam legumes e frutas?
 - b. Criavam algum tipo de animal para a alimentação da família?
- 5. a. Na casa de seus avós. você podia conversar durante as refeições?
 - b. Qual era a atitude de seus avós se você deixava sobras de comida no prato?
 - c. Queriam que você segurasse faca e garfo de uma determinada maneira, ou que se sentasse de um certo modo?
 - d. Quando era permitido sair da mesa? e. Quem servia as refeições?

IV. Relacionamento com os avós

- 1. a. Sua avó era uma pessoa fácil de conversar?
 - b. Ela demonstrava afeto?
 - c. Se você tivesse um aborrecimento, podia partilhar com ela, ou não?
- 2. (o mesmo em relação ao avô)
- 3. a. Como seus avós esperavam que você se comportasse com eles? (chamar de sr. e sra, p. ex)
 - b. Que tipo de coisas eles o ensinaram a considerar importantes na vida?

4. a. Que festas eram comemoradas em família? (Natal , Páscoa, Ano Novo, etc.)
b. Como era a comemoração. quem estava presente, etc.
5. a. Havia livros na casa de seus avós?
b. Que tipo de livros, revistas, jornais se lia?
6. a. Você lembra de algum funeral na família?
b. O que acontecia?
c. Quem comparecia?
d. Em que cemitério as pessoas eram enterradas?
7. a. Seus avós visitavam os parentes em Portugal?
b. Com que frequência?
c. Quem era visitado?
d. Quem da sua família ia nessas ocasiões?
e. Levavam presentes daqui?
f. Traziam alguma coisa de lá?

VI. Religião

1. a. Seus avós freqüentavam alguma igreja?
b. Qual?
c. Com que freqüência?
d. Tinham algum posto na igreja?

VII. Política

1. a. Seu avô se interessava por política?
b. Você sabe quais eram as opiniões dele?
c. Ele se naturalizou?
d. Quando foi isso?
2. a. Você lembra de seu avô ter votado em alguma eleição?
b. Você sabe em que partido ele votou?
c. Alguma vez ele participou de algum partido político? (a mesma coisa para a avó)
3. a. Havia uma posição assumida pelo grupo de imigrantes próximo a seus avós em relação à política?
b. Seu avô concordava com ela?
c. Os amigos de seu avô eram naturalizados^

VIII. Atividades dos avós

1. a. Quando estavam em casa, como seus avós passavam o tempo?
b. Eles tinham rádio, toca-discos, etc.?
2. a. Sua avó tinha algum interesse fora da casa?
b. Quando ela saía, o que costumava fazer?
c. Com quem ela ia?

3. a. Seu avô freqüentava algum clube ou bar?
 - b. Com que freqüência?
 - c. Sua avó também ia?
 - d. Seu avô praticava algum esporte?
 - e. Assistia a competições, jogos?
 - f. Fazia apostas?
 - g. Sua avó gostava de jogar?
 - h. O que eles faziam para se divertir?

IX. Comunidade e classe social

1. a. De que parentes de seu avô/avó você se lembra?
 - b. Algum deles imigrou também?
 - c. Algum deles morava perto?
 - d. Quando você os via? Onde?
 - e. Lembra-se deles influenciarem você de algum modo, ensinando-lhe alguma coisa?
2. a. Seus avós tinham amigos?
 - b. Onde moravam?
 - c. Quando os encontravam?
 - d. Os amigos eram também imigrantes, ou não?
 - e. Eles tinham os mesmos amigos?
 - f. Sua avó tinha amigos pessoais?
 - g. Onde ela os via?
 - h. Ela visitava alguém além de parentes?
 - i. E quanto ao seu avô?
3. a. Algumas vezes pessoas eram convidadas a ir à casa deles?
 - b. Com que freqüência?
 - c. Quem eram elas?
 - d. Você diria que eram amigos de sua avó, de seu avô, ou dos dois?
4. a. Naquele tempo, você achava que algumas pessoas pertenciam a um nível ou classe social e outras a um outro?
 - b. Quem, por exemplo?
 - c. A que classe/nível você diria que seus avós pertenciam?
 - d. Que tipo de pessoas pertencia à mesma classe/nível que eles?
 - e. Que tipo de pessoas pertencia às outras classes/níveis que você mencionou?
 - f. Havia alguém a quem você devesse tratar com maior respeito?
 - g. A quem?
 - h. Você lembra de alguém que tratasse seus avós desse modo?
5. a. Na comunidade, quem eram consideradas as pessoas mais importantes?
 - b. Eram portuguesas?
 - c. Você teve contato com essas pessoas?
 - d. Por que eram consideradas importantes?
6. a. A comunidade portuguesa se reunia em algum clube?
 - b. Era permitida a entrada de quem não fosse português?

- c. Quais eram as atividades?
 - d. Com que frequência aconteciam?
 - e. Seus avós freqüentavam?
 - f. Que amigos deles freqüentavam?
7. a. Você acha que seu avô se via como membro de uma classe?
- b. Por que?/ Por que não?
 - c. O que fazia com que ele se situasse nessa classe?
 - d. E em relação à sua avó?
 - a. Você lembra de alguém que fosse realmente de "elite"? 8.
9. a. Havia um banco preferido pela comunidade portuguesa? Qual?
- b. Seus avós faziam algum investimento?
 - c. A comunidade fazia algum investimento em conjunto? d. Seus avós participavam?
 - e. Que espécie de idéias a respeito de dinheiro eles passaram para você?
 - f. Pertenciam a alguma organização beneficente, além da Sociedade Portuguesa?

X. Sociedade Portuguesa de Beneficência

1. a. O que você sabe sobre a história da Sociedade Portuguesa de Beneficência?
- b. Quem levou seus avós a participarem da Sociedade de Beneficência?
 - c. Seu avô exerceu algum cargo na Sociedade? Qual? Por quanto tempo?
2. a. Quais eram os objetivos da Sociedade então?
- b. Que atividades desenvolvia?
 - c. Como você diria que a comunidade niteroiense via as atividades da Sociedade de Beneficência?
3. a. Como era feita a escolha da diretoria? b. Quem podia ser eleito?
- c. Que tipo de pessoas podia entrar de sócio?

XI. Trabalho

1. a. Em que horário seu avô trabalhava?
- b. Qual era a ocupação dele? (Se empregador ou gerente)
 - c. Como foi fundado o negócio?
 - d. Quem era o dono?
 - e. Havia diferença no trato com funcionários ou clientes que não fossem patrícios ou descendentes?
 - f. Ele se tornou sócio?
 - g. Como os funcionários o chamavam?
 - h. Eles se encontravam fora do trabalho?
 - i. Como ele se dava com as outras pessoas com quem trabalhava?
 - j. Qual você diria ser a opinião dos outros funcionários em relação ao seu avô?
 - k. Como era a convivência entre brasileiros e portugueses ou filhos de patrícios?
 - l. Havia algum tipo de diversão para os empregados fora do horário de trabalho?
 - m. Se um funcionário ficava doente ou, falecia os patrões ofereciam algum tipo de ajuda financeira? (o mesmo em relação à avó)
2. a. Por quanto tempo seu avô teve esta ocupação?

- b. Quando e por que saiu?
 - c. O que fez depois?
 - d. Depois que ele se afastou; alguém continuou tomando conta do negócio? O que mudou então?
3. a. Seu avô/avó pertenceu a algum sindicato/ organização profissional?
- b. Participou de alguma de suas atividades?
 - c. Ele gostava do que fazia ou preferiria outro tipo de ocupação?

Tabela 12
Emigração portuguesa segundo idade e sexo, 1900 – 1957

Anos 1900 - 1957	Menores de 14 anos	Maiores de 14 anos	Desconhecido
Sexo masculino	142.313	956.217	-
Sexo feminino	101.110	329.814	26.748
Total.....	243.423	1.286.031	-

Fontes: Anuário demográfico, Lisboa, 1951 - 1957, p. XCV e 77. Apud Pescaltello, Anne Marie, The both ends of the Journey. An Historical study of Migration and change in Brazil and Portugal, 1889 1914, p.441.

Observação: os subtotais e percentuais não estão fechados devido a discrepância de dados das diversas fontes. As informações servem somente como indicativo. Apud Lobo, Eulália, op.cit. p.23

Tabela 13
**QUADRO COMPARATIVO DAS NACIONALIDADES DOS IMIGRANTES QUE
 ENTRARAM NO BRASIL, 1907-1912**

Nacionalidades	1907	1908	1909	1910	1911	1912	Total
Portugueses	25.861	37.628	30.577	30.857	47.493	76.530	248.766
Espanhóis	9.235	14.862	16.219	20.843	27.141	35.292	123.592
Italianos	18.238	13.873	13.668	14.163	22.914	31.875	114.641
Russos.....	703	5.786	5.663	2.462	14.013	9.193	37.820
Turco-árabes	1.480	3.170	4.027	5.257	6.319	7.302	27.555
Alemães	845	2.931	5.413	3.902	4.251	5.733	23.075
Austríacos	522	5.316	4.008	2.636	3.352	3.045	18.872
Japoneses.....	-	830	31	948	28	2.909	4.746
Franceses.....	202	992	1.241	1.134	1.397	1.513	6.479
Ingleses	119	1.109	778	1.087	1.157	1.077	5.327
Vários	10.762	8.195	3.785	5.275	7.902	5.603	41.522
Total.....	67.967	94.692	85.410	88.564	135.967	179.982	652.395

Fonte: Associação Comercial de Santos, Exposição da Comissão de Turismo, Lisboa, Imprensa Africana de Antonio Tiberio de Carvalho, 1913, p. 8, BN, V-156, 2, 21 , n° 1; apud Lobo, Eulália, p.42

Tabela 14
 EXPORTAÇÃO DE VINHO DE LISBOA E DO PORTO PARA O BRASIL E PARA O
 MUNDO, 1890 - 1905

Anos	Para o Brasil	Para o Mundo
1890	1.088.380	1.827.692
1900.....	1.970.364	2.657.320
1905	3.016.517	-

Fontes: União Portuguesa, 12 de abril de 1905 e 18 de janeiro de 1906, Apud Pescatello, Anne Marie, The both ends of the Journey. An Historical Study of Migration and change in Brazil and Portugal, 1889-1914, p. 186. Apud Lobo, Eulália, op.cit.,p.46

Tabela 15
MOVIMENTO DA POPULAÇÃO
II - IMIGRAÇÃO E EMIGRAÇÃO
1. ENTRADAS E SAÍDAS DE ESTRAHOEIROS, SEGUNDO AS NACIONALIDADES – 1936/45

Nacionalidades	Especificações	Movimento Anual								
		1936	1937	1938	1939	1940	1941	1942	1943	1944
Portugueses	Entradas	11.806	11.965	7.920	15.806	13.123	6.713	1.866	367	841
	Saídas	7.024	9.377	2.850	4.023	3.046	1.870	848	471	977
	Saldo	4.782	2.588	5.070	11.783	10.077	4.843	1.018	104	136
Total	Entradas	47.146	40.126	29.023	38.448	33.285	25.353	12.333	12.230	15.004
	Saídas	31.292	30.989	18.225	23.971	14.489	15.632	8.003	7.137	10.632
	Saldo	15.854	9.137	1.798	14.477	18.796	9.721	4.330	5.153	4.372

Fonte: Departamento Nacional de Imigração.

Tabela 16
 CENSO DEMOGRÁFICO: ESTADO DO RIO DE JANEIRO
 ESTRANGEIROS, SEGUNDO OS MUNICÍPIOS, COM DISCRIMINAÇÃO POR SEXO, DAS PRINCIPAIS
 NACIONALIDADES
 1940

Municípios	Totais de Estrangeiros		Estrangeiros, da nacionalidade Indicada									
			Alemã		Espanhola		Italiana		Japonesa		Portuguesa	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Niterói	6.009	3.731	332	344	212	260	350	319	10	9	4.299	1.993

Tabela 17
RECENSEAMENTO GERAL DE 1940
POPULAÇÃO DE FATO, POR SEXO E RAMO DA ATIVIDADE PRINCIPAL EXERCIDA,
SEGUNDO OS MUNICÍPIOS

Município	Pessoas de 10 anos e mais com atividade no ramo indicado											
	Agricultura, pecuária, silvicultura		Indústrias Extrativas		Indústria de Transformação		Comércio de Mercadorias		Comércio de imóveis, etc. (1)		Transportes e Comunicações	
	homens	mulheres	homens	mulheres	homens	mulheres	homens	mulheres	homens	mulheres	homens	mulheres
Niterói	1.254	50	686	6	9.466	876	6.952	468	920	99	5.500	298

Fonte: IBGE

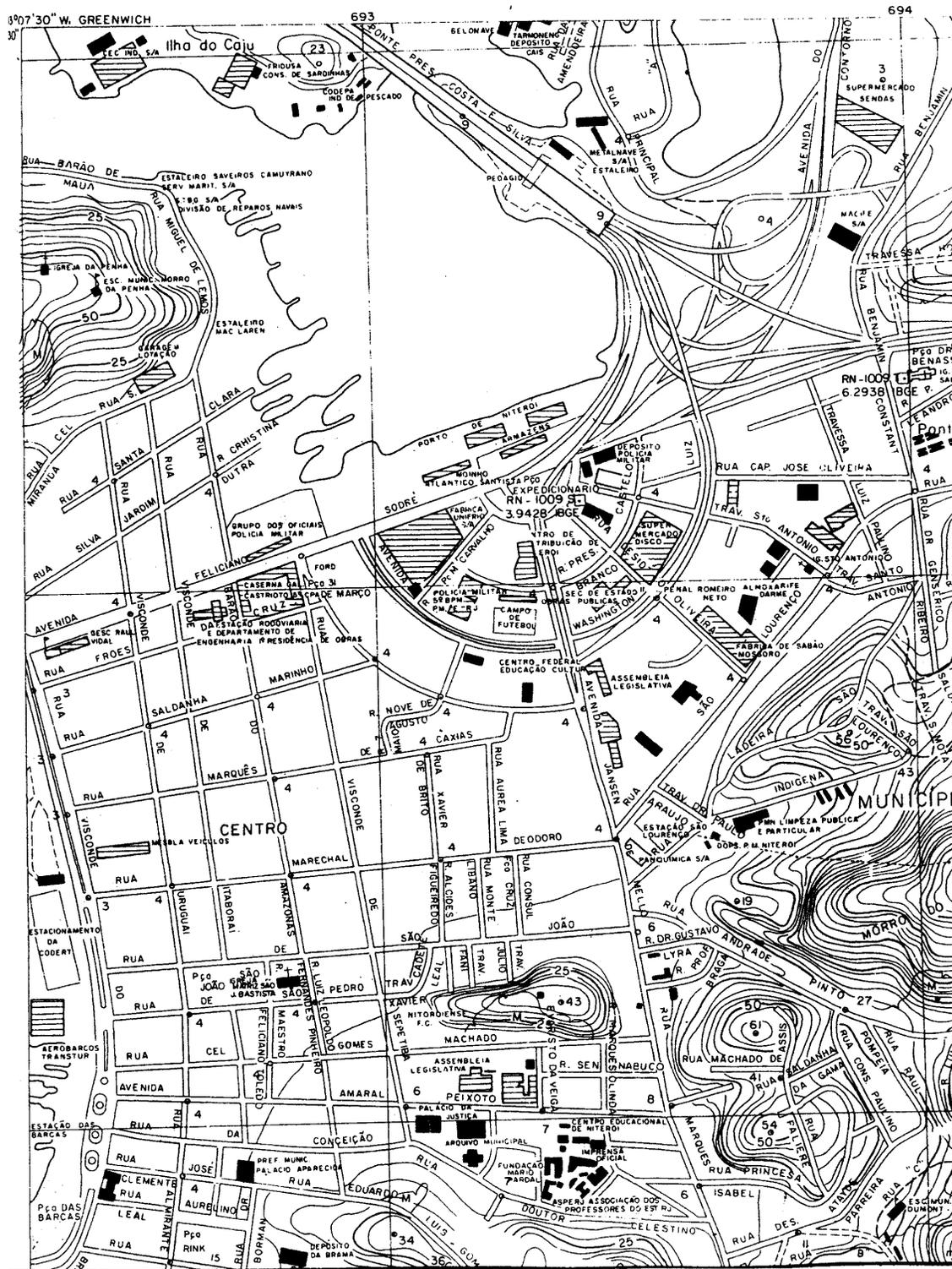


Figura 19 - Planta de Niterói, detalhe para o centro da cidade

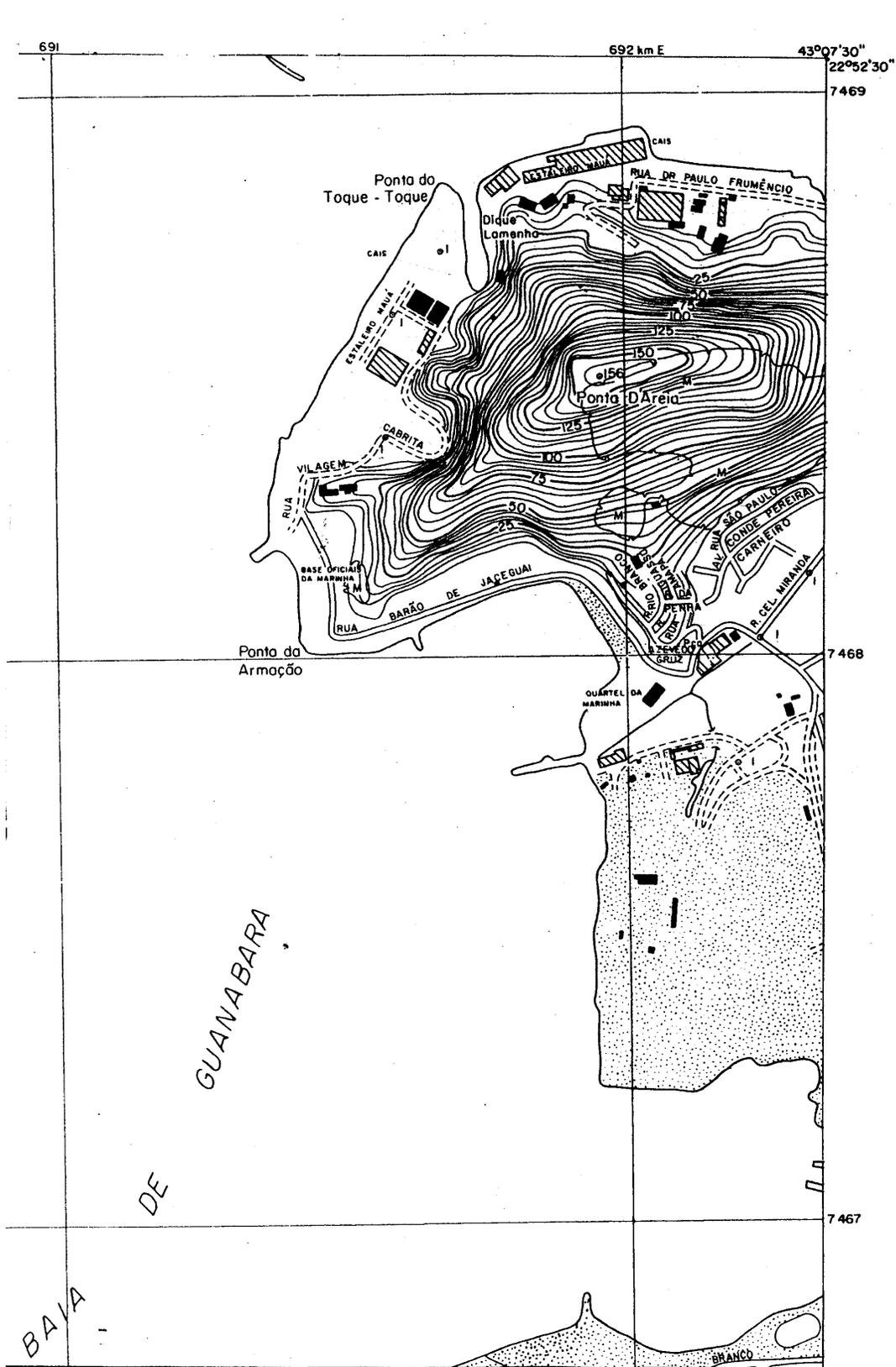


Figura 20 - Planta de Niterói, detalhe da ponta da Armação.

Tábua de Ilustrações

Figura 1 - "O retorno" Desenho de Cristina Villaça.	ix
Figura 2 - Detalhe da Estação da Cantareira em 1913, Jornal Ilustrado, RJ	31
Figura 3 - Detalhe do prédio dos Correios. 1914. Álbum de Niterói, 1925	31
Figura 4 - A estação da Cantareira, a Igreja Matriz de São João Batista e o edifício dos Correios, em 1931.....	39
Figura 5 - Largo do Capim, Campo de S. Helena, depois praça Floriano Peixoto onde se construiu o prédio da Prefeitura Municipal, Álbum de Niterói. 1925.....	40
Figura 6 - Construção do prédio novo da Banda...[s.d]	42
Figura 7 - Hospital Santa Cruz em 1931, mostrando a praça da República com o edifício do Tribunal da Justiça, Assembléia Legislativa (hoje Câmara dos Vereadores). Polícia Central. Arquivo Público.....	43
Figura 8 - Sociedade Portuguesa de Beneficência de Niterói, Hospital Santa Cruz, cartão postal. 1941.....	46
Figura 9 - Fundação do prédio antigo da Banda [s.d]	47
Figura 10 - O sr. Artur e um amigo, recém chegados de Portugal, por volta de 1929.....	47
Figura 11 - Salão antigo da Banda, com a rainha da primavera, Nair Cabral e a madrinha da Banda. [s.d].....	48
Figura 12 - sr. Albano, busto, 1930.....	50
Figura 13 - sr. Albano e sua esposa, 1941.....	50
Figura 14 - Primeiro casamento de d. Ana, 1924	58
Figura 15 - A Banda do Centro Musical Beneficente [s.d].	66
Figura 16 - Feijoada na Banda para terminar a construção do prédio.[s.d]	67
Figura 17 - sr. José Motta com a filha. 1931	92
Figura 18 - A filha do sr. Motta, 1931	99
Figura 19 - Planta de Niterói, detalhe para o centro da cidade	155
Figura 20 - Planta de Niterói, detalhe da Ponta da Armação	156